

HISTÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E RELIGIOSIDADE:

A Igreja Católica em Vassouras-RJ,
rumo ao Bicentenário (1828-2028)

Pe. José Antonio da Silva
Angelo Ferreira Monteiro
Fátima Niemeyer da Rocha
Ilza Carla Brum Bastos Pinho
Sandra do Val Cândido
Víviam Lacerda de Souza
(Org.)



UNIVASSOURAS
EDITORA

HISTÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E RELIGIOSIDADE:

A Igreja Católica em Vassouras-RJ,
rumo ao Bicentenário (1828-2028)

HISTÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E RELIGIOSIDADE:

**A Igreja Católica em Vassouras-RJ,
rumo ao Bicentenário (1828-2028)**

ORGANIZADORES

Pe. José Antonio da Silva
Angelo Ferreira Monteiro
Fátima Niemeyer da Rocha
Ilza Carla Brum Bastos Pinho
Sandra do Val Cândido
Víviam Lacerda de Souza

© Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Severino Sombra

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Prof. D.Sc. Marco Antonio Soares de Souza

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. D.Sc. Cristiane de Souza Siqueira Pereira

Editor-Chefe da Editora da Univassouras

Prof. D.Sc. Bernardo Cunha Senra Barros

Editora Executiva das Produções Técnicas

Profa. D.Sc. Paloma Martins Mendonça

Apoio, Realização, Elaboração e Edição

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Revisão Textual

Profa. D.Sc. Fátima Niemeyer da Rocha

Prof. D.Sc. José Antonio da Silva

Prof. D.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Projeto Gráfico

Mariana de Souza

Arte da Capa

Prof. D.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Prof^a. Esp. Neusimar Ferreira da Costa Monteiro

Foto da capa

Prof. D.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Foto da contra capa

Sérgio Vieira

Editora da Universidade de Vassouras

Av. Expedicionário Oswaldo de Almeida Ramos, 280, Bloco 3 – Campus Universitário - Centro, Vassouras-RJ,

CEP: 27700-000

E-mail: editora@univassouras.edu.br

H62999

História, patrimônio cultural e religiosidade : a Igreja Católica em Vassouras- RJ, rumo ao bicentenário (1828-2028)/ Organização de José Antônio da Silva, Angelo Ferreira Monteiro, Fátima Niemeyer da Rocha, Ilza Carla Brum Bastos Pinho, Sandra Val Cândido, Viviam Lacerda de Souza. - Vassouras, RJ: Universidade de Vassouras, 2026. E-book (412 p.). il. color.

ISBN Físico: 978-65-83616-25-8 (2025)

ISBN E-book: 978-65-83616-69-2 (2026)

DOI: <https://doi.org/10.21727/ed6251.pdf>

1. História. 2. Patrimônio cultural. 3. Religiosidade. 4. Igreja Católica – Vassouras (RJ). I. Silva, José Antônio da. II. Monteiro, Angelo Ferreira. III. Rocha, Fátima Niemeyer da. IV. Pinho, Ilza Carla Brum Bastos. V. Cândido, Sandra Val. VI. Souza, Viviam Lacerda de. VII. Universidade de Vassouras. VIII. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line - Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. Os textos publicados são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras e das demais instituições envolvidas.

Organização

Prof. D.Sc. Pe. José Antonio da Silva

Prof. D.Sc. Angelo Ferreira Monteiro

Prof^ª. D.Sc. Fátima Niemeyer da Rocha

Prof^ª. Ilza Carla Brum Bastos Pinho

Prof^ª. M.Sc. Sandra do Val Cândido

Prof^ª. D.Sc. Viviam Lacerda De Souza

Conselho Executivo

Prof. D.Sc. Pe. Abimar Oliveira de Moraes (PUC-Rio)
Prof. D.Sc. Angelo Ferreira Monteiro (Univassouras / IHGV / ALV / INSCV)
Prof. D.Sc. Carlos Eduardo Cardoso (Univassouras)
Prof. D.Sc. Cleyson de Moraes Mello (UERJ / UniFAA / UVA / UNESA / UNISUAM)
Prof^a. D.Sc. Fátima Niemeyer da Rocha (INSCV)
Prof. D.Sc. Gabriel Silva Rezende (FAMIFE / ALV / INSCV)
Prof. D.Sc. Pe. José Antonio da Silva (USU / IHGV / ALV / INSCV / FAPLAC)
Prof. D.Sc. José Rogério Moura de Almeida Neto (UnifAA)
Prof^a. M.Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos (Univassouras)
Prof. D. Sc. Dom Nelson Francelino Ferreira (Bispo da Diocese de Valença)
Prof^a. D.Sc. Paloma Martins Mendonça (Univassouras / Fiocruz)
Prof. D.Sc. Cardeal Dom Paulo Cezar Costa (PUC - Rio)

Conselho Científico

Prof. D.Sc. Adeli Silva dos Santos (UFT)
Prof. D.Sc. Adiel Queiroz Ricci (Univassouras)
Prof. D.Sc. Ariel Davi Busso (UCA)
Prof^a. D.Sc. Adriana Vasconcelos da Silva Bernardino (Univassouras)
Prof. M.Sc. Ailton Bezerra Lima (SEEDUC-RJ) Prof^a. D.Sc. Alzirinha Rocha de Souza (PUCMinas / ITESP)
Prof^a. M.Sc. Amal Abdumalek (IHGV)
Prof^a. M.Sc. Ana Carolina do Carmo Roma (Univassouras)
Prof^a. M.Sc. Ana Cláudia Capute (Univassouras)
Prof^a. M.Sc. Ana Morena Capute Nunes (MPERJ / FAMIFE / Univassouras)
Prof^a. D.Sc. Anaeli Aparecida Nogueira Campos (UFJF)
Prof. D.Sc. Alan de Carvalho Souza (CEDERJ) Prof. D.Sc. Antonio Carlos da Silva (UGB / FERF) Prof. M.Sc. Carla Cristina Neves Barbosa (Univassouras)
Prof. M.Sc. Carlos Renato Dias do Lago (UGB / FERF)
Prof^a. D.Sc. Cristiane Borborema Chaché (Univassouras/Unifeso)
Prof^a. D.Sc. Eliane Cristina Deckmann Fleck (CNPq/UFPE)
Prof. D.Sc. Pe. Eustaquio Chagas de Paiva (FSB/RJ)
Prof. D.Sc. Flávio Medeiros Henriques (IFRJ)
Prof. M.Sc. Gabriel Moreira de Medeiros Laureano (UFRRJ)
Prof^a. D.Sc. Gisele Oliveira Ayres (UNIRIO/ IHGV)

Prof. M.Sc. Hamilton Moss de Souza (Univassouras / ALV)
Prof^a. D.Sc. Irenilda Reinalda Barreto de Rangel Moreira Cavalcanti (Univassouras)
Prof^a. D.Sc. Isabel Cristina Ferreira da Rocha (IPHAN / INSCV)
Prof. D.Sc. Jarbas Vargas Nascimento (PUC/SP)
Prof. D.Sc. José Carlos Vargens Tambasco (ALV / IHGV / INSCV)
Prof. M.Sc. José Roberto Fani Tambasco (DPU/ Brasil / ALV /IHGV / INSCV)
Prof^a. M.Sc. Juliana Fernandes de Souza Ribeiro (Univassouras)

Prof. D.Sc. Luis Filipe Bantim de Assumpção (Univassouras)
Prof. M.Sc. Leonardo Feijó Silvestre Mattos (Univassouras)
Prof^a. M. Sc. Leonina Avelino Barroso de Oliveira (Univassouras)
Prof^a. M.Sc. Magda Elaine Sayão Capute (SMED - - Mendes)
Prof. D.Sc. Marcelo da Costa Maciel (UFRRJ)
Prof^a. M.Sc. Marcia Sena Barbosa Monsroes Ribeiro (Univassouras)
Prof. D.Sc. Marco Aurélio Corrêa Martins (UNIRIO)
Prof^a. D.Sc. Maria Cristina Almeida de Souza (Univassouras)
Prof^a. D. Sc. Maria Cristina Bohn Martins (Unisinos)
Prof^a. M.Sc. Maria Fernanda Caravana de Castro Moraes Ricci (Univassouras / FAMIFE)
Prof^a. M.Sc. Maria Luiza Delgado de Medeiros (Univassouras)
Prof^a. M.Sc. Marinéa Figueira Rodrigues (Univassouras)
Prof^a. D.Sc. Marise Malek de Oliveira (Colégio Pedro II / ALV)
Prof. D.Sc. Pe. Medoro de Oliveira Souza Neto (USF/ ITF)
Prof^a. D.Sc. Miridan Britto Falcí (IHGB / IHGRJ) Prof. D.Sc. Paulo Cesar Rodrigues Cassino (UFRRJ / Univassouras)
Prof. D.Sc. Raimundo César de Oliveira Mattos (AVL / IHGV)
Prof. D.Sc. Raphael David dos Santos Filho (UFRRJ / EBA / IHGV)
Prof. D.Sc. Renan Aguiar (UCAM)
Prof^a. M.Sc. Rosania Lucia Figueira (OAB/Vassouras)
Prof^a. M.Sc. Roselene de Cassia Coelho Martins (IHGV)
Prof. D.Sc. Simão Pedro dos Santos (UPE)
Prof^a. M.Sc. Sonia da Silva Ortiz (ISERJ)
Prof^a. M.Sc. Therezinha Coelho de Souza (Univassouras)
Prof. D.Sc. Vinicius Marins Carraro (Univassouras)
Prof^a. D.Sc. Viviam Lacerda de Souza (IFRJ)

*"A função do Historiador é lembrar a sociedade
daquilo que ela quer esquecer"*

Peter Burke

Sumário

Sobre os Autores e Organizadores 11

PREFÁCIO 17

**I. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de
Elevação à Vila 20**

Angelo Ferreira Monteiro

**II. Custódio Ferreira Leite, o Barão de Ayuruoca: uma
Breve Biografia 48**

Amal Abdulmalek

**III. Família, Religiosidade e Arte: a Igreja Matriz de Nossa
Senhora da Conceição de Vassouras 79**

Angelo Ferreira Monteiro

**IV. Família, Religiosidade e Saúde Pública: o Cemitério da
Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia
de Vassouras e sua Interdição Durante a Febre Amarela
no Século XIX 132**

Carlos Frederico Marques da Silva

Angelo Ferreira Monteiro

V. A Escultura Religiosa de Vassouras 153

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes

**VI. Patrimônio Histórico Cemiterial: Cemitério Nossa
Senhora da Conceição de Vassouras-RJ 177**

Adelino Mattos de Almeida Junior

VII. Ferreiros Sob a Perspectiva do seu Patrimônio Histórico-Religioso..... 197

Matheus de Freitas Minervino,
Claudio Antonio Santos Lima Carlos

VIII. Monsenhor Rios: Representatividade por Meio dos Discursos de Fé e Impactos na Articulação Comunitária Vassourense.....214

IX. O Colégio dos Santos Anjos em Vassouras-RJ..... 246

Fátima Niemeyer da Rocha, Irenilda Reinalda Barreto de R. M. Cavalcanti

X. O Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, de Eufrásia a Sombra: a Realização de um Sonho..... 284

Therezinha Coelho de Souza

XI. Memorial Manoel Congo - a Capela Ecumênica do Memorial Manuel Congo313

Angelo Ferreira Monteiro

XII. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”327

Pe. José Antonio da Silva Angelo Ferreira Monteiro

XIII. Por uma política pública local de preservação: o Museu de Arte Sacra da Matriz de N. Sra. da Conceição de Vassouras337

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes

XIV. Religiosidade e Conflitos nas Irmandades do Vale do Paraíba Fluminense no Século XX: Estudo de Caso em Vassouras e Paty do Alferes341

Angelo Ferreira Monteiro

XV. ASEPAVA e a rua dos excluídos 363

Isabel Cristina Rocha

XVI. O Estatuto da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras de 2018: Atualização Jurídica e Ampliação Participativa da Representação Social do “Compromisso” de 1901 385

José Roberto Fani Tambasco

Sobre os Autores e Organizadores

Adelino Mattos de Almeida Junior

Graduando em História no Centro Universitário UNIFACVEST. Técnico em Conservação e Restauro pela Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC).

Amal Abdulmalek

Licenciada em História pela Universidade Severino Sombra (atualmente Universidade de Vassouras-RJ) em 2014. Pós-Graduada em História e Cultura da África, Afro-Brasileira e Indígena pela Universidade de Vassouras-RJ em 2021. Mestre em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCTI em 2022. Bacharel em Museologia pelo Centro Universitário Clarentiano em 2024. Tem experiência na área de História, com ênfase em História contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: bancos de dados históricos, observatórios magnéticos, geofísica, conservação de acervos e observatório magnético de Vassouras-RJ.

Angelo Ferreira Monteiro

Doutor em História pelo PPGH/UNISINOS. Mestre e Licenciado em História pela Universidade Severino Sombra – USS, atual Univassouras-RJ. Professor e Pesquisador da Universidade de Vassouras-RJ – Univassouras-RJ. Membro Titular da Academia de Letras de Vassouras-RJ (ALV) ocupando a Cadeira nº 7 – Patrono: Casimiro Cunha. Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras-RJ (IHGV) ocupando a Cadeira nº 13 – Patrono: Monsenhor Antonio Rodrigues de Paiva e Rios. Idealizador e cofundador do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras-RJ e Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras-RJ “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”

Carlos Frederico Marques da Silva

Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Internacional Signorelli. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Severino Sombra (USS), atual Universidade de Vassouras-RJ (UniVassouras-RJ). Participou como Egresso na Modalidade Capacitação Técnico-Científica Voluntária na USS (atual UniVassouras-RJ).

Claudio Antonio Santos Lima Carlos

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Santa Úrsula. Mestre em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutor em Urbanismo pela UFRJ. Professor Associado da UFRRJ.

Fátima Niemeyer da Rocha

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2005. Graduada em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora em 1977. Especialista em Psicologia Social pelo CPGPA-ISOP da Fundação Getúlio Vargas em 1979. Mestre em História pela Universidade de Vassouras-RJ em 1999. Atuou na graduação e na pós-graduação de diversos cursos da Universidade Severino Sombra, atual Universidade de Vassouras-RJ, de 1981 a 2021. Implantou e atuou na Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Severino Sombra, atual Universidade de Vassouras-RJ. Tem experiência na área de Pesquisa, com ênfase em Psicologia, principalmente nos seguintes temas: psicologia, qualidade de vida, velhice, felicidade e bem-estar subjetivo. Autora de vários artigos científicos. Atua como avaliadora *ad hoc* junto a periódicos das áreas de Psicologia, Saúde e Educação.

Irenilda Reinalda Barreto de R. M. Cavalcanti

Doutora em História Social Moderna pelo PPGH/Universidade Federal Fluminense – UFF em 2010. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Pernambuco em 1975. Licenciada em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cataguases

em 1995. Especialista em História do Brasil pela FAFIC em 2002. Mestre em História Comparada pelo PPGHC/Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2004. Desenvolve pesquisa sobre o Conselho Ultramarino, com ênfase em História Ambiental, História do Brasil Colonial e História de Minas Gerais. Atua no Programa de Mestrado em Ciências Ambientais e Licenciaturas da Universidade de Vassouras-RJ. Desenvolve trabalhos de pesquisa e orientação sobre Educação, Patrimônio Cultural e História. Membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas - NEABI, da Universidade de Vassouras-RJ e Profa. Colaboradora da Liga de Medicina de Saúde da População Negra e Indígena.

Isabel Cristina da Rocha

Graduada em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura de Barra do Pirai em 1977. Mestre (PROARQ/UFRJ, 2007) na linha de Pesquisa: Teoria e História. Doutora (PROARQ/UFRJ, 2012) em Restauração e Gestão do Patrimônio. Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo (FERP/UGB) de 1979 a 1998 e a partir de 2003. No IPHAN/MinC, Vassouras-RJ dirigiu o Museu Casa da Hera de 1984 a 1988 e de 1995 a 2007 e o Escritório Técnico do IPHAN RJ de 1984 a 2003; técnica a partir de 1984. Tem experiência nas áreas de Arquitetura (história e teoria), atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, restauração, em especial na arquitetura rural (pesquisa, projeto e história).

José Roberto Fani Tambasco

Doutor em Ciências Jurídico-Sociais pela Universidad del Museo Social Argentino- Buenos Aires-AR em 2015. Mestre em Ciências Ambientais pela Universidade de Vassouras-RJ em 2020. Pós-graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Barra Mansa em 2010. Graduado em Direito pelo Centro Universitário de Barra Mansa em 1991. Defensor público federal desde 2002 - Defensoria Pública da União - Juiz de Fora, MG. Representante da região sudeste do Grupo de Trabalho Comunidades Tradicionais de 2014 a 2024. Representante da DPU no Conselho Nacional dos

Povos e Comunidades Tradicionais de 2021 a 2023. Representante da DPU na comissão “Mar e Terra” do Conselho Nacional de Direitos Humanos - CNDH. Membro do Núcleo das Relações étnicas Afro-Brasileiras e Indígenas - NEABI da Universidade de Vassouras-RJ. Professor no curso de pós-graduação em História e Cultura da África, Afro-Brasileira e Indígena na Universidade de Vassouras-RJ. Membro Avaliador *ad hoc* na Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades. Vice-Provedor da Irmandade N. Sra. da Conceição da Freguesia de Vassouras-RJ; Mesas administrativas de 2018/21; 2021/24; e 2024/27. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras-RJ.

Matheus de Freitas Minervino

Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro-UFRRJ. Foi bolsista FAPERJ na pesquisa coordenada pelo Prof. Julio Cesar Ribeiro Sampaio, na investigação e síntese de processos construtivos dos sobrados da cidade do Rio de Janeiro, construídos no início do século XX. Colaborou como monitor na disciplina de Projeto Arquitetônico I. Atuou como estagiário na Coordenadoria de Projetos de Engenharia e Arquitetura (CopEA-UFRRJ), auxiliando em levantamentos de edifícios históricos e em projetos arquitetônicos gerais do campus Seropédica-RJ. Participou de projeto de extensão para o Inventário do Patrimônio arquitetônico da UFRRJ em 2021.

Pe. José Antonio da Silva

Doutor em Ciências Jurídicas pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS. Doutor em Ciências da Educação, pela Florida University. – USA, Título Reconhecido pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Mestre em Direito Canônico pela Universidade Gregoriana de Roma, Título Reconhecido pela Universidade Católica de Petrópolis – UCAP. Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG - UniAcademia. Licenciado em Sociologia pela Faculdade Paulista São José. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis. Licenciado

em História e Pedagogia pelo Unifaveni. Integra o Conselho Diretor da FUSVE - Fundação Educacional Severino Sombra, mantenedora da Universidade de Vassouras. Docente da Universidade Santa Úrsula. Mediador Judicial no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro - TJRJ. Integra o Banco Nacional de Avaliadores do Sinaes BASIS e é avaliador do INEP. Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Conceição. Provedor da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras. Membro Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras – IHGV. Membro Titular da Academia de Letras de Vassouras. Membro do Grupo de estudos de discurso, comunicação e ensino - GEDICE, na linha de pesquisa Marco - Marketing e Comunicação (IFRJ-CEPF).

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes

Doutor e Mestre em Artes Visuais/História da Arte pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduado em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Colaborador da Comissão Episcopal Pastoral para Cultura e Educação da CNBB de 2020 a 2023. Museólogo do IPHAN a partir de 2006. Foi Diretor de Bens Móveis e Integrados do Inepac entre 2009 e 2015. Pesquisador em museologia, história da arquitetura, arte sacra fluminense e memória da Baixada Fluminense. Professor de Imaginária Brasileira, Novas Tecnologias em Museus, Plano Museológico, História da Arte e Arquitetura.

Therezinha Coelho de Souza

Mestre em História pela Universidade Severino Sombra, atual Univassouras. Especialista em Inspeção Escolar pelo FINOM. Graduada em Pedagogia. Professora titular da Universidade de Vassouras. das disciplinas de Políticas Públicas e Organização da Educação Básica I e II e Avaliação Educacional. Coordenadora Regional de Inspeção Escolar do Governo do Estado de Rio de Janeiro. Membro do Conselho Eleitor da Fundação Educacional Severino Sombra. Membro do NDE do Curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras. Membro do Colegiado do Curso de

pedagogia de Pedagogia da Universidade de Vassouras. Integra o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Universidade de Vassouras-RJ.

Víviam Lacerda de Souza

Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Licenciada em Artes Visuais. Mestre em Educação, Administração e Comunicação. Doutora em Comunicação Social. Docente de Marketing do Instituto Federal do Rio de Janeiro e coordenadora de extensão do campus Engenheiro Paulo de Frontin. Coordenadora do projeto “O sabor do Marketing e das vendas na cozinha” (IFRJ-CEPF). Coordenadora do projeto de pesquisa “Cientistas de Marketing” (IFRJ-CEPF). Membro do Grupo de estudos de discurso, comunicação e ensino - GEDICE e responsável pela linha de pesquisa Marco - Marketing e Comunicação (IFRJ-CEPF).

PREFÁCIO

A história da paróquia, e a preservação do seu patrimônio cultural, é importante para entender o papel da Igreja na sociedade e como ela se posiciona diante dos acontecimentos. Somos sabedores da importância da sua história, tendo em vista que a História da Igreja está indelevelmente ligada à história do mundo e, em particular, à história da cidade de Vassouras. Ao longo dos séculos, a Igreja tem se posicionado diante de eventos como guerras, revoluções, pandemias e nas mais diversas tragédias e acontecimentos, e tem desempenhado um papel vital na formação da civilização, da humanidade, sustentando valores de fé, moralidade e justiça e vivenciando os valores cristãos.

Além de propiciar a assistência social, a educação e a promoção dos direitos humanos, na inspiração de Políticas Públicas, a Igreja em Vassouras está permanentemente inserida em diversos setores da sociedade, como na Academia de Letras, no Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, na Associação Comercial, na Universidade de Vassouras, em escolas e em demais setores, locais de tomadas de decisão etc.

Um agradecimento especial a Dr.^a Isabel Cristina da Rocha, ex-diretora do IPHAN e do Museu Casa da Hera em Vassouras-RJ, por sua inestimável colaboração, inclusive junto Governo Federal, no projeto de restauração e revitalização do prédio da ASEPAVA.

Uma paróquia tem a sua importância em si mesma e, de maneira especial, a de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, pois é a partir da sua Igreja Matriz que a cidade começa a sua organização. E aqui a Igreja tem dado sua relevante contribuição para a sociedade; por exemplo, no passado, com a presença das Freiras no Hospital Eufrásia Teixeira Leite e no Lar Barão do Amparo, e no campo educacional, com as escolas católicas; e atualmente, com o Colégio dos Santos Anjos e com a Casa de Acolhida, Encontro e Oração, a Betânia.

A Paróquia Nossa Senhora da Conceição foi sempre um lugar de acolhida, de vivência dos sacramentos, de proximida-

de, de suporte para as pessoas em suas diversas dimensões e necessidades. Como Igreja paroquial deve ser uma “escola” que promove a pessoa em sua individualidade, ressalta sua dignidade, respeita suas particularidades e procura capacitar os fiéis para sua ministerialidade. Aqui vivenciamos uma igreja ministerial, com suas Pastorais, Movimentos e Serviços, todos contribuindo para a construção do Reino de Deus. A Paróquia Nossa Senhora da Conceição em Vassouras é uma comunidade de comunidades, onde os fiéis se sentem pertencentes e amam e partilham com os outros, vivendo a sua vocação e missão.

Tudo o que sabemos da história chega a nós por meio de documentos históricos, livros e artigos, mas seria impossível dizer quantos pensamentos, palavras e sentenças se entrelaçam com os dos próprios autores. Assim, as referências foram, geralmente, dadas, nem tanto para permitir a verificação do que foi escrito, mas para induzir o leitor a estudá-las. O material é tão variado e abundante que a dificuldade consistiu em fazer a seleção, assim como manter uma linha de continuidade histórica, e ainda deixar de fora o que, no momento, não seria proveitoso nem interessante. E o leitor deverá observar que, de uma forma muito geral, o desejo dos autores é dar uma visão tão ampla da história da Igreja em Vassouras o quanto possível, de forma consistente com um plano e a brevidade.

A Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras está sempre de portas abertas, inclusive com parceria realizada com a Prefeitura local, permitindo assim que todos possam ter acesso ao seu acervo cultural, religioso e artístico. Vassouras é uma cidade privilegiada, pois entre os padres que serviram a Igreja em Vassouras temos a figura do Monsenhor Paiva e Rio, com fama de santidade.

Tenho em vista, neste livro, mais do que a mera história, o desejo de conectá-la a Cristo e Sua Palavra, de modo que o leitor possa receber a verdade e a bênção, por meio da graça, à sua alma. Que as bênçãos do Senhor da vida possam acompanhar o volume que agora é lançado. Como só conseguimos amar aquilo que co-

nhecemos, a obra que chega em suas mãos é uma oportunidade para que você conheça um pouco mais da história da Igreja Católica em Vassouras e possa amá-la ainda mais e avançar no sentimento de pertença e corresponsabilidade para com a missão da Igreja e com o compromisso assumido no santo Batismo.

Pe. José Antônio da Silva
Pároco

I. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação à Vila¹

Angelo Ferreira Monteiro

O Caminho Novo

O presente trabalho pretendeu focalizar o início da urbanização do Município de Vassouras e, para tanto, temos que retornar aos motivos que levaram à escolha do local para a criação do rocio da então Vila de Vassouras, antes Termo da Vila de Paty de Alferes, esta por sua vez criada em 1820.

Estudo recente como o de Francisco Veríssimo (2008, p. 378), defende que o fator primordial para o desenvolvimento de Vassouras foi a localização do sítio ao sopé da Serra do Mar no início do Vale do Paraíba, ponto ideal para o descanso das tropas de mulas que faziam o trajeto entre a região de Minas e a cidade do Rio de Janeiro, que percorriam o Caminho Novo das Minas. Foi responsável pelo início deste empreendimento Garcia Rodrigues Paes que o abriu por volta de 1698 e o concluiu em 1705, tendo como ponto de partida as suas próprias roças, na região conhecida como Ressaca, passando a ser conhecido como a Estrada Real (Fernandes, 2004. p. 23-24). Anteriormente o percurso era feito pelo Caminho Velho - compreendido entre Parati e a Serra do Mar, onde se seguia a rota em direção à Minas Gerais (Fernandes, 2004. p. 23-24).

Com o Caminho Novo, criou-se também algumas variantes. Estas vias alternativas em determinado momento se uniam, pois a diferença estava na escolha de ir pelo mar e alcançar o rio e a

¹ Texto revisado e ampliado. Publicado originalmente como artigo científico na Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades da Universidade de Vassouras em 2012. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/176/104>. Acesso em: 07 abr. 2025.

outra de ir por terra².

Para se chegar à roça do Alferes (Paty do Alferes) pelo Caminho Novo eram necessárias seis jornadas³.

Vale citar que antes da criação da Vila de Paty do Alferes, a freguesia teve a sua Igreja Matriz construída em três lugares diferentes, tudo devido a questões políticas entre os fazendeiros locais que não queriam ver nascer em suas terras a sede administrativa da Vila⁴.

Em 1750, foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, que em 1837 foi dividida com a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, passando esta última a ser responsável pelos registros paroquiais.

A Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito

Vassouras surge da Fazenda das Vassouras⁵ (em alguns do-

2 TAMBASCO, José Carlos Vargens. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá - Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização**. Vassouras, Editor Autor, 2004. e NOVAES, Adriano. **Os Caminhos Antigos no Território Fluminense**. Disponível em: https://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/03/textoautoral_adriano_novaes.pdf. Acesso em: 22 jan. 2009. Este último autor utilizou também como fonte os trabalhos de José C. V. Tambasco, configurando em seu texto um mapa, com todas as variantes do Caminho Novo.

3 TAMBASCO, José Carlos Vargens. *Opus Cit.* p. 19. As Jornadas são destacadas a cada percurso alcançado e também o uso de variantes do caminho, que poderiam contribuir na diminuição do trajeto.

4 SOUZA, Alan de Carvalho. **Querelas Políticas**: Outra História no Caso Manoel Congo. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra (atual Universidade de Vassouras – Univassouras). Vassouras/RJ., defendida em 2008. Ver também do mesmo autor: SOUZA, Alan Carvalho de. **Terras e Escravos**: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

5 BITTENCOURT, Fernando Mattoso. **Vassouras, um pouco de sua história**. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2001. p. 22.

cumentos Bassura⁶), que compõe a Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito (em algumas fontes primárias consta como Bassouras e Bonito⁷), de propriedade dos açorianos Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo⁸. Em 23 de março de 1823, o Guarda-Mór José Teixeira Gomes e sua mulher Ana Maria do Espírito Santo, fizeram a doação de 360 braças de testada para a Estrada que margeava o Rio das Mortes (atual distrito de Barão de Vassouras), para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição.

Através de um Termo de Ratificação José Joaquim Extrexe, sua mulher e outros herdeiros do Guarda-Mór e de uma Permuta de Terrenos, com Francisco José Teixeira Leite - posteriormente, Comendador e Barão de Vassouras - e sua mulher, realizada em 1830, por escritura pública⁹, pôde a Vila ser erigida no local que hoje conhecemos como Centro Histórico de Vassouras - tombado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1958¹⁰.

Verificando que havia dúvida nos marcos divisórios da Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito, o Guarda-Mór João Teixeira

6 TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 16. Rio de Janeiro, 1968. p. 22.

7 Medição e Demarcação – 1818. Partes: José Teixeira Gomes e Antonio Alves de Lacerda (autores); Luiz Homem de Azevedo e Fellis Rodrigues Alves (falecidos). Sesmaria de Bassouras e Rio Bonito – Vassouras. Documento Incompleto. (Código 101663451016) – atualmente disponível no Escritório do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) /Arquivo Público Municipal em convênio com o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e Fundação Educacional Severino Sombra (doravante TRERJ – IPHAN/APV).

8 MACHADO, Lielza Lemos. **Vassouras - Recanto Histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2006. p. 21.

9 BRAGA, Greenhalgh Henrique Faria. **Vassouras de ontem**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975. p. 79.

10 Através do processo 566-T-57, inscrição n.º 18 Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, folhas 4 - em 26.VI.1958, registra o tombamento do núcleo original da Cidade pelo IPHAN. MACHADO, Lielza L. *Opus. Cit.* p. 37.

Gomes e outros herdeiros de Luiz Homem de Azevedo, de Fellis Rodrigues Alves e de seu filho Francisco Rodrigues Alves, solicitaram em 1818 ao Juiz das Sesmarias da Corte e Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e Cavaleiro da Ordem de Cristo, Dr. Manoel Rodrigues Pacheco e Moraes, a abertura de uma ação judicial de medição, demarcação e aviventação dos marcos e rumos da referida sesmaria; para tanto, solicitaram a citação dos confrontantes e confinantes das ditas terras

o Brigadeiro Ambrozio de Souza Coutinho, e sua mulher Dona Joanna por si [ilegível] Tutor de seus netos e filhos do finado Coronel Bento Luiz de Oliveira Braga, e ao Doutor José Clemente Pereira, e sua mulher Dona Francisca Marianna de Oliveira Coutinho viúva do dito finado Coronel Bento Luiz e os órfãos do dito e maiores de quatorze anos Dona Maria e Dona Francisca e o [ilegível] Antonio da Roza Pinheiro e sua mulher Anna Gertrudes.¹¹

O Juiz se fazia presente com todo o aparato necessário, Escrivão, Oficiais do Juízo, o Piloto e seu ajudante¹². Dois dias após o reconhecimento do marco inicial deu-se início a medição; no primeiro dia mediu-se 815 braças, no seguinte, 605 braças, no terceiro 650 braças e no quarto 725 braças, que totalizaram 2.795 braças.¹³

No primeiro dia da demarcação percebeu-se que não houve a presença de ninguém que se opusesse a esta ação. Os autores, por sua vez, deixaram bem claro que não queriam complicações com pessoa alguma e muito menos com a Real Fazenda de Santa Cruz, visto na época da medição extrajudicial feita pelo antigo Piloto Fellis Alves que, seguindo a direção do lado sul, a mesma foi encravar no terreno de medição de Santa Cruz.

11 Medição e Demarcação - 1818. p. 35 v.

12 Idem. p. 35-38.

13 Idem. p. 40v-44.

Após o encerramento das atividades foi feito o relatório sobre a demarcação e o termo de configuração da sesmaria e mais declarações¹⁴ que se faziam necessárias:

configuram o polígono Heptágono por ter 07 lados com o Rio nos fundos, e que dentro da superfície compreendia 838.679 braças quadradas vindo a faltar para o preenchimento da Régia Comissão 361.321 braças quadradas que por não haver terreno devoluto senão pode preencher, cujo [...] feito por ele piloto aos rumos e bases do Rio e triângulos e dentro da mesma superfície ficavam mais de 20 fogos dos moradores herdeiros e seus agregados foram outros metidos no mato que ele Piloto com os rumos os não avistou, e além destes fogos muito paíóis, senzalas, roças, cafezais e capoeiras e que a linha de testada [...] corria do rumo de Sudoeste e seu oposto Nordeste angulo 43 magnético tendo-se mesma linha 3.550 braças em sua extensão a saber 2.795 braças seguindo pela picada e rumo e marco da medição antiga feita extrajudicial do Piloto Fellis Alves 755 braças que se foram buscar para o preenchimento e também para unir esta quadra a Fazenda medida de Santa Cruz que por averiguações [...] [não] estar a mesma Real Fazenda de Santa Cruz medida entrando pelo terreno dos autores.¹⁵

Na lateral deste relatório consta a observação que as 3.550 braças medidas na testada, eram necessárias para se não entrar na Fazenda Santa Cruz como se entrou na medição extrajudicial realizada em 1786.

Entretanto, um dos confrontantes, o Dr. Clemente José

¹⁴ Idem. p. 68-74.

¹⁵ Medição e Demarcação - 1818, p. 72.

Pereira¹⁶, verificou que, durante a medição, entraram em sua propriedade. Justificou que a Sesmaria já havia sido medida em 1786 e que não podia conceber uma nova medição, pois com esta atitude invadiam suas possessões antigas em mais de meia légua, na qual possuía benfeitorias e posse efetiva como comprovava com os documentos juntos, que os autores da ação foram favorecidos nas quatro linhas da Sesmaria em mais de 30.000 braças, via a necessidade de uma nova medição e ainda alfineta, dizendo

Porque e quando aquele déficit fosse verdadeiro, e não procedesse da Corda de palmos acrescentados, ou de corda estendida com mão generosa a favor dos Embargados ou por que aponto certo do seu começo não foi bem averiguado, em nenhum caso tem os Embargados direito de se indenizarem pelas possessões dos Embargantes.

Porque os títulos dos Embargados não tem a força necessária para dar aos mesmos Embargados mais terreno, que aquele que ocupavam com suas posses, e benfeitorias efetivas.¹⁷

Sendo deferida uma nova demarcação, de acordo com a certidão de 1786, o processo se desenrolou até o ano de 1836¹⁸. O que se verifica é que ao longo de 18 anos o conflito pela posse da terra, ultrapassou inclusive a criação da vila de Vassouras em 1833, esta que era uma pequena parte permutada da então Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito.

Mas duas situações nos chamaram a atenção durante a leitura deste processo. A primeira foi que durante o segundo dia da

16 Idem. p. 75.

17 Idem. p. 79.

18 Idem. O processo em si, encontra-se muito danificado e incompleto, algumas de suas páginas estão corroídas, o que dificultou a leitura de algumas partes.

demarcação - 15 de setembro de 1818, consta no relatório que ultrapassando 155 braças e um córrego de água continuou o rumo até umas lajes de pedras com mais 26 braças e após 25 braças chegaram ao rumo com a ***Estrada Real da Polícia que vai para a Cidade***¹⁹ - neste período a cidade mais próxima era o Rio de Janeiro. A segunda situação nos faz concluir que já existia uma propriedade rural, com uma boa quantidade de residências, inclusive para colonos e a presença de cafezais.

A Vila e Cidade de Vassouras

Custódio Ferreira Leite - futuro Barão Ayuruoca -, junto com seu sobrinho Francisco José Teixeira Leite, o Coronel Ambrósio de Souza Coutinho e o Guarda-Mór João Teixeira Gomes iniciaram em 08 de janeiro de 1828, a construção da Capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição e em seu entorno a criação da futura Vila²⁰. Teve também apoio da família Corrêa e Castro, através do vereador Laureanno, que atuava neste cargo na então Vila de Paty do Alferes. Durante uma proposta para a sua permanência ou troca de sede e com a definição de seu provável local, foi aprovada a sua transferência para Vassouras; com isso Paty passou a ser Termo de Vassouras.

Apesar do termo Freguesia - hoje Paróquia -, ser de origem eclesiástica e Vila, da organização administrativa do Estado, normalmente, para esta segunda ser criada havia a necessidade da existência da primeira ou a sua criação conjunta. O que não aconteceu com a Vila de Vassouras; criada em 1833 teve sua Freguesia criada apenas em 1837, desmembrada, como já mencionamos, da Freguesia de Sacra Família do Tinguá²¹.

Visando diminuir as dificuldades impostas pelo Caminho Novo, são criadas novas vias de comunicação entre esta região

¹⁹ Idem. p. 42 v.

²⁰ BITTENCOURT, Fernando Mattoso. *Opus Cit.* p. 22-23

²¹ TAMBASCO, José Carlos Vargens. *Opus Cit.* p. 21-31.

e a Corte: a Estrada do Comércio em 1811 - que em 1815 o Capitão-Mor Custódio Ferreira Leite (futuro Barão de Ayuruoca) juntamente com seu irmão Francisco Leite Ribeiro (arrematante da construção dessa estrada) estavam dispostos a terminar no prazo contratual; e a Estrada da Polícia - criada em 1819 - sendo a Vila de Vassouras beneficiada com tal empreitada, visto as duas estradas cortarem o centro administrativo e por serem as principais vias do Império na época.²²

Por elas passaram alguns viajantes, que deixaram suas impressões sobre a região, entre eles destacamos: Auguste Saint-Hilaire em 1816, que não faz nenhuma menção a povoado algum; o Rev. Walsh em 1829, que subiu a Estrada da Polícia em direção às Gerais e refere-se a ranchos e vendas ao longo da estrada, nos locais Graminho, Mata Cães e Bassura; Charles Ribeyrolles e Victor Frond na segunda metade do século XIX, já encontraram uma cidade de dimensões respeitáveis, como se pode ver pela descrição do primeiro e pela vista apresentada pelo segundo.²³

O Dr. Joaquim José Teixeira Leite, Presidente da Câmara Municipal de Vassouras, em seu relatório de prestação de contas, na sessão ordinária de 7 de janeiro de 1849, destacou que, mesmo em 1833, só havia no entorno da Igreja umas quatro ou cinco casas.²⁴

Neste período calculou-se a presença por volta de 33 mil almas (habitantes) entre livres e escravizados, nas freguesias de Vassouras, Paty e Sacra Família e descreveu cada obra realizada no período de seu mandato; entre elas destacamos: aquisição de lâmpões para a iluminação pública, desaterros no centro da Vila, alargamentos de pontes, plantação de árvores na praça da Matriz, construção de chafarizes, visando a melhoria no atendimento de

22 Para mais detalhes: Tambasco (2007) e Miranda; Magalhães (2021).

23 TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Se-
parata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 16. Rio de Janeiro, 1968. p. 22.

24 TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Opus Cit.* p. 22 e 23; e também BRAGA, Greenhalgh Henrique Faria. *Opus cit.* p. 119-124.

água à população. Solicitou ainda aos próximos legisladores que buscassem, junto ao governo da Província do Rio de Janeiro, meios para a construção da Casa de Câmara e Cadeia.

Em seu estudo sobre a construção residencial urbana de Vassouras, Augusto da Silva Telles reconheceu que havia uma boa harmonia entre a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e a Câmara Municipal, por terem um objetivo comum que visava o progresso e o perfeito desenvolvimento da Vila²⁵.

Em nossa obra intitulada *Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar*²⁶, publicada em 2007, concluímos que a parceria citada não seria tão difícil de acontecer, pois o Procurador Geral da Irmandade e o Presidente da Câmara neste período era o Dr. Joaquim José Teixeira Leite. Este, por sua vez, na posição de Procurador Geral criou regras para agilizar a construção de imóveis, na área foreira e pertencente a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, cobrando os foros anualmente referente a posse e benfeitorias no terreno. Por uma demarcação dessas terras, tivemos a oportunidade de identificar o nome da rua, se estava do lado ocidental ou oriental da rua, nome do foreiro, número do lote, tamanho da área do terreno e o valor pago pelo foro²⁷. E, buscando facilitar o leitor, em nosso trabalho publicado e mencionado anteriormente, inserimos os nomes das ruas atualizados e também a planta dos terrenos foreiros de 1932, com a abertura de novo arruamento.

Outra situação que destacamos é a de encontrarmos sempre nas comissões de construção da Igreja, do Teatro, da Câmara e Cadeia e também da Casa de Caridade, um membro da família Teixeira Leite, normalmente ocupando a presidência ou tesouraria das obras²⁸.

25 TELLES, Augusto Carlos da Silva. *Opus Cit.* p. 1.

26 MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar**. Vassouras, Editor Autor, 2007.

27 Idem. p. 28-37.

28 MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Opus Cit.* p. 51.

A construção de residências entre os anos de 1849-1860, fez crescer a atividade comercial e incentivou o surgimento de diversas atividades e serviços na Vila, entre eles destacamos²⁹: advogados, médicos e cirurgiões, boticas, diretores de música, hospedaria, bilhar, negociantes, barbeiros, padaria, capitalistas, oficinas diversas, ourives, relojoeiro, agrimensor, mestre de obras, modista, alfaiate, sapateiro, armadores, marceneiro, funileiro, ferreiro, ferradores, seleiros e correeiro, serralheiro e fabricante de carroças, canos de aluguel, açougue, charuteiro, fogueteiro, olaria, sem contar as atividades rurais, propulsoras de todas estas atividades.

Mas foi durante a gestão do Dr. Caetano Furquim de Almeida que a Vila recebeu o calçamento das principais ruas do centro urbano e a abertura de novas ruas; entre elas destacamos a Rua Augusta (atuais Avenidas Pref. Henrique Borges Filho, no Bairro Alto do Rio Bonito, e Ministro Romeiro Neto, no Bairro Centenário) - esta foi aberta visando o contato com a Estrada Presidente Pedreira; construções de pontes que cortam a área central e também a distribuição de bicas d'água, para abastecimento da população, visto ser insuficiente o chafariz D. Pedro II para atender toda a Vila. Este chafariz recebeu este nome devido a quantia doada para sua construção ter sido feita pelo próprio Imperador em visita à Vassouras, sendo também verificado por ele que a água que existia na bica no final da Rua das Flores (onde atualmente é o Trevo do Imperador), era própria para o uso da população, tendo em vista que o chafariz do centro da praça da Concórdia (atual Praça Barão do Campo Belo) a água era de má qualidade.

E não podemos deixar de destacar que foi neste período, para ser mais exato em 29 de setembro de 1857, que a Vila de Vassouras foi elevada à categoria de cidade.

Com essa efervescência em serviços e atividades, a cidade tinha a necessidade de investir também na cultura, como destacamos na construção do teatro, na Rua das Flores (atual Visconde de Cananéia - aonde hoje pode ser visto o alicerce em pedra, como

29 Idem. p. 49-50.

também a sua estrutura na litografia de Victor Frond³⁰, feita em 1857, quando passou por Vassouras, junto com Charles Ribeyrolles); infelizmente esta obra não se concluiu e continuamos a ter o antigo, na Travessa do Theatro lado sul (atual Rua Rodolpho Leite Ribeiro)³¹ e em 1876 passamos a ter dois teatros, sendo este outro na Rua Barão de Massambará (atualmente no local onde se encontra instalado o Centro Educacional Tia Conceição - Colégio Peter Pan – na Praça Cristóvão Corrêa e Castro).

Mas a população da Vila, e depois Cidade de Vassouras, não viveu somente de saraus e peças teatrais; presenciou uma insurreição de escravizados em 1838 no Termo de Paty do Alferes, que deixou todos em sinal de alerta, devido a proporção do número de escravizados envolvidos e a necessidade de combatê-los antes que chegassem ao espaço urbano; para tanto a Câmara neste período não interrompeu suas sessões, para resolver a situação o mais breve possível; a Guarda Nacional, formada por moradores locais, conseguiu capturar os envolvidos, antes mesmo da chegada do futuro Duque de Caxias que fora enviado pelo Império para resolver esta questão.

Sendo considerado o líder da revolta, nos processos de insurreição e homicídio, Manoel Congo fora condenado a morte; as mulheres envolvidas foram inocentadas e os demais condenados a 600 açoites.³²

Anos mais tarde, um novo plano envolvendo cativos de diversos lugares da província do Rio de Janeiro se organizaram para uma nova insurreição, que foi coibida a tempo. Com o objetivo de se evitar novas tentativas de insurreição escrava, uma comissão preparou um documento para orientar os fazendeiros.

Não era para menos a apreensão dos moradores em relação à violência que poderiam sofrer pela mão dos escravizados. No

30 RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói: SEEC-RJ, 1978. p. 118.

31 MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Opus Cit.* p. 22.

32 Ver também Sousa (1972); Raposo (1978); Pinaud (1987; 1989); Gomes (2006); Salles (2008); Souza (2008; 2011; 2022); Monteiro (2024).

período de 1850, a Vila contava com uma população de mais ou menos 10.000 habitantes, sem as Freguesias de Paty do Alferes e Sacra Família do Tinguá, com a proporção de 2 cativos para cada habitante livre, onde se conclui mais ou menos 70% de escravizados e 30% de livres³³.

Havia também muito trabalho, e as famílias abastadas, lideradas pelos Teixeira Leite, fizeram de tudo para que o traçado da Estrada de Ferro Pedro II (antiga Rede Ferroviária Federal S/A - RFFSA), passasse por Vassouras. Entretanto, após o estudo chegou-se à conclusão que passando por Barra do Piraí, o relevo favoreceria muito mais. Apesar do contrato ter sido assinado no Palacete do Barão de Vassouras, e de boa parte do capital envolvido nesta empreitada ter sido desta família, foi a Família Faro de Barra do Piraí que venceu o traçado. Vale destacar que os Faro tinham laços de parentesco com o Senador Nicolau Vergueiro³⁴.

Pôde contar, em 1875, com um serviço de bonde movido por tração animal, devido à carência nos serviços de transporte, visto só existir as carruagens e diligências, com um custo alto para aqueles que necessitavam deste serviço. Este fazia o seguinte percurso: pela Rua Bonita (atual Caetano Furquim), Largo do Cemitério da Conceição (atual Praça Cristóvão Corrêa e Castro), Rua Direita (atual Barão de Massambará), Beco do Tenente Souza (hoje Ana Jesuína), Rua das Flores (hoje Visconde de Cananéa) e Rua do Comércio (atual Barão de Vassouras), de onde partia para a Estrada do Rio das Mortes (hoje distrito de Barão de Vassouras), onde iria encontrar o trem da Estrada de Ferro D. Pedro II; a viagem de bonde levava quarenta e cinco minutos³⁵.

Somente em 1883 Vassouras contaria com um ramal da ferrovia passando por dentro da Vila, sendo que o trilho deste

33 MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Opus Cit.* p. 46.

34 IÓRIO, Leoni e IÓRIO, Jorge Luiz D.. **Terceiro Barão do Rio Bonito - Subsídios para a História de Barra do Piraí**. 1. Ed. Ampliação e edição de Jorge L. Dutra Iório. Juiz de Fora, Di Gráfica e Editora Ltda., 2007. p. 51.

35 RAPOSO, Ignácio. *Opus Cit.* p. 164.

trem era de meia bitola, saindo da estação até o distrito de Barão de Vassouras.

O trem facilitou em muito a questão do transporte, mas o êxodo urbano foi marcante, fazendo com que a população se transferisse para residir próximo às estações; neste momento viu-se o desenvolvimento de lugarejos como: Comércio (atual Sebastião de Lacerda), Aliança, Ypiranga, Demétrio Ribeiro, entre outras localidades, levando o comércio local a diminuir suas atividades, pois não tinha o principal para o seu funcionamento e manutenção, o consumidor³⁶.

Outra situação difícil enfrentada pelos moradores foi a epidemia de febre amarela, que assolou o município em dois momentos, nos anos de 1880 e 1881³⁷.

A Câmara Municipal tratou logo de tomar algumas providências, entre elas o fechamento do Cemitério da Conceição e a criação de um novo cemitério; foi muito criticada esta atitude, tendo em vista que o cemitério se encontrava muito próximo da cidade (Avenida Octávio Gomes, onde se encontra hoje o Supermercado Bramil) e em menos de dois anos já se encontrava cheio. A solução encontrada foi retirar os restos mortais e enviar para um ossário especialmente construído no Cemitério Municipal e retirá-lo de uma vez por todas do centro da cidade³⁸.

Na primeira edição do seu Jornal, intitulado “O Vassourense” de 1882, o médico Lucindo Filho destacou em seu editorial como se encontrava a cidade de Vassouras,

dentro dos muros da cidade, a população não atinge, com certeza, ao número de duas mil almas e em sua estrutura: 18 casas de negócios, 3 padarias, 2 hotéis, 4 botequins, 5 alfaiates, 6 modistas, 4 sapateiros, 4 funileiros-caldeireiros, 4 estabelecimentos de carros

³⁶ RAPOSO, Ignácio. *Opus Cit.*

³⁷ RAPOSO, Ignácio. *Opus Cit.* p. 171.

³⁸ Idem. p. 174.

e 1 dito na Santa Casa de Misericórdia, 2 farmácias, 6 médicos, 13 advogados, 5 solicitadores, 2 colégios de meninas, 1 dito de instrução primária (aula pública) e 1 dito de instrução secundária.³⁹

Nota-se, a partir destes dados, o caos em que a cidade se transformou após a epidemia de febre amarela e também pela estrada de ferro, com o êxodo urbano e a diminuição de serviços e atividades comerciais.

Vassouras na República

Devido a insatisfação dos grandes agricultores com o regime monárquico do Brasil, por ter deixado de lado aqueles que o mantinham, inclusive os nobres que viviam na cidade de Vassouras receberam, em 1889, com muita festa a introdução do sistema republicano. Vários fatores foram relevantes para tal atitude: ao longo do segundo reinado, as políticas de emancipação do trabalho escravo de forma gradativa, a proposta de uma possível reforma agrária e a possibilidade de um terceiro reinado tendo à frente a Princesa Isabel, levou a imprensa, inclusive a local, que era formada por intelectuais e uma das defensoras dos ideais republicanos, a atacar a monarquia no Brasil, classificando-a como “elefante branco” e “planta exótica da América”⁴⁰.

O principal propagador das ideias do Partido Republicano em Vassouras foi o Dr. Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda,

39 MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Opus Cit.* Nota de rodapé 71. p. 55.

40 MONTEIRO, Angelo Ferreira; LIMA, Ailton B. A Política no Brasil do Século XIX: O Olhar do Jornal “Vassourense - 1882 a 1887”. In: CD-ROM dos **Anais IV Encontro de Iniciação Científica da Universidade Severino Sombra**, Vassouras, 2005. Ver também: MONTEIRO, Angelo Ferreira; LIMA, Ailton Bezerra. O Jornal Vassourense e a Política no Brasil do século XIX - 1885 a 1887. **Revista Mosaico**, Vassouras, RJ, v. 4, n. 2, p. 13-17, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/183/131>. Acesso em: 07 abr. 2025.

primeiro vereador republicano eleito no município, essencialmente monarquista⁴¹. No manifesto do Clube Republicano de Vassouras, contra o atual sistema monarquista, várias personalidades assinaram, inclusive membros da nobreza⁴².

No dia seguinte à proclamação da república, o município foi informado do novo regime implantado. E no dia 19 de novembro, a Câmara se reuniu em sessão solene, para festejar, sendo iniciada pelo hino francês “A Marselhesa”⁴³.

Em Vassouras, Sebastião de Lacerda atuou também como advogado e intendente municipal, mas foi na Assembleia Legislativa, com o surgimento de uma proposta para a mudança da capital do Estado do Rio de Janeiro, aproveitando o auge republicano da época, que propôs uma emenda onde se deveria substituir a cidade de Teresópolis, por Vassouras, para capital do Estado, pois esta última já estava estruturada com seus prédios públicos; apesar dessa tentativa, o projeto não seguiu em frente⁴⁴.

Falar de política e não citar a família Lacerda é quase impossível, visto o Dr. Sebastião ter ocupado também os cargos de Ministro de Estado e de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Com toda essa atividade pública foi homenageado em Vassouras, na praça atrás da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, que leva o seu nome e onde foi colocado seu busto de bronze, considerado o primeiro monumento da cidade de Vassouras.

Mas foi seu filho Maurício Paiva de Lacerda, que seguindo os passos paternos, enveredou-se pelos caminhos da política, sendo vereador, prefeito e deputado. Mas foi na sua atuação como prefeito de Vassouras, que a cidade sofreu várias mudanças na área urbana. Tais mudanças ocasionaram o surgimento de insatisfação

41 RAPOSO, Ignácio. *Opus Cit.* p. 196.

42 PINTO, Jorge. **Fastos Vassourenses**. Vassouras, Editora Fundação 1º de Maio, 1935. p. 298-304.

43 RAPOSO, Ignácio. *Idem*.

44 PINTO, Jorge. *Opus Cit.* p. 315-316.

por parte dos moradores que achavam as suas ideias arbitrárias⁴⁵. Defendia que eram necessárias algumas obras de adequação no centro da cidade de Vassouras, principalmente para as festividades do centenário de criação de Vassouras.

Um dos insatisfeitos com esta situação foi o proprietário de um imóvel situado na Travessa 3 de Outubro (atual Praça Athayde Parreiras), com esquina para a Rua Dr. Joaquim Teixeira Leite⁴⁶. Acontece que, exatamente às 7h30min da manhã do dia 13 de março de 1934, funcionários da Prefeitura, chegaram a frente do imóvel para executarem uma ordem do prefeito, que era a destruição do passeio público em frente à sua propriedade onde possuía um armazém de secos e molhados, armarinho, bazar e ferragens.

45 Citamos duas pesquisas que foram desenvolvidas sobre este tema: *O Visionário Maurício de Lacerda e a tentativa de modernização urbana*, das autoras Cinthia Rocha e Renata Vereza, que usaram como fontes o “Jornal de Vassouras” e o Diário Oficial 1932 a 1935 onde encontraram os decretos legais que originaram na imprensa a publicação de protestos e de contestação sobre tais obras. Perceberam também que a tentativa de Maurício de Lacerda de conservar os grandes monumentos da cidade, que guardavam a memória dos tempos áureos, embora estes se encontrassem bastantes deteriorados e nas palavras do prefeito “a cidade já havia perdido o viço”. E também o caráter de modernização de seu “plano de urbanização”, corroborado pelas festividades do centenário e a ambição para transformar Vassouras em uma cidade turística. E concluíram que as alterações sofridas pela cidade, são frutos das ideias de Maurício de Lacerda e lamentam que a memória coletiva tenha “se esquecido” dessa figura ímpar e os poucos que se recordam o descrevem como “um excêntrico que abria ruas durante a madrugada e surpreendia os moradores na manhã seguinte”. A outra pesquisa desenvolvida por Lucia Silva, com o apoio dos alunos do Projeto Jovens Talentos para a Ciência da FAPERJ/CECERJ, Nelson Henrique Ribeiro Júnior e Richard Lopes Rodrigues, intitula-se **O Jornal O Município e discussões urbanas na cidade de Vassouras 1920/45**. Lúcia Silva, percebeu que o prefeito Maurício de Lacerda foi um importante personagem na discussão do Conselho Municipal do Distrito Federal, para a contratação de um urbanista estrangeiro em 1927 e o responsável pela confecção do primeiro plano diretor para a cidade do Rio de Janeiro, o Plano Agache em 1930. O principal objetivo deste projeto foi conhecer como se estruturou a corrente em que Maurício de Lacerda era representante, denominada na historiografia como antiurbana.

46 Interdito Proibitório - 1934. Prefeitura Municipal de Vassouras (suplicada). (Código 103666132021) - Convênio: TRERJ – IPHAN/APV. p. 2.

Contrário à execução, o proprietário ouviu do próprio Diretor de Higiene da Prefeitura, que seguindo as ordens do prefeito, “usaria a força armada se necessário fosse para a conclusão dos trabalhos”⁴⁷.

Preocupado com a segurança de seu patrimônio, devido a ameaça de nova investida por parte dos funcionários da Prefeitura, foi obrigado a solicitar um mandado proibitório e a intimação de testemunhas para comprovar a sua defesa. Todos as três testemunhas⁴⁸ afirmaram que, apesar da divergência, o proprietário e sua família sempre se mantiveram de forma delicada, mas enérgica, não consentindo na consumação dos trabalhos.

Um indivíduo, apesar de não ser morador de Vassouras, afirmou que desde o dia anterior era ciente do ato que a prefeitura desejava executar, pois muitas pessoas declararam este fato [...], sendo presenciada a tentativa, por diversos curiosos que ali estavam para assistir, de destruição do passeio e demolição de parte do prédio. Verificou na ocasião que o novo alinhamento cortava parte da frente do prédio. E na segunda tentativa estavam acompanhados do delegado [...], que trazia um documento que requisitava a força policial; ao saberem do que se tratava os proprietários disseram que só aceitariam se fosse um Mandado Judicial.

Discordando dos autores da ação, a prefeitura se justifica: que iniciando as obras de nivelamento da travessa, vem levantando os lajedos que constituem os passeios laterais e “jamais pretendendo cometer a absurda e descabida violência de demolir o prédio de propriedade dos autores”. E inconformada que seu intento almejado ainda não havia sido alcançado, a Prefeitura solicitou ao Juiz um perito para vistoriar o prédio e o passeio fronteiro, havendo a necessidade também da citação de moradores da cidade, juntamente com o guarda de armazém na Estação de Vassouras, da Estrada de Ferro Central do Brasil como testemunhas, a notificação do perito e a inclusão da planta referente ao local da ação judicial⁴⁹.

47 Idem. p. 2-2v.

48 Idem. p. 11v-12v.

49 Idem. p. 33-40.

As testemunhas solicitadas pela prefeitura, apesar de não estarem presentes no primeiro momento ou mesmo não se lembrarem do dia que aconteceu a divergência, o primeiro a testemunhar⁵⁰ que diz não ter escutado de nenhum funcionário da prefeitura a intenção de demolir o prédio. Um outro⁵¹ relata que fora informado pelos próprios funcionários municipais, entre eles o fiscal, da pretensão de retirar o passeio em frente ao prédio, aproveitando os lajedos na feitura dos meios-fios, para serem colocados no mesmo local, como se tem feito em outras ruas da cidade. O terceiro a testemunhar⁵² se recorda apenas de ser chamado para testemunhar o fato da prefeitura em retirar os lajedos. Este último sendo inquerido pelos advogados dos autores, confirmou que tinha de fato um filho, que era empregado da Prefeitura, onde exerce o cargo de servente e que seus vencimentos estavam sendo pagos em dia.

Se não havia a intenção da Prefeitura de demolir o prédio, qual era o motivo para solicitar a presença de testemunhas e a realização de uma vistoria não só no passeio público como também no prédio?

Pela conclusão de uma das testemunhas dos autores, a retirada do lajedo não efetivava a intenção da prefeitura, mas com o novo desenho o prédio passaria a atrapalhar a via pública. E no relatório de conclusão provou-se que havia sim a necessidade de demolição da construção dos autores, apesar da prefeitura negar sua intenção.

Inclusive como pode se perceber pelas declarações do advogado dos autores com ofensas dirigidas à pessoa de Maurício de Lacerda

[...] Estes comezinhos princípios de direito civil sobre os direitos reais é que deviam existir na cabeça descabelada do bacharel político que serve como Prefeito Municipal, para que não julgue que tem

50 Interdito Proibitório - 1934. p. 48-48v.

51 Idem. p. 49-49v.

52 Idem. p. 50-50v.

direito absoluto sobre tudo e sobre todos, como a sua mania de mandonismo o persuade, infelizmente para os seus munícipes. [...] a Ré tem o desplante de confessar que pretende destruí-lo para colocar o meio fio, como se uma servidão de trânsito quase secular, existente desde a construção do prédio, talvez há mais de 80 anos, pudesse ser destituída por um simples capricho de um regulete de aldeia.⁵³

E alfineta o advogado do prefeito, dizendo que este deveria ler

um pouco das doutrinas sobre servidões, [...] para não continuar com a mesma extravagante ideia e assim, não ficar um dia impossibilitado de entrar em casa, quando um prefeito semelhante ao de Vassouras, mandar arrancar o passeio da casa que habitar e deixar em seu lugar um buraco de alguns metros de profundidade.⁵⁴

E conclui que o prefeito,

Impossibilitado pela resistência dos autores que estavam dispostos a todas reações para se garantir na posse de seus direitos sagrados sobre a sua propriedade, vem ele agora dizer que nada pretendia fazer, não assumindo a responsabilidade de seus atos, com é seu hábito fazer em toda a sua vida, e como já fez em 1925, na prisão da Ilha de Bom Jesus, fugindo a confirmação do que ouvira do Tenente Alvarez na presença do Capm. Goytacazes.⁵⁵

53 Idem. p. 67 v.

54 Idem. p. 68.

55 Interdito Proibitório - 1934. p. 68 v.

E insere, nos autos do processo, uma carta de dezembro de 1932 do prefeito Maurício de Lacerda para o proprietário do imóvel⁵⁶, que abaixo descrevemos

Vassouras, 14 de dezembro de 1932.

Prezado amigo e conterrâneo [...].

Saúde a V. Venho, conforme conversações anteriores, dizer-lhe que já fiz traçar o alinhamento da Rua Barão de Vassouras até a esquina da Rua 3 de Outubro. Por esse alinhamento o seu prédio fica no meio da rua. Assim terei de fazer que recue. Estando próximo o Centenário desejaria poder corrigir a entrada da cidade que é, por assim dizer, esgoto de água pluvial, e, ao mesmo tempo que modernizar a rua, calça-la a paralelepípedos.

Conto com a sua boa vontade e cooperação para essa grande medida, desde que o terreno que lhe sobejará, e prédio, serão além de tudo valorizados por essa obra, circunstância que deverá regular as bases do nosso acordo. Certo de que, no mais breve prazo terei a sua boa resposta, sou seu amigo. Obrigado
Atenciosamente,

Maurício Paiva de Lacerda

Prefeito

Pode-se notar pela carta do prefeito Maurício de Lacerda que o prédio em questão, com o novo traçado, iria ficar no meio da rua. Afirmava, ainda, que o proprietário deveria recuar a área

56 Idem. p. 69.

avançada, visando regular a entrada da cidade para as festividades do centenário de elevação à cidade, em 15 de janeiro de 1933. É evidente que as tentativas do poder municipal em padronizar a urbanização da cidade ultrapassaram as festas do Centenário, visto que a ação judicial fora aberta em 13 de março de 1934.

E, se era intenção do prefeito preparar a cidade e principalmente o seu centro urbano para as festividades do centenário, por que motivos a correspondência fora expedida em pouco mais de um mês de antecedência do dia do centenário? Estaria o Poder público com a certeza de poder contar com o apoio da população e de alguns moradores, como nesse caso específico, inclusive com a perda de uma propriedade particular sem as devidas providências legais de desapropriação?

Constava ainda inclusa na ação judicial uma escritura de doação de terras feitas pelo proprietário do imóvel à prefeitura⁵⁷. Aos ataques pessoais não se perdeu tempo em respondê-los. Para encerrar o caso, o prédio foi vendido em 27 de novembro de 1934⁵⁸.

Alguns meses depois a prefeitura sofreu mais uma ação judicial, por um morador indignado com as obras em frente do seu imóvel, situado à Rua Visconde de Araxá, e buscando defender seus interesses questionou a retirada das lajes do passeio e a sua transformação em meios-fios, não entendendo o motivo da substituição, pois estes se encontravam em perfeito estado de conservação por serem de granito, em forma quadrangular e de superfície lisa, com nivelamento dado pela Câmara Municipal há mais de 60 anos, quando os primeiros proprietários pagaram através de quotas o calçamento de toda a cidade⁵⁹.

Acusava o Poder Público de se utilizar da sua posição para

⁵⁷ Idem. p. 70.

⁵⁸ Interdito Proibitório - 1934. p. 76.

⁵⁹ Protesto Judicial - 1934. Prefeitura Municipal de Vassouras (suplicada). (Código 103666126021) – Convênio: TRERJ – IPHAN/APV. p. 2. O processo apesar de completo, não nos traz nenhuma informação sobre o que aconteceu posteriormente, se as obras foram interrompidas ou se o prefeito conseguiu levar à frente seu projeto.

publicar decretos/deliberações e obrigar os moradores na construção de um novo passeio público e o pagamento de parte do calçamento que estava sendo feito, embora segundo o morador, a dita rua em que residia, estava calçada regularmente e era considerada a melhor da cidade⁶⁰.

Sentindo-se coagido pelos atos emanados da municipalidade, solicitou a intimação do prefeito Dr. Maurício de Lacerda e informava que se este não fosse encontrado nesta cidade poderia ser encontrado em sua residência à Rua Buarque de Macedo, n.º 18 no Distrito Federal (atual cidade do Rio de Janeiro). O prefeito ficou ciente da intimação em Vassouras em 30 de junho de 1934⁶¹.

Considerações Finais

Durante a construção deste trabalho, tivemos a oportunidade de verificar que a escolha do local para a construção da Vila e posterior Cidade de Vassouras, não foi algo impensado e todo o processo foi cheio de intencionalidades. A primeira que defendemos é o projeto de cidade⁶², que nasceu pela rede clientelista formada pelos laços de parentesco das famílias Teixeira Leite, Almeida e Corrêa e Castro e implantado ainda no século XIX por essas uniões. As duas primeiras, ainda em Minas Gerais, e a terceira proprietária de terras no centro de Vassouras, puderam erguer a Vila, transferindo-a de Paty do Alferes, onde Laureano Corrêa e Castro (Barão do Campo Bello) era vereador e proprietário das terras onde se encontra a praça que recebeu seu nome pela municipalidade⁶³, terreno este doado pela sua família na década de

60 Idem.

61 Idem. p. 2v-6.

62 MONTEIRO, Angelo Ferreira. *Opus Cit.* p. 85.

63 MACHADO, Lielza Lemos. *Opus Cit.* p. 51. Segundo esta autora a praça criada em 1835, recebeu várias denominações: Jardim Público, Praça da Concórdia, Largo da Matriz, Largo do Chariz, Praça do Comércio, Praça Aquidaban e por último Barão de Campo Belo (Laureano Corrêa e Castro) que a criou.

1870⁶⁴. A segunda, pela permuta de terras realizada por Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras) com os descendentes de Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo. A terceira por ser o local escolhido cortado pelas duas principais estradas da época, a da Polícia e a do Comércio, sendo esta última aberta por Custódio Ferreira Leite (Barão de Ayuruoca), ligado por laços de parentesco com os Teixeira Leite.⁶⁵

Mas foi na administração de Caetano Furquim de Almeida, como Presidente da Câmara da época, que a Vila recebeu os primeiros arruamentos e seu calçamento, com o apoio da Irmandade, proprietária das terras e, para ser mais específico, do procurador da Irmandade e seu antecessor na Câmara, o Dr. Joaquim José Teixeira Leite. Vale lembrar que Caetano Furquim casou-se com a filha de Francisco José Teixeira Leite. Com o falecimento de sua esposa, Caetano Furquim casou-se em segundas núpcias com a sua cunhada, visando a manutenção dos laços de parentesco⁶⁶.

O que deixa transparecer é que toda a cidade foi criada num negócio de família, de interesses não apenas particulares, mas cheios de realizações - como a implantação da principal ferrovia da Província (atual Estado) do Rio de Janeiro, infelizmente não passando por Vassouras, como era intenção da família Teixeira Leite. Outras realizações conseguiram chegar até os nossos dias, inclusive no Centro Histórico, como a permanência do calçamento feito na época, a Igreja Matriz e a Câmara Municipal, entre outras.

Sofreria alterações com a ideia de modernização proposta por Maurício de Lacerda, em seu plano de urbanização, na década de 30 do século XX, que tinha o intuito de transformar Vassouras em

64 MONTEIRO, Angelo Ferreira. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - 180 Anos de História. In: **O Semeador em Revista**. Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2008a.

65 Ver Bittencourt (2002), Monteiro (2007) e Tambasco (2007).

66 MONTEIRO, Angelo Ferreira. Política e Cultura no Rio de Janeiro: a sociabilidade em Vassouras no século XIX. In: FERNANDES, Neusa e COELHO, Olinio G. P. (org.). *Opus Cit.* 2008b, p. 385-400.

cidade turística, normatizando o espaço urbano no que diz respeito aos arruamentos, em alguns pontos, que se tornaram problemáticos no período das chuvas, a iluminação das praças, a arborização da cidade, a permanência de alguns prédios do período áureo da cidade e a substituição daqueles que estavam desmoronando.

Através do seu plano de ação, Maurício de Lacerda, levou a população a refletir, sobre a cidade ideal em que gostariam de morar; muitos foram os que contrariaram suas ideias, pois acreditavam que o prefeito agia arbitrariamente em seus decretos.

Percebemos que em um dos processos, através da correspondência enviada pelo prefeito ao morador, o primeiro solicitava que havia a necessidade do recuo da sua construção, para que o imóvel não ficasse no meio da rua. Ficou declarado, aqui, que havia a necessidade da demolição do prédio em questão.

Pelos estudos que estão sendo realizados, poderá a cidade de Vassouras receber mais esta contribuição, por ser o período republicano tão pouco estudado. E as gerações futuras terão o direito de conhecer a atuação do prefeito Maurício Paiva de Lacerda, que não deixou passar em branco o seu nome; embora em seu momento histórico foi incompreendido em seus atos, ainda hoje podemos presenciar seu legado deixado pela cidade.

Fontes Primárias

Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) / Arquivo Público Municipal de Vassouras (APV) – Convênio: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJERJ):

Medição e Demarcação – 1818. Partes: José Teixeira Gomes e Antonio Alves de Lacerda (autores); Luiz Homem de Azevedo e Fellis Rodrigues Alves (falecidos). Sesmaria de Bassouras e Rio Bonito – Vassouras. Documento Incompleto. (Código 101663451016).

Interdito Proibitório – 1934. Prefeitura Municipal de Vassouras (suplicada). (Código 103666132021).

Protesto Judicial – 1934. Prefeitura Municipal de Vassouras (suplicada). (Código 103666126021).

Referências

BITTENCOURT, Fernando Mattoso. **Vassouras, um pouco de sua história**. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2001.

BRAGA, Greenhalgh. Henrique Faria. **Vassouras de ontem**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

FERNANDES, Neusa. Os Caminhos do Ouro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras** - IHGV, Vassouras, 2004.

FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio G. P. (org.). **História e Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IÓRIO, Leoni; IÓRIO, Jorge Luiz D. **Terceiro Barão do Rio Bonito - Subsídios para a História de Barra do Pirai**. Ampliação e edição de Jorge L. Dutra Iório. Juiz de Fora: Di Gráfica, 2007.

MACHADO, Lielza Lemos. **Vassouras - Recanto Histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2006.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza; MAGALHÃES, Rodrigo. **Caminho do Comércio: Estudos Históricos Sobre o Caminho do Comércio – 210 anos da rota**. Valença: Interagir, 2021.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. 185 anos da insurreição liderada por Manuel Congo e Mariana Crioula. **Revista Raça Brasil**, São Paulo, 06 mar., 2024.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - 180 Anos de História. In: **O Semeador em Revista**. Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2008a.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Política e Cultura no Rio de Janeiro: a sociabilidade em Vassouras no século XIX. In: FERNANDES, Neusa; COELHO, Olinio G. P. (org.). **História e Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro e Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura e Agronomia do Estado do Rio de Janeiro, 2008b. p. 385-400.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar**. Vassouras: Editor Autor, 2007.

MONTEIRO, Angelo Ferreira; LIMA, Ailton Bezerra. A Política no Brasil do Século XIX: O Olhar do Jornal “Vassourense - 1882 a 1887”. In: **Anais IV Encontro de Iniciação Científica da Universidade Severino Sombra**, Vassouras, 2005. CD-ROM.

MONTEIRO, Angelo Ferreira; LIMA, Ailton Bezerra. O Jornal Vassourense e a Política no Brasil do século XIX - 1885 a 1887. **Revista Mosaico**, Vassouras, RJ, v. 4, n. 2, p. 13-17, jul./dez., 2013. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/183/131>. Acesso em: 07 abr. 2025.

NOVAES, Adriano. **Os Caminhos Antigos no Território Fluminense**. Disponível em: https://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/03/textoautoral_adriano_novaes.pdf. Acesso em: 07 abr. 2025.

PINAUD, João Luiz Duboc *et al.* **Insurreição Negra e Justiça**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura – Exped, 1987.

PINAUD, João. **O Quilombo de Manuel Congo**. Argumento de João Luiz Pinaud - Direção Dermeval Netto - Apresentação: Milton Gonçalves - Produção TVE - 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dn6ZI6MYDTY>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PINTO, Jorge. **Fastos Vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói: SEEC-RJ, 1978.

ROCHA, Cinthia M. M. e VEREZA, Renata. O Visionário Maurício de Lacerda e a tentativa de Modernização Urbana. *In: Anais IV Encontro de Iniciação Científica da Universidade Severino Sombra (ENIC-USS)*, maio de 2005. CD-ROM.

SALLES, Ricardo Henrique. **E o Vale era o escravo**. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SILVA, Lucia; RIBEIRO JÚNIOR, Nelson H.; RODRIGUES, Richard L. O Jornal O Município e discussões urbanas na cidade de Vassouras 1920/45. *In: Anais VI Encontro de Iniciação Científica da Universidade Severino Sombra (ENIC-USS)*, 2007. CD-ROM.

SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

SOUZA, Alan Carvalho de. **Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba**. Jundiá: Paco Editorial, 2011.

SOUZA, Alan Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política/econômica e senhorial [?]. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Universidade de Vassouras, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez. 2022.

SOUZA, Alan de Carvalho. **Querelas Políticas: Outra História no Caso Manoel Congo**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra. Vassouras/RJ, 2008.

STEIN, Stanley James. **Vassouras, um município brasileiro do café (1859-1900)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TAMBASCO, José Carlos Vargens. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tingüá - Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização**. Vassouras: Editor Autor, 2004.

TAMBASCO, José Carlos Vargens. **A Vila de Vassouras e o vale médio do Paraíba - A conquista da terra e a formação das bases agrícolas (1780-1833)**. Vassouras: Editor Autor, 2007.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 16, 1968.

II. Custódio Ferreira Leite, o Barão de Ayuruoca: uma Breve Biografia

Amal Abdulmalek

[...] E se lhe devo gratidão é somente como um do povo, deste povo habitante do Vale do Parahyba, em cujas margens ele deixou indeléveis os traços de sua passagem na terra⁶⁷

Este capítulo pretende fazer parte do livro em comemoração ao centenário da Diocese de Valença. Esta empreitada é fruto da necessidade de preservação da memória através de livros e artigos, lançados por regional diocesana, com a finalidade de celebrar os cem anos da nossa diocese, desmembrada na época das Dioceses de Niterói e Barra do Piraí (hoje Diocese de Barra do Piraí-Volta Redonda) através da bula *Apostolico Officio* do Papa Pio XI, no dia 27 de março de 1925.

O texto traz a memória de Custódio Ferreira Leite, Barão de Ayuruoca, seus feitos e a sua influência no vale do Paraíba Fluminense, tendo em vista a sua atuação na elevação de capelas e igrejas em algumas cidades da região, além da participação no processo do seu desenvolvimento inicial, buscando responder quem foi esse homem e quais são as razões pelo interesse em trazer a sua lembrança para este trabalho, que celebra um marco histórico para a Diocese.

Custódio Ferreira Leite (1782-1859) foi uma figura influente e lendária, de caridade e generosidade bastante reconhecidas. Ocupou importantes cargos e deixou um legado que preservou o seu nome e guardou a sua memória para a posteridade.

67 Do discurso proferido pelo Sr. Manoel Carlos Barros no dia 17 de dezembro de 1859, na Matriz de Barra Mansa, na ocasião de celebração da missa do trigésimo dia pelo falecimento do Barão de Ayuruoca, Custódio Ferreira Leite em homenagem prestada à sua memória (Correio Oficial de Minas, MG, 05/03/1860, p. 3-4).

Custódio era visto por seus contemporâneos como providência dos pobres, enérgico agente da civilização e do progresso. Nome célebre nas províncias do Rio, Minas e São Paulo, conhecido por seus atos de beneficência e amparador que solucionava discórdâncias (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1871, p.297-304)⁶⁸.

Ao longo de sua vida, esteve comprometido na abertura de vias, estradas e construção de pontes, marco de transformação no Vale do Paraíba Fluminense, com o crescimento de diversos núcleos urbanos nas primeiras décadas do século XIX. Regiões da mata podiam ser exploradas com novas culturas, como aconteceu com o plantio do café e toda a opulência que trouxe para a região Sul Fluminense. As estradas foram um fator relevante no processo de urbanização e, com isso, pequenos povoados floresceram para novas vilas e pequenas vilas se transformaram em cidades prósperas. Um bom exemplo disso é Vassouras, beneficiada pelas estradas que, ao passar no coração do lugarejo, possibilitando uma melhor comunicação, transformou o seu território num novo cenário.

Custódio também foi responsável por fundar os primeiros alicerces de diversas igrejas nas principais cidades da região, como a Igreja Matriz de Vassouras e a Igreja Matriz de Barra Mansa.

Em Vassouras, foi com uma subscrição promovida pelo Custódio Ferreira Leite, junto com alguns de seus sobrinhos, que deu início ao trabalho para a elevação de uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, à margem da Estrada da Polícia, hoje Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. A capela foi o “Marco Zero” por onde começou o processo da urbanização da cidade.

A pesquisa se baseou em fontes bibliográficas e buscou informações e referências em textos e publicações de jornais da época,

68 Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871, p.297-304. OBS: Este texto foi extraído da Revista Popular (1860) e publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1871). Ambos disponibilizados no site da Biblioteca Nacional.

em período que compreende a primeira metade do século XIX até a década de 70 do mesmo século. Esses são possíveis de serem analisados através do portal da Hemeroteca Digital Brasileira⁶⁹. O processo é facilitado ainda mais com a ferramenta de busca disponibilizada pela página, que possibilita o uso de palavras-chaves na procura por informações sobre um determinado tema ou pessoa. Tal processo foi importante e de muita utilidade na construção do texto aqui proposto.

O texto contemplou primeiramente uma pequena biografia do Barão, seguido pela sua participação na fase inicial do desenvolvimento de algumas cidades, como no caso de Vassouras, Valença, Mar de Espanha e, principalmente, a fundação de Barra Mansa, mas não sem antes comentar um pouco sobre suas ações e realizações ao longo da sua extensa vida e assinalar finalmente esse legado que se conservou para a posteridade.

O Começo

Custódio Ferreira Leite nasceu em 3 de dezembro de 1782, na fazenda de seus pais, na comarca do Rio das Mortes, distrito de São João del-Rei, província de Minas Gerais.

Foi Capitão Mór, Coronel, Comendador da Ordem de Cristo, fazendeiro cafeicultor, político e Barão de Ayuruoca. Filho do Sargento Mór José Leite Ribeiro e D. Escolástica Maria de Jesus. Esta união que deu origem a uma família numerosa de 14 filhos, dos quais descenderam famílias de muita influência na região do Vale, como a de Francisca Bernardina do Sacramento Leite Ribeiro (depois Baronesa de Itambé), irmã de Custódio.

Francisca se casou com Francisco José Teixeira (depois Barão de Itambé), dando origem a família Teixeira Leite, influente família da elite cafeeira em Vassouras, entre as famílias que estenderam a sua influência política e econômica pelo Vale do Paraíba. Assim,

69 Disponibilizada no site da Biblioteca Nacional: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Custódio foi tio materno do Barão de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite, e do grande comissário de café da região, Dr. Joaquim José Teixeira Leite, pai da Eufrásia Teixeira Leite, benemérita que deixou importante legado na cidade de Vassouras.

Os antepassados dessas famílias chegaram via emigração para a América Portuguesa, que na época representava uma alternativa à posse de terras e outros bens.

O alto da Borda do Campo, como região mais rústica, porém, próxima às áreas mais urbanizadas e controladas pela metrópole, se constituía em boa porta de entrada e acesso aos bens desejados fosse através da mineração ou da posse de terras e produção agropecuária comercializável, fonte estável de lucros desde as primeiras décadas do século XVIII (Oliveira, 2011, p. 630).

E foram esses os antepassados: o Sargento Mór José Leite Ribeiro e Francisco José Teixeira, pai do Barão de Itambé, imigrados de Portugal em meados do século XVIII, e associados na mineração aurífera: “Um dos filhos do sargento mor seria Custódio Ferreira Leite, o Barão de Aiuruoca, esplêndida figura de gentil-homem rural [...]” (Lamego, 1963, p. 340).

Sargento Mór José Leite Ribeiro, natural de Santa Eulália do Barroso, província de Braga, Norte Atlântico Português, imigrou para o Brasil e se estabeleceu na região aurífera, residindo em São João Del Rei no meado do século XVIII. E junto com a D. Escolástica Maria de Jesus, sua esposa, fundaram a fazenda do Palmital, de subsistência com culturas diversas, além da criação de gado. A exploração do ouro de aluvião também foi uma atividade desenvolvida em sociedade com alguns dos seus filhos (Tambasco, 2002, p. 202).

Custódio cresceu na fazenda da família, Palmital, aprendeu atividades agrícolas e de mineração, além da exploração de novas vias de comunicação na região do Aiuruoca, com o seu pai

A passagem de viajantes, de tempos em tempos, transformava-se em momentos quase mágicos, quando, dado o seu espírito atilado, sua imaginação juvenil o lançava às aventuras de novas descobertas e de desbravamentos de novas vias de comunicação; a partir do que contavam os que transitavam pelo Caminho Velho das Minas Gerais, forjava-se uma faceta do seu espírito, inquieto e aventureiro (Tambasco, 2002, p. 203).

Na sua juventude, ele partiu com seus irmãos para as margens do Rio Preto em busca das lucrativas atividades de mineração. E de acordo com Pinheiro (1860), o jovem Custódio, por algum motivo não muito explícito, realizou longas viagens percorrendo regiões sul-americanas, território espanhol na época. Logo retornou a sua terra natal e se embrenhou nos sertões à disposição e ao serviço de uma comunicação fácil e segura, por meio de estradas e de pontes. Essas atividades impulsionaram a formação de novas áreas cultiváveis (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871).

Nos primeiros anos, Custódio se dedicou ao comércio, fazendo para isso algumas viagens ao Rio Grande do Sul. Abandonando essa carreira pouco tempo depois, “onde sua liberdade, sua pouca ambição, e sua severa probidade e lisura não lhe asseguravam vantagens”, voltou para sua província natal, sendo encarregado em 1810, aos 28 anos, pelo governo de Dom João VI a explorar o rio Paraíba, e descobrir minas de ouro (Correio Oficial de Minas, MG, 05/03/1860, p. 3-4).

Quando a fartura do ouro das Minas começou a apresentar sinais de escassez levou ao fim toda uma fase econômica; no entanto, nunca faltaram as esperanças.

Com o decréscimo da extração aurífera, aumento de suas famílias e esgotamento das terras, esses grupos sentiram-se pressionados a emigrar para

dar continuidade ao seu projeto arcaico de posse de terras e homens. Esse movimento interno não foi de homens solitários, mas sim de grupos familiares inteiros (Oliveira, 2011, p. 643).

Assim, numa outra localidade, não tão distante, uma planta generosa, vindo de longe, vai se adaptar ao novo clima e surpreender a todos, de tanta riqueza e prosperidade que irá proporcionar, a tal ponto que vai se chamar de “ouro verde”. Mas para isso era necessário desbravar novas terras, derrubar a mata e abrir novas vias.

A expansão da fronteira social nesta região gerou um impacto para a população indígena, como os Coroados em Valença, principalmente com a instalação e expansão da lavoura cafeeira e apropriação das grandes extensões territoriais. De acordo com Lemos (2016), no final do século XVIII, a região entre o atual município de Resende até Cantagalo, incluindo regiões do Médio Paraíba, Centro-Sul Fluminense e Região Serrana, os Coroados transitavam pelo Rio Paraíba e seus afluentes vivendo dentro do seu modo de vida peculiar. A expansão da fronteira agrícola, pela dinamização do mercado interno, na região Sudeste, levou ao confronto dos novos ocupantes da região com os povos indígenas que viviam na área (Lemos, 2016, p. 18).

Custódio esteve na região do Vale do Paraíba fluminense no alvorecer da expansão cafeeira. No começo do século XIX, se aventurou desbravando a mata, disposto a abrir novas vias, facilitar a comunicação e o transporte de produtos e alimentos, principalmente entre Minas e a Capital do Império, cidade do Rio de Janeiro, junto aos sobrinhos, que vieram ajudar nesta empreitada.

A Estrada da Polícia, aberta por ordem de Dom João VI, entre 1816 e 1820, aproximadamente, pela Intendência de Polícia

do Rio de Janeiro, teve no militar Custódio Ferreira Leite um de seus principais promotores. Ele levou consigo quatro sobrinhos, filhos da sua irmã Francisca Bernardina: José Eugênio Teixeira Leite, Francisco José Teixeira Leite, João Evangelista Teixeira Leite e Antônio Carlos Teixeira Leite. Os outros também se mudaram para Vassouras anos mais tarde, adquiriram terras, escravizados e mudas para o plantio do café (Rocha et al. 2015, p. 31).

E foi assim que toda a descendência dos antepassados mostra uma história entrelaçada com a de outras famílias de origem lusitana que

dotaram Vassouras de notável progresso, os Corrêa e Castro, os Teixeira Leite, os Leite Ribeiro, que estabelecidos em Minas Gerais acabaram por abandonar a decadente mineração para se empenharem na cultura cafeeira em início de ascensão (Machado, 2006, p. 22).

Essas famílias, entre outras, se dedicaram ao plantio e/ou o comércio do café no Vale do Paraíba Fluminense, tornando esta região um verdadeiro celeiro mundial desse produto, estabelecendo esplendidas e muito produtivas fazendas e lucrativas casas comissárias para exportação do café, como no caso dos sobrinhos de Custódio, os Teixeira Leite.

Custódio Ferreira Leite se casou em 1811 com a D. Teresa Maria Rosa de Magalhães Velosa, em Resende, com quem teve três filhos⁷⁰.

Ele faleceu na sua fazenda da Barra do Lourical aos 77 anos, em 17 de novembro de 1859, de uma congestão cerebral (Correio Mercantil, RJ, 21/11/1859).

⁷⁰ <https://www.geneaminas.com.br/genealogiamineira/restrita/enlace.asp?codenlace=1371634>.

Custódio Ferreira Leite em Vassouras: a estrada e a igreja

Vassouras é a única importante cidade a levantar-se fora das grandes vias de comunicação e sem qualquer amparo oficial ou motivos geográficos a indicarem a sua fundação [...]. A localização de Vassouras é obra exclusiva da vontade humana, alheia a pré-indicadas condições deterministas do meio regional (Lamego, 1963, p. 137).

Origem de Vassouras remete a uma grande extensão de terra: é a Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito, de Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo. A pequena povoação se tornou Vila (1833), mais tarde Freguesia (1837) e finalmente uma cidade (1857).

A criação da Vila de Vassouras foi pensada com a intensão de substituir uma investida malsucedida para o desenvolvimento da Vila de Paty do Alferes. Esta, criada em 1820, prosseguia vagarosa e lentamente, cercada de obstáculos, ausência completa de energia e jamais saía daquelas primeiras casinhas. É “como que se esforçando para resistir ao impulso do progresso” (Raposo, 1978, p. 25).

Assim, por uma proposta do vereador Vasconcelos, foi aprovada por unanimidade pelos vereadores a mudança da sede da vila de Paty para Vassouras, não apenas pela prosperidade do lugar, mas também pela comodidade para a população de Sacra Família que “já contava sete eleitores e era mais próxima de Vassouras que o Paty do Alferes que continuava com quatro casas e absoluta falta de recursos” (Raposo, 1978, p. 27).

Com o Decreto 15 de Janeiro de 1833 ficou extinta a vila de Paty, sendo criada a Vila de Vassouras, que continuou fazendo parte da Freguesia de Sacra Família até a criação da Matriz Nossa Senhora de Conceição de Vassouras, em 1837.

Com o objetivo de diminuir as dificuldades e melhorar a comunicação dessa região com a corte, eram necessários novos caminhos, como a Estrada do Comércio iniciada em 1811

que em 1815, o Capitão-Mor Custódio Ferreira Leite, juntamente com seu irmão Francisco Leite Ribeiro (arrematante da construção dessa estrada) estavam dispostos a terminar no prazo contratual; a Estrada da Polícia, criada em 1819 (Monteiro, 2012, p. 33).

Assim, a recém-criada Vila de Vassouras será beneficiada diretamente, tendo o seu centro administrativo cortado por essas duas principais vias do Império.

A Estrada da Polícia passava pelo centro de Vassouras; era um caminho paralelo à Estrada do Comércio, mas possuía uma maior extensão pois cruzava freguesias recém-formadas, iniciando no atual bairro da Pavuna, passando por Iguassú, cruzava o pequeno povoado do Rodeio (hoje cidade Engenheiro Paulo de Frontin) e, seguindo pela Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, para Vassouras, continuando o caminho para Nossa Senhora da Glória de Valença. Essas duas estradas

pioneiras, voltadas para o território de Vassouras e Valença, permitiam a abertura, quase em sequência, de diversas outras estradas de menor porte, beneficiando de pronto algumas lavouras, vários arraiais, e dezenas de populações que já se destacavam em localidades como Mato Dentro, Massambará, Ferreiros, Varjem do Manejo, São José das Rolinhas, Vera Cruz, Pirauí, Santa Rosa e mais tarde um modesto e desconhecido lugarejo chamado Barreiros, embrião da atual cidade de Miguel Pereira (Deister, 2016, p. 123-124).

Em 1832, a Estrada da Polícia se achava quase pronta e reparada, com a despesa de 10 ou 12 contos de réis, trabalho incumbido ao Capitão Mór Custódio Ferreira Leite, “bastante experimentado em semelhantes trabalhos [...]” (Astrea, RJ, 30/06/1832, p.2). Esta foi de grande relevância e muita utilidade: “em verdade o

melhoramento, que há tido a estrada, chamada da Polícia, é digno de todo o elogio: o zelo incansável, a atividade extrema, e o Patriotismo a toda a prova do Cidadão Custódio Ferreira Leite, já tão conhecido por todos os que desejam o bem da Pátria [...]” (O Valenciano, RJ, 27/10/1832, p. 4).

Em Vassouras, porém, antes de se criar a vila, já tinham sido iniciadas as obras da Matriz. A construção começou em 8 de janeiro de 1828 com o produto de uma subscrição, sendo a capela-mor concluída no ano de 1829 e “tendo despendido com aquela fábrica a quantia de réis 7;000\$000” (Raposo, 1978, p. 105).

Custódio iniciou a construção da Capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição e a futura Vila em seu entorno, junto com seu sobrinho Francisco José Teixeira Leite, o Coronel Ambrósio de Souza Coutinho e o Guarda-Mor João Teixeira Gomes e o apoio dos Correa e Castro, sendo possível ser erguida através de um Termo de Ratificação de José Joaquim Extrexe, sua mulher e outros herdeiros, e uma Permuta de Terrenos, com Francisco José Teixeira Leite, futuro Barão de Vassouras, e a sua esposa, de 1830, por escritura pública (Monteiro, 2012, p. 31).

Assim, a subscrição de 1828, promovida pelo próprio Custódio Ferreira e seus sobrinhos, deu início a construção e elevação da capela Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, à margem da Estrada da Polícia, em terras doadas pelo Francisco José Teixeira Leite. Assim, concluída a capela-mor em 1829, foram surgindo as primeiras construções ao seu redor, com os primeiros moradores do povoado de Vassouras, dando possibilidade para que, quatro anos mais tarde, ocorresse sua elevação e o nascimento da então Vila de Vassouras em 15 de janeiro de 1833 (Machado, 2006, p. 59).

Custódio Ferreira Leite: vida extensa marcada pela presença e o empreendimento

Era uma inteligência que se voltou para a atividade que exerceu com ardor excepcional. Eis um homem que rompeu caminho por si, e com visão das coisas.

Um fundador de fazendas a despertar assim o Brasil de dias próximas vindouros. Um milionário que surpreende a todos com a sua ação oportuna. Um criador de progresso. Era um homem a que viriam reconhecer valor nos dias de hoje. É bem uma figura do Segundo Reinado com vida rural intensa.

É ler o que ele realizou em Minas e no Estado do Rio de Janeiro, principalmente. É ver as estradas que abriu. A ponte que construiu sobre o Paraíba. Os edifícios que levantou, como a Casa do Colégio⁷¹.

Pesquisas em jornais e periódicos brasileiros, entre as décadas de 20-50 do século XIX, apontam para uma associação entre o nome de Custódio Ferreira Leite e a questão da construção de estradas, revelando um contínuo espírito empreendedor que ele manteve ao longo da sua vida.

Nesta mesma pesquisa percebe-se também que, no século XIX, são recorrentes as notícias e publicações que abordam a questão da abertura de vias de comunicação, mostrando grandes preocupações em relação a essa questão relevante para a comunicação, escoamento da produção e unidade nacional do Brasil recém-independente.

A integridade do território e a unidade nacional do país sempre foram de muita preocupação, além do isolamento econômico dos espaços geográficos, visto como um problema de política pública desde os tempos remotos. Após a Independência, e ao longo do período imperial, a integridade territorial fora ameaçada por “inúmeros” movimentos separatistas de inspiração regionalista ou republicana, fortalecendo a necessidade da criação, pelo governo central, de instrumentos no sentido de preservar a unidade do país. Portanto, durante todo o processo de “plena ocupação e integração do espaço nacional, a construção de uma rede unificada

71 Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, RJ, 1858, p.139.

de transportes foi apresentada sempre como a única forma de assegurar a integridade do território” (Galvão, 1996, p. 184-186).

Além disso, a economia brasileira se baseava na escravidão, latifúndio, e dependia da exploração de produtos exportáveis. Acreditava-se que o crescimento era relacionado diretamente a um sistema nacional de comunicações e que a existência de meios de comunicação promoveria mudanças estruturais na economia brasileira, pois permitiria o povoamento de áreas de baixa densidade demográfica e a descoberta de novos recursos ainda ocultos em territórios não explorados no interior (Galvão, 1996, p. 186).

A construção, conservação e manutenção de estradas e pontes não era uma tarefa fácil. E neste contexto, é possível acompanhar a atuação de Custódio na árdua tarefa, principalmente, através de passagens e notícias publicadas nos meios de comunicação daquele período.

Em 1821, quando ainda realizava a abertura da Estrada da Polícia, ele conduzia a construção da ponte sobre o ribeirão das Mortes em Desengano “abrindo rumo de Valença e daí ao rio Preto, donde também se alcançava Passa-Vinte e Mar de Espanha” (Tambasco, 2002, p. 206).

Em 1825, foi recomendada a proposta do “Capitão Mor da Villa de Valença Custódio Ferreira Leite, relativo à abertura da estrada desde o presídio do Rio Preto até entrar na Comarca de S. João d’ El Rei” pela utilidade dessa, não só por abreviar consideravelmente o caminho, mas por facilitar a comunicação da província com a de Minas Geraes (Abelha do Itaculamy, MG, 12/01/1825, p. 1). E em 1826, a Contadoria da Intendência Geral da Polícia já constava a conclusão dessa nova Estrada Geral, que o Imperador mandou abrir, sendo pago no dia 18 de outubro, o respectivo empreiteiro, “o Capitão Mór Custodio Ferreira Leite, da quantia que se lhe restava, conforme o termo de ajuste. Rio 31 de Outubro de 1826” (Diário do Rio de Janeiro, RJ, 04/11/1826, p. 1).

Nas próximas décadas, Custódio Ferreira Leite continuou envolvido ativamente no desempenho dessas obras públicas, unindo extensões, trazendo melhorias no deslocamento de viajantes,

facilitando o transporte de cargas, favorecendo a comunicação e a expansão das atividades cafeeiras de algumas regiões. Tais atividades foram desenvolvidas junto com o seu irmão Francisco Leite Ribeiro.

Custódio realizou os aterrados do Engenho do Brejo e durante muitos anos foi responsável pela administração das estradas de Sapucaia, do Feijão-Cru (Leopoldina). E contam que ele mandou abrir, as suas expensas, uma estrada de Magé a Sapucaia e uma ponte sobre o rio Paraíba no trajeto dessa estrada (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871, p. 297-304).

A estrada do Porto de Piedade pela Serra do Couto à ponte da Sapucaia foi também “objeto da empresa do Coronel Custódio Ferreira Leite e seu irmão”; Ponte da Sapucaia (Rio Paraíba); Estrada provisória do Porto de Anta até Águas Claras e do Porto da Sapucaia ao morro do Veado; e do Capitão Guilherme Francisco Rodrigues Franco até a Serra do Couto (Correio Oficial, RJ, 21/04/1841, p. 3). Realizou a construção de pontes sobre o Rio Paraíba “em lugar apto para a direção da estrada entre o rio e a Vila de Magé” (Correio Oficial, RJ, 18/11/1836, p. 2). E a estrada de Leopoldina ao Porto-Novo de Cunha [atual Além Paraíba] (Correio Mercantil, RJ, 12/12/1860, p. 3).

Custódio foi incumbido no reparo e manutenção da estrada de Meia-Pataca [atual Cataguases] ao Porto-Novo de Cunha, de importância crescente na época, não só pela grande emigração para aquele lado da província de Minas na época, mas também porque o desenvolvimento da lavoura e do comércio haviam crescido consideravelmente a comunicação do interior para a Corte. Ele também foi encarregado da abertura de atalhos na dita estrada “conforme achar necessário e conveniente” (Correio Oficial de Minas, MG, 11/05/1857, p. 4).

E no mesmo ano do seu falecimento, em 1859, encontramos o Barão de Ayuruoca como membro da comissão nomeada para designar o lugar de pontes pênalis sobre o Rio Paraíba (Correio Oficial de Minas, MG, 03/02/1859, p. 2). Além de ser encarregado pelos trabalhos da divisa entre as províncias do Rio e Minas pelo

lado de Campos, relativo à demarcação de limites entre os Municípios de Campos e “os que lhe são fronteiros desta Província” (Correio Oficial de Minas, MG, 28/04/1859, p. 1).

E, assim, de Sapucaia à cidade do Mar de Hespanha, e mesmo até o Espírito Santo, “lugares percorridos por uma estrada que o governo mandou fazer à custa dos cofres públicos por administração ainda em tempo que vivia o da saudosa memória barão de Ayuruoca” (Correio Mercantil, RJ, 06/02/1862, p. 2).

E, em virtude da ordem do Governo Imperial, africanos livres estariam a serviço da província de Minas. Em 1851, dos 120 “africanos” que seriam empregados nas obras públicas, parte deles ficou sob a guarda do Barão de Ayuruoca com a intensão de trabalhar nos reparos das estradas sob o cargo do Barão (Correio Oficial de Minas, MG, 26/11/1857 p. 1), sendo as despesas de alimentação e gratificações mensalmente pagas “em vista das feiras que apresenta o mesmo Barão” (Correio Oficial de Minas, MG, 26/11/1857, p. 4). Em 1858, “mais de 40 africanos livres existem com Barão de Ayuruoca, sob cuja direção empregam-se no serviço que demandam as estradas do Mar de Hispanha, e Leopoldina” (Correio Oficial de Minas, MG, 14/04/1858, p. 6).

Anos depois do seu falecimento, ainda era lembrado por seu bom desempenho e suas boas obras. Em 1864, uma notícia no Correio Mercantil lamentava o estado da estrada que ia de Sapucaia para a cidade de Leopoldina, importante e “muito comercial” na época, que se achava “intransitável”. Portanto lamentava-se a ausência do Custódio Ferreiro Leite: “Agora conhecemos a falta que nos está fazendo o Exm. barão de Ayuruoca, que enquanto foi vivo, nunca esta estrada, achou-se neste estado; desde que esse grande homem faltou, só uma vez, concertou-se esta estrada, isto foi no ano de 1860 [...]” (Correio Mercantil, RJ, 29/01/1864, p. 2).

Fundador de Barra Mansa

Como em todas as cidades fluminenses do café, insignificantes ao nascer e logo subjugadas ao poderio

econômico dos senhores rurais, Barra Mansa teve desde os primórdios a ampará-la, a decisiva influência de um dos mais úteis dos seus fazendeiros aristocratizados: CUSTÓDIO FERREIRA LEITE, o futuro barão de AIURUOCA⁷².

Barra Mansa inicia uma ocupação colonial em 1764, a partir da concessão de sesmaria a Francisco Gonçalves de Carvalho entre os rios Bananal e Paraíba, cortada pelo córrego já então denominado de “Barra Mansa”. A concessão de outras sesmarias, nesta região, permitiu uma exploração mais ativa até o início do século seguinte, com fazendas de subsistência, dando origem a um pequeno núcleo urbano próximo à foz do Rio Barra Mansa, margem direita do Rio Paraíba do Sul, e oferecendo um pouso aos viajantes entre São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Este povoado situado em terras disputadas por duas das mais importantes vilas da região, Resende e São João do Príncipe, passou a ser conhecido pelo nome de “Posse”: “Em 1813, Resende perdeu definitivamente a área em litígio e o povoado foi transferido para a localidade do Rio Acima com o nome de “São Sebastião da Posse”, origem da atual cidade de Barra Mansa” (Moreira, 2002, p. 15).

Em 1821, Custódio Ferreira Leite recebeu uma sesmaria em Campo Alegre, atualmente Resende, compreendendo terras de Barra Mansa e Volta Redonda, e “Para desenvolver a cultura do café em suas propriedades, lança os fundamentos do povoado de São Sebastião da Posse, o qual daria origem à cidade de Barra Mansa [...]” (Tambasco, 2002, p. 206).

Custódio Ferreira Leite foi de grande influência e importância na fundação e conformação urbana de Barra Mansa, quando no início da década de 20 do século XIX, o então capitão mor da Vila de Resende se estabeleceu em uma fazenda localizada à margem esquerda do Rio Paraíba e construiu na margem oposta, de frente a sua propriedade, uma capela de São Sebastião, local da atual

72 LAMEGO, 1963.

Igreja Matriz de Barra Mansa, construída mais tarde. Além disso, ele doou os terrenos onde se deveria edificar a vila, deixando grandes áreas a serem distribuídas pela câmara do município de forma gratuita para quem quisesse ali construir, dando origem mais tarde a Vila de São Sebastião de Barra Mansa, criada em 1832 (Moreira, 2002, p. 15-16).

No discurso proferido no dia 17 de dezembro de 1859 na Matriz de Barra Mansa, por ocasião de celebração da missa do trigésimo dia pelo falecimento do Barão de Ayuruoca em homenagem prestada à sua memória, o Sr. Manoel Carlos Barros contou que de todos os pontos percorridos pelo Custódio, ele preferiu se estabelecer em Barra Mansa, outrora mais conhecida pelo nome de Posse, criando uma povoação, que, em 1825, conseguiu do Bispo D. José Caetano elevar a curato.

E que

Tendo só em mira o bem e o progresso desta povoação, de que era o fundador, Custodio Ferreira Leite fez doação ao povo de um espaçoso terreno para edificar suas casas; doação que, por intervenção minha, reduziu a escritura pública, e pôs á disposição da câmara municipal para distribuir esse terreno pelo povo sem ônus algum; doação de que a câmara também acaba de aproveitar-se, mandando construir ali a seu paço municipal.

Animado também do espírito religioso, sem o que toda a civilização fica sem base, fez levantar a capela mor da igreja matriz, no lugar onde ela se acha hoje edificada, em termo de receber provisoriamente as imagens sagradas e prestar-se ao culto divino. Tirando em seguimento uma subscrição, fez com ela levantar os alicerces do corpo da igreja.

Assim plantou os fundamentos para que essa povo-

ação, que em 1825 fora elevada á curato, o fosse á categoria de vila em 1832. Em 1834 seu fundador, desgostoso, e cansado de ingratidões, e injustiças, mudou-se para o Mar de Hespanha [...] (Correio Official de Minas, MG, 05/03/1960, p. 3-4).

Em Valença

Ao residir em Valença, Custódio participou ativamente da vida pública, política e econômica da então vila e no seu processo de desenvolvimento.

Desde o primórdio da sua formação e criação em 1826, a sua assinatura já consta na Ata da Criação da Vila de Nossa Senhora da Glória de Valença (Tambasco, 2002, p. 206). Em 1827, o capitão mor Custódio Ferreira Leite já ocupava o cargo de Juiz Ordinário (Tjäder, 2017). E como membro da Câmara municipal de Valença no início da década de trinta, ele foi eleito tesoureiro com 8 votos (O Valenciano, RJ, 23/06/1832, p. 1); Capitão da 3.^a Companhia na Relação Nominal dos Oficiais e Oficiais Inferiores da Cavalaria Nacional da Vila de Valença (O Valenciano, RJ, 01/09/1832, p. 4); Membro da Sociedade Defensora da Liberdade, e Independência Nacional da Villa de Valença (O Valenciano, RJ, 20/09/1833, p. 9). E integrou o grupo de “Beneméritos Cidadãos do Termo de Valença para edificação de um Colégio de educação da mocidade [...]” (O Valenciano, RJ, 01/02/1833, p. 5).

Naquele período, Valença buscava o melhoramento e o aumento da lavoura, e neste contexto: “O oferecimento, que com tanta generosidade, como louvável, e ardente desejo de melhorar este Ramo, fez em o Conselho passado o Sr. Custódio Ferreira Leite, já está realizado [...]” (O Valenciano, 06/10/1832, p. 3).

E no Mar de Espanha

Em 1818, Custódio recebeu 17 sesmarias na província de Minas, nas proximidades do Arraial do Cágado, atual Mar de

Espanha (Tambasco, 2002). E em 1834 ele se mudou para o Mar de Espanha, onde foi “abrir novos terrenos incultos, a criar novas povoações, a fundar novas igrejas, a espalhar novos benefícios” (Correio Oficial de Minas, MG, 05/03/1960, p. 3-4).

Lá ele residiu na sua Fazenda do Louriçal, e conforme mencionado anteriormente, continuou suas obras de abertura e manutenção de estradas importantes para o crescimento e desenvolvimento da região.

Os irmãos Leite Ribeiro foram os primeiros a se aventurar e desbravar os chamados Sertões de Leste (região da Zona da Mata Mineira) (Mercadante, 1973. Ver também Vieites et al., 2014).

[...] tiveram grande destaque na história mardespanhense, sendo responsáveis por aberturas de caminhos e estradas, como a primeira ponte ligando o estado de Minas Gerais ao estado do Rio de Janeiro. Próximo a esse local, existia a Fazenda do Louriçal, adquirida por Francisco. Já o Custódio, o Barão de Ayuruoca, foi um dos mais influentes cafeicultores da região, com acesso direto e facilitado à Coroa, e personagem fundamental para a história de Mar de Espanha⁷³.

Francisco Leite Ribeiro se destacou entre os sesmeiros fundando a Fazenda dos Alpes e a Fazenda do Louriçal, sendo grande ponto irradiador da colonização da Zona da Mata. E em 10 de setembro de 1851, “pela Lei n.º 514, graças à interferência e ao prestígio do barão de Aiuruoca no governo, foi transferida a sede de Vila de São João Nepomuceno para o Arraial do Cágado, que adotou o nome de Mar de Espanha”⁷⁴.

Barão de Ayuruoca foi membro da Assembleia Legislativa

73 <https://casaditaliajf.com.br/2021/08/31/revista-casaditalia-a-memoria-italiana-em-mar-de-espanha-o-surgimento-do-espaco-cultural-falabella/>.

74 <https://www.mardeespanha.com/hist%C3%B3ria>.

Provincial, na Assembleia Provincial de Minas Gerais, cuja sede estava na cidade de Ouro Preto, isso durante os anos de 1858/1859. E deputado eleito pelo 18º distrito (Correio Oficial de Minas, MG, 29/03/1858, p. 3; Correio Oficial de Minas, MG, 01/04/1858, p. 1).

Custódio buscava aperfeiçoar práticas e técnicas de cultivo e da lavoura. Assim, introduziu melhoramentos na cultura do café e igualmente iniciou o cultivo da batata de Demerara nos municípios de Mar de Espanha e Leopoldina (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1871).

Em esboço biográfico do Barão de Ayuruoca traçada pelo Cônego Fernandes Pinheiro (1860), ele conta a razão pelo seu colapso financeiro, que teve os seus cafezais destruídos durante uma “horrível chuva de pedra, que por alguns anos privou-o de suas copiosas colheitas; a ingratidão de alguns entes perversos, que abusando da magnanimidade do seu coração extorquiram-lhe avultadas somas, e tereis a explicação da ruína dessa gigantesca fortuna, cujos restos serão apenas suficientes para satisfazer aos seus credores” (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1871).

Como ocorre com alguns homens beneméritos e apesar de suas nobres intenções e ações altruístas, não evitou que Custódio “morresse pobre e onerado de dívidas” (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1871). No entanto, mais de quinze anos após o seu falecimento, em 1876, muitos credores de Custódio não haviam procurado receber o que cabia a cada um de quantias devidas, e por isso foi decidido e publicado no Diário do Rio de Janeiro, em 10 de fevereiro “depositar no Banco do Brasil essas quantias em conta correntes dos mesmos credores, a datar da presente data, a 90 dias, podendo em todo tempo receberem do mesmo banco” (Diário do Rio de Janeiro, RJ, 16/02/1876, p. 3).

Custódio foi sepultado no cemitério da sua antiga propriedade, fazenda do Louriçal. Anos mais tarde, na celebração do centenário do seu falecimento e com as homenagens prestadas nesta ocasião

em 1959, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério das Mercês, na cidade Mar de Espanha (Tambasco, 2002, p. 202).

E fica o legado

Custódio Ferreira Leite foi uma figura ilustre, conhecido por sua prestatividade e disponibilidade. Seus contemporâneos o consideravam um homem distinto, que nada negava e a todos servia.

[...] varão de exemplar abnegação, de uma bondade e caridade admiráveis. Beneficiava a quantos podia, e para não vezar, para não desgraçar aos que lhe deviam, preferia antes sofrer, e empobrecer-se a si próprio. Perdoava a seus devedores, e sobretudo á viúvas, e órfãos, dívidas, e algumas de não pequenas quantias (Correio Oficial de Minas, MG, 05/03/1860, p. 3-4).

Em 1851, por exemplo, entre as consideráveis doações recebidas, a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, obteve a autorização para a posse da casa doada por Custódio Ferreira Leite (Jornal do Commercio, RJ, 12/07/1851, p. 1).

Em Resende, a Santa Casa de Misericórdia recebeu, na sessão de 21 de junho de 1855, a autorização para “poder possuir o edificio em que tem o seu hospital, e os terrenos anexos que lhe foram doados pelo capitão-mor Custodio Ferreira Leite e comendador Antônio Ferreira Leite e suas mulheres [...]” (Jornal do Commercio, RJ, 22/06/1855, p. 1).

Em 1842, Custódio Ferreira Leite se tornou comendador da Ordem de Cristo (Jornal do Commercio, 20/10/1842, p. 1). E pelos serviços prestados ao longo de toda a sua vida e tantas obras realizadas, no dia 14 de março de 1855, quatro anos antes do seu falecimento, “o Comendador Custódio Ferreira Leite recebeu da sua Majestade, o Imperador Dom Pedro II, o título nobiliárquico de Barão de Ayuruoca” (Diário do Rio de Janeiro, RJ, 14/03/1855,

p. 1; Jornal do Commercio, RJ, 15/03/ 1855, p. 1).

Custódio Ferreira Leite foi de fundamental importância para o surgimento de Vassouras e “deixou seu rastro na historiografia do Vale do Paraíba estando inscrito na epopeia criativa de Resende, Barra Mansa, Valença, Vassouras, Piraí e Mar de Espanha” (Machado, 2006, p. 23).

Sua vida sempre foi cercada por histórias e curiosidades, que eram relatadas e circulavam entre as pessoas, fortalecendo ainda mais a sua popularidade e sua imagem filantrópica e de benfeitoria.

Ele teria realizado uma viagem arriscada

No final de sua vida, e com sua grande fortuna em ruína, Custódio não pôde de imediato socorrer o suplício de uma senhora viúva e atender suas necessidades. Assim

abrilhantou-lhe o espírito uma inspiração celeste. Lembrou-se, ele, que nunca jogava, de comprar um bilhete de loteria para a viúva, e o anjo da beneficência, tomando a forma de menina, que extraia os bilhetes, fez com que nesse número saísse a sorte grande. Transportado de júbilo, olvida-se o barão dos negócios que o traziam ao Rio de Janeiro, põe-se em viagem, apea-se na pobre habitação da desconsolada viúva, integralmente entrega-lhe o dinheiro, que em seu nome recebera, e montando de novo a cavalo, subtrai-se aos agradecimentos dessa família, a quem desta arte felicitara (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871).

Ele também teria salvado a casa, onde costumava pousar durante as viagens, de ser penhorada, quando quitou a dívida dessa família impedindo que ela perdesse o seu lar (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871).

E contam que, por algum motivo não evidente, Custódio fez

uma promessa de construir sete igrejas:

O capitão mor Custódio Ferreira Leite Futuro Barão de Aiuruoca traz nas léguas de caminho a poeira da Esperança que segue o rastro dos triunfadores! Cumprindo antiga promessa de construir sete igrejas em sete plagas diversas [...].⁷⁵

Portanto, sabe-se que com o seu auxílio e com o produto das subscrições por ele agenciadas, erigiram-se, ou repararam-se, as matrizes de Barra Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatória, Valença, Sapucaia e Mar de Espanha; nesta última, ele também construiu a Casa da Câmara: “com prejuízo de algumas dezenas de contos, concluído pouco antes de seu passamento um famoso e vasto edifício, onde hoje se acha estabelecido o colégio Brandão” (Revista Popular, RJ, 1860, p. 9-13; Revista do Instituto Histórico e Geográfica Brasileiro, 1871).

Em Arrozal, Custódio foi encarregado das obras de Matriz, obras essas que se limitavam a capela-mor, começaram por uma subscrição promovida pelo José de Souza Breves, o então proprietário da suntuosa fazenda do Pinheiro, e o seu cunhado Luiz de Souza Breves, e custaram 16 contos (Jornal do Commercio, RJ, 28/07/1860, p. 2). Custódio também colaborou na construção da Matriz de Sapucaia (Diário do Rio de Janeiro, RJ, 14/12/1873 p. 2).

Custódio Ferreira Leite foi homem do seu tempo e, como membro da elite cafeeira colonial, fez parte de uma classe social de alto poder aquisitivo, estilo de vida próprio, dono de vastas extensões de terra e usando da mão-de-obra escravizada. Portanto, o seu legado, seus feitos e ações em vida o identificaram e para a posteridade guardaram o seu nome, não somente para os seus, mas para toda comunidade: “Este ilustre ancião, que edificou com

⁷⁵ Poema em Prosa e Verso comemorativo do 131º aniversário de Barra Mansa (1963), “Nasce uma Cidade”, de Lacyr Schettino, publicado na REVISTA PROSA E VERSO n.º IX. Barra Mansa: GREBAL, 1998, p.15-26 (MOREIRA, 2002).

suas virtudes, civismo e abnegação ás províncias de Minas, Rio de Janeiro e S. Paulo, onde se fez conhecido, deixa um vácuo que difficilmente será preenchido, e inconsolável sua família, e inúmeros amigos e beneficiados que o veneravam” (Correio Mercantil, RJ, 21/11/1859, p. 1).



Quadro do Barão de Ayuruoca com a legenda: “Chorou-te toda terra que pizaste (Camões)” (Acervo do Museu Casa da Hera)

Referências

Fontes

Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital Brasileira:

AFRICANOS livres a serviço da Província. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00128 (1), p.6, 14 abril.1858. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&Pesq=%22bar%2c%20a3o%20de%20ayuruoca%22&pagfis=118> Acesso em: 02 dez. 2024

AFRICANOS livres ao serviço da Província. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00089 (2), p.1, 26 nov. 1857. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=222747&Pesq=%22bar%2c%20a3o%20de%20ayuruoca%22&pagfis=2175> Acesso em: 07 dez. 2024

AO GOVERNO mineiro. **Correio Mercantil**, RJ, Edição 00029 (1), p. 2, 29 jan. 1864. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&Pesq=%22bar%2c%20a3o%20ayuruoca%22&pagfis=22908> Acesso em: 01 dez. 2024

ARTIGO Continuado. **O Valenciano**, RJ, Edição 00017 (1), p. 4, 27 out. 1832. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=71> Acesso em: 24 nov. 2024.

ARTIGO de Offícios. Carta Imperial, **Abelha do Itaculamy**, MG, Edição 00005 (1), p.1, 12 jan. 1825. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=778931&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20182&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=637> Acesso m: 23 nov. e2024

ASSEMBLEA Legislativa Provincial. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00124 (2), p.1, 01 abril. 1858, Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&pesq=%22bar%2c%20a3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=97> Acesso em: 02 dez. 2024

BARÃO D'Ayuruoca. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, RJ, Edição 00034-1 (1), p.297-304, 1º semestre de 1871. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=893676&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=22558> Acesso em: 17 jan. 2025

CAMARA dos SRS Deputados: Expediente. **Jornal do Commercio**, RJ, Edição 00190(1), p.1, 12 jul. 1851, p.1. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&Pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pagfis=2415 Acesso em: 26 nov. 2024

CORRESPONDENCIA: Pede nos a publicação do seguinte, Relação Nominal dos Officiais e Officiais Inferiores da Cavalleria Nacional da Vila de Valença. **O Valenciano**, RJ, Edição 00011 (1), 01 set. 1832, p.4. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&Pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pagfis=46> Acesso em: 04 dez. 2024

DECLARAÇÕES. **Diário do Rio de Janeiro**, RJ, Edição 1100003 (1), p.1, 4 nov. 1826. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&pesq=%22Custodio%20Ferreira%20Leite%22&pasta=ano%20182&hf=memoria.bn.br&pagfis=7057 Acesso em: 13 dez. 2024

DIVISA d'esta e da Província do Rio de Janeiro pelo lado de Campos. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00241 (2), p.1, 28 abril. 1859. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&pesq=%22barao%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=573> Acesso em: 26 nov. 2024

ESTRADA de Meia-Pataca ao Porto-Novo de Cunha. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00035 (1), p. 4, 11 maio. 1857. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=222747&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=1906> Acesso em: 12 dez. 2024

ESTRADAS do Mar D'Espanha. **Correio Oficial de Minas** (MG). Edição 00089 (2),

p. 4, 26 nov. 1857. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=22747&Pesq=%22bar%c3%a3o%20de%20ayuruoca%22&pagfis=2178>
Acesso em: 07 dez. 2024

ESTRADA e Serra do Couto. **Correio Oficial**, RJ, Edição 00084 (1), p. 3, 21 abril. 1841. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=-memoria.bn.gov.br&pagfis=9156> Acesso em: 25 nov. 2024

FEIJÓ Bittencourt. A Biografia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, RJ, Edição 00240 (3), p. 139, julho-setembro 1858. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=893676&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=119011> Acesso em: 17 jan. 2025

LEOPOLDINA. **Correio Mercantil**, RJ, Edição 00349 (1), p.3, 12 dez. 1860. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&Pesq=%22bar%c3%a3o%20ayuruoca%22&pagfis=18451> Acesso em: 19 dez. 2024

LIQUIDAÇÃO do espólio do barão de Ayuruoca. **Diário do Rio de Janeiro**, RJ, Edição 00045 (1), P. 3, 16. Fev 1876. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=34166 Acesso em: 17 jan. 2025

MAR de Hespanha. **Correio Mercantil**, RJ, Edição 00037 (1), p. 2, 06 fev. 1862. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&Pesq=%22bar%c3%a3o%20de%20ayuruoca%22&pagfis=20066> Acesso em: 12 dez. 2024

NEGÓCIOS do Arrozal. **Jornal do Commercio**, RJ, Edição 00208 (1), p.2, 28. jul 1860. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_05&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20186&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=863 Acesso em: 17 jan. 2025

NOTÍCIAS Diversas. **Correio Mercantil**, RJ, Edição 00319 (1), p.1, 21 nov. 1859. Dis-

ponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=217280&Pesq=%22bar%c3%a3o%20ayuruoca%22&pagfis=16909> Acesso em: 29 nov. 2024

NOTÍCIAS Diversas: interior. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00123 (1), p.3, 29 março. 1858, Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&Pesq=%22bar%c3%a3o%20de%20ayuruoca%22&pagfis=95> Acesso em: 02 dez. 2024

OBRAS Publicas. **Astrea**, RJ, Edição 00845 (1), p.2, 30 jun.1832. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749700&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3389> Acesso em: 25 nov. 2024

PARECERES de Comissões. **Jornal do Commercio**, RJ, Edição 00101 (1), p.2, 15 abril. 1950. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=434 Acesso em: 26 nov. 2024

PARTE Oficial. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, RJ, Edição 00280 (1), p. 1, 20 out. 1842. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_03&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20184&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3863 Acesso em; 07 dez. 2024

PARTE Oficial: Ministerio do Imperio. **Diário do Rio de Janeiro**, RJ, Edição A00074 (1), p. 1, 14 Março. 1855. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_01&Pesq=%22Custodio%20Ferreira%20Leite%22&pagfis=41080 Acesso em: 20 dez. 2024

PARTE Oficial. **Jornal do Commercio**, RJ, Edição 00074 (1), p.1, 15 Março. 1855. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8260 Acesso em: 28 nov. 2024

PINHEIRO, J. C. Fernandes. O BARÃO D' AYURUOCA: esboço biográfico. **Revista Popular**, RJ, Edição 00007 (3), p. 09-13, Tomo VII, julho a setembro 1860. Dispo-

nível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=181773&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20186&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=2444> Acesso em: 14 jan. 2025

PONTE da Sapucaia no rio Parahiba. **Correio Oficial**, RJ, Edição 00084 (1), p. 3, 21 abril. 1841. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=9156> Acesso em: 25 nov. 2024

PRIMEIRA Reunião Ordinária: Extracto da acta da Sessão de 17 de novembro de 1831. **O Valenciano**, RJ, Edição 00004 (1), p. 1, 23 jun. 1832. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=15> Acesso em: 04 dez. 2024

REPARTIÇÃO das obras publicas: correspondência sobre a ponte Pensil no Rio Parahyba. **Correio Oficial de Minas**, MG, Edição 00215 (2), p.2, 03 fev. 1859. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&pesq=%22barao%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=468> Acesso em: 26 nov. 2024

REQUERIMENTOS Despachados. **Correio Oficial**, Edição 00116 (1), RJ, 18 nov. 1836, p. 2. Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749443&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20183&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3987> Acesso em: 25 nov. 2024

SAPUCAIA. **Diário do Rio de Janeiro**, RJ, Edição 00343 (1), p.2, 14. Dez 1873. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=094170_02&pesq=%22bar%C3%A3o%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=31035 Acesso em: 17 jan. 2025

SENADO: Sessão em 21 de junho de 1855. Expediente. **Jornal do Commercio**, RJ, Edição 00171 (1), p.1, 22 jun. 1855. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/>

DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_04&pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=8664 Acesso em: 28 nov. 2024

SOCIEDADE Defensora da Liberdade, e Independencia Nacional da Villa de Valença. **O Valenciano**, RJ, Edição 00050 (1), p. 9, 20 set. 1833. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&Pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pagfis=237> Acesso em: 05 dez. 2024.

TRANSCRIÇÃO Barão da Ayuruoca. **Correio Oficial de Minas**, MG, edição 00328 (1), p. 3-4, 05 março. 1860. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=717576&pesq=%22barao%20de%20ayuruoca%22&pasta=ano%20185&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=955> Acesso em: 25 nov. 2024

VALENÇA. **O Valenciano**. Edição 00015 (1), p.3, 06 out. 1832. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&Pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pagfis=63> Acesso em: 12 dez. 2024

VALENÇA 1º De Fevereiro. **O Valenciano**, RJ, Edição 00030 (2), p. 5, 01 fev. 1833. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=702358&Pesq=%22custodio%20ferreira%20leite%22&pagfis=138> Acesso em: 24 nov. 2024.

Referências

DEISTER, Sebastião. Estrada da Polícia *In*: CAVALCANTI, I.; FERNANDES, N.; MARTINS, R. (orgs.) **Dicionário Histórico do Vale do Paraíba Fluminense**. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2016. p. 123-124.

GALVÃO, Olímpio J. de Arroxelas. Desenvolvimento dos Transportes e Integração Regional no Brasil - Uma Perspectiva Histórica. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, Nº 13, p.183-214,1996.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O HOMEM E A SERRA**. BIBLIOTECA GEOGRÁFICA BRASILEIRA, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA, Setores da Evolução Fluminense IV, Publicação N.º 8, Edição da Divisão Cultural 1963 (2. EDIÇÃO) Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27286_v4.pdf Acesso em: 26 nov. 2024

LEMONS, Marcelo Sant' Ana. **O Índio Virou Pó de Café**- Resistência indígena frente à expansão cafeeira no Vale do Paraíba. Jundiaí: Paco, 2016.

MACHADO, Lielza L. **Vassouras - Recanto Histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2006.

MERCADANTE, Paulo. **Os sertões do leste**: estudo de uma região: a mata mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MONTEIRO, Angelo F. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Revista Mosaico**, v. 3, n. 2, p. 29-46, 2012.

MOREIRA, Andréa Auad. **Barra Mansa**: imagens e identidades urbanas. Dissertação de mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Avô imigrante, pai lavrador, neto cafeeiro: análise de trajetórias integracionais na América Portuguesa (século XVIII e XIX), **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.625-644, jul/dez 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-87752011000200012> Acesso em: 19 dez. 2024

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Instituto Estadual do Livro, 1978.

ROCHA, Cinthia; ALVES, Daniele de Sá; QUEIROZ, Eneida. **Museu Casa da Hera** Coleção Museus do Ibram. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: 2015.

TAMBASCO, José Carlos Vargens. **O Barão De Aiuruoca**: Uma notabilidade singular na nobiliarquia do Segundo Império. In: ACADEMIA DE LETRAS DE VASSOURAS. Academia de Letras de Vassouras. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2002. p. 200-209.

TJÄDER, Rodrigo Ciríaco. A Câmara Municipal de Valença durante a transição da forma de Governo Monárquica para a República, 2017. **Revista Saber Digital: o periódico do pesquisador!** UNIFAA, 2014. Disponível em: <https://unifaa.emnuvens.com.br/FDV/article/view/140/114> Acesso em: 11 dez. 2024.

VIEITES, Ethel Guedes et al. Sertões do leste: a construção de uma região geográfica. **Geo Uerj**, v. 1, n. 25, p. 257-275, 2014.

III. Família, Religiosidade e Arte: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras⁷⁶

Angelo Ferreira Monteiro

No século XIX (ou Oitocentos) a Igreja Católica Apostólica Romana era a religião oficial do Império Brasileiro, conforme determinado no quinto artigo da Constituição do Império do Brasil, promulgada em 1824⁷⁷.

Todo o cotidiano da sociedade brasileira era regido pela Igreja, principal instituição ligada à monarquia e que realizava os principais serviços do Estado, perante a sociedade (Mattoso, 1992; Monteiro, 2008; 2011). Através do Padroado, o imperador do Brasil poderia criar freguesias (atuais paróquias), nomear os curas (atuais párocos), sem a intervenção da Sé Romana⁷⁸. O império era responsável pelas suas despesas e em contrapartida os funcionários de batina deveriam cumprir os deveres de registrar os nascimentos, casamentos e óbitos de livres e escravizados, em livros devidamente separados, além de organizar a mesa eleitoral e convocar os eleitores aptos para as eleições (Mattoso, 1992; Del Priore, 1994; Graham, 1997). E a partir de 1850, passaram a registrar as terras para verificação de terras devolutas para a colonização do Brasil, principalmente, por imigrantes europeus⁷⁹.

76 Artigo publicado originalmente na **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades da Univassouras**, Vassouras, v 15 n 3, Edição Especial p. 38-65, set./dez, 2024.202. Revisado e Ampliado. Este texto é parte do livro em construção para o Projeto de Pesquisa: Família e Religiosidade: A importância da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no século XIX, certificado pela Coordenação de Pesquisa da Univassouras desde 2013 no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

77 IMPÉRIO DO BRASIL. Constituição de 1824.

78 Esta situação mudará quando da Questão Religiosa no Brasil em 1875 e com a Proclamação da República em 1889 que se efetivou com a Constituição Republicana em 1891, com a criação do Estado Laico.

79 Para mais detalhes ver: MOTTA, Márcia. **Nas fronteiras do poder**. Conflito e direito à terra

Em 1871 passou a assumir mais uma incumbência, o registro dos ingênuos, que são as crianças nascidas de ventre livre, conforme a lei promulgada para este fim (Abdumalek; Monteiro, 2022).

Assim a vida estava organizada em torno da Igreja e, por sua vez, a religião determinava o compasso da vida em sociedade no Oitocentos. Mattoso (1992) cita ainda o sino do relógio que comandava o tempo das localidades. É ele que anuncia a hora da Ave Maria e do *Angelus*. Os demais sinos⁸⁰,

anunciam a chegada de uma autoridade do império ou eclesiástica, como também a morte de alguém abastado⁸¹. O calendário civil nesta época era todo baseado no calendário cristão, respeitando as festas, dias santos e de guarda. A partir dele, inclusive o comércio respeitava suas determinações.

Diante desta realidade, a primeira capela de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras⁸², foi erguida ao lado da Estrada da

no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: APERJ, 1998. Monteiro (2005; 2007) cita sobre a resposta da Câmara Municipal de Vassouras que informou que não existiam terras devolutas na Vila. No entanto, nos registros da Irmandade foram localizados dados de terras devolutas (Monteiro, 2005; 2007).

80 Um dos sinos da Igreja Matriz foi adquirido da firma Lenvir & Ramos por 2:139\$600 (dois contos, cento e trinta e nove mil e seiscentos réis), com o pagamento à Furquim & Filhos pelo transporte deste objeto pela Estrada de Ferro D. Pedro II pelo valor 41\$384 (quarenta e um mil, trezentos e oitenta e quatro réis), sendo instalado por João Francisco da Mota por 78\$210 (setenta e oito mil, duzentos e dez réis). Livro Conta Corrente da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

81 Em Vassouras, o dobre (toque) do sino para fins de anunciar o falecimento de algum morador ficou definido da seguinte forma: *“sejam grátis para os irmãos, suas mulheres e filhos menores; quarto - que se cobre 30\$000 réis por dia daqueles que não forem irmãos, quer o sino dobre uma vez, quer mais de uma; quinto que só depois do tesoureiro ou procurador mostrarem quites, desta gratificação, é que darão a competente ordem para o sino trabalhar, lavrando-se dessa quantia um assento em livro próprio; sexto finalmente que se encarregue ao Irmão procurador a compra e colocação do sino.* Livro 1 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

82 A devoção à Nossa Senhora da Conceição nos remete à Portugal, quando o Duque de Bragança,

Polícia⁸³, a partir de 1828 com conclusão em 1829. Obra iniciada pela subscrição de Custódio Ferreira Leite (mais tarde, barão de Ayuruóca⁸⁴. Esta escolha de seus idealizadores oportunizou não só o crescimento do povoado, como o desenvolvimento da vila e posterior cidade pelo contato com os viajantes e autoridades imperiais que passavam por este entroncamento que servia de contato entre Minas e o Rio de Janeiro (Tambasco, 2004; Machado, 2006; Monteiro, 2012).

Esta estrada buscava interligar as vias do Império Português, diante da demanda por colonização do território ocupado pelos nativos e combatendo possíveis posseiros ao longo do seu traçado. A independência do Brasil e, conseqüentemente, a consolidação do segundo reinado do império brasileiro, propiciaram o destaque desta região do Vale do Paraíba Fluminense de maneira nacional e internacional, através de um produto agrícola, o café, tendo a mão de obra escravizada como responsável por esta realidade

no dia de sua aclamação como Dom João IV, em 1º de dezembro de 1640, quando começava a oitava da festa da Senhora dos Céus. [...] Na inauguração da Academia Real de História, em Portugal, Nossa Senhora da Conceição passou a ser considerada também “padroeira de quantos escrevem História em língua portuguesa” (Lima Júnior, 2008, p. 70- 73).

83 De acordo com o relatório do Presidente de Província do Rio de Janeiro de 1848-1849 (p. 28): “A estrada denominada da Policia tem mais de 20 legoas de extensão: começando na Pavuna em continuação á estrada do município neutro, e acaba no Rio Preto, limite d’esta província com a de Minas Geraes, tendo passado pelo município de Iguassú cerca de uma legoa ao oeste da villa, e pelos de Vassouras e Valença, cujas villas atravessa; tem apenas 5 leguas de várzea da Pavuna ao lugar denominado João Paulo, e d’ahi para cima segue sempre por morros atravessando as serras de Santa Anna, Botaes, Matta Cães, Valença, Rio Bonito etc., e os Rios d’Ouro, Santo Antonio, S. Pedro, Santa Anna, Parahiba, Bonito, e outros de menor importancia.”

84 Custódio Ferreira Leite “...por uma promessa de construir 07 igrejas (para alguns biógrafos, treze), em retribuição à graça alcançada por vencer uma ameaça de naufrágio numa viagem de retorno de suas andanças pelo sul. Daí ter se empenhado na construção das igrejas de Barra Mansa, Areal, Conservatória, Valença, Sapucaia, Mar de Espanha e Vassouras, esta última iniciada em 08 de Janeiro de 1828; somente em 1855, receberia o título de Barão de Ayuruoca, quatro anos antes de morrer em Mar de Espanha, aos 77 anos (Machado, 2006).

(Stein, 1990; Salles, 2008). Com as riquezas proporcionadas aos barões do café e ao império no Oitocentos, esta região foi rebatizada turisticamente como Vale do Café no século XXI.

Este artigo apresenta as práticas de religiosidade da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, criada em 1830. Estes momentos buscavam proporcionar aos seus fiéis, na época denominados fregueses, as festas do Orago (da padroeira), novenas, ladainhas, batizados, casamentos e no momento da morte, todas estas relações sociais desenvolvidas dentro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e, posteriormente, com o encerramento da vida terrena, no cemitério desta Irmandade, após a proibição de enterros dentro do templo. Apresentaremos também a arte religiosa dedicada a despertar o contato com o transcendente na Igreja Matriz. E, por fim, as principais transformações ocorridas ao longo do século XX e XXI, ampliando o seu campo de atuação com uma parte cultural e turística do município de Vassouras e região do Vale do Café.

Como metodologia aplicamos a revisão de literatura e o uso de fontes primárias e jornalísticas para a construção deste texto, aplicando os conceitos de estabelecidos e *outsiders* de Norbert Elias e capital social de Pierre Bourdieu.

A Igreja Católica Apostólica Romana no Vale do Paraíba Fluminense

A presença do Cristianismo na região do Vale do Paraíba Fluminense remonta à Fazenda dos Jesuítas, com sede no bairro de Santa Cruz na cidade do Rio de Janeiro. Suas terras alcançavam a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá, criada em 1750 (Tambasco, 2004). Antes da presença institucional, os fregueses dependiam das visitas

dos sacerdotes em propriedades agrícolas que dispunham da autorização eclesiástica para ter em suas dependências um oratório portátil. Nestas fazendas eram realizadas as atividades religiosas da missa e demais sacramentos. No caso desta região

do Vale do Paraíba Fluminense, em 1794, por visita pastoral de Monsenhor Pizarro, constavam apenas quatro oratórios particulares. Na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes com 1.299 habitantes e 118 fogos (moradias) existiam três oratórios e um oratório na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá, com 757 habitantes e 104 fogos (Chahon, 2008). Na mesma visita, pode conferir que apenas a Freguesia do Tinguá dispunha de 1 capela particular e 1 altar de capela particular (Chahon, 2008).

Chahon (2008, p. 59-60) afirma que os dados eram estimados, devido à falta de dados exatos, o que foi percebido pelo próprio Monsenhor Pizarro que

em diversas ocasiões à precariedade das somas obtidas para a população das freguesias visitadas, derivada da incompletude dos respectivos róis de desobriga, elaborados anualmente, ao tempo da comunhão pascal, e que serviam então de base para o levantamento da dita população – incompletude que, por sua vez, é atribuída pelo mesmo visitador ao desejo dos homens livres e libertos, especialmente os solteiros, de se furtarem aos recrutamentos, como também à atitude dos senhores que, para se esquivarem da cobrança das conhecenças⁸⁵ devidas aos vigários, costumavam subtrair boa parte de seus escravos ao cumprimento do preceito anual.

Neste contexto, as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707, de D. Sebastião Monteiro da Vide, reeditadas em 1853, determinavam nos artigos 86, 87 e 88 no Título XXIV – “Das

85 Conforme a Infopedia – Dicionários Porto Editora, um dos seus significados, se refere a “oferta voluntária feita a um pároco, em substituição dos rendimentos regidos por dízimos”. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conhecen%C3%A7as>. Acesso em: 31 maio 2024.

peçoas, que são obrigadas a receber o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, e em que tempo, e a que peçoas não póde, nem deve dar.”

O artigo 86 determinava as condições para a desobriga, para os homens a partir dos 14 anos de idade e para as mulheres a partir doze, desde que tenham consciência do ato realizado⁸⁶.

No artigo 87 estendia a obrigação de comungar àqueles que tivessem a dita idade, com risco iminente de morte, enfermos, principalmente aquelas consideradas grave, viagens por navegação, em atos de batalha e grávidas próximas ao parto. Por fim o artigo 88 recomendava que era “louvável, e santo, que os Cristãos, verdadeiros penitentes, receberão muitas vezes este Divino Sacramento; assim é justo, e decente, que se não administre aos peccadores públicos”, que são mencionados e enquadrados nesta categoria.

Como se pode ver, o cumprimento dos deveres cristãos no

86 Conforme As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de autoria de D. Sebastião Monteiro da Vide (1853/2007), o artigo 86 determina que “Posto que este Sacramento não seja necessário com meio preciso á salvação, com tudo, conforme a disposição dos Sagrados (1) Canones, e Concilio (2) Tridentino, todos os fieis Christãos de um, e outro sexo, tanto que chegarem aos annos da discrição, que nos homens regularmente são os quatorze, (3) e nas mulheres os doze, e tiverem juizo para entender o que fazem, e a reverencia que se deve a este Divino Sacramento, que bem póde ser se anticipe (4) nos homens, mais que nas mulheres, antes dos quatorze, e dos doze, o que prudentemente (5) julgará o Parocho, são obrigados ao receber, ao menos uma vez cada ano pela Paschoa (6) da Resurreição. Pelo que mandamos a todos os nossos subditos, que tiverem a dita idade, e discrição, comunhem na propria Igreja da mão do seu proprio Parocho, ou de outro Sacerdote de licença sua em cada um anno pela Paschoa da Resurreição, ou por toda (7) a Quaresma até a Dominga in Albis inclusivè, conforme o Privilegio Apostolico, e costume antigo do nosso Reino. Visto porém ser (8) costume introduzido estender o termo da desobrigação aos escravos até o Espirito Santo, em razão do preciso impedimento, que tem nos Engenhos de assucar, o qual não permite interpolação, ordenamos, que todos os senhores mandem seus escravos á Matriz para se desobrigarem desde o principio da Quaresma até o Espirito Santo: e não o fazendo assim, havemos por condemnado a cada um, que for remisso em cumprir com esta obrigação, em cinco tostões por (9) cada vez, os quais applicamos para as obras, e fabrica da Sé; e a sua arrecadação a fará o Padre Vigario, sob pena de pagar de sua casa.”

catolicismo no Setecentos e Oitocentos era bastante difícil de ser efetivado, dada às grandes distâncias a serem percorridas para se encontrar uma Igreja Paroquial ou um oratório particular. Lembrando que as matrizes existentes no seu entorno e mais próximas do povoado de Vassouras eram a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá (criada em 1750), Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes (criada em 1755), a Freguesia de São Pedro e São Paulo de Paraíba do Sul (criada em 1756) e Freguesia de Nossa Senhora da Glória de Valença (criada em 1807).

O povoado de Vassouras era ligado eclesiasticamente à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá, distante quase 14 km. Somente em 1837 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, separando-se da Freguesia anterior.

Vale ressaltar que a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras foi criada em 1830.

O Patrimônio de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

Há duzentos e um anos (1823), o casal formado pelo Guarda-Mór José Teixeira Gomes e sua esposa Ana Maria do Espírito Santo⁸⁷ doou 360 braças de terras⁸⁸ de testada (parte frontal do terreno) na Estrada em direção ao rio das Mortes (atual bairro rural de Barão de Vassouras) para o patrimônio de Nossa Senho-

87 Ver Monteiro (2012) que trata da demarcação das terras em 1818 da Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito. Ver também o processo de Doação de Terras do Casal José Joaquim Extrexe e sua mulher, realizada em 1823. Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Comarca de Vassouras. Sob a salvaguarda do Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Arquivo Público Municipal de Vassouras. E ainda, ver Telles (1968).

88 O termo braça refere-se a 2 metros e vinte centímetros da medida inglesa (Monteiro, 2005; 2007).

ra da Conceição. Esta ação foi confirmada em cartório por José Joaquim Extrexe, sua mulher e outros herdeiros do Guarda-Mór e de uma Permuta de Terrenos, realizada entre o Patrimônio de Nossa Senhora da Conceição com Francisco José Teixeira Leite - posteriormente, Comendador e Barão de Vassouras - e sua mulher realizada em 1830, por escritura pública. Estas trezentas e sessenta braças compunham a então Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito, concedida pela Rainha de Portugal, D. Maria I, aos açorianos Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo.



Tela a óleo do Barão de Ayuruóca
autor desconhecido.



Foto do Barão de Vassouras

Fonte: Acervo da Igreja Matriz de Vassouras.

Por não termos localizado, até a presente data, o registro desta permuta entre Francisco José Teixeira Leite e o Patrimônio de Nossa Senhora, não temos o local original do terreno onde nasceria o então povoado e, posteriormente, Vila e Cidade de Vassouras.

Mas a partir desta troca de terras, o povoado nasce no local que consta sua área central, atualmente conhecida como Centro Histórico de Vassouras, tombada desde 1958 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Telles, 1968).

A partir desta doação de terras, Francisco Rodrigues Alves, considerado o fundador de Vassouras, foi sepultado no átrio da então Capela de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, sendo marcado o local com uma cruz de mármore branco à frente da porta principal do templo.

Por não termos localizado, até a presente data, o registro desta permuta entre Francisco José Teixeira Leite e o Patrimônio de

Nossa Senhora, não temos o local original do terreno onde nasceria o então povoado e, posteriormente, Vila e Cidade de Vassouras.

Mas a partir desta troca de terras, o povoado nasce no local que consta sua área central, atualmente conhecida como Centro Histórico de Vassouras, tombada desde 1958 pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Telles, 1968).

A partir desta doação de terras, Francisco Rodrigues Alves, considerado o fundador de Vassouras, foi sepultado no átrio da então Capela de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, sendo marcado o local com uma cruz de mármore branco à frente da porta principal do templo.



Detalhe do Átrio da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, com a cruz, indicando o local de sepultamento de Francisco Rodrigues Alves, fundador de Vassouras. Foto do acervo do autor.

Em 1836, José Joaquim Extrexe, procurador da INSCV, e os Irmãos Corrêa e Castro completam uma subscrição para a compra de uma custódia no valor de 688\$749 réis, que ficou por enquanto guardada no oratório da casa de Pedro Corrêa e Castro, sendo o recolhido pela subscrição revertido para a compra de alfaia para a Igreja.⁸⁹

89 Livro 1 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

A cruz de prata utilizada nas procissões foi doada pelo casal Francisco Luiz dos Santos Werneck e sua consorte

com dois ceriaes de prata, ofereciam a N. Sra. da Conceição, apenas condicionara que fosse usada apenas para o culto da padroeira, proibindo o seu uso para outros fins religiosos ou para empréstimo. A irmandade agradece as ricas oferendas que seus corações magnânicos e religiosos haviam feito a N. Sra. da Conceição agradecendo-lhes em nome da mesma o zelo religioso que pela mesma tomara.⁹⁰

Em agosto de 1872, a irmandade reunida recebeu as seguintes propostas: o Dr. Siqueira propõe que seja feito um nicho, para decência do culto, para a imagem da Padroeira; e o Juiz Dr. José Maria de Andrade, de ladrilhar-se com mármore o adro da Igreja, e oficiara o Procurador para fazer estas obras para ficarem prontas antes da festa deste ano. Como a compra de um lavabo de mármore para servir no referido dia na sacristia e que o Procurador mandasse fazer a cômoda armário para a guarda de paramentos (Monteiro, 2015).



Armário da Sacristia para paramentos. Foto do acervo do autor.

90 Livro 1 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

O nicho para a imagem de Nossa da Conceição foi doado pelo Barão do Amparo⁹¹ em 1885, sendo que no ano anterior doou uma tela intitulada *O sepultamento de Christo* do pintor Otto Venius, recebendo o agradecimento no primeiro caso, pela Irmandade, e no segundo, publicamente pelo Monsenhor Lino da Silveira Gusmão⁹².



Nicho da Padroeira - Foto gentilmente cedida por Sergio Vieira.

⁹¹ Livro de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

⁹² Livro de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e o Jornal *O Vas-sourense* de 24 de agosto de 1884.



Recorte do Jornal *O Vassourense* de 24 de agosto de 1884 com a notícia da doação de um quadro para a Igreja Matriz de Vassouras.

No corredor da sacristia foi sepultado o Comendador José Corrêa e Castro, pela doação de 40:000\$000 (quarenta contos) de réis da venda de sua fazenda, para o patrimônio da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras para construção do seu cemitério; e também em uma das cláusulas do termo de doação, José Corrêa e Castro disponibilizou, a partir daquela data, a quantia de 800\$000 (oitocentos mil) réis anuais para a realização da festa da Padroeira, tendo em vista que nos anos anteriores, devido a dificuldades, a festa as vezes não era realizada e, quando ocorria, normalmente era em data posterior ao dia 08 de dezembro e de forma precária, não atendendo as disposições do compromisso da Instituição (Bittencourt, 2001; Monteiro, 2015). Em 1956,

a Irmandade, em parceria com a família, reconhecendo sua ação de benemerência descerrou uma placa em mármore próximo ao local de seu sepultamento marcado no mármore (Bittencourt, 2001).



Antes da proibição de sepultamentos no átrio e dentro das igrejas e mosteiros em 1850⁹³, devido à epidemia de febre amarela, os corpos eram enterrados nestes espaços e de acordo com uma hierarquia social terrena, com os mais abastados próximos ao altar, como foi o caso de José Corrêa e Castro, enterrado no “corredor ao lado da mesa do Evangelho”.⁹⁴

Nesta mesma metade do século XIX, coube ao Procurador Geral da Irmandade, o Dr. Joaquim José Teixeira Leite, a organização dos foreiros dos terrenos da instituição. Sua administração foi precisa no sentido de organizar a escrituração dos bens do patrimônio e também do compromisso (estatuto) da Irmandade. Diante de divergências com os foreiros, assumiu do seu próprio bolso a diferença do pagamento por ter dado a sua palavra a cada um dos envolvidos (Monteiro, 2005; 2007).

De acordo com o relatório do Presidente da Província do Rio de Janeiro de 1839, a Igreja Matriz de Vassouras foi a última a

93 Ver João José Reis, no livro “A morte é uma festa” onde o autor apresenta a questão da Cemiterada na Bahia, devido à proibição de sepultamento nas igrejas e mosteiros. Ver também Reis (1997) sobre a morte no Oitocentos.

94 Livro de Óbito de Pessoas Livres da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

receber seu auxílio. No início de novembro de 1838⁹⁵, o Presidente de Província, Paulino de Sousa, esteve em Vassouras e presenciou a construção do templo. No início do mês de março do ano seguinte, enviou uma correspondência, garantindo o auxílio provincial e indicando a possibilidade do aumento de maneira condicionada.

Comuniquei-vos em meu antecedente Relatório, haver-se-me generosamente oferecido o coronel Ambrósio de Sousa Coutinho, para continuar a promover uma subscrição para a conclusão da Igreja Matriz da Vila de Vassouras. Pôs êle por obra tão pio e generoso intento, e em 10 de fevereiro p.p. já montava essa subscrição a 17:561\$000 réis. Encarreguei-lhe a administração das obras, que têm de progredir na forma da planta que foi levantada pelo Chefe da 1ª Seção, e aprovada pela Diretoria de Obras Públicas da Província como respectivo orçamento. Marquei para essas mesmas obras, que tiveram comêço em 10 de outubro do ano findo, a consignação mensal de 400\$000 réis que tenciono elevar a 600\$000 réis, com a qual vai incluída no Orçamento da Província, e que, concluída a Matriz da Vila de Santa Ana do Pirai, poderá ser aumentada (Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro, 1839, p. 32)

O presidente de Província afirma que o “risco” da Igreja Matriz de Vassouras foi realizado pelo coronel Jacob de Niemeyer. De acordo com Silva Telles (1968), através de pesquisa nos relatórios de presidente de Província descobriu que o desenho do edifício da Matriz de Vassouras era de autoria do Coronel Jacob Niemeyer⁹⁶,

95 No momento da visita do Presidente de Província do Rio de Janeiro, Paulino Soares, ocorria a Insurreição de Manoel Congo, quando este presidente estava indo em direção de Pirai para criação desta Vila. (ver Sousa, 1972; Monteiro, 2024).

96 As plantas do povoado de Vassouras de 1829 e da Cidade de Vassouras de 1861 são de autoria de

na época do levantamento da planta, respondia como Chefe da 1ª Seção de Obras da Província.⁹⁷

Neste mesmo relatório, destacava o empenho do coronel Ambrosio de Souza Coutinho a frente das obras da Igreja Matriz

com a consignação mensal de 400\$000 pelos cofres desta Província. A planta deste edifício, dada pelo Sr. coronel Conrado Jacob de Niemeyer, vai sendo fielmente observada. Os seus alicerces foram feitos com solidez não comum; as paredes da Caixa se acham cêrca de 8 palmos acima do ressalto do alicerce; os forros e o cintado são de um lindo e compacto granito, extraído de uma pedreira subterrânea pouco afastada do local da Igreja. A atividade que tem presidido à marcha desta obra tem certamente contribuído para que ela possa hoje apresentar-se com o adiantamento que tem. Êste edifício, será mais um embelezamento desta rica Província. (Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro, 1839, p. 37)

No ano seguinte, as despesas com a obra ultrapassavam 25:922\$130, somando-se 9:483\$840 já cobrados, mais 2.648\$290 de esmolas e promessas, chegavam a 12:132\$130. O Presidente se comprometeu a aumentar o auxílio provincial para 800\$000 (oitocentos mil réis), quantia só alcançada pela Matriz de Niterói, uma vez que a média mensal era de 400\$000 (quatrocentos mil réis). E esta deferência para com Vassouras deve-se ao administrador das Obras da Matriz, o Coronel Ambrosio de Souza Coutinho, que descreve sua atuação “debaixo de uma zelosa administração daquele pio e digno cidadão”, através do relatório apresentado do

Conrado Jacob Niemeyer. (Telles, 1968)

97 Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro, 1839, p. 32.

andamento da obra.⁹⁸

Deve-se destacar que no ano de 1837, houve alguma situação – que não conseguimos descobrir nas fontes consultadas –, pela qual o mesmo Coronel Ambrosio de Souza Coutinho condicionava sua continuação à frente nas obras da Igreja Matriz mediante algumas exigências.

1ª - devera ficar em inteiro vigor o plano oferecido por mim, e aprovado pelo falecido Bispo Capelão Mór; 2ª - Ficarão isentos dos cargos da Irmandade os indigitados no mesmo, durante a obra, exceto se eles quiserem aceitá-los voluntariamente; 3ª - Reverterá a meu poder a relação dos arrendatários que eu havia entregado e da mesma maneira enviarão a nova subscrição e orçamento que se fez da obra; 4ª - Lavrar-se-a uma ata especial na qual fique essa minha deliberação firme e valiosa, para não serem perturbados segunda vez os trabalhos da obra, cuja cópia me será transmitida para meu título. 5ª finalmente - ficará pendente este trato de uma satisfação pública pela sem razão injustiça e ilegalidade com que se portaram as mesas transatas a meu respeito. [Postas as condições, entraram em votação e foram aprovadas] sendo recebida com especial agrado a resposta do mesmo Coronel, deliberando a Mesa que se cumprisse fielmente as condições. Eu Joaquim Antonio de Andrade, escrevão. Assinam também Alexandre Joaquim de Siqueira (Juiz interino), Joaquim Antonio de Andrade, João Luiz de Lima, Jacinto Alves Barbosa, D. Manoel de Assis Mascarenhas, José Lopes de Souza, José Joaquim Botelho, José Joaquim Extrexe, Lautério Roiz, Ambrosio Souza Lima, José de Avellar e Almeida e Laureano Corrêa e Castro.

98 Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro de 1840.

Com a construção de sua primeira capela, o governo provincial passou a corresponder com uma quantia de 1:000\$000 (um conto de réis) mensais, que nos últimos anos passou a metade para a ampliação do templo, autorizado pelo império. Este valor era gerado por loterias para a construção de Igrejas, Matrizes e casas de caridade, que em 1848-1849 foi orçado em 44:400\$000 (quarenta e quatro contos e quatrocentos mil réis) para toda a província fluminense⁹⁹.

O senador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, em seu relatório do biênio de 1848- 1849 como Presidente de Província do Rio de Janeiro, apresentava o andamento da obra da Igreja Matriz de Vassouras.

Já se acha esta matriz bastante adiantada; em seus frontispício apenas faltão as cupulas das torres; o corpo da igreja já tem o arco cruzeiro quase concluído, acha-se assoalhado, e com quatro elegantes altares doados por pessoas do lugar. Esta obra é administrada por uma comissão composta dos Francisco José Teixeira Leite, Pedro Corrêa e Castro e comendador Lauriano Corrêa e Castro. Sua consignação já foi de 1:000\$ por mez; mas hoje acha-se reduzida a 500\$; tendo-se gasto até ao fim fim do anno de 1847 a quantia de 55:028\$538, não contando a despeza feita em 1844.

Fizerão-se durante o anno passado as seguintes obras: 5 empostas, 8 piramides para as torres, 3 cunhaes, 5 dados para as bases das pirâmides, 27 frizos diversos, 12 aduellas, &c., as torres faltando somente as cupulas, e além disso assentou-se toda a

99 Relatório do presidente da provincia do Rio de Janeiro, o senador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, na abertura da 1.a sessão da 7.a legislatura da Assembléa Provincial, no dia 1.o de abril de 1848, acompanhado do orçamento da receita e despeza para o ano financeiro de 1848-1849.

cantaria que se preparou; assoalhou-se todo o corpo da igreja com 90 palmos e 4 polegadas de fundo, e 41 palmos e 5 polegadas de largura. (p. 51).

Sobre esta despesa de 1844, o presidente de província indicou as obras que já haviam sido feitas, quatro anos antes

As paredes dos lados estão levantadas á altura de 47 palmos, prontas a receber a cimalha, e madeiramento; a torre do lado direito está com a metade da segunda, e ultima cimalha; a do lado esquerdo está levantada até a altura dos oculos de cantaria; o frontispicio está com 37 1/2 palmos; estão se construindo as janelas do frontispício, e achão- se serradas quatorze dúzias de pernas para thesouras. Tem uma Comissão Administradora. (Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro, 1844, p. 15).

E concluía suas observações apresentando alterações no projeto e os valores empregados na obra do templo em Vassouras até aquele momento.

Estão-se construindo as janellas conforme a alteração determinada por Portaria de 20 de Setembro de 1843; achão-se 14 dúzias de pernas d'azas ou tesouras serradas.

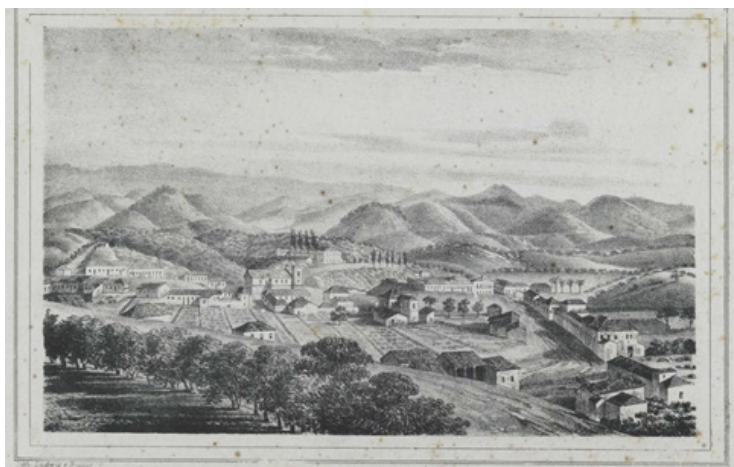
A comissão administradora contratára com Manoel José da Silva, pela quantia de 4:000\$000 a mão de obra sómente; submettendo este contracto á approvação da Presidencia, que me consta o approvára, mediante algumas garantias impostas para o bom desempenho das condições estipuladas, e segurança dos dinheiros publicos. Todo o engradamento para coberta da Igreja, guarda pó, forro, cimalha de forro,

choro com forro e balaustrada, arco figurado e moldado, escadas; a obra deverá ficar pronta em 8 mezes.

Trabalhão agora além do mestre, 14 oficiais, 1 ferreiro, 6 serradores, 4 falquejadores e 3 serventes. A consignação mensal he de 1:000\$000 (um conto de réis); a despeza feita pelo Governo Provincial desde o principio da obra, importa em 33:348\$160. (trinta e três contos, trezentos e quarenta e oito mil, cento e sessenta réis).

A partir da imagem da Vila de Vassouras, entre os anos de 1841-1846, de autoria de Ludwig e Briggs, apresentamos a Igreja Matriz em construção e as suas primeiras habitações. Existe a possibilidade desta visão de Vassouras ter sido desenhada do alto da Estrada da Polícia.

Neste íterim, vale destacar a devoção destes membros de famílias tradicionais e abastadas de Vassouras que doaram, ao longo dos anos, vários objetos para o culto, procissões e também para o templo, como lustres, tochas e os quatro tabernáculos, como indicado no Relatório do Presidente de Província.



Vila de Vassouras (1841-1846) de Ludwig e Briggs.

O ato de doar grandes legados para Irmandades no oitocentos tem duas motivações: a primeira devocional, buscando agradecer ao santo de devoção todas as graças alcançadas na vida terrena, e a segunda, complementando a primeira, de lhe preparar uma boa morte e a vida no além (Reis, 1997).

Este contexto social e religioso, nos faz comparar com o que Bourdieu defende como capital social¹⁰⁰, pois a partir destas doações e legados, os indivíduos e, conseqüentemente, suas famílias, recebem o reconhecimento da população por seu ato de desprendimento e deixam registrado na história local o seu pertencimento a uma instituição, no caso a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Este capital pode se reverter em outros campos como o político, como também pode proporcionar relações de sociabilidade ao agregar mais pessoas a este determinado grupo. Neste último caso, vemos os casos de batismos e casamentos como meio de perpetuar estas relações sociais. No batismo se estabelece o parentesco espiritual (Graham, 1997; Monteiro, 2005; 2007). No casamento fortifica-se as relações sociais, políticas e patrimoniais, principalmente quando estas se referem a membros do mesmo grupo familiar (Monteiro, 2008).

Neste mesmo relatório, o Presidente da Província de 1848-1849 destaca a visita do imperador na vila de Vassouras e outras localidades do seu entorno.

No dia 1º de fevereiro achava-me eu no districto de Cebolas acompanhando a S.M. o Imperador (Que incansavel pela prosperidade do Seu Imperio, e pela felicidade dos brasileiros que Nelle teem não só um Soberano illustrado e prudente, senão também um Pai extremoso, Dignou-se fazer uma outra digressão por esta provincia, visitando os municípios

100 De acordo com Souza (2014, p. 8): “O capital social são os contatos que adquirimos, as pessoas que nós conhecemos e que nos reconhecem como importantes no jogo. Contatos que podem ser revertidos, ou que podem nos ajudar a adquirir outro tipo de capital simbólico.”

da Parahyba do Sul, Valença, Vassouras e Iguassú
(Relatório de Presidente de Província do Rio de
Janeiro, 1848-1849, p. 6).

Neste mesmo mês de fevereiro de 1848, o Imperador Dom Pedro II informara à Câmara Municipal de Vassouras sobre sua visita à Paraíba do Sul, havendo a possibilidade de passar pela Vila de Vassouras. Com a confirmação da presença do Imperador no Vale do Paraíba Fluminense, a Câmara organizou uma comissão para receber Sua Majestade. Neste ínterim, Pedro Corrêa e Castro se colocou à disposição para as despesas às suas expensas. (Telles, 1971; Raposo, 1978)

O imperador se encontrava na Fazenda Santa Mônica de propriedade da Marquesa de Baependy, que o recebeu em sua propriedade no local denominado Desengano (atualmente o Distrito de Barão de Jurapanã, pertencente à Vila de Valença), com a presença da Guarda Nacional de Valença (Telles, 1971).

Partiram em direção à Vassouras, chegando na entrada da residência de Pedro Corrêa e Castro, com mais de duzentos membros da Guarda Nacional de Vassouras e mais de oitenta cidadãos, o imperador foi recebido com fogos de artifícios, repicar de sinos montados para este fim e muitos vivas na manhã do dia 17 de fevereiro e com direito a beija mão de todos que foram cumprimenta-lo. Neste mesmo dia, às duas horas da tarde, os representantes da Câmara foram ao encontro do Imperador Dom Pedro II, na casa de Pedro Corrêa e Castro, seguidos de muitos cidadãos. Seguiram para a Igreja Matriz, com o Imperador debaixo do pátio para participar de um *Te-Deum* na Igreja Matriz de Vassouras, que ainda se encontrava em obras. Foi realizado um discurso “análogo” pelo Pregador Imperial Pe. João Joaquim Ferreira d’Aguiar. Este ato teve a duração de três horas, sendo concluído com o beija mão para os cidadãos presentes e os vereadores (Telles, 1971).

Após passar pela Câmara Municipal e agradecer toda a recepção pela sua visita à Vila de Vassouras, as atividades avançavam a noite onde *“illuminarão-se a Igreja, hum rico arco triumphal,*

o chafariz, os dous castelos, e todas as casas da Villa. S. M. I foi assistir n'essa noute á hum espetáculo, qae lhe foi offerecido por huma companhia equestre” (Telles, 1971).

No dia seguinte, o imperador ao conferir a qualidade da água do chafariz da praça principal e verificar que era inadequado o seu uso, foi visitar o cemitério da Irmandade ainda em construção, conhecendo também uma bica de água que concluiu ser potável. E espontaneamente, ofereceu aos representantes municipais da Vila, a quantia de dois contos de réis para a construção de um novo chafariz no caminho entre a Igreja e o Cemitério (Telles, 1971; Raposo, 1978).

No último dia de sua visita, após o baile ser encerrado à uma hora da madrugada, realizou o último beija mão e assistindo em seguida a missa às 3 horas da manhã partiu para a residência do Marques de são João Marcos em Paraíba do Sul (Telles, 1971)

Em reconhecimento à deferência de Pedro Corrêa e Castro que o recebeu em sua residência, o Imperador lhe concedeu o título de Barão do Tinguá no mesmo ano. Em retribuição ofereceu à Câmara Municipal a quantia de 10:000\$000 (dez contos de réis) para a construção de um hospital de caridade na Vila. Diante desta incumbência, a Câmara declinou e ofertou à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, que condicionou e fez exigências para cumprir esta proposta. A Câmara municipal por sua vez assumiu o encargo, ao não concordar com as exigências impostas pela Irmandade da Conceição. Cabe salientar que o Barão do Tinguá ainda contribuiu com mais cinco contos de réis para completar as despesas para esta pia instituição (Telles, 1971; Raposo, 1978).

Em 1853, o relatório do Presidente de Província do Rio de Janeiro, indicava que as obras do templo estavam previstas para serem concluídas no mês de novembro, com a despesa de 12:000\$000 (doze contos de réis) contratadas por Francisco José Teixeira Leite, barão do Tinguá e Laureano Corrêa e Castro.¹⁰¹ Neste mesmo ano o Hospital Nossa Senhora da Conceição da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras foi inaugurado (Raposo,

101 Relatório de Presidente de província do Rio de Janeiro, 1853.

1978).

Seis anos mais tarde, em 1859, já elevada à categoria de cidade, Vassouras foi fotografada por Victor Frond para a obra *Brazil Pitoresco* de Charles Ribeyrolles, com a litografia realizada pelo artista francês Ciceri.

Ao longo de quase dois séculos, vários legados e doações foram deixados pelas famílias locais em agradecimento. Dentre eles, podemos destacar a doação do primeiro relógio da Igreja Matriz realizada pela esposa do comendador José Joaquim Botelho. Este marcador de tempo pôde ser testemunha de vários acontecimentos ao longo desses anos.¹⁰²



¹⁰² Durante uma eleição realizada em Vassouras no início do século XX e buscando evitar uma tragédia, o relógio da Igreja Matriz de Vassouras foi adiantado para que não houvesse um embate entre grupos divergentes e encerrando o horário de votação com uma hora de antecedência. Para mais detalhes ver Magalhães (2004).



Detalhe da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.



Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras em 1905.

Foto de Elísio Passos – Hemeroteca Digital Brasileira.

Religiosidades e a Festa da Padroeira

As práticas sacramentais neste período do século XIX, determinava que os batizados deveriam ser realizados dentro de oito dias após o nascimento da criança, (Del Priore, 1994). Um dos motivos estava na alta mortalidade infantil deste período e a preocupação da alma não ir para o céu devido à ausência deste sacramento de iniciação à vida cristã. Neste sacramento, as famílias desenvolviam as redes de sociabilidades e, a partir dele, outro sacramento que poderia seguir referia-se ao matrimônio, principalmente os consanguíneos. Os casamentos entre parentes buscavam acima de tudo resguardar o patrimônio financeiro e político das famílias abastadas e dependiam da autorização episcopal para sua realização (Schwartz, 1988; Graham, 1997; Sant’Anna, 2001; Monteiro, 2005; 2007; 2008b; 2011).

Ao participar das confrarias e irmandades, os indivíduos despertavam um sentimento de pertencimento a um determinado grupo, agregando ao participante uma ligação mais próxima com o seu santo de devoção e a possibilidade de receber benesses terrenas e no *post mortem*. Para alcançar estes “privilégios terrenos e celestiais” dedicavam uma parte do seu tempo e de seu patrimônio financeiro para obras de caridade, aquisição de bens para o patrimônio religioso como paramentos, alfaia e objetos litúrgicos para o culto e as procissões públicas, como Semana Santa, *Corpus Christi* e da Padroeira (Reis, 1997; Vasconcellos et al., 2023).



Vassouras, 1905 – Elísio Passos - Hemeroteca Digital Brasileira.

Pela imagem presente na procissão de Nossa Senhora das Dores pode-se levantar a hipótese de uma atividade da Semana Santa ou a procissão no dia de Nossa Senhora da Piedade. Pode-se ver também que havia uma tradição de se entrar no cemitério com o andor desta devoção popular ainda nos anos iniciais do século XX, tradição que se perdeu no tempo e atualmente não é realizada e, possivelmente, desconhecida dos atuais fiéis.¹⁰³

103 Cabe destacar que o trajeto realizado pelas procissões percorria as ruas principais da cidade, saindo da Igreja Matriz pela Rua Barão do Tinguá, Rua Ana Jesuína, Rua das Flores (atuais Ruas Visconde de Cananéia e Dr. Fernandes), Rua Barão de Vassouras, Rua Bonita (atual Caetano Furquim), Praça Cristovão Corrêa e Castro, Rua Barão de Massambará e retorno ao templo pela Rua Barão do Tinguá. Ocorre que na atualidade, o trajeto é realizado ao contrário, para se evitar subir ladeiras, logo em sentido anti-horário. O andor original de Nossa Senhora das Dores não é mais utilizado na Semana Santa, para sua preservação. Foi substituída por uma imagem de resina. O



Imagem de Nossa Senhora das Dores em roca¹⁰⁴.

Foto gentilmente cedida por Sérgio Vieira.

Durante a doação das imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores¹⁰⁵, houve uma reação do pároco da época em

mesmo trajeto das procissões era realizado pela justiça do império brasileiro em Vassouras, no século XIX para levar os condenados à morte por força no largo da pedreira, conforme descrito por Raposo (1978).

104 As imagens do Oitocentos ainda eram feitas de roca, de madeira articulável (como o boneco Pinóquio), com detalhes trabalhados no rosto, mãos e pés.

105 A imagem de Nossa Senhora das Dores remete ao capítulo 2 do Evangelho de Lucas, versículos de 25 a 35. Detalhe aos versículos 34 e 35 deste capítulo: *“Simeão abençoou-os e disse a Maria,*

relação a estes objetos litúrgicos, pois foi uma doação popular e houve mesmo uma tentativa de inseri-los dentro do templo, o que ocasionou mais uma decisão, de fazer-lhes um local apropriado para sua colocação, como atualmente se encontram na Sacristia em um armário com detalhes dourados e envidraçado.¹⁰⁶

Foi responsável pela proposta de um local adequado o Dr. Francisco de Assis e Almeida.

O mesário e irmão Dr. Assis propõe à Irmandade: “que era muito justo e conveniente que esta Irmandade procure obter retratos dos cinco antigos e primeiros benfeitores e fundadores desta Igreja de seu Patrimônio e do Cemitério, a saber: O Coronel Ambrosio de Souza Coutinho, Comendador José Corrêa e Castro, Barão de Vassouras, Barão do Campo Bello e Barão do Tinguá e que para esse fim, a Mesa por um ser encarregado, se dirija aos herdeiros desses cidadãos pedindo-lhes cópia dos retratos de seus Pais que eles possuísem para os colocar no seu consistório.” unanimemente aprovada a proposta. O mesmo “lembrando o Reverendíssimo Monsenhor Pároco e Juiz que é muito necessário fazer-se um altar decente, ainda que provisório, para a colocação das Veneráveis Imagens do Senhor dos Passos e da Senhora das Dores, pelos quais o povo desta terra tem muita devoção, por isso que, as mesmas Imagens foram retiradas do Corpo da Igreja onde estavam

sua mãe: *Eis que este menino está destinado a ser uma causa de queda e soerguimento para muitos homens em Israel, e a ser um sinal que provocará contradições; a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações. E uma espada transpassará a tua alma.*” (ver Bíblia de Jerusalém, 2002 - Lucas 2, 25-35).

106 Sobre outras situações do cotidiano, envolvendo estas imagens, a capela de Nosso Senhor dos Passos, o seu administrador e o Pe. Manoel José dos Reis, no século XIX - ver Monteiro (2005; 2007).

bem e acham-se na Sacristia, a vista disso ele irmão propõe: que aprovada esta idéia, fiquem encarregados o irmão Juiz e o tesoureiro de examinarem o lugar próprio que se deve fazer o altar, de que há de ele ser feito, como, e apresentar um orçamento para afinal a mesa resolver.” Solicita ainda a cobrança dos anuais para a festa da Padroeira.¹⁰⁷



Imagem de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores no armário confeccionado no século XIX para a guarda destes objetos litúrgicos.

Foto do acervo do autor.

107 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Infelizmente, até a presente data, a proposta dos quadros dos fundadores não foi efetivada. Ocorre que o mesmo Dr. Assis naquela época revelou que as famílias de Ambrosio de Souza Coutinho e de José Corrêa e Castro informaram que não possuíam seus retratos.

As festas da padroeira eram realizadas com certa regularidade no dia 08 de dezembro de cada ano; no entanto, apesar da doação condicionada do benemérito Comendador José Corrêa e Castro, nem sempre aconteciam neste dia e mês. A irmandade sempre recomendava o compromisso da instituição e as práticas realizadas durante os anos, que compreendia novenário com música (orquestra e vozes), missa cantada e sermão, no Evangelho, e à tarde procissão, seguida do *Te-Deum Laudamus*, sermão. A parte externa contava também com fogos de artifício, leilão de prendas e donativos.¹⁰⁸

Em algumas oportunidades, os membros dirigentes da irmandade optaram pela troca de doações para complementar obras da Igreja Matriz, como também o cancelamento da realização da festa da padroeira, quer pela falta de recursos financeiros, devido às obras ainda em andamento, quer por questões climáticas.¹⁰⁹

Todo esse aparato buscava garantir um “bem morrer”. As irmandades e confrarias, por sua vez, se prontificavam a participar dos atos durante o falecimento de um confrade ou de seu familiar, reforçadas pelas últimas vontades registradas no testamento, a rezar pela alma do testador ou legatário em gratidão pela sua atuação e devoção, como também pelos legados deixados.

108 Livros 1 e 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

109 Livros 1 e 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.



Gertrudes Sobroza da Fonseca e seus filhos agradecem a todas as pessoas que acompanharam os restos mortaes de seu presado esposo e pai major José Faustino da Fonseca Silva, e pedem-lhes o caridoso obsequio de assistir á missa de **setimo dia** que por alma do mesmo finado será resada ás 9 horas, na matriz desta cidade, segunda feira 19 do corrente.



A redacção do *Vassourense* manda rezar uma missa por alma do seu sempre lembrado companheiro José Faustino da Fonseca Silva, segunda feira 19 do corrente, ás 8 1/2 horas, na matriz desta cidade.

Agradecimento

O Dr. Manoel Simões de Souza Pinto e seus filhos, e os Drs. Rodolfo Leite Ribeiro, Alberto Leite Ribeiro e Pedro de Alcantara Leite Ribeiro agradecem de tolo o coração ás pessoas que acompanharam até o tumulto os restos mortaes de sua adorada esposa, mãe e irmã, e que comparecerão á missa de **setimo dia**, que por sua alma foi hontem resada na matriz desta cidade. Confissão-se a todos eterna e profundamente gratos, a todos que de algum modo quinhoarão-se na dôr que os acabrunha e enlucta.



LEANDRO DE SOUZA FREITAS

Os seus filhos, filhas, irmãos, genros e netos agradecem profundamente á todas as pessoas de sua amizade e do finado, as provas de sentimento que hão se dignado testemunhar-lhes, e de novo as convidão para assistirem a missa do **trigesimo dia** que se ha de celebrar 2ª feira, 25 de corrente, ás 9 horas, na matriz desta cidade, derradeiro favor ao mesmo finado.

Por mais este acto de religião serão eternamente gratos.

Typ. do —VASSOURENSE— Rua do Barão de Vassourinha n. 81

Obituários do Jornal O Vassourense – 1883

Pela imprensa ficaram os registros dos obituários com os convites para as missas de 7º e 30º dias e os respectivos agradecimentos pela presença no ato religioso. Percebemos nestes anúncios os laços de sociabilidades realizados pelo morto ao longo de sua vida terrena (Del Priore, 1994; Reis, 1997; Silva, 2023; Vasconcellos et al., 2023).

O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

O cemitério da Irmandade, por ocasião de sua inauguração no século XIX, dispunha de um terreno na área central da vila. Nele foram sepultados seus primeiros moradores, após a proibição da prática de enterramentos em igrejas e mosteiros.

O cemitério possuía duas alas: a primeira dedicada às famílias mais abastadas e dividida em duas quadras pelo acesso principal; a segunda, atrás da capela, dedicada aos pobres e escravizados, fica em um terreno abaixo do nível do primeiro patamar (Borges; Reis, 2015).

No entanto, apesar de proibir negar sepultura a qualquer cadáver, conforme estipulado no seu compromisso, a Igreja Católica local, em 1859, negou ao judeu Benjamim Benatar, um local para seu enterro, dentro das determinações das Constituições Primeiras para o Arcebispo da Bahia (1853/2007). Tanto a irmandade proprietária do cemitério e da igreja, quanto a Santa Casa, tinha entre seus membros, os compadres de Benatar, que após autorização, conseguiram o seu sepultamento no jardim desta última instituição. Em 1878 diante de uma situação parecida, o Judeu Miguel Levy também foi recebido neste mesmo jardim (Raposo, 1978; Rocha, 2002; Grinberg, 2005; Monteiro, 2005; 2007, 2020a; 2020b).

Destaque para os mausolés do Barão do Itambé e do Barão do Campo Bello, o primeiro em mármore carrara, onde estão depositados os restos mortais da benemerita de Vassouras, D. Eufrásia Teixeira Leite (Rangel, 2001; Falci; Mello, 2012). As sepulturas do Barão do Tinguá e do Barão de Vassouras são menos imponentes que as primeiras citadas, apesar do mármore italiano ser preponderante nesta primeira ala.

Ao lado da capela do cemitério está sepultado o corpo do Monsenhor Antonio Rodrigues de Paiva e Rio, em cuja sepultura anualmente, no período de finados, surge uma flor, popularmente conhecida como flor de carne (Pinto, 1935; Braga, 1975; Raposo, 1978; Machado, 2006; Machado; Monteiro, 2008; 2009; Souza;

Silva, 2022). A este sacerdote são vinculadas várias graças e milagres alcançados, conforme pode ser visto pelas placas depositadas no entorno do seu túmulo. Como também pelo número de visitantes e turistas.

Durante a epidemia de febre amarela na transição entre as décadas de 1870 e 1880, o cemitério foi interditado pela saúde pública local, sendo aberto excepcionalmente, para o sepultamento do Barão de Vassouras e novamente interditado. Esta interdição só se encerrou nos primeiros anos do século XX (Silva; Monteiro, 2016; Monteiro, 2022).

Entre 2022-2023, a Família Orleans e Bragança restaurou o mausoléu que recebeu as pinturas de duas artistas da própria família, aonde estão depositados os restos mortais de D. Pedro de Alcântara, bisneto da Princesa Isabel, que morou em Vassouras a partir da década de 1960 até sua morte em 1981. Estão lá também os restos mortais da sua esposa D. Maria da Baviera e de seu neto, falecido em acidente de avião, num voo entre Brasil e França.

Este espaço pode ser considerado um museu a céu aberto e merece um trabalho específico sobre sua arquitetura, arte e personalidades que construíram ou contribuíram para o desenvolvimento da cidade de Vassouras.

A arte na Igreja Matriz

De acordo com o artista plástico Sérgio Lima (2002; 2004)¹¹⁰ e o arquiteto Everaldo do Amaral Magalhães (2015) o período de construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras assinala o período do estilo e estética do Neoclássico no império brasileiro.¹¹¹ Este “novo clássico” se inspira nas obras

¹¹⁰ Publicado em “O Semeador em Revista”, ano II, Nº 04, 2002, Pág. 11 e republicado em “O Semeador em Revista”, ano IV, Nº 07, 2004, p. 50-51. Mais detalhes sobre a parte arquitetônica e artística da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, disponível online em: <https://igrejansc.org/parouquia/>

¹¹¹ Ver Gonbrich, E. H. **História da Arte**. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

clássicas gregas e, a partir da simetria de seu estilo, apresenta no Oitocentos vários exemplares desta inspiração artística em todo o Vale do Paraíba Fluminense e pelo restante do país. O arquiteto Everaldo do Amaral Magalhães (2015)¹¹², destaca que em sua fachada principal, o frontal triangular, tendo a cruz como marca do seu eixo vertical. Abaixo do frontal, consta dois óculos (elementos circulares) para levar iluminação e ventilação ao templo.

Lima (2002, 2004) e Magalhães (2015) destacam que o conjunto do relógio e os dois óculos completam um novo triângulo na Igreja, abaixo da cornija. No sentido horizontal a fachada é dividida por cimalkas de cantaria, como uma moldura (Magalhães, 2015). As torres são arrematadas por galos nas suas terminações bulbosas (Magalhães, 2015). Estes galos¹¹³ não estão apenas como objeto de decoração, mas são marcadores da direção do vento.

Adentrando no templo, por três portas, sendo a principal em arco romano, com sua pedra angular¹¹⁴ em destaque. O reduzido espaço entre as portas e o paravento, denomina-se nartex (Lima, 2002; 2004).

Composta de uma nave única, Lima (2002; 2004, [s./p.]) que foi

Concebida, arquitetonicamente, segundo o princípio adotado na sua origem, pelas igrejas tipo salão, também conhecidas, muitos séculos antes, como

112 Folder sobre a História, Arte e Arquitetura da Igreja Matriz de Vassouras, impresso em 2015 pela Gráfica Palmeiras de Vassouras.

113 A inserção de galos nas Igrejas Católicas remete a duas passagens bíblicas: o vigia que espera a chegada da aurora, com a vinda do Messias no Antigo Testamento (Salmo 129) e no Novo Testamento, a negação de Cristo pelo apóstolo Pedro por três vezes (ver Bíblia de Jerusalém, 2002 - Mateus 26, 69-75; Marcos 14, 66-72; Lucas 22, 55-62; João 18, 15-18, 25-27).

114 Na simbologia cristã, a pedra angular refere-se a Jesus Cristo. De acordo com o Dicionário de Símbolos (Chevalier; Gheerbrant, 2020), é a pedra da cumeeira, isto é, a chave da abóbada. É a pedra da finalização, do coroamento, e o símbolo de Cristo, descido do Céu para cumprir a Lei e os Profetas.”

de gênero “halle-kirche”, na Baviera. Origem, também, das torres de terminação bulbosa, que vemos na Matriz.

Nessa nave encontra-se os quatro tabernáculos doados por beneméritos da cidade no período imperial. Existe a possibilidade de os dois tabernáculos do lado esquerdo serem das Irmandades de Nossa Senhora da Boa Morte e o segundo da Irmandade do Santíssimo Sacramento, respectivamente. Ocorre que o primeiro contém uma pequena imagem de Nossa Senhora da Dormição (ou Boa Morte)¹¹⁵, no alto deste tabernáculo encontra-se a imagem de Sant’Anna, doada pelo Frigorífico que adquiriu a fazenda do Secretário no início do século XX para a Igreja Matriz de Vassouras¹¹⁶. O segundo tabernáculo possui um sacrário. Deve-se destacar que próximo ao altar mór, do lado direito, tem outro tabernáculo (interno na parede da igreja) que foi dedicado ao Espírito Santo; nele continha a coroa e o cetro¹¹⁷. Atualmente, está a imagem da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

115 De acordo com a planta do município de Vassouras de 1861, a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte funcionava em local próximo ao Museu Casa da Hera. (Telles, 1968).

116 De acordo com o inventário da Fazenda do Secretário (p. 307), localizada em Vassouras: a antiga padroeira da capela, Santana Mestra, foi doada para a matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. A bela imagem em madeira policromada encontra-se exposta no primeiro altar, à esquerda, da nave principal da igreja. Disponível em: http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2009/11/17_secretario.pdf. Acesso em: 05 maio 2024.

117 O Cetro e a Coroa do Espírito Santo estão expostos na Sala de Arte Sacra.



Foto gentilmente cedida por Sérgio Vieira

Entre os anos de 1856 e 1859, a Igreja Matriz recebeu o douramento, adquirindo em 1857 seis milheiros de ouro, sendo comprados mais 12 milheiros em 1858. O trabalho foi iniciado pelo Dourador Paulo¹¹⁸ entre 1856 e 1857 com o pagamento em sete parcelas totalizando 1:000\$000 (um conto de réis), com a compra de ouro português, e a partir de 1859, o pintor catalão José Maria

118 Não consta no livro a indicação do sobrenome deste prestador de serviço.

Villaronga¹¹⁹ realizou a inclusão deste material em 14 colunas conforme o livro de conta corrente da Irmandade. O trabalho foi realizado por 1:400\$000 (um conto e quatrocentos mil réis). Neste mesmo ano, Villaronga recebeu mais 250\$000 (duzentos e cinquenta mil réis) para pintura da Igreja. Entre estes dois douradores esteve Gustavo Joly, que ficou responsável pela pintura de portas e colunas e recebeu a quantia de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis) e mais 350\$000 (trezentos e cinquenta mil réis) para douramento dos capitéis da Igreja. Foram adquiridos ainda, neste mesmo período, dois pranchões de madeira para o arco do cruzeiro no valor de 35\$000 (trinta e cinco mil réis).

Tanto os tabernáculos, quanto o altar mór e próximo à cornija da nave, possuem características do neoclássico, como também resquícios do barroco e renascimento, conforme Lima (2002; 2004). Entre os detalhes que encontramos, os lírios significam

Na tradição bíblica, o lírio é o símbolo da eleição, da escolha do ser amado: “Como o lírio entre os cardos, / assim minha bem-amada entre as jovens mulheres” (Cântico dos Cânticos, 1, 2).

Esse foi o privilégio de Israel entre as nações, da Virgem Maria entre as mulheres de Israel. O lírio simboliza também o abandono à vontade de Deus, isto é, à Providência, que cuida das necessidades de seus eleitos.

“Observai os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam” (Mateus, 6, 28). Assim

119 Sobre Villaronga ver o livro *Resgate: Uma janela para o Oitocentos* de Eduardo Schnnor e Hebe Mattos; o pintor tinha uma residência em Vassouras na área central. Seus trabalhos estão em paredes de diversas fazendas, igrejas no Vale do Paraíba Fluminense e de Bananal, como o caso citado da Fazenda Resgate. Ver também o Inventário das Fazendas do Vale do Café do Instituto Cidade Viva. Como também a tese de doutoramento de Ana Claudia Torem, intitulada *José Maria de Villaronga y Planella: o pintor-decorador da Segunda Escravidão. Vale do Paraíba – Século XIX*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2024.

abandonado entre as mãos de Deus, o lírio está, entretanto, mais bem-vestido que Salomão em toda a sua glória. Ele simbolizaria o abandono místico à graça de Deus (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 623).

O triângulo no topo do tabernáculo simboliza “Deus, na tradição judaica simboliza Deus, cujo nome não pode ser pronunciado” (Chevalier; Gheerbrant, 2020, p. 987). As folhas de acanto¹²⁰ nos relevos da nave, constantes nas colunas de estilo coríntio e na frente do altar-mor¹²¹, em uma de suas definições remetem à própria virgindade, no caso Maria de Nazaré, que concebeu por obra do Espírito Santo. No púlpito, localizamos o monograma Mariano com uma lua na sua base.¹²²

120 De acordo com Chevalier; Gheerbrant (2020, p. 54-55), o simbolismo das folhas de acanto, muito usada nas decorações antigas e medievais, deriva, essencialmente, dos espinhos desta planta. Conta certa lenda, narrada por Vitruvius, que o escultor Calímaco, no final do séc. V a.C., ao ornamentar um dos capitéis do túmulo de uma menina, teria se inspirado num ramalhete de folhas de acanto. Retém-se dessa lenda o fato de que, pelo menos originalmente e sobretudo na arquitetura funerária, o acanto era usado para indicar que as provações da vida e da morte, simbolizadas pelos espinhos da planta, haviam sido vencidas. O acanto ornamentava os capitéis coríntios, os carros fúnebres e as vestimentas dos grandes homens, porque os arquitetos, os defuntos e os heróis haviam sido homens que souberam vencer as dificuldades de suas tarefas. Como de tudo o que possui espinhos, fez-se igualmente do acanto o símbolo da terra virgem e da própria virgindade, que também significam outra espécie de triunfo. Aquele que estiver ornado por essa folha venceu a maldição bíblica: “O solo produzirá para ti espinhos e cardos” (Gênesis, 3, 18), no sentido de que a provação vencida se transformou em glória.

121 As colunas de estilo coríntio são a terceira geração de colunas gregas. Sendo a primeira geração a de estilo dórico e a segunda geração de estilo jônico. O Coliseu romano possui todas estas três gerações em sua arquitetura. (Gonbrich, 1993)

122 No livro do Apocalipse, capítulo 12, no seu primeiro versículo: “*Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher revestida do sol, a lua debaixo dos seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas*”. (Bíblia de Jerusalém).



Detalhe do púlpito e do monograma mariano com a lua na base.

Foto do acervo do autor.



Detalhe das colunas de estilo coríntio no altar-mor.

Fotos gentilmente cedidas por Sérgio Vieira



Detalhe das folhas de acanto nas laterais da nave.

Fotos gentilmente cedidas por Sérgio Vieira.



Detalhe do topo do tabernáculo com o triângulo dentro de um resplendor.

Foto gentilmente cedida por Sérgio Vieira.

O altar-mór é uma obra a parte. Além do nicho da padroeira e sua imagem, conta com um painel com anjos, pintado na década de 1930 pelo pintor José Hallais Oliveira. Consta que esta obra foi oferecida à Irmandade e estimavam sua avaliação em

10:000\$000 (dez contos de réis)¹²³; um dos anjos na tela se refere a uma das filhas do artista, que foi membro da Irmandade e está sepultado no Cemitério da instituição (Braga, 2007).



Foto gentilmente cedida por Sérgio Vieira

A Sala de Arte Sacra, o Centro de Memória e o Corredor Cultural

Após a organização das peças de arte sacra em uma exposição em 1978 pelo I Seminário de História do Vale do Paraíba fluminense, foi criada em 2014 uma comissão para organizar a sala de arte sacra no antigo consistório, além da restauração de todas as imagens do seu acervo, coordenando este trabalho, a Professora e Pedagoga Andréia do Amaral Jordão, com uma equipe de voluntários da paróquia.

Dois anos mais tarde, foi criado o Centro de Memória da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Paró-

123 Livro 3 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

quia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras ‘Dr. Joaquim José Teixeira Leite’, por sugestão do Historiador Angelo Ferreira Monteiro ao Pároco Pe. José Antonio da Silva (Silva; Monteiro, 2016; 2021). Concomitantemente, foi criado, por este Pároco, o corredor cultural em direção à Sacristia para divulgar a história de personalidades que contribuíram para a construção e manutenção desta igreja, com textos de escritores do município.

Vale destacar que desde o início do século XXI, a Igreja passou também a ser utilizada, anualmente no mês de julho, para apresentações musicais durante as edições do Festival Vale do Café. E foi neste templo religioso que o Programa Integração pela Música iniciou suas atividades no dia 08 de dezembro de 2000.

Considerações Finais

Ao longo de seus quase 200 anos de existência, este histórico templo religioso marca sua presença no topo da Praça Barão do Campo Belo, como um registro do passado e sendo utilizado também para atividades culturais e de turismo.

Podemos verificar ao longo do que foi exposto que vários personagens da cidade de Vassouras dedicaram boa parte de suas vidas para a concretização da construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e o seu cemitério, ambos de propriedade da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Nos exemplos apresentados verificamos as redes sociais desenvolvidas pelos laços de sociabilidade, quer seja por batismo, quer seja por casamento ou mesmo por um bem doado ou legado à esta instituição religiosa leiga do Oitocentos. Estas ações provocaram um ganho de capital social para seus membros e admiradores, que o utilizavam para ganhar outro capital, o político. Estes mecanismos sociais garantiam ainda a inserção de forasteiros na cidade, através de integração ao grupo, doações e legados. Estes atos beneméritos ao serem reconhecidos pela Instituição donatária transformava estes indivíduos em estabelecidos no local.

Assim, as práticas de piedade e devoção no Oitocentos ultrapassavam o campo religioso, pois buscava-se ganhar reconhecimento na vida terrena, como também garantir tesouros na vida eterna, uma vez que a experiência com o transcendente se tornou possível, mediante a aplicação

da arte sacra e da estética arquitetônica, tanto no templo, quanto no cemitério, para atender à esta questão.

Os atuais administradores, por sua vez, buscam reconhecer este legado recebido através da manutenção destes espaços, como também a criação de novos espaços para garantir a permanência desta memória, para desenvolver o sentido de pertencimento nos fiéis e demais membros na atualidade.

Agradecimentos:

Agradeço à Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), dado que ao longo de mais de 12 anos temos sido contemplados com Bolsas de Pré-Iniciação Científica no Programa Jovens Talentos para a Ciência da FAPERJ/CECIERJ: Bruno Lopes Pereira; Déborah Pinheiro Amarante; Grazielle Ferreira da Silva de Almeida; Davy Braga do Amaral Silva; Jéssica de Matos Casanova; Eduardo Guimarães da Silva; Italo Aguiar Laje; Stefani de Oliveira da Silva; Felipe Lopes Abrantes da Silva; Sarah Emanuelle da Silva Vasconcelos; João Pedro Paixão Rosado da Silva; Renan Assis Gomes Moreira; Paola de Macêdo Silva Leal.

Agradeço à Univassouras pela Bolsa de Pesquisa da Fundação Educacional Severino Sombra – FUSVE, desde 2023.

Agradeço ao Pe. José Antonio da Silva pelo incentivo, oportunidades e confiança em nossa atuação voluntária para o engrandecimento da Paróquia e Irmandade dedicados à Nossa Senhora da Conceição, na cidade de Vassouras, através do Centro de Memória, no Corredor Cultural e na Irmandade, inclusive através da nossa sugestão para criação da logomarca desta instituição, com o uso

do monograma mariano, constante no arco do cruzeiro da Igreja Matriz desta padroeira, para aplicação bordada nas opas dos membros e a inclusão nos documentos expedidos pela mesma.

Agradeço a gentileza do Fotógrafo Sérgio Vieira pela cessão de imagens de sua autoria para mais esta publicação.

Agradeço ao Prof. Esp. Carlos Frederico Marques da Silva, orientando na Graduação e na Iniciação Científica voluntária do Curso de História da Universidade Severino Sombra e, posteriormente, na modalidade Técnico-Científica voluntária para egressos, com a organização da segunda parte do Acervo do Centro de Memória da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite em 2016.

Fontes Primárias

Centro de Memória da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”.

Livros 1 e 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

Arquivo Público Municipal/ Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Acervo Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Acervo do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJERJ). Comarca de Vassouras, sob a salvaguarda do Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Arquivo Público Municipal de Vassouras (APV)

Doação (de terras) – 1823 - José Joaquim Extrexe e sua mulher. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Comarca de Vassouras.

Referências

ABDULMALEK, Amal; MONTEIRO, Angelo Ferreira . “E pus os Santos Óleos a(o) Inocente...”: As Redes de Sociabilidade nos Assentos de Batismo de Ingênuos na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (1871-1873). *In*: Luis Filipe Bantim de Assumpção; Angelo Ferreira Monteiro; Bruno Brandão Augusto. (Org.). **Para além do Vale do Café: Ensaio em História, Patrimônio Cultural e Educação.** Vassouras: Universidade de Vassouras, 2022. v. 1, p. 15-45.

AMARANTE, Déborah. Pinheiro; PEREIRA, Bruno Lopes; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Folder comemorativo sobre **A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e o Legado de José Corrêa e Castro.** 2018.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.

BITTENCOURT, F. M. **Vassouras, um pouco de sua história**. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2001.

BORGES, Magno Fonseca; REIS, Thiago de Souza dos Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, enquanto, também, de escravos. **Revista Transdisciplinar Logos e Veritas**, v. 02, p. 23-30, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

BRAGA, Greenhalgh. H. F. **Vassouras de ontem**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

BRAGA, Gustavo Lisboa. **Vassouras Vivências (1936-2007)**. Vassouras: Editor Autor, 2007.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brazil, de 25 de março de 1824**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 05 maio 2024.

CHAHON, Sergio. **Os convidados para a Ceia do Senhor: as missas e a vivência leiga do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro (1750-1820)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CHAHON, Sergio. **Os convidados para a ceia do Senhor: As Missas e a Vivência Leiga do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro (1750-1820)**. São Paulo: Universidade de São Paulo (EDUSP), 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 34. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

COSTA, Mozart Alberto Bonazzi da. **O retábulo como marco da passagem do fiel vitorioso**. 2020.

DELPRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FALCI, Miridan Britto Knox; MELLO, Hildete Pereira. **A sinhazinha emancipada: Eufrásia Teixeira Leite (1850-1930) – A paixão e os negócios na vida de uma ousada mulher do século XIX**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2012.

GONBRICH, E. H. **História da Arte**. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e Política no Brasil do Século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GRINBERG, Keila. Onde enterrar Benjamin Benatar? Rio de Janeiro. **Revista Insight Inteligência**. n. 31, Out./Dez., 2005.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

LIMA, Sérgio. Arte da Igreja Matriz. **Semeador em Revista**. Ano II, n. 4, 2002, p. 11.

LIMA, Sérgio. Arte da Igreja Matriz. **Semeador em Revista**. Ano IV, n. 7, 2004, p. 50-51.

MACHADO, Lielza L.; MONTEIRO, Angelo F. **Monsenhor Rios**. O Semeador em Revista, Vassouras, p. 16 - 17, 01 fev., 2009.

MACHADO, Lielza Lemos. **Vassouras - Recanto Histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2006.

MACHADO, Lielza Lemos; MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - 188 anos de história**. 2016. Folder comemorativo.

MACHADO, Lielza Lemos; MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Monsenhor Rios**. 2008. Folder comemorativo.

MAGALHÃES, Everaldo do Amaral. **A Arquitetura da Igreja Matriz**. 2015. Disponível em: <https://igrejansc.org/paroquia/>. Acesso: 05 maio 2024.

MAGALHÃES, Maria Regina do Amaral. **Thiago Costa** – Um ilustre na História de Vassouras. Vassouras: Editor Autor, 2004.

MATTOSO, Kátia. **Bahia Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MELO, Mauricio Ferreira; MAGALHAES, Everaldo. Amaral.;MACHADO, Lielza Lemos; MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - 180 anos de História**. 2008. Folder comemorativo.

MONTEIRO, Angelo F. Família e Religiosidade- A importância da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no século XIX. *In: Anais do IV Simpósio de Pesquisa*. 2015, Vassouras: Editora USS, 2015. v. Único. p. 37-37.

MONTEIRO, Angelo F. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras - 180 Anos de História. **O Semeador em Revista**. Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, Vassouras, 2008a.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. 185 anos da insurreição liderada por Manuel Congo e Mariana Crioula. **Revista Raça Brasil**, São Paulo, 06 mar. 2024.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. A imprensa oitocentista em Vassouras - RJ e a morte de Benjamin Benatar. *In: SILVA, Antonio Carlos da; SILVA, Luís Antônio Ferreira da; SILVA, Tamires Ferreira Ramos da. (Org.). História da Imprensa: Cotidiano, Poder e Circulação de Ideias no Vale do Paraíba*. Valença: Interagir, 2020. p. 147-172.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. A morte de Benjamin Benatar e Miguel Levy em Vassouras-RJ no século XIX. **Revista Mosaico**, Vassouras, RJ, v. 11, n. 1, p. 25-38, jan./jun., 2020.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. As Epidemias de Cólera e Febre Amarela em Vassouras-RJ no Oitocentos. *In: Luis Filipe Bantim de Assumpção; Angelo Ferreira Monteiro; Bruno Brandão Augusto. (Org.). Para além do Vale do Café: Ensaio em História, Patrimônio Cultural e Educação*. Vassouras: Universidade de Vassouras, 2022. v. 1, p. 60-88.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Guia de obras publicadas sobre o Vale do Paraíba Fluminense: o Vale do Café**. Vassouras: Universidade de Vassouras, 2020.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **O Caso Benatar - Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX**. Dissertação de Mestrado. Programa de Mestrado em História. Universidade Severino Sombra – USS, 2005.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Os casamentos entre consanguíneos em Vassouras no século XIX. **Informativo IHGV (Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras)**, Vassouras, p. 9 - 11, 01 maio 2011.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Política e Cultura: A sociabilidade em Vassouras no século XIX. *In*: FERNANDES, Neusa Fernandes; COELHO, Olinio Gomes P. (Org.). **História e Geografia Fluminense**. Rio de Janeiro: CREA-RJ, 2008b. v. Único, p. 385-400.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar**. Vassouras: Editor Autor, 2007.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras. Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 3, p. 29-46, 2012.

MOTTA, Márcia. **Nas fronteiras do poder**. Conflito e direito à terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.

PEREIRA, Bruno. Lopes; AMARANTE, Déborah. Pinheiro; MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Comendador Francisco José Teixeira Leite - Barão de Vassouras**. 2018. Folder comemorativo.

PINTO, Jorge. **Fastos Vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

RANGEL, Lília Maria Gilson de Oliveira; CIRIBELLI, Marilda Corrêa (Orient.). **Eufrásia Teixeira Leite: entre a fantasia e a realidade**. Vassouras, RJ, 2001. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, 2001.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói, SEEC-RJ, 1978.

REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. (Org.). **História da Vida Privada no Brasil** - Império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 2.

ROCHA, Isabel. **Benjamin Benatar** – Um pouco da Vida Social em Vassouras. Caderno de Estudo. Vassouras: Graficart, 2002.

SALLES, Ricardo Henrique. **E o Vale era o escravo**. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANT'ANNA, Sonia. **Barões e escravos do café**: uma história privada do Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Carlos Frederico Marques; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Família, Religiosidade e Saúde Pública - o cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras e sua interdição durante a febre amarela no século XIX. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**, v. 23, p. 129-150, 2016.

SILVA, José Antonio da; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. **Revista Relicário**, v. 7, p. 222-231, 2021.

SILVA, José Antonio; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras - 'Dr. Joaquim José Teixeira Leite'. In: **Anais do 4º Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019, São João del-Rei**. Coordenação de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019. p. 459-468.

SILVA, Stefani de Oliveira da. et al. Família e Religiosidade: Os obituários nos jornais do Município de Vassouras no Século XIX. In: **Anais do XX Encontro de Iniciação Científica (ENIC) da Univassouras**. Universidade de Vassouras, 2023.

SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Ars Historica**, n. 7, p. 139-151, 2014.

SOUZA, Viviam Lacerda de; SILVA, José Antônio da Monsenhor Rios: uma história de devoção e simplicidade. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Universidade Estadual de Ponta Grossa Ponta Grossa, Brasil, v. 20, n. 45, p. 222-243, Julio-Diciembre, 2022.

STEIN, Stanley J. **Vassouras, um município brasileiro do café (1859-1900)**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

TAMBASCO, José Carlos V. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá - Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização**. Vassouras: Editor Autor, 2004.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 16, 1968.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. Visita de Dom Pedro II a Vassouras. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, v. 290, Janeiro/Março, 1971.

TOREM, Ana Claudia. **José Maria de Villaronga y Planella: o pintor-decorador da Segunda Escravidão. Vale do Paraíba – Século XIX**. Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2024.

VASCONCELOS, Sarah Emanuelle da Silva et al. Família e Religiosidade: A Festa da Padroeira da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no Século XIX. In: **Anais do XX Encontro de Iniciação Científica (ENIC) da Univassouras**, Universidade de Vassouras, 2023.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**.
Brasília: Senado Federal, 2007. v. 79.

IV. Família, Religiosidade e Saúde Pública: o Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras e sua Interdição Durante a Febre Amarela no Século XIX¹²⁴

*Carlos Frederico Marques da Silva
Angelo Ferreira Monteiro*

Introdução

Nossa pesquisa teve como foco, o período de epidemia de febre amarela na região do Vale do Paraíba Fluminense e que provocou mudanças nos hábitos dos moradores da cidade de Vassouras, não só higiênicos, como também no âmbito religioso, uma vez que a saúde pública interditou o cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, com a proibição de enterramentos e atribuindo-lhe como principal responsável pela propagação da febre amarela que atingia novamente o município.

Esta situação, provocou a abertura de novos cemitérios, pela municipalidade, o que causou divergências entre vereadores e o pároco local. Para este capítulo foram utilizadas fontes primárias e textos científicos que tratam da temática da febre amarela na Província do Rio de Janeiro e Vale do Paraíba Fluminense, sobre a criação e história de Vassouras, o jornal *O Vassourense* hebdomadário publicado na época e, por fim, os Relatórios de Presidente de Província do Rio de Janeiro; e como referencial teórico, a visão da morte no ocidente de Phillippe Ariès.

A Cidade de Vassouras no século XIX

Por volta de 1820, como nos relata Ignácio Raposo, Vassouras ainda era um povoado pertencente a Vila de Paty do Alferes e a

¹²⁴ Revisado e Ampliado. Publicado originalmente como artigo científico na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**. v. 23, p. 129-149, 2016.

escolha deste como sede da Vila foi por ocasião da sua geografia mais plana e por ser geograficamente melhor localizado, pois, estaria posto no cruzamento de duas vias, que iriam construir mais tarde os distritos da mesma.¹²⁵

O então povoado Vassouras, surgiu, segundo Fernando Bitencourt, das fazendas das Vassouras, quando em 1823 o Guarda-Mor José Teixeira Gomes e sua mulher Ana Maria do Espírito Santo fizeram a doação de 360 braças de testada de terra para o patrimônio de Nossa Senhora da Conceição.¹²⁶

Após 26 anos, no momento de apresentação do seu relatório de prestação de contas da sua gestão na Presidência da Câmara Municipal de Vassouras, o Dr. Joaquim José Teixeira Leite, durante a sessão ordinária de 7 de Janeiro de 1849, destacou que em 1833, só havia em torno da igreja umas cinco ou quatro casas.¹²⁷

O Dr. Joaquim José Teixeira Leite ocupou concomitantemente o cargo de presidente da Câmara Municipal de Vassouras e procurador geral da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, onde promoveu a organização administrativa e imobiliária dos terrenos foreiros desta instituição, com instruções claras da necessidade de construção dos imóveis dentro de prazos pré-estabelecidos e o não atendimento destas normas acarretavam a perda dos foros e das benfeitorias.¹²⁸

Stein nos apresenta o quantitativo da população vassourense na segunda metade do século XIX: a vila contava com cerca de 35 a 45 mil habitantes entre livres e escravizados, através do censo de 1872, e na sua opinião como o mais confiável dos últimos 50 anos.

125 RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. Niterói: SEEC, 1978. P. 19.

126 BITTENCOURT, Fernando M. **Vassouras, um pouco de sua história**. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2001. p. 22.

127 TELLES, Augusto da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 16. Rio de Janeiro, 1968. p. 22-23.

128 MONTEIRO, Angelo F. Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - o Caso Benatar. Vassouras: Editor Autor, 2007. p. 40.

A distribuição dessas pessoas não era uniforme e as partes maiores estavam localizadas em duas paróquias que detinham nesta época a maior concentração de cativos da vila: eram as paróquias de Paty do Alferes (distrito) e Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (sede da vila); juntas estas englobavam 64% da população e 71% de todos os escravizados.¹²⁹ Cabe ressaltar que estas áreas contavam com espaços urbano e rural, com a população majoritária no espaço rural, devido ao número de escravizados nas fazendas de café.

Breve análise de atitudes sobre o sentido da morte na História

De acordo com Philippe Ariès, “as atitudes diante da morte sofreram algumas modificações ao longo do tempo, sendo percebidas por um longo processo pela sociedade, muito diferentemente dos dias atuais”. Ariès ainda relata que

a morte era esperada e discutida em uma cerimônia pública e organizada pelo próprio candidato a morte, da qual participavam os parentes, os amigos e os vizinhos, e até mesmo as crianças, resultando em uma espécie de ritual inocente.¹³⁰

Como exemplo disso temos um fragmento de um testamento, evidenciado por João José Reis, de uma candidata a morte na Bahia no século XIX. Nestes testamentos os candidatos ao bem morrer expunham o que queriam de fato, como pagamento de dívidas, libertação de escravizados, deixar suas fortunas para instituições de caridade e até amparo a algum filho não reconhecido em vida; acreditavam que se não acertassem as contas no mundo terreno

129 STEIN, Stanley. **Um município brasileiro do café, 1850-1900**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990. p. 151.

130 ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro Editora Ediouro – Sinergia, 2003. p. 40.

não teriam uma boa passagem para o mundo espiritual:

Em nome de Deus, Amém. Eu Tereza Luiza da Rosa, estando gravemente enferma mas em meu perfeito juízo e entendimento segundo Deus foi servido dar-me, e querendo por minha alma no caminho da salvação, faço este meu testamento na forma seguinte: Sou Católica Romana e creio [em] todos os mistérios da mesma Santa fé que professo e nela espero viver e morrer; peço e rogo à Santíssima Trindade graça [de] receber a minha alma na sua glória quando sair deste corpo mortal, pelos merecimentos de nosso Senhor Jesus Cristo, e rogo à mesma senhora Maria Santíssima me alcance do mesmo seu amado filho os auxílios que necessito para salvar a minha alma [...].¹³¹

Como membro ativo da criação e desenvolvimento da cidade de Vassouras, segue abaixo um breve fragmento do testamento de Francisco José Teixeira Leite – Barão de Vassouras, que faleceu durante a epidemia de febre amarela na Vila de Vassouras, surto esse que será abordado com mais detalhes adiante neste trabalho:

Em nome da Santíssima Trindade, Padre, Filho, Espírito Santo três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro, em cuja fé nasci, tenho vivido, e espero morrer com o auxílio da Divina Graça, este é o meu solenne Testamento que faço no pleno gozo de minha razão para ser cumprido depois de minha morte. Eu abaixo assignado Barão de Vassouras, capitalista,

¹³¹ Testamento de Tereza Luiza da Rosa. Arquivo Público do Estado da Bahia, Inventários, no 01/65/80/01. *Apud* REIS, João José. Fontes para História da Morte na Bahia Século XIX, **Caderno CRH**, n 15, p 111 – 122, Jul – Dez, 1991. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1360&article=377&mode=pdf>. p. 112. Acesso. 05 set. 2015.

morador nesta cidade de Vassouras, catholico, romano nascido e baptizado na Parochia da cidade de São João del Rei, Minas Geraes, sou filho legítimo dos finados Barão e Baroneza de Itambé, os quaes tenha Deos em sua Santa Gloria. [...] ¹³²

Em relação à religiosidade apresentou ainda algumas exigências testamentárias:

Por ocasião da missa do setimo dia, por meu fallecimento, os meus testamenteiros distribuão pelos pobres desta Cidade a quantia de um conto de réis, e o mesmo fação em cada um dos quatro anniversarios de minha morte que se seguirem de maneira que por tudo dispendam nesta verba a quantia de cinco contos de réis. [...] Mando que se celebrem quinhentas missas por minha alma, pela de meospaes, irmãos filhos e escravos. Já tenho minha sepultura que fica ligada a da de minha primeira mulher dona Maria Esmeria, nella quero ser enterrado, sendo feito o meo enterro com toda a simplicidade e sem luxo algum. ¹³³

Durante a exposição de suas últimas disposições, o Barão de Vassouras mostra-se preocupado com a situação financeira de alguns de seus filhos procurando auxilia-los, para que não sejam desonrados, pelas dívidas adquiridas e orientando a todos os seus filhos:

[...] Não devo porém concluir este acto solenne, em que me suponho já na presença do Onnipotente, à prestar-lhe minhas contas deste mundo, sem diri-

¹³² Testamento do Barão de Vassouras. **Livro de Registro de Testamentos** – 1877-1884. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJERJ). Escritório do IPHAN – Vassouras/RJ. Código 109665815007. p. 133v-134.

¹³³ Idem. p. 141v-142.

gir-me, como faço, com todo o extremo da amizade e autoridade paterna, a meos filhos de ambos os matrimonios e a toda minha recomendando-lhes muito e lhe pedindo com toda a instancia. Que sejam muito religiosos e tementes a Deos, sujeitos a Santa Igreja e seos preceitos, respeitem e tratem com toda a amizade a sua Madrasta e Mãe, bem como aos seus tutores, tios, mestres e superiores, sejam amigos uns dos outros, muitos unidos entre si e soccorram-se mutuamente imittando o bello exemplo de seus Avós e seos tios, sejam muito probo e verdadeiros em todos os tratos e negócios, sejam trabalhadores, bem arrançados e economicos, para não cahirem na desgraça, fação todo o esforço sobre si mesmo para terem sempre um bom procedimento religioso e moral, quer na vida privada como na publica, sejam bons cidadãos e amigos da sua patria, caridoso, humanos despidos de orgulho e vaidade; fujão quanto puderem das más companhias dos aduladores, dos falsos amigos do jogo, das orgias e outros vicios feios e perigosos; procurem bons amigos e não percão as verdadeiras amizades de seo Pai, nenhum acto importante practiquem sem preventiva consulta à seos Tios, e pessoas entendidas, e prudentes, enfim tratem a todos muito bem cortem quanto puderem toda a disputa, rixa, contenda ou demanda. Muito desejo e espero que cumprirão estes meos conselhos salutaes, que lhes dou para o seo proprio bem e felicidade, tanto neste mundo como no da Eternidade e assim honrarão o nome de seu Pae.¹³⁴

134 Testamento do Barão de Vassouras. **Livro de Registro de Testamentos** – 1877-1884. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJERJ). Escritório do IPHAN – Vassouras/RJ. Código 109665815007. p. 142-143.

Segundo Ariès, a aproximação da morte era uma forma de aceitação dos estágios de ordem da natureza; o homem aceitava a morte e nem se esquivava, ele simplesmente a aceitava, com todas as cerimônias possíveis que marcassem a importância das etapas da vida. Concluindo que o homem reconhece a si mesmo em sua morte.¹³⁵

A Febre Amarela

Segundo Vanessa Lana, a febre amarela é uma doença de origem viral, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, em que o vetor se reproduz, principalmente, em estagnação de águas domiciliares e peridomiciliar, propagando rapidamente a doença.¹³⁶

Em seu estudo, Lana demonstra que durante o século XIX, haviam fortes divergências acerca dos meios de propagação da doença. Para uns não passava de um mal contagioso e para outros se tratava de uma doença transmissível ou infecciosa. As epidemias de febre amarela eram também relacionadas a vários fatores ambientais; como geralmente os maiores surtos aconteciam no verão, as explicações para incidência da enfermidade estavam diretamente ligadas ao calor, a quantidade de chuvas e a umidade proveniente dos pântanos.¹³⁷

Assim, elementos do cotidiano tornaram-se ameaça a salubridade das cidades; a água por exemplo deveria estar em movimento e outras medidas tomadas por higienistas e anticontagionistas foram postas em prática para se evitar miasmas causadoras de epidemias; articulavam-se ações de remoção de lixo, esgoto e habitações com superlotação e sem ventilação. Em especial ao caso

135 ARIÈS, Phillipe. *Opus cit.* p. 46.

136 LANA, Vanessa. Questão Sobre Saúde Pública: a Febre Amarela nos Debates da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (1904 – 1905). In: **Anais do I Colóquio do Lahes, Laboratório de História Econômica e Social, Juiz de Fora**, 13 a 16 de Junho de 2005. p. 1. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a68.pdf>. Acesso. 04 nov. 2015.

137 LANA, Vanessa. *Opus cit.* p. 2.

de febre amarela promoviam a canalização das águas afim de se evitar a estagnação.¹³⁸

No nosso caso, percebemos a crítica em uma publicação do jornal *O Vassourense*, chamando a atenção para a situação da saúde em que se encontrava a cidade de Vassouras durante um mal epidêmico que assolou a cidade:

[...] Acrescenta-se tudo isto o pouco asseio das ruas e dos quintais, em muitos quais criavam-se porcos, a estagnação de águas servidas em grandes lavanderias, o acúmulo de pessoas em certas casas com falta absoluta dos mais simples preceitos de higiene, a inconstância de temperatura com alternativas de frio e calor úmido, e teremos o estado favorável em que os germes da febre amarela achou [...].¹³⁹

Sobre a entrada da febre amarela no Rio de Janeiro, nos diz Maria Luiza Marcílio que pelo menos depois do ano de 1830, até os primeiros anos do século XX, o número de óbitos para cidade superava de longe os de nascimentos. Durante a aguda crise de febre amarela no ano de 1850, em relação à mortandade chega-se a cifra de 11.192 mortes para 5.817 nascimentos.¹⁴⁰

Mas a terrível epidemia, que matou aproximadamente mais de 4 mil pessoas, provocou grandes mudanças na política de saúde do Império. O Ministério de Negócios do Império, assume o comando e solicita à Academia de Medicina a elaboração de um plano para combater o terrível mal que assolou a cidade do Rio de Janeiro. Em 1850, os médicos propõem:

138 Idem. p. 2.

139 **Jornal O Vassourense**. Ano I, Edição nº 5 de 19 de Março de 1882. p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso.02 nov. 2015.

140 MARCÍLIO, Maria Luiza. Mortalidade e Morbidade da Cidade do Rio de Janeiro Imperial. **Revista de História**, São Paulo, n. 27-28, ago-dez/92 a jan-jul/93. p. 53. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18689/20752>. Acesso. 06 nov. 2015.

A criação de uma Comissão Central de Saúde Pública, para coordenar o combate a epidemia;

A divisão da cidade em paróquias e distritos com comissões paroquiais de Saúde Pública compostas de subdelegados, fiscais e três médicos;

A criação de um serviço de assistência gratuita aos pobres, com médicos, remédios, dietas e etc.;

Assistência sanitária pelas comissões, a navios, mercados, prisões, hospitais, conventos, colégios, quartéis, teatros, igrejas e etc.;

Registro médico.¹⁴¹

Sobre as questões políticas para tentar lidar com a doença, Márcio Antônio Moreira Galvão diz que:

A partir de 1849, com os primeiros casos de febre amarela no Rio de Janeiro, ficou demonstrada a precariedade da organização sanitária municipal. Em 1850, foi criada a junta de Higiene Pública, visando unificar os serviços sanitários do Império. Em 1885, era ainda enfatizada a mesma situação sanitária precária do Rio de Janeiro. Consolidou-se, então, a reforma dos serviços sanitários do Império, que foram divididos em Serviço Sanitário Terrestre e Serviço Sanitário Marítimo, foi instituído um Conselho Superior de Saúde Pública, que teve função apenas normativa sobre questões de higiene e salubridade geral.¹⁴²

¹⁴¹ Idem p. 55.

¹⁴² GALVÃO, Márcio A. M. **Origem das Políticas de Saúde Pública no Brasil: do Brasil**

Cabe afirmar que essa organização foi caracterizada pela sua ineficiência, já que para a época questões como estas eram deixadas a segundo plano, pois tratava-se de uma sociedade [...] pouco preocupada com problemas sanitários.¹⁴³

Durante o século XIX, a população da Província do Rio de Janeiro e mais precisamente o Vale do Paraíba Fluminense sofreu com epidemias ao longo do século, entre elas destacamos: o Sarampo, a Varíola, o Cólera Rombo, a Escarlatina, o Crupe, a Coqueluche, o Tifo, a Gripe, até chegar ao nosso enfoque: a febre amarela.¹⁴⁴

Comprovando que algumas destas doenças citadas aqui estiveram presentes, temos registrado no Relatório de Presidente de província comprovações delas em localidades próximas.

Nos municípios de Valença, Rio Bonito, Angra dos Reis, Piraí, Paraíba do Sul e Petrópolis, manifestaram-se casos de Varíola, raros, esparsos e benignos e de Febres Palustres, intermitentes, remitentes e perniciosas nos de Mangaratiba, Angra dos Reis, Capivary e Campos tendo o governo ministrado todos os socorros, requeridos pelas respectivas municipalidades.¹⁴⁵

A epidemia de Febre Amarela em Vassouras

Segundo Ignácio Raposo, por volta de abril de 1880, se desenvolvia pela primeira vez na cidade de Vassouras a epidemia de febre amarela. Enquanto todos os médicos de Vassouras negavam

Colônia – 1930, UFOP. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/origem_politicas_saude_publica_brasil.pdf. p. 18. Acesso. 06 nov. 2015.

143 GALVÃO, Márcio A. M. *Opus cit.* p. 18.

144 MARCÍLIO, Maria Luiza. *Opus cit.* p. 63.

145 **Relatório do Presidente de Província do Rio de Janeiro**. nº 54. Ano: 1882. p. 54. Disponível em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro. Acesso. 07 nov. 2015.

que se tratasse desta pirexia; só o Dr. Lucindo Filho insistiu no diagnóstico e escreveu ao Barão do Lavradio, então presidente da junta de higiene: “Só quem nunca viu um doente de febre amarela poderá negar é a moléstia que aqui grassa.”¹⁴⁶

Sobre a febre que aparecia na localidade, era escrito o seguinte pelo relatório do Presidente de Província do ano de 1880:

É lisonjeiro o estado sanitário da província, constando apenas haver-se desenvolvido ultimamente em alguns pontos do município de Vassouras e na cidade, sobretudo, uma febre de caráter grave, que se acha extinta, como declarou a respectiva Câmara Municipal em ofício de 23 de Julho próximo findo.¹⁴⁷

Pelo período citado, alicerçados pelo memorialista Ignácio Raposo, supomos que a febre indicada acima refere-se à febre amarela e Raposo declara que, com essa observação clínica, os médicos que davam, como razão contrária a febre amarela, o não subir montanhas essa enfermidade, foram se convencendo, pouco a pouco, e por último concordaram com o Dr. Lucindo Filho.¹⁴⁸

O primeiro caso de febre amarela na cidade, conforme afirma Aline Oliveira Teixeira, apareceu no dia 03 de abril de 1880; em junho diminuiu muito de intensidade, foi dada por extinta em julho, mas continuou a fazer algumas poucas vítimas até o início do mês de outubro.¹⁴⁹

146 RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**, Niterói: SEEC, 1978. p. 170-171.

147 **Relatório de Presidente de Província**, Saúde Pública de Vassouras, 1880, p. 28. Disponível em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro. Acesso: 07 nov. 2015.

148 RAPOSO, Ignácio. *Opus cit.* p. 171.

149 TEIXEIRA, Aline Oliveira. A Epidemia de Febre Amarela na cidade de Vassouras, 1880-1881. In: **Anais do XIV Encontro Nacional da Anpuh-Rio: Memória e Patrimônio**, 19 a 23 Julho 2010. p. 4. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742283_ARQUIVO_FebreAmarelaemVassouras,1880-1881.pdf. Acesso: 01 dez. 2015.

Por ordem do poder público, neste mesmo ano, fecharam o Cemitério Nossa Senhora da Conceição como medida de emergência, e um novo cemitério foi criado para receber os mortos provenientes da epidemia¹⁵⁰. Quando todos pensavam que a calamitosa moléstia tinha desaparecido, voltou ela a cidade, perdurando nos cinco meses iniciais de 1881, noticiava o jornal *O Vassourense* em reportagem redigida pelo Dr. Lucindo Filho:

[...] dos 475 [acometidos com a doença, grifo nosso], faleceram como já dissemos 81, o que dá para mortalidade de 17,50%, resultado extremamente lisonjeiro, tendo em vista a gravidade com que se apresentou a moléstia. [...] Dos 81 falecidos eram: homens 56, mulheres 25, sendo 24 estrangeiros. E em relação as idades: até 10 anos 17 pessoas, de 11 a 20 anos 15 pessoas, de 21 a 30 anos 10 pessoas, de 31 a 40 anos 17 pessoas, de 41 a 50 anos 13 pessoas e com mais de 50 anos 9 pessoas¹⁵¹.

O Cemitério da Irmandade da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

A moléstia influía diretamente no cotidiano da cidade, ao provocar o fechamento do Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, como pode ser evidenciado pela notícia do jornal *O Vassourense*:

[...] Foi um dos médicos, que em 1880 exigiu o fechamento do cemitério de N. S. da Conceição, porque não só tinha recebido muitos cadáveres epidêmicos, como também os enterramentos mal feitos os tor-

¹⁵⁰ RAPOSO, Ignácio. *Opus cit.* p. 173.

¹⁵¹ **Jornal O Vassourense**. Ano I, Edição nº 7 de 02 de Abril de 1882. p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso. 02 nov. 2015.

navam insalubre¹⁵². [...]

A Câmara Municipal ordenou que fosse lançada uma grande quantidade de cal sobre as sepulturas do Cemitério N. Sra. da Conceição e nas margens dos córregos da cidade; intimou-se a Irmandade a desinfetar o cemitério, cada vez mais acusado de foco e origem da epidemia.¹⁵³

Sobre o enterramento de cadáveres infectos, Ana Paula Campos descreve que, após a morte o processo de transformação dos tecidos humanos pela atuação de microrganismos, verifica-se a formação de gases de odor desagradável e de substâncias solúveis portadoras de germes patogênicos.¹⁵⁴

Raposo descreve que

tendo cessado o surto da segunda epidemia, resolveu a Câmara Municipal de Vassouras, fechar o cemitério de emergência (localizado há 500 metros do cemitério da Irmandade de N. Sr.^a da Conceição, grifo nosso), não só porque estava completamente cheio, mas também por pessoas que acompanhassem enterros podiam de novo se contaminar e assim contaminar a cidade devido a pequena distância que mantinha da *urbs*. Esse cemitério foi fechado, no dia 22 de Maio de 1882, e na mesma data aberto o do município, para sua construção largamente contribuindo de forma caridosa o Barão de Cananéia.¹⁵⁵

152 **Jornal O Vassourense**, Ano I, Edição n° 32 de 24 de Setembro de 1882. p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso. 02 nov. 2015.

153 RAPOSO, Ignácio. *Opus cit.* p. 174.

154 CAMPOS, Ana P. S. **Avaliação de potencial de poluição do solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiteral**, USP – Faculdade de Saúde Pública, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6134/tde-25112007-172840/>. p. 76. Acesso. 08 nov. 2015.

155 RAPOSO, Ignácio. *Opus cit.* P. 174.

O Jornal *O Vassourense*, publicou uma notícia sobre a abertura do Cemitério Municipal pela Câmara onde declarava

O cemitério novo não benzeu-se, porque diz o senhor Vigário que não está descente, por não ser murado. Verdadeiramente e que ele está cercado provisoriamente, e que neles não podem entrar animais quadrúpedes, não havendo razão, segundo pensam os ilustres edis, na recusa do digno pároco. Também é verdade que já podia ser bem murado, estando há um ano em obras.¹⁵⁶

A Irmandade Nossa Senhora da Conceição, agora privada de um novo cemitério, que era sua melhor fonte de renda, tratou de fundar um novo campo santo em um terreno que lhe havia sido doado.¹⁵⁷

Na terceira sessão ordinária da Câmara de 1882, presidida pelo Dr. Silva Chaves e secretário Sr. Pinto da Fonseca, pedia o então Sr. Barão de Massambará, sendo juiz da Mesa Administradora da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Vassouras, a aprovação do novo lugar para local para fundação de seu cemitério ao qual é próximo do antigo, sendo sua entrada a mesma, porém o pedido não foi deferido sendo adiada a resolução.¹⁵⁸

Com a situação da abertura de um novo cemitério, que nada mais seria senão um prolongamento do outro que se encontrava interditado, vem a falecer uma das mais ilustres personalidades ou senão a mais ilustre de todas da história de Vassouras, o Barão de Vassouras – Francisco José Teixeira Leite –, que morria aos 80 anos de idade. Sobre a sua morte noticiava *O Vassourense*:

156 **Jornal O Vassourense**. Ano I, Edição nº 17 de 11 de Junho de 1882. p. 4. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 02 nov. 2015.

157 RAPOSO, Ignácio. *Opus cit.*, p. 174.

158 **Jornal O Vassourense**. Ano I, Edição nº 30 de 10 de Setembro de 1882. p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 01 out. 2015.

[...] Ainda hoje o Barão de Vassouras fará imensa falta, a seus conterrâneos; mas era preciso vê-lo, há algumas dezenas de anos passados, quando o município de Vassouras estava em plena prosperidade, quando se abriram as primeiras fazendas, se criavam as famílias ricas e grandes casas ali fundadas quando o Barão de Vassouras era o centro de todo o movimento, o espírito e a alma daquela geração *varonil* e empreendedora, de que todos os contemporâneos conservam a memória [...].¹⁵⁹

Além de ser pertencente a Ordem de Cristo e Dignitário da Ordem da Rosa¹⁶⁰, foi membro da irmandade. A notícia continuava

159 **Jornal O Vassourense**. Ano III, Edição nº 20 de 18 de Maio de 1884. p.1. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 01 out. 2015.

160 Conforme a Wikipedia, A **Imperial Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo** é uma antiga ordem honorífica brasileira, originada a partir da portuguesa Ordem Militar de Cristo, a qual por sua vez remonta à medieval Ordem de Cristo. Foi a segunda ordem imperial brasileira com mais titulares, logo atrás da Imperial Ordem da Rosa, e premiava tanto militares quanto civis e tinha os seguintes graus: Grã-cruz, Dignitário, Comendador, Oficial e Cavaleiro. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_de_Nosso_Senhor_Jesus_Cristo. Acesso em: 01 out. 2015; sobre esta Ordem honorífica em Portugal, ver o trabalho de Rui da Costa Pinto, intitulado “A Simbologia da Ordem de Cristo na Cultura e na Ciência”, publicado no **Colóquio “As Aca- demias em Diálogo com a Ciência e a Cultura. O Passado e o Futuro”** pela Fundação Oriente, Portugal, [s/d]. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/files/12557220/A_SIMBOLOGIA_DA_ORDEM_DE_CRISTO.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025. Ainda na Wikipedia, a **Imperial Ordem da Rosa** é uma ordem honorífica brasileira. Foi criada em 27 de fevereiro de 1829 pelo imperador D. Pedro I (1822 — 1831) para perpetuar a memória de seu matrimônio, em segundas núpcias, com Dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_da_Rosa. Acesso em: 01 out. 2015. Ver o trabalho de Fernanda Mirabelli, intitulado “A Imperial Ordem da Rosa - Terceira e Última do Império”, publicado nos Anais do 3º Encontro Internacional História & Parcerias, realizado pela ANPUH-RJ, 2021. v. 1. p. 1-11. Disponível em: https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1635647091_ARQUIVO_bob30doe1cce934b7fbbc3dd6dd28903.pdf. Acesso

sobre a questão do Campo Santo da Irmandade estar interditado:

[...] em seu testamento veio expresso esse desejo, a que a Câmara Municipal atendeu, admitindo uma exceção em favor do fundador do cemitério, fazendo um convite a população para acompanhá-lo a última morada [...].¹⁶¹

Para tal pessoa, com título e de grande influência, foi aberta uma exceção para que pudesse ser enterrado com a honra digna de um membro da Irmandade da Conceição, sendo assim não interferindo de maneira alguma nos tradicionais costumes que compreendiam ao bem morrer da sociedade oitocentista.

Por volta de 9 de novembro do ano de 1884, em uma notícia publicada no jornal *O Vassourense*, a Câmara Municipal na sessão de 23 de outubro, com um relatório enviado para a Junta Central de Higiene Pública de Vassouras, resolvera tornar livre da repressão de fechamento, que durava desde 1880; essa medida tinha intenção de reabrir o Campo Santo somente para os irmãos que ali possuíam jazigos perpétuos. Sobre o pedido de reabertura do cemitério para estes membros, dizia a Junta, presidida pelo Dr. Lucindo Pereira dos Passos Filho, e que também era o proprietário e redator do Jornal *O Vassourense*, que se opunha a tal decisão da Câmara e que recorreria aos poderes competentes sobre a questão¹⁶². Com isso ainda ficou fechado para os enterramentos de seus membros o Campo Santo da irmandade.

A situação de interdição do cemitério de Nossa Senhora da Conceição teve seu desfecho, em 28 de dezembro de 1884, pelo que se lê no Jornal *O Vassourense*:

em: 09 abr. 2025.

161 **Jornal O Vassourense**. Ano III, Edição nº 20 de 18 de maio de 1884. p. 1. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 01 out. 2015.

162 **Jornal O Vassourense**. Edição nº 45 de 09 de novembro de 1884. p.1. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso: 02 nov. 2015.

[...] E pra compensar este ato de heroísmo(qual?) decretou por outro lado a abertura do cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, como já não fossem suficientes os dissabores que temos sofrido por infração dos mais rudimentares preceitos higiênicos.

Mas há males, que vem para o bem; e não ser esse dislate municipal, talvez ainda não estivesse decidida a crônica questão dos cemitérios, que desta vez teve a solução final por parte do governo, que atendeu as reclamações da autoridade sanitária. [...].¹⁶³

Considerações Finais

Percebemos, ao longo deste trabalho, que a preocupação com a morte poderia ser algo natural, mas devidamente preparada e declarada em testamento. Neste documento o declarante expressava a sua fé – através do preâmbulo e das missas por sua alma e dos seus entes, sua ligação com a família, as disposições em relação a herança e sua distribuição entre os herdeiros, a possibilidade de agraciar alguns membros externos à família consanguínea com algum pecúlio, o perdão ou a cobrança de dívidas, a liberdade condicional ou incondicional de escravizados, atos de caridade, entre outras situações.

Todo este despojamento buscava demonstrar seu desprendimento dos bens terrenos e o preparo para uma boa morte, algo bem típico da sociedade oitocentista. No nosso trabalho, a única diferença estava na questão do cemitério local estar interditado, devido à epidemia de febre amarela, no momento do falecimento da figura mais ilustre do município. Ainda mais, por ter recebido o título nobiliárquico com o nome da cidade, pelos relevantes

163 **Jornal O Vassourense**. Edição n° 52 de 28 de dezembro de 1884. p. 1. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso. 02 nov. 2015.

serviços prestados ao Império do Brasil. Assim, fez-se a exceção durante interdição do cemitério para que fosse feita sua última vontade, a de ser sepultado ao lado do túmulo da primeira esposa.

Fontes Primárias

Jornal *O Vassourense* – 1882-1884. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

Relatório de Presidente de Província do Rio de Janeiro – 1880-1882. Disponível em: http://www-apps.crl.edu/brazil/provincial/rio_de_janeiro.

Testamento do Barão de Vassouras. Livro de Registro de Testamentos – 1877-1884. Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJERJ). Escritório do IPHAN – Vassouras/RJ. Código 109665815007.

Referências

ARIËS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro – Sinergia, 2003.

BITTENCOURT, Fernando M. **Vassouras, um pouco de sua história**. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2001.

CAMPOS, Ana P. S. **Avaliação de potencial de poluição do solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiteral**, USP – Faculdade de Saúde Pública, São Paulo 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6134/tde-25112007-172840/>. Acesso em: 08 nov. 2015.

GALVÃO, Márcio A. M. **Origem das Políticas de Saúde Pública no Brasil: do Brasil Colônia – 1930**, UFOP. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/origem_politicas_saude_publica_brasil.pdf. Acesso em: 06 nov. 2015.

LANA, Vanessa. Questão Sobre Saúde Pública: a Febre Amarela nos Debates da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora (1904 – 1905). In: **Anais do I Colóquio do Lahes, Laboratório de História Econômica e Social**, Juiz de Fora, 13 a 16 de Junho de 2005. Disponível em: <http://www.ufjf.br/lahes/files/2010/03/c1-a68.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MARCÍLIO, Maria Luiza. Mortalidade e Morbidade da Cidade do Rio de Janeiro Imperial, **Revista de História**, São Paulo, n. 27-28, ago – dez/92 a jan – jul/93. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/18689/20752>. Acesso em: 06 nov. 2015.

MIRABELLI, Fernanda. A Imperial Ordem da Rosa - Terceira e Última do Império. *In: Anais do 3º Encontro Internacional História & Parcerias*. ANPUH-RJ, 2021. v. 1. p. 1-11. Disponível em: https://www.historiaeparcerias.rj.anpuh.org/resources/anais/19/hep2021/1635647091_ARQUIVO_b0b30d0e1cce934b7fbbc3dd6dd28903.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - o Caso Benatar**. Vassouras: Editor Autor, 2007.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade, **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras. v. 3, n. 2, p. 29-46, jun./dez., 2012. Disponível em: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/176/104>. Acesso em: 15 set. 2015.

PINTO, Rui da Costa. A Simbologia da Ordem de Cristo na Cultura e na Ciência. *In: Colóquio “As Academias em Diálogo com a Ciência e a Cultura. O Passado e o Futuro”*. Fundação Oriente, Portugal, [s/d]. Disponível em: https://research.unl.pt/ws/files/12557220/A_SIMBOLOGIA_DA_ORDEM_DE_CRISTO.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. Niterói: SEEC, 1978.

REIS, João José. Fontes Para História da Morte na Bahia Século XIX. **Caderno CRH**, n. 15, p. 111 – 122, Jul – Dez, 1991. Disponível em: <http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1360&article=377&mode=pdf>. Acesso em: 05 set. 2015.

STEIN, Stanley. **Vassouras, um município brasileiro do café, 1850-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TEIXEIRA, Aline Oliveira. A Epidemia de Febre Amarela na cidade de Vassouras,

1880-1881. In: **Anais do XIV Encontro Nacional da Anpuh-Rio – Memória e Patrimônio**, 19 a 23 Julho de 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276742283_ARQUIVO_FebreAmarelaemVassouras,1880-1881.pdf. Acesso em: 18 dez. 2015.

TELLES, Augusto da Silva. Vassouras, Estudo da Construção Residencial Urbana. **Separata da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, 1968. v. 16, p. 22-23.

WIKIPEDIA. **A imperial Ordem da Rosa**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_da_Rosa. Acesso em: 01 out. 2015.

WIKIPEDIA. **A imperial ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperial_Ordem_de_Nosso_Senhor_Jesus_Cristo. Acesso em: 01 out. 2015.

V. A Escultura Religiosa de Vassouras

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes

Introdução

Vassouras está situada na vasta região do Vale do Café Fluminense, que se estende da Serra do Mar até os limites com o atual estado de Minas Gerais, ao Noroeste e ao Sul, e com o estado de São Paulo, também ao Sul. O povoamento dessa área ocorreu em distintos momentos econômicos, sobretudo durante o ciclo do ouro no século XVIII e o ciclo do café no século XIX, marcados pela constante circulação de tropeiros e mercadorias.

No primeiro ciclo, destaca-se a importância da abertura de novos caminhos entre o porto do Rio de Janeiro e as Minas Gerais. Até o início dos setecentos, a única rota existente seguia pelos caminhos dos bandeirantes paulistas, cruzando a Serra do Facão até a freguesia de Paraty, exigindo um trajeto marítimo longo antes das extenuantes subidas montanha acima.

O Caminho Novo, aberto por Garcia Rodrigues Pais Leme (1660–1738) — filho do célebre bandeirante Fernão Dias Pais Leme (1608–1681) — foi inaugurado e aprimorado a partir de 1700. Tinha início no antigo Cais dos Mineiros, no centro histórico do Rio de Janeiro, com embarcações à vela que percorriam o fundo da baía até a entrada do rio Iguaçu, onde se realizava o desembarque para seguir por terra.

Dali em diante, a viagem prosseguia — a pé, a cavalo ou em mulas — por uma estrada de chão que atravessava as atuais cidades de Engenheiro Paulo de Frontin, Paty do Alferes e Paraíba do Sul, até cruzar a fronteira com a Capitania de Minas Gerais. Nesse trajeto, igrejas como a da Sacra Família do Tinguá, de Nossa Senhora da Conceição do Alferes e de São Pedro e São Paulo, em Paraíba do Sul, foram elevadas à categoria de paróquias.

Outras três freguesias, embora criadas no século XVIII, alcançaram grande relevância durante o ciclo do café, no século XIX,

quando essa cultura prosperou pelo Vale do Paraíba Fluminense. São as matrizes de Sant'Ana do Pirai, Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre (atual Resende) e São João Marcos (atualmente pertencente a Rio Claro, cuja igreja foi demolida em 1940).

No caso específico de Vassouras, ainda na primeira metade do século XVIII, as novas rotas terrestres que seriam abertas até a freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu (atual Sítio Arqueológico de Iguaçu Velha, em Nova Iguaçu) atravessariam seu território, alcançando a Serra do Tinguá e outros núcleos mais elevados. Essas áreas não tardaram a ser ocupadas.

Os povoados estabelecidos no caminho para os distritos de Paty do Alferes e Paraíba do Sul — onde, inicialmente, buscavam assistência espiritual e civil, mesmo com a grande distância — foram posteriormente contemplados com a criação da freguesia da Sacra Família do Caminho Novo do Tinguá, em 1750.

A primeira igreja foi erguida e reerguida num curto intervalo, entre 1755 e 1757, ambas em estrutura de pau-a-pique. Com a ruína da matriz, a sede da freguesia foi transferida para Vassouras entre 1800 e 1830. Após a reconstrução da igreja da Sacra Família, decidiu-se pela divisão do território em duas freguesias: foi criada a matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, e a freguesia da Sacra Família do Tinguá foi reaberta, desta vez com a imagem de Nossa Senhora da Conceição entronizada no altar-mor.

Esse fato demonstra a prosperidade e a religiosidade do baronato local das vilas e distritos vizinhos durante o ciclo do café. O gosto da nova aristocracia cafeeira pelas obras de arte europeias levou, por exemplo, à encomenda de imagens sacras portuguesas para diversas igrejas do Vale do Paraíba Fluminense.

Esse fenômeno não passou despercebido em Vassouras, cujo acervo escultórico reflete a dignidade das representações, o apuro técnico na execução das peças e grande requinte ornamental. Predominantemente de estilo neoclássico, a imaginária local se destaca pelo equilíbrio, proporção e sobriedade, características típicas das obras eruditas produzidas nas metrópoles europeias.

Ao analisarmos o perfil devocional da região, nota-se uma

preferência pelas invocações marianas, presentes, por exemplo, em Vassouras, Paty do Alferes, Paraíba do Sul, Resende e Valença, além de ocorrerem de forma secundária em Piraí e Sacra Família (nesta última, inclusive, houve a substituição da padroeira por Nossa Senhora da Conceição, como mencionado anteriormente).

Essa relativa uniformidade iconográfica pode ser atribuída ao declínio de algumas das principais ordens religiosas e irmandades a partir do final do século XVIII e durante todo o século XIX. Tais instituições, além de importantes difusoras da fé, eram zelosas mantenedoras das práticas devocionais nas vilas e freguesias mais antigas do território fluminense.

Como praticamente toda a região foi inicialmente explorada pelos bandeirantes, algumas hipóteses podem ser levantadas para explicar essa característica devocional, especialmente considerando o papel da Virgem como protetora frente aos perigos tanto do mar quanto das incursões pelo interior.

No que se refere às características formais, a imaginária de Vassouras e localidades próximas está entre as mais elegantes da antiga Capitania Real do Rio de Janeiro. Com aspecto solene, dimensões generosas e apurado acabamento anatômico, é possível que parte dessas esculturas tenha sido produzida por oficinas locais entre o final do século XVIII e o início do XIX, coexistindo com outras de origem portuguesa, das quais herdaram o requinte e a solenidade.

A Produção Escultórica de Vassouras

Marcada pelas permanências do barroco e do rococó tardios, a produção escultórica de Vassouras se destaca como uma das mais expressivas e relevantes do repertório sacro fluminense.

Passamos, a seguir, à apresentação de algumas de suas principais obras.

1) Nossa Senhora da Conceição – Madeira/Séc. XVII/XVIII/
Alt. 129cm/Matriz de N. Sra. da Conceição



A escultura de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, ora apresentada, pertence ao repertório sacro do barroco luso-brasileiro, com características formais que permitem situá-la no final do século XVII ou nos primórdios do século XVIII. A iconografia é tradicional: a Virgem aparece sobre o globo azul estrelado, cercada por cabeças de anjos entre nuvens, com as mãos postas em oração. Trata-se de uma imagem frontal, de postura hierática e aprumada, própria das representações devocionais retabulares das igrejas paroquiais ou irmandades de maior prestígio.

Observa-se o emprego de técnicas refinadas, como o pasti-

lho, o esgrafito e o uso de punção, além da aplicação de olhos de vidro — expediente recorrente em imagens de maior importância. O vestuário revela rica ornamentação, com douramento aplicado sobre o estofamento policromado. Tais características indicam forte influência das oficinas portuguesas, particularmente das regiões de Braga e Porto, podendo tratar-se de peça importada ou executada por artistas luso-brasileiros sob essa matriz estilística.

Entre os elementos formais, destacam-se os cabelos em longas mechas paralelas, o rosto ovalado de feições idealizadas e serenas, a sobreposição das mãos e os sulcos profundos, embora com pouca movimentação geral do corpo e limitada expansão volumétrica. A ausência do véu — mais comum nas representações seiscentistas — reforça a leitura da imagem como símbolo de pureza e juventude, segundo os atributos marianos consagrados pela tradição iconográfica da Imaculada.

A composição revela equilíbrio, proporção e notável sobriedade, ainda que cercada de requinte ornamental. Suas dimensões e acabamento minucioso reforçam a função retabular. Este exemplar representa um dos exemplares mais significativos do conjunto escultórico sacro fluminense de seu tempo. Sua análise permite compreender não apenas os modos de produção e circulação de arte religiosa no Brasil colonial, mas também a centralidade da figura mariana nos discursos de fé, proteção e identidade devocional que marcaram as vilas e freguesias do Vale do Café Fluminense.

2) Nossa Senhora da Conceição – Madeira/Séc. XVIII/Alt. 130cm/ Matriz de N. Sra. da Conceição



A escultura da Imaculada Conceição ora examinada revela-se como uma peça de marcante elaboração técnica e ornamental. A Virgem aparece vestida com túnica, sobretúnica, manto e véu, compondo um conjunto de grande nobreza visual. O panejamento, executado com o uso de punção, pastilho e esgrafito, é um dos elementos de maior destaque da obra, tanto pela riqueza decorativa quanto pela movimentação e expansão volumétrica. Enquanto a túnica e a sobretúnica apresentam-se com drapeados rasos e traçado regulador em linhas curvas, as mangas da segunda parecem agitadas por uma rajada frontal, contrastando com a rigidez do restante da indumentária.

O manto, por sua vez, projeta-se em contornos vigorosos e profundamente sulcados, assumindo uma curva elíptica que parte

da amarração frontal e se prolonga pelas costas da imagem. Tal movimento imprime certa teatralidade à composição, acentuada pela desordem visual do tecido em oposição à suavidade do semblante da Virgem. O estofamento floral, em tonalidades suaves e harmoniosas, é enriquecido por douramentos em folha de ouro, ressaltando a sofisticação do acabamento e o apreço por técnicas eruditas de decoração escultórica.

A expressão facial é serena e ingênua, marcada por olhos grandes e amendoados, de olhar terno, um queixo reduzido e traços idealizados que evocam certa infantilização da figura — recurso frequente na representação barroca da Imaculada, em sua qualidade de jovem pura e sem mácula. A ausência de dramatismo no rosto contrasta fortemente com o dinamismo parcial do panejamento, criando um jogo visual entre a introspecção espiritual e o vigor formal da composição.

Por suas dimensões, riqueza ornamental e equilíbrio entre solenidade e ornamento, é possível afirmar que esta imagem também possui função retabular. O estilo da escultura, com forte presença ornamental e dinamismo impelido em parte do vestuário, sugere uma produção do final dos setecentos de feição barroca tardia, já em diálogo com outras tendências formais, em plena maturidade do culto mariano nas freguesias do interior fluminense.

3) Santa Cecília – Madeira/Séc. XIX/Alt. 71cm/ Matriz de N. Sra. da Conceição



A escultura feminina aqui analisada representa a virgem mártir em vestes patrícias, cuja leitura iconográfica se apoia em elementos clássicos e narrativos. A personagem empunha uma pequena harpa com ambas as mãos, instrumento que orienta não apenas sua função simbólica — vinculada à harmonia, à música sacra ou à sabedoria divina — como também contribui para a composição do gesto e da expressividade geral da obra. O olhar dirige-se suavemente para o alto, numa postura contemplativa, de espiritualidade elevada, reforçada pelo semblante tranquilo e pela inclinação do rosto.

A indumentária é composta por uma túnica longa, sobre a qual se sobrepõe uma túnica curta (espécie de dalmática) e uma capa, presa ao ombro esquerdo por um firmal — solução formal que evoca modelos da Antiguidade e confere certo ar helenizante

à figura. As vestes são decoradas com punções e relevos, especialmente nos contornos dourados e nas bordas dos tecidos, embora a policromia (com camadas de repintura) seja mais opaca e contida quando comparada a modelos barrocos ou rococós. O panejamento, de modo geral, é econômico: não há dobras profundas nem movimento exacerbado, mas uma fluidez suave e disciplinada, reforçando a sobriedade do conjunto.

O cabelo está penteado em coque baixo, realçando o perfil alongado da figura e a delicadeza das feições. O rosto, de traços regulares, é valorizado por olhos de vidro — elemento frequente em imagens devocionais do século XIX, especialmente aquelas destinadas a decorações de nichos e altares. A ausência de véu ou acessórios adicionais no vestuário contribui para a leitura clássica e idealizada da imagem.

Os pés, propositadamente visíveis, calçam cáligas com tiras em “X”, elemento que remete diretamente à antiguidade greco-romana e à iconografia tradicional das virtudes ou virgens mártires. Tal recurso reforça o caráter atemporal da personagem e aponta para uma produção voltada à evocação de ideais morais ou espirituais, em sintonia com as tendências eclesiásticas e pedagógicas do período oitocentista.

A escultura repousa sobre base quadrangular, de perfil escalonado e acabamento marmorizado — detalhe que confere elegância ao conjunto e o insere no repertório decorativo do século XIX. A composição como um todo sugere origem em oficina acadêmica ou influenciada por padrões neoclássicos tardios, em que a simplicidade formal e o decoro substituem o *pathos* dramático de fases anteriores.

4) Sant'Ana Mestra – Madeira/Séc. XIX/Alt. 106cm/ Matriz de N. Sra. da Conceição



A composição escultórica representa Sant'Ana Mestra e a Virgem Menina, reunidas em torno da Sagrada Escritura — símbolo tradicional da instrução espiritual e da formação da futura Mãe de Deus. Trata-se de uma obra que se insere na iconografia devocional do século XIX, com traços que aliam certa rigidez formal a um evidente cuidado ornamental. A diferença de escala entre as figuras é notável: a mãe é desproporcionalmente maior, o que acentua sua função pedagógica no devocionário oitocentista. Seu rosto largo, de olhos amendoados e expressão serena, reforça essa ideia de matriarca benevolente.

A Virgem Menina, em contrapartida, é apresentada com proporções mais coesas e naturalistas. Os cabelos, muito bem delineados, caem em cachos largos e longos, demonstrando refinamento na execução e atenção aos detalhes anatômicos. Ambas as figuras possuem olhos de vidro, recurso característico das imagens devocionais oitocentistas, que imprime um efeito de vivacidade e

envolvimento ao olhar, intensificando a comunicação simbólica com o fiel. Há, ainda, delicadeza na forma como as mãos tocam o livro, revelando uma cena de ternura e recolhimento.

O estofamento das vestes chama a atenção pelo alto grau de preservação e pelo requinte técnico. Observam-se esgrafitos em diversas variantes — retos, em “caminho sem fim” e estriados — bem como florões dourados e punções cuidadosamente aplicadas. A riqueza do douramento se contrapõe à sobriedade da composição gestual, estabelecendo um equilíbrio entre ornamentação e contenção. A iconografia, por mais que tradicional, é interpretada com um toque de simplicidade: a cadeira com espaldar e a base verde sobre a qual Sant’Ana repousa o corpo são elementos discretos, quase anônimos, que não competem com a centralidade das figuras.

Um detalhe singular é a representação da Virgem Menina sobre uma base de nuvens helicoidais, acompanhada por dois querubins — recurso normalmente reservado a imagens marianas em sua fase adulta. Aqui, ele aparece quase como uma antecipação escatológica, reforçando a santidade precoce da personagem infantil. Trata-se, portanto, de uma escultura que combina hierarquia, doçura e requinte técnico, reunindo características clássicas da imaginária oitocentista com soluções formais que, embora discretas, se mostram singulares nesse tipo de representação.

Por fim, o conjunto parece dialogar com a tradição de esculturas devocionais domésticas dos tempos de Colônia e Império, especialmente na forma como equilibra proporção monumental com intenção afetuosa. Há aqui um claro convite à contemplação da maternidade, da pedagogia da fé e da inocência como caminho de sabedoria.

5) São Sebastião – Madeira/Séc. XIX/Alt.: 112cm/Igreja de S. Sebastião de Ferreiros



A escultura representa São Sebastião em seu martírio, iconografia amplamente difundida na arte cristã ocidental – principalmente tomando o exemplo da representação do italiano Andrea Mantegna (1431-1506). A figura se apresenta amarrada a um tronco, como é costume nas representações luso-brasileiras, mas sua conformação anatômica — “atarracada”, de proporções não naturalistas — confere à imagem um aspecto menos idealizado e

mais expressivo. O corpo é jovem, mas ascético e estático, sugerindo não tanto o sofrimento dramático, mas uma entrega serena ao suplício. Os olhos de vidro reforçam essa dimensão expressiva, dirigindo o olhar para o alto com leveza, em atitude de êxtase ou resignação.

O perizônio é esculpido com grande esmero: drapeado em pregas suaves, apresenta acabamento em dourado nas bordas e sua parte amarrada produz uma expansão volumétrica antinatural, uma vez que o pano parece enrijecido diante da gravidade – que deveria fazê-lo cair no mesmo traçado regulador do corpo. Embora o corpo esteja exposto, o tratamento decorativo das vestes suaviza a exposição anatômica, enfatizando o caráter simbólico da pureza e da entrega.

A base tem a conformação de um penedo. A escolha por não incluir as tradicionais flechas no corpo do santo — ou tê-las representadas de forma muito discreta ou ausente — desloca o foco do martírio físico para uma contemplação espiritual, talvez intencionalmente suavizada.

Em sua materialidade e forma, esta imagem de São Sebastião mistura referências clássicas com uma leitura serena do sacrifício cristão. Embora não carregue o drama das interpretações barrocas pretéritas, a obra se impõe pelo equilíbrio e atenção a detalhes que conferem singularidade à peça no conjunto da iconografia devocional do santo.

6) Nossa Senhora do Rosário – Madeira/Séc. XIX/Alt.: 93cm/
Igreja de Nossa Senhora do Rosário



A imagem representa Nossa Senhora do Rosário, em composição serena e verticalizada, com o Menino Jesus apoiado sobre seu braço esquerdo. É uma escultura que se destaca pela delicadeza da execução, em especial no tratamento dos panejamentos e no acabamento ornamental, que remete diretamente à tradição luso-brasileira de produção sacra, como bem exemplificam as padroeiras de Nossa Senhora da Apresentação do Irajá e da antiga freguesia de Sant’Ana das Palmeiras, com as quais (entre outras)

guarda notável afinidade.

A figura mariana exhibe postura de leve *contrapposto*, discretamente marcada pelo deslocamento do peso corporal, o que confere certa naturalidade à cena. O rosto de feições ovais é suavemente melancólico, com olhos de vidro que acentuam a expressividade contida do olhar. O Menino, de proporções adequadas e anatomia graciosa, se volta para o lado oposto ao da mãe, criando uma sutil tensão direcional entre as duas figuras. Embora sem movimento brusco, a composição se equilibra entre o repouso e a dinâmica suave, favorecendo uma leitura contemplativa.

A riqueza da imagem reside principalmente no tratamento das vestes. A túnica e o manto da Virgem são decorados com delicados esgrafitos e exibem punções que enriquecem a superfície com variações texturais. O douramento, ainda que esmaecido pelo tempo, mantém grande parte de sua vivacidade, e a organização volumétrica do tecido é feita com rara precisão, conferindo aos drapeados um efeito de leveza e fluidez. Apesar de não haver grande movimentação nas dobras, há clara preocupação em distribuir os volumes com lógica formal e refinamento estético.

Na mão direita, a Virgem sustenta um terço, elemento que confirma a iconografia do Rosário, ampliando sua função devocional. A base da escultura simula um bloco de nuvens com espirais bem definidas, recurso frequentemente utilizado para indicar a elevação celeste ou a manifestação da Virgem como intercessora junto ao plano divino. A parte inferior hexagonal, embora mais simples, cumpre seu papel funcional e visual.

Trata-se, pois, de uma imagem que alia contenção expressiva à exuberância técnica, típica da tradição portuguesa, sugerindo possível circulação de modelos ou até mesmo execução por escultores de formação europeia. A conjugação de olhos de vidro, punções, esgrafitos e delicada composição volumétrica fazem da peça um exemplar de notável qualidade dentro do repertório escultórico regional.

7) Retábulo da capela-mor – Madeira/Séc. XIX/Largura: 709cm/Matriz de N. Sra. da Conceição



Retábulo-mor neoclássico. Estrutura em talha branca com douramento parcial. O corpo do retábulo é marcado por colunas estriadas de capitéis compósitos, que sustentam entablamento liso com friso decorado. No coroamento, elementos fitomorfos em talha dourada, como guirlandas, angras e folhas de acanto, distribuem-se

simetricamente, tendo ao centro um grande resplendor radiante com símbolo cristológico. O nicho central abriga um trono escalonado, ornamentado nos diversos níveis com motivos em relevo de panejamento e festões. No topo, um camarim com moldura recortada, ladeado por angras douradas e arrematado por folhas de acanto. O fundo do nicho apresenta pintura mural com nuvens e numerosos querubins, reforçando o caráter celestial da cena.

Considerações Finais

A escultura religiosa de Vassouras revela, com eloquente nitidez, a trajetória de um fazer devocional que, embora ancorado nas formas dos tempos coloniais, não deixou de dialogar com os influxos estéticos e culturais que marcaram o século XIX brasileiro. Ao reunir peças de procedência diversa, entre imagens vindas de centros artísticos já consolidados e exemplares forjados no próprio Vale do Paraíba, o acervo sacro vassourense expressa, mais do que um gosto homogêneo, uma sensível tessitura de repertórios visuais, intenções catequéticas e processos de distinção social.

As obras aqui analisadas — sejam aquelas de feição tardo barroca, portadoras de intensa expressividade, ou as que já se inscrevem no léxico neoclássico, com suas formas depuradas e afetos comedidos — testemunham não apenas a permanência de modelos, mas sobretudo a capacidade das irmandades, capelas e famílias locais de absorver, reinterpretar e perpetuar certos ideais de sacralidade, beleza e poder. Nessa operação, a escultura religiosa assume o duplo papel de objeto de culto e signo de prestígio, elo entre o sensível e o transcendente, mas também entre o campo e o mundo das elites urbanas ilustradas.

A persistência de atributos barrocos em pleno oitocentos, longe de denunciar um suposto atraso cultural, indica antes a resiliência de um sistema de crenças e valores que ainda encontrava eco nas formas da tradição. A sacralização do espaço, a teatralidade dos altares e a intensidade das expressões devocionais cumpriam funções precisas dentro do pacto comunitário vassourense, em que

a arte, a fé e a ordem social se entrelaçavam com notável eficácia simbólica.

Por outro lado, o influxo do neoclassicismo, visível em determinadas peças mais tardias, não rompe com esse arcabouço, mas o remodela, ajustando-o às novas exigências de gosto e às aspirações modernizantes de parte da elite local. O culto às formas depuradas, ao equilíbrio e à contenção emocional não elimina o *pathos* religioso, mas o reinscreve em outras categorias de verossimilhança e distinção estética.

Em suma, o patrimônio escultórico religioso de Vassouras constitui uma chave privilegiada para a leitura das tensões entre permanência e transformação, devoção e poder, tradição e modernidade. Preservá-lo e compreendê-lo é reconhecer a complexidade dos circuitos culturais que moldaram a história da cidade e, ao mesmo tempo, reafirmar o lugar da arte sacra como documento sensível das experiências coletivas no Brasil oitocentista.

Referências

ALBERTI, Leon Battista. **Da pintura**. Campinas: Unicamp, 1999.

ALVES, Natália Marinho Ferreira (Org.). **A encomenda. O artista. A obra**. Porto: CEPESE, 2010.

ALVIM, Sandra. **Arquitetura religiosa colonial do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ. v. 1, 2 e 3.

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e persuasão: Ensaios sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ATIENZA, Juan G. **Santos pagãos: deuses ontem, santos hoje**. São Paulo: Ícone, 1995.

AZEVEDO, Moreira de. **O Rio de Janeiro: sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades**. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira, 1969.

BAZIN, Germain. **O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1963.

BAZIN, Germain. **Arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BELTING, Hans. **Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

BICALHO, Maria Fernanda. **A cidade e o império: o Rio de Janeiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BICCA, Briane Elisabeth Panitzn; BICCA, Paulo Renato (Orgs.). **Arquitetura na formação do Brasil**. Brasília: UNESCO, 2007.

BONNET, Márcia C. Leão. **Entre o ofício e a arte: pintores e entalhadores no Rio de Janeiro setecentista**. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2009.

BURY, John. **Arquitetura e arte no Brasil colonial**. Brasília: IPHAN, 2006.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Arte sacra no Brasil colonial**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CARVALHO, Ana Maria Fausto Monteiro de (Org.). **A Forma e a imagem: arte e Arquitetura Jesuítica no Rio de Janeiro Colonial**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1992.

CARVALHO, Ana Maria Fausto Monteiro de (Org.). **Mestre Valentim**. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 1999.

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAVALCANTI, Nireu. **Histórias de conflitos no Rio de Janeiro colonial: da carta de Caminha ao contrabando de camisinha (1500/1807)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COARACI, Vivaldo. **Memórias do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965.

COELHO, Beatriz Ramos de Vasconcelos (Org.). Materiais, técnicas e conservação. In: **Devoção e arte: imaginária religiosa em Minas Gerais**. São Paulo: EDUSP, 2005.

COSTA, Lucio. A arquitetura jesuítica no Brasil. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** – IPHAN, Rio de Janeiro, n. 5, 1941.

CUNHA, Maria José de Assunção da. **Iconografia Cristã**. Ouro Preto: UFOP/IAC, 1993.

ENDERS, Armelle. **História do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

FOCILLON, Henry. **A vida das formas**. Lisboa: Edições 70, 1988.

GOMES, R.A.F. **Inventário da arte sacra fluminense**. Rio de Janeiro: INEPAC, 2010. 2 v., 304 p. cada.

HOONAERT, Eduardo. **A igreja no Brasil colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JABOATÃO, Antônio de Santa Maria, frei. **Novo orbe seráfico brasílico ou crônica dos frades menores da província do Brasil**. Recife: Assembleia Legislativa de Pernambuco, 1980.

LEITE, Serafim. **Artes e ofícios dos Jesuítas no Brasil**. Lisboa/Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Porto: Tipografia Porto Médico, 1938.

LICHTENSTEIN, Jacqueline (Org.). **A pintura**. A teologia da imagem e o estatuto da pintura. São Paulo: Ed. 34, 2004. v. 2.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Typographia de Cândido Augusto de Mello, 1863.

MÂLE, Émile. **El arte religioso del siglo XIII em Francia**. Madri: Encuentro, 2001. (Tradução do Francês, lançado originalmente em 1910).

MÂLE, Émile. **El arte religioso de la Contrarreforma**. Madri: Encuentro, 2001. (Tradução do Francês, lançado originalmente em 1932).

MARTINS, Mônica de Souza N. **Entre a cruz e o capital**: As Corporações de Ofícios no Rio de Janeiro após a chegada da Família Real (1808-1824). Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MEGALE, Nilza Botelho. **Cento e doze invocações da Virgem Maria no Brasil**.

História, iconografia, folclore. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1886.

MELLO Jr., Donato. **Rio de Janeiro** – planos, plantas e aparências. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1988.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de. **A imagem religiosa no Brasil**. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais e Fundação Bienal de São Paulo, 2000.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de. **O Rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de. **Barroco e Rococó nas igrejas do Rio de Janeiro**. Brasília: IPHAN/Monumenta, 2008. v. I-III.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PIZARRO E ARAÚJO, José de Souza Azevedo. **O Rio de Janeiro nas visitas pastorais de Monsenhor Pizarro**. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

PIZARRO E ARAÚJO, José de Souza Azevedo. **Memórias Históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. I-V.

RÉAU, Louis. **Iconografia del arte cristiano**. Barcelona: Del Serbal, 1996. 6 v. (Tradução do Francês, lançado originalmente entre 1955-59).

ROIG, Juan Fernando. **Iconografia de los santos**. Barcelona: Omega. 1958.

RÖWER, frei Basílio. **A Ordem Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1947.

SANTOS, Luiz Gonçalves dos. **Memórias para servir à história do reino do Brasil**. Lisboa, 1825.

SANTOS, Paulo Ferreira. **Formação de cidades no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

SEBASTIÁN, Santiago. **Contrarreforma y Barroco**. Madrid: Alianza Forma, 1981.

SERRÃO, Vitor. **O maneirismo e o estatuto social dos pintores portugueses**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

SILVA, Antônio de Moraes; BLUTEAU, padre Rafael. **Diccionario da lingua portuguesa**, composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro (v. 2: L-Z). Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA-NIGRA, Clemente da, dom. **Construtores e artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro**. Salvador: Typografia Beneditina, 1950.

SILVA-NIGRA, Clemente da, dom. **Escultura colonial no Brasil**. In: ARAÚJO, Emanuel. Catálogo da Exposição “O Universo Mágico do Barroco Brasileiro”. São Paulo: Fiesp, 1998.

SILVA TELLES, Augusto Carlos da. **Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil**. Brasília: IPHAN, 2008.

SILVA TELLES, Augusto Carlos da. **O Vale do Paraíba e a arquitetura do café**. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

SMITH, Robert. **A talha em Portugal**. Lisboa: Livros Horizonte, 1962.

SOUZA, Marina de Mello e. **Paraty: as cidades e as festas**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

TAVARES, Jorge Campos. **Dicionário de santos**. Hagiológico e iconográfico de atributos de artes e profissões de padroados de compositores de música religiosa. Porto: Lello, 2001.

TÔRRES, Gênesis. **Baixada fluminense: a construção de uma história: sociedade, economia, política**. Rio de Janeiro: INEPAC, 2008.

VARAZZE, Jacobo de (1229-1298). **Legenda áurea**: vida de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. (Trad. de Hilário Franco Jr.)

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. (Publicação original de 1719).

WEISBACH, Werner. **El Barroco, arte de la Contrarreforma**. Madrid, Espasa Calpe, 1948.

WITTKOWER, Rudolf. **Escultura**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WOLFFLIN, Heinrich. **Conceitos fundamentais da História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

VI. Patrimônio Histórico Cemiterial: Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras-RJ¹⁶⁴

Adelino Mattos de Almeida Junior

Este capítulo expõe a beleza arquitetônica, cultural e artística do Cemitério Nossa Senhora da Conceição da cidade de Vassouras, Rio de Janeiro, Brasil – um patrimônio cultural, religioso, social, de verdadeiro valor artístico, indo além de sítio mórbido ou local de representação de tristeza e dor. Além disso, explica os significados das arquiteturas que formam a necrópole, assim como a imortalização de um nome e sobrenome expressado em arte tumular e a importância de conservar, preservar as necrópoles, que são verdadeiros museus a céu aberto.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir do projeto final do Curso de Conservação e Restauro ofertado pela Escola Técnica de Restauro Carlos Frederico Werneck de Lacerda – Faetec Vassouras.

A seguir, abordou-se o patrimônio histórico cemiterial tendo como objeto de estudo o Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, expondo uma percepção do mundo da morte que instiga a reflexão e reconsideração de alguns pontos culturais, sociais, religiosos, arquitetônicos, artísticos e históricos acerca dos cemitérios, obras mortuárias como jazigos perpétuos e mausoléus, tratando de exemplares da arquitetura tumular, dos mais simples aos mais glamourosos. Evidenciam-se histórias que muitas vezes passam despercebidas.

Trata-se de expor a morte e as obras mortuárias em sua mais leve essência, naturalidade, sua beleza sociocultural, arquitetônica, artística e a importância de sua conservação e restauro para toda a sociedade, usando como objeto de pesquisa a primeira ala do século XIX do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, localizado em Vassouras/RJ. Conhecido por muitos como o Cemitério da

164 Trabalho de Conclusão de Curso Técnico em Conservação e Restauro da Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (FAETEC), no ano de 2024.

Irmandade, seu projeto é de 1834; porém foi fisicamente edificado, no final da rua Barão de Massambará, na praça Cristóvão Correa e Castro, em 1848, tendo sua placa fixada no muro frontal delimitando seu espaço na antiga Villa de Vassouras.

O Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

Cemitério, do latim *coemeterium*, que, por sua vez, deriva de *cinisterium* (cinos: doce e renor: mansão), como do grego *kouméterion*, de *kaimão*, que significa eu durmo.

O cemitério mais antigo de Vassouras é o da antiga Villa de Vassouras, o Cemitério Nossa Senhora da Conceição.



Figura 1: Cemitério Nossa Senhora da Conceição, Vassouras/RJ (2019).

Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1834, a mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição designou o terreno localizado atrás da Igreja principal – hoje praça Sebastião de Lacerda – para edificar o cemitério da Irmandade. Provavelmente por falta de espaço, alguns anos mais tarde o Cemitério é transferido para um sítio maior, que atualmente se localiza ao final da rua Barão de Massambará, na praça Cristóvão

Correa e Castro, edificado desde 1848, como nos leva a concluir a placa afixada no muro frontal.

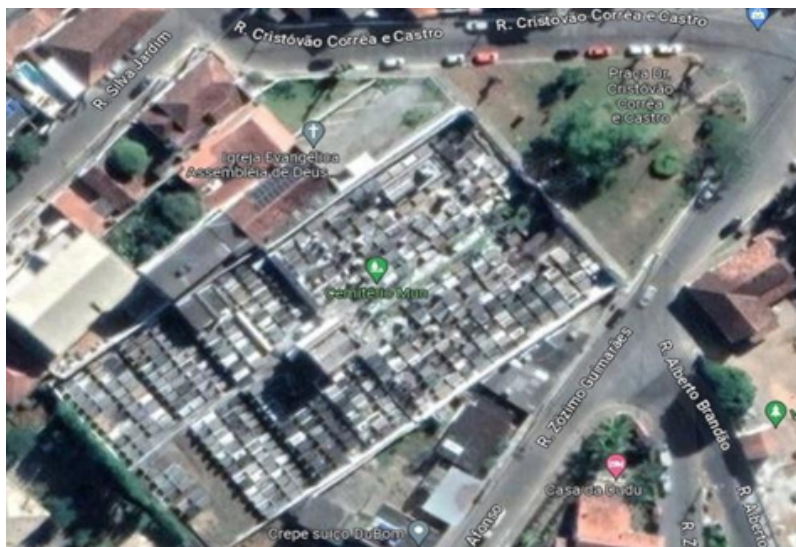


Figura 2: Vista aérea da situação do Cemitério (2023).

Fonte: Google Maps.

Desse campo-santo temos o seguinte relato:

O mais grácil e aprazível dos sítios de Vassouras é o cemitério. Por toda parte há flores de mistura, não a flor tumular amarela e fanada que na Europa mãos avaras deixam cair nos sepulcros como últimas lembranças. Há a flor animada, a flor virente, a flor de brilho e perfume.

Ah! Como compreendem a morte os que a enfeitam como à vida!

Fui muitas vezes a esse campo-santo. Detive-me principalmente por detrás da capela em quiosque, em um terreno baixo e descalvado, onde havia al-

gumas cruzeiros de madeira. Que me diziam esses túmulos? Um grande drama, o das misérias escravas, uma longa epopéia, a das dores miseráveis. Mortos humildes de sangue negro ou de sangue azul, se aí jazais, quem quer que sejais, grei do labor e do infortúnio, eu vos saúdo (Borges; Reis, 2007, p. 01).

Essa passagem de Charles Ribeyrolles em visita ao Vale Fluminense do Rio Paraíba do Sul, nos idos dos anos de 1859 e 1860, descreve a impressão do autor sobre o cemitério da cidade de Vassouras.

É sabido que uma das situações mais difíceis enfrentadas pelos moradores de Vassouras foi a epidemia de febre amarela, que assolou o município em dois momentos, nos anos de 1880 e 1881. Na época, uma das providências tomadas pelo governo local foi o fechamento do Cemitério de Nossa Senhora da Conceição e a criação de um novo cemitério; muito criticada esta atitude, tendo em vista que o cemitério se encontrava muito próximo da cidade, na Avenida Octávio Gomes, muito provavelmente onde se encontra hoje o Supermercado Bramil.

Naquela época, a primeira edição do Jornal intitulado *O Vassourense* de 1882, o médico Lucindo Filho, destacou como se encontrava a cidade de Vassouras,

[...] dentro dos muros da cidade, a população não atinge, com certeza, ao número de duas mil almas e em sua estrutura: 18 casas de negócios, 3 padarias, 2 hotéis, 4 botequins, 5 alfaiates, 6 modistas, 4 sapateiros, 4 funileiros-caldeiros, 4 estabelecimentos de carros e 1 dito na Santa Casa de Misericórdia, 2 farmácias, 6 médicos, 13 advogados, 5 solicitadores, 2 colégios de meninas, 1 dito de instrução primária (aula pública) e 1 dito de ins-

No cemitério de poucos anos atrás, visualizava-se a capela citada por Ribeyrolles, dedicada a Nossa Senhora das Dores. Na parte mais central do plano do campo-santo, aos fundos desta, se encontram alguns túmulos simples e logo após há um terreno mais acidentado, tomado pelo lixo e pelo mato, onde provavelmente estavam os túmulos de pessoas escravizadas, descritos por Ribeyrolles quando de sua visita. Estes eram localizados nos fundos desse terreno, separados da parte reservada a receber as inumações do restante da sociedade. De certo modo, essa divisão dos locais de enterramento dentro do espaço cemiterial, verificada nesse cemitério, refletia a alta hierarquização reinante na sociedade vassourense da época.



Figura 3: Trecho de uma procissão, de Elysio Pereira dos Passos, 1905. Mostra uma procissão a caminho da capela mortuária do Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição em Vassouras.

Fonte: Brasileira Fotográfica Digital, Biblioteca Nacional.

O uso da arquitetura na necrópole

A partir do trabalho *Ressignificando O Espaço Urbano: Educação Patrimonial No Cemitério Municipal São Francisco De Paula* (Grassi, 2018), temos a seguinte análise, feita a partir de uma seleção tipológica em relação à arquitetura tumular. Para a classificação dos exemplares foram selecionadas características essenciais, semelhanças, além da percepção que há alguns *tipos* ou *mínimos arquitetônicos* que se replicam nos exemplares construídos no Cemitério ao longo de sua existência. Esta repetição do *mínimo arquitetônico* identifica um agrupamento de edificações que possui semelhanças em sua essência, porém contém diferenças construtivas e volumétricas.

Tal classificação tipológica divide a arquitetura tumular em sete modalidades: 1) sepulturas, 2) oratórios, 3) estelas, 4) jazigo/mausoléu capela, 5) túmulo verticalizado, 6) mausoléu, 7) jazigo monumento, e tipos singulares. São encontrados esses mesmos padrões em cemitérios de época em todo o território brasileiro, sendo que os exemplares de arquiteturas de mausoléus e jazigos, apresentados a seguir, vemos no Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras:

Sepulturas – Podendo ser para um corpo na superfície, rente ao chão ou até para cinco corpos, começando os andares debaixo da terra para cima, terminando com um monumento simples ou marcada com apenas um símbolo religioso ou foto. No caso ilustrado a seguir foi com uma cruz.



Figura 4: Jazigo perpétuo do Capitão Jacinto Vieira Machado, de 1957.

Fonte: Arquivo pessoal.

Oratórios – Geralmente, os oratórios são jazigos subterrâneos, sem o andar monumental sobre a terra. O corpo fica na parte de baixo e é construído um memorial com as informações e com um oratório, em forma de capela, ora com imagens de santos de devoção do finado, ora com imagens de anjos.



Figura 5: Memorial pertencente a Olímpio José Gomes da Costa, de 1876.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Estela, ou Stela - Significa pedra erguida, era usado na arquitetura para marco político e religioso, para mostrar o poder e bondade do finado que ali se encontrava, quando não suntuoso marcado como templos romanos, com a imagem de um santo católico no topo, era todo escrito com orações ou dizeres do mesmo em vida.



Figura 6: Stela de Manoel de Avellar e Almeida,
Primeiro e único Barão de Avellar e Almeida de 1848.

Fonte: Arquivo pessoal.

Jazigo/Mausoléu Capela - Os jazigos ou mausoléus capela são parecidos com os mausoléus comuns; seu diferencial é o interior, onde podemos encontrar um piso com um altar e um oratório. Geralmente, o acesso ao subterrâneo, onde se encontram os corpos sepultados, é fechado com uma porta, privando o acesso e deixando livre apenas o primeiro pavimento da capela. Já no mausoléu comum a entrada dá diretamente para a escada que desce ao subterrâneo, sem um pavimento entre eles. No mausoléu capela ilustrado a seguir encontram-se sepultados os restos mortais das altezas imperiais Pedro de Alcântara Henrique Afonso Filipe Maria Gastão Miguel Gabriel Rafael Gonzaga e sua esposa, a princesa da Baviera, a Imperatriz-mãe, Prinzessin Maria Elisabeth Franziska Josepha Therese von Bayern. Pelo Ramo de Vassouras, Dom Pedro Henrique de Orléans e Bragança era chefe da Casa Imperial do Brasil, Imperador do Brasil por direito.

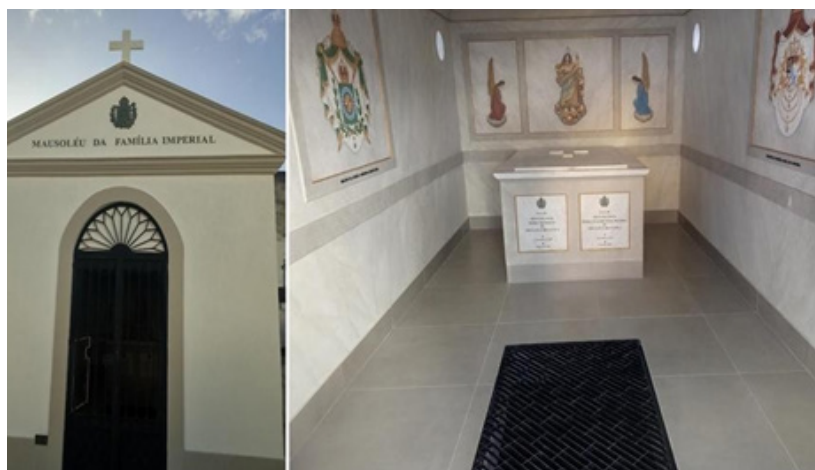


Figura 7: Mausoléu Imperial.

Fonte: Arquivo pessoal.

O restauro do Mausoléu Imperial ocorreu em 2023, toda a pintura artística em técnicas de estuque veneziano, conhecido como marmorino, foi realizada por Dona Maria Gabriela Doroteia Isabel Josefa Miguela Rafaela Gonzaga de Orléans e Bragança e Wittelsbach, conhecida como Dona Lelli de Orleans e Bragança e sua irmã gêmea, Dona Maria Teresa de Orléans e Bragança, Senhora de Jong.

Túmulo Verticalizado - Os túmulos verticalizados são jazigos construídos sobre uma laje, onde os corpos não descem para terra e sim entram pela lateral, sendo lacrados como grandes gavetas verticais.



Figura 8: Jazigo de Antonio Manoel G. de Sousa – 1876.

Fonte: Arquivo pessoal.

Mausoléus - A palavra *mausoléu* deriva do nome do Rei Mausolos, sátrapa, governante do Império Persa no século IV a.C., sepultado no Mausoléu de Halicarnasso. Mausoléus geralmente são feitos com grandes estruturas externas, com escadas que levam a sala das criptas, podendo ser laterais, nas paredes ou até túmulos individuais lado a lado. Em alguns mausoléus na Europa os corpos ficam sobre uma mesa, sem serem sepultados de fato. No caso do mausoléu das famílias Teixeira Leite de Vassouras, na sala das criptas as gavetas são laterais, os restos mortais se encontram nas paredes.



Figura 9: Mausoléu da Família de Francisco José Teixeira, o Barão de Itambé.

Fonte: Arquivo pessoal.

Jazigos Monumentais - Costumam ser construídos sobre o corpo, sem grande profundidade, onde se tem o espaço do túmulo e um monumento suntuoso acima, passando as devidas informações do finado. Esse tipo de jazigo geralmente é feito para figuras políticas, artísticas, pessoas de importância social reconhecida.



Figura 10: Jazigo do Capitão João Barboza dos Santos Werneck – 1874.

Fonte: Arquivo pessoal

Além destes, temos os Túmulos Vitorianos, feitos em uma arquitetura de ferro do início do século XIX. No começo eram chamadas de *mortgage*, termo que significa hipoteca. Tinham este nome, pois as famílias quando não tinham como pagar o serviço dos ferreiros para construir tais estruturas, pediam empréstimos aos bancos, tudo para preservar os corpos enterrados, para não serem desenterrados pelos ressurreicionistas e médicos noturnos da época, que roubavam os corpos frescos para estudos universitários ou ritualísticos. Se construía com armaduras de ferro que abraçavam a esquife debaixo da terra e eram concretadas com o objetivo de nunca mais serem tiradas de lá.

Com o passar das décadas, começaram a ser usadas de forma estética, apenas sobre a terra, para delimitar o espaço onde estavam os corpos, como ainda são vistos no Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.



Figura 11: Pertencentes a família Furtado, Maria Felasrina D'Assis Furtado, Joaquim Jozé Furtado – 1855 e Robert Froude Norton Tiger – 1914.

Fonte: Arquivo pessoal.

A imortalização de um nome com a arte tumular

O final do século XIX e princípio do século XX foi extremamente rico para a arte cemiterial brasileira por reunir, ao mesmo

tempo, famílias com recursos financeiros e disposição para construir túmulos suntuosos, e artistas de grande talento que por aqui aportaram, todos apresentando uma riqueza de detalhes e leveza surpreendentes.

No entanto, nos cemitérios brasileiros não é tão fácil distinguir-se a sucessão cronológica dos estilos, comparecendo a *belle époque* e a *art nouveau*, muitas vezes como mercadorias importadas, imitadas, dispostas e acumuladas ao longo das quadras. Na maioria das vezes, o principal intuito, para além daquele estético e artístico, era atingir certa imortalização de um nome através da arte tumular.

Nesse sentido, apesar de não tão suntuosas como os verdadeiros museus a céu aberto das grandes metrópoles, em Vassouras/RJ também encontramos obras de artes tumulares. A seguir, trazemos exemplos do Cemitério Nossa Senhora da Conceição.

O Memorial de João Evangelista é uma obra esculpida em mármore de carrara, notando-se seu rosto, colunas clássicas que simbolizam que ele foi um membro de uma família tradicional e as torres em forma de triângulos, que simbolizam força, segurança e perpetuidade.



Figura 12: Memorial de João Evangelista Teixeira Leite.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Há também o jazigo de D. Maria Esmeria Teixeira Leite, onde

encontramos diversos simbolismos e estilos distintos. Cercado por um modelo de Túmulo Vitoriano, fundido em ferro, também notamos a arte simbólica esculpida em mármore, com a caveira como um clássico do século XIX, sendo um Memento Mori, lembre-se de que você vai morrer, ou seja, nós que aqui estamos por vós esperamos. Vemos também as tochas invertidas, que simbolizam que a alma da pessoa falecida ainda está flamejando na vida eterna. Já a cruz no topo é a representação da interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares, e as patas de felino mostram que ela era figura principal em sua família, como fundadora ou até mesmo a sustentação familiar.



Figura 13: Jazigos de Francisco José Teixeira Leite, o Barão de Vassouras – 1884 e de Dona Maria Esmeria Texeira Leite – 1850.

Fonte: Arquivo Pessoal.

Outra obra que chama atenção no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras é o Jazigo Perpétuo de Laureno Corrêa e Castro, sem muitos detalhes, mas eternizado com portões de ferro rente ao solo dando acesso a uma escadaria que leva até a sala de repouso subterrâneo. Mesmo que pareça apenas dois portões simples, existe um significado por trás: os portões aplicados ao solo representam a passagem da vida para a morte, mostrando que a morte não é apenas o fim, mas também o começo, uma travessia.



Figura 14: Jazigo Perpétuo de Laureno Corrêa e Castro, o Barão de Campo Belo – 1861. Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 15: Jazigo da família Fernandes, primeira abertura sendo em 1895, segunda abertura sendo em 1896, terceira abertura sendo em 1900 e quarta e última abertura em 1922.

Fonte: Arquivo pessoal.

Vemos aqui a cruz sendo a representação da interseção do plano material com o transcendental em seus eixos perpendiculares, com uma pomba fazendo seu ninho, representando a paz em meio aos ramos de papoula, que por sua vez representa a flor do sono e da morte; é a planta que dá o ópio e pode simbolizar o esquecimento da dor.

Nestes exemplos está trabalhado o mármore esculpido, que é diferente do trabalho em granito, e ainda o ferro como portão do mausoléu, também modelado em forma do brasão imperial brasileiro.

É possível que alguns dos jazigos presentes neste cemitério histórico tenham sido feitos por artistas de fora e com materiais por vezes importados, como os vidros do mausoléu da família do Barão de Itambé, tudo com o objetivo de enaltecer o nome das famílias. É possível também que mármorees tenham sido esculpidos por mãos de pessoas escravizadas, que gastavam as pedras dentro dos limites das letras desenhadas pelos marmoristas, reproduzindo o que se almejava escrito.

Conservação e estauro das necrópoles



Figura 16: Mausoléu da Família do Barão de Itambé, Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras- RJ.

Fonte: Arquivo pessoal (2020).

A importância da conservação e restauração do patrimônio cultural mortuário é fundamental, não para os mortos, mas sim para os vivos que assim aprendem sobre a cultura escrita, artística e arquitetônica de uma determinada época, bem como sobre suas condicionantes sociais. Além de ser uma possibilidade econômica, o patrimônio cultural mortuário desempenha um papel muito valioso para a comunidade a que pertence, pois compõe a sua identidade e confere-lhe coesão social.

Uma comunidade que não assegura a conservação e a restauração de seu próprio patrimônio cultural mortuário mostra que não o reconhece e, portanto, não o valoriza, o que compromete a sua própria identificação enquanto um agrupamento humano – que

tem por natureza a vida que, por sua vez, tem como seu fim a morte. Os artistas que fizeram essas obras no passado não podem mais voltar para repeti-las; logo, o descaso, o abandono, a sua deterioração e arruinamento significam privar nossos sucessores delas.

Considerações Finais

Este artigo abordou a história do Cemitério Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, apresentou e analisou parte da sua arquitetura tumular e evidenciou a sua importância enquanto um sítio patrimonial histórico, um verdadeiro museu a céu aberto ainda hoje enquanto Vassouras cidade. Espera-se contribuir para a conscientização sobre a importância de conservar e preservar o patrimônio cemiterial de Vassouras/RJ, mesmo que ainda pouco comentado e discutido.

Mesmo não carregando a mesma imponência visual de uma edificação que permeia uma bela praça, como por exemplo um palacete ou um solar do século XIX - para os quais existem inclusive leis e técnicas específicas para protegê-los e conservá-los, ao contrário das arquiteturas tumulares que muitas vezes precisam de bom senso e boa vontade da sociedade para preservá-las nos cemitérios, como o de Nossa Senhora da Conceição, encontramos os restos mortais dos antigos proprietários destas edificações urbanas e de muitas outras pessoas que conviveram com estes. Isto lhes confere importância religiosa, histórica, artística, social e cultural.

Vale que neste cemitério estão sepultadas as principais figuras da sociedade vassourense, que fizeram parte da construção da cidade. Tais figuras, podendo ser sepultadas no cemitério da capital, o famoso São João Batista, no entanto fizeram questão de que seus restos mortais permanecessem na cidade.

Referências

BIBLIOTECA NACIONAL. Brasiliana Fotográfica Digital. **Vassouras. Trecho de uma procissão** (1905). Disponível em: <<<https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/1018>> Acesso em: 18 ago. 2023.

BORGES, Maria Elizia. OLIVEIRA, Juliana Rodrigues de. Retratos Memoriais: Nascimento/Morte da Linhagem Familiar Burguesa. **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**, v. 9, a. IX, n. 2, Maio/ Junho/ Julho/ Agosto, 2012. Disponível em: www.revistafenix.pro.br> Acesso em: 05 jun. 2023.

BORGES, Magno Fonseca. REIS, Thiago de Souza dos. **Vestígios da Memória**: o cemitério de escravos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, 1848-1888. Disponível em: <[https://www.shh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434328393_ARQUIVO_Artigop araSNH2015.Versaofinal.pdf](https://www.shh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434328393_ARQUIVO_Artigop%20araSNH2015.Versaofinal.pdf)> Acesso em: 08 jun. 2023.

GRASSI, Clarissa. Ressignificando O Espaço Urbano: Educação Patrimonial No Cemitério Municipal São Francisco De Paula. **Revista Paisagens Híbridas**. n. 1, v. 1, 2018.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Mosaico**, Vassouras, v. 3, n. 2. 2012.

VII. Ferreiros Sob a Perspectiva do seu Patrimônio Histórico-Religioso

*Matheus de Freitas Minervino
Claudio Antonio Santos Lima Carlos*

A construção de uma arquitetura marcante no Vale do Paraíba passa pela análise de questões construtivas que envolvem, por exemplo, a configuração fundiária e a opulência econômica trazida pela monocultura do café, além de sua consolidação como expoente significativo na economia brasileira do século XIX. No que diz respeito ao capital político e econômico, personificados nas figuras dos proprietários de terra, a riqueza gerada na produção de café conferiu corpo e suntuosidade à arquitetura das fazendas produtoras do grão e às residências urbanas também pertencentes à mesma elite.

A produção neoclássica no Brasil pode ser classificada em quatro fases, de acordo com o professor Rocha-Peixoto (2000, p. 64-67). A primeira fase corresponde a casos em que elementos característicos já estariam presentes na arquitetura brasileira, mas sem “exclusividade” e “predomínio de valores”, ainda no século XVIII. A segunda fase tem como marco a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil (1808), acompanhada da Missão Artística Francesa, até a abdicação de D. Pedro I (1831). A terceira fase abrange a produção de novos profissionais estrangeiros e de egressos da Academia Imperial de Belas Artes, do Rio de Janeiro. A quarta e última fase, à qual este texto se dedicará mais propriamente, está ligada diretamente à “constituição da arquitetura cafeeira do Vale do Rio Paraíba do Sul”, quando ocorre a interiorização do estilo.

Alberto Sousa (2000, p. 72) comenta que, no Brasil imperial, o neoclássico encontrou vasto campo de aplicação. Isso permitiu que a noção de boa arquitetura, nesse período, se firmasse na adoção de traços classicizantes em suas obras. A produção arquitetônica civil explorou largamente esse estilo como referencial estético. No caso de Vassouras, por exemplo, Isabel Rocha (2011, p. 40) com-

pleta que “em 1860, as antigas e primitivas edificações já haviam sido substituídas por imóveis, de gosto apurado, a maior parte de inspiração neoclássica”, algo bastante evidente nos casos presentes no perímetro de tombamento do centro da cidade pelo IPHAN.

De igual forma, quanto à arquitetura religiosa, uma linguagem de traços neoclássicos pode ser identificada na maior parte das matrizes da região, sendo a maioria delas do século XIX. A lógica da composição formal dessas igrejas quase sempre se repete, constituída por um frontispício com um frontão triangular bastante marcado e acompanhado de duas torres laterais.

Para além da questão do sagrado, a noção de patrimônio religioso, segundo Carvalho e Meneguello (2020), pode ser entendida como um conjunto de “espaços culturais” e algo próximo de elemento “difusor de pensamento estético”. De fato, o patrimônio religioso envolve questões que superam a fé e a religiosidade, são marcos que nos permitem interpretar um modo de organização do espaço urbano, relações entre indivíduos de um tempo e até como se constituíam comunidades, do ponto de vista dos seus agentes, suas castas e seus poderes. Todas essas questões são capazes de refletir na própria arquitetônica religiosa, numa escala material e espacial.

As discussões sobre o patrimônio cultural brasileiro começaram a tomar corpo legal já na Constituição Federal de 1934, atribuindo aos entes federados o dever de proteger o patrimônio artístico e cultural do país. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, atual IPHAN, em 1936, institucionalizou a salvaguarda dos bens históricos arquitetônicos e urbanos. Mais tarde, a noção de patrimônio se alargou para conjuntos paisagísticos, práticas, expressões culturais, rituais e manifestações artísticas, entre outros.

No estado do Rio de Janeiro, o IPHAN tombou oito conjuntos urbanos no total, dentre os quais o da cidade de Vassouras, no Vale do Paraíba fluminense, em 1958. O Conjunto compreende edifícios importantes como a Matriz de N. Sra. da Conceição, a Câmara Municipal, as praças Barão de Campo Belo e Sebastião Lacerda,

além de diversos sobrados da elite cafeeira local. Ainda que esses reconhecimentos signifiquem um avanço para o patrimônio cultural da região, o patrimônio cultural vassourense não pode ser limitado apenas aos bens frutos de proteção legal; é preciso ampliar as análises como forma de diversificar a compressão de patrimônio a partir de novos casos, em escalas diferentes e descentralizados do contexto urbano local.

Sobre Ferreiros

O surgimento do povoado de Ferreiros está diretamente relacionado ao fluxo de produtos e pessoas que atravessavam Vassouras em meados do século XIX. Esse fenômeno de ocupação de pequenos povoados ao longo do percurso também foi responsável, por necessidade prática, por nomear o local desde então. Isso se deve à necessidade de realizar manutenções pelas quais passavam os equipamentos das caravanas que se embrenhavam para o interior do império.

Lugarejos que até então morriam estiolados à falta de comunicação com os grandes centros consumidores, e estavam por isso como que condenados a uma estagnação perene ou à morte por inação, levantaram de repente a cabeça, e entraram a progredir, tornando-se povoados importantes, tanto no ponto de vista comercial, como no agrícola. O povoado de Ferreiros foi o mais importante destes.

[...] O nome de “Ferreiros” dado à localidade provém de uma oficina que de há muito existia nesse lugar e tinha como obreiros Antonio Botelho, Joaquim Seabra e Nicolau de Melo. (Raposo, 1978, p. 132-133)

Entre os séculos XIX e XX, a cidade de Vassouras passou por diversas alterações em seus limites político-administrativos. No

caso de Ferreiros, suas terras, antes pertencentes às freguesias de Paty do Alferes, Sacra Família do Tinguá e Vassouras, passaram a se constituir como distrito próprio a partir do trabalho de inspeção de uma comissão de estatística da Assembleia Provincial do Rio de Janeiro. Na sessão de 11 de novembro de 1862, foi apresentado o parecer favorável da comissão a respeito da criação da nova freguesia. A manifestação favorável à criação, segundo consta nos Anais da Assembleia Provincial, levou em consideração a opinião de entidades públicas, autoridades civis e religiosas, entre elas os moradores das respectivas freguesias, a Câmara Municipal, o juiz da Comarca de Vassouras e o pároco da cidade.

Em 1864, o presidente da Província do Rio de Janeiro, Bernardo de Souza Franco, promulga o decreto 1.287 em que, efetivamente, declara a criação da Freguesia de São Sebastião dos Ferreiros:

Art. 1º Fica creada a parochia de S. Sebastião dos Ferreiros no município de Vassouras, tendo por matriz a capella existente no lugar denominado Ferreiros. Art. 2º A' nova parochia pertence a todo o território que desde a fazenda dos Prazeres se estende até a ponte dos Taboões, e dali ao alto do sitio de Maria Francisca descendo pelo grotão e córrego de Antônio Gonçalves, a deparar com o rio de santa Anna, servindo este de divisa com a freguesia de Palmeiras, até tocar a estrada do commercio, que servirá de divisa com a freguesia do Paty do Alferes até o alto do Indayá, e desde ponto dividindo com a freguesia de Vassouras em linha recta á fazenda de Lucio Correia e Castro, seguirá pela divisa actual de Sacra Familia do Tinguá com Vassouras até a fazenda dos Prazeres. (Rio de Janeiro, 1864, v.00, p. 35-36).

A importância de Ferreiros demonstra-se, entre outras coi-

sas, pela presença de importantes fazendas que tiveram grande impacto na economia cafeeira de Vassouras. Dentre elas, destaca-se a Fazenda do Secretário, cujo dono mais relevante foi Laureano Correia e Castro, o barão de Campo Belo. A propriedade conta com um suntuoso palácio de traços neoclássicos, testemunha da riqueza e requinte na produção desse tipo de arquitetura no Brasil rural dos mil e novecentos, proporcionada pela opulência econômica do café.

Sobre Ferreiros, a Igreja de São Sebastião

A existência de uma capela em Ferreiros é mencionada no próprio texto do decreto que trata da criação do distrito, em 1864. O projeto de lei lido na Assembleia Legislativa da Província do Rio de Janeiro na sessão de 11 de novembro de 1862, complementa que se trata de um templo com capacidade necessária para uma matriz e onde já se celebrariam todos os ofícios religiosos, com autorização do bispo diocesano. A igreja contava com consideráveis porções de terra ao seu redor e um cemitério para servir a comunidade.

Em uma pequena nota no “Novo e Completo Índice Chronológico da História do Brasil” (1865, p. 169), o periódico menciona os cumprimentos do governo provincial por uma obra que, às custas da própria paróquia, aparentemente teria sido realizada. É possível que esses reparos tenham sido estimulados pela nova condição do antigo povoado, agora distrito.

Vasculhando os arquivos da Assembleia Provincial, em 27 de novembro de 1872, encontra-se uma ressalva a respeito do estado do templo. Através do relato do texto, é possível constatar que a igreja já se encontrava em estado de ruínas, inclusive com seus trabalhos religiosos prejudicados.

De uma carta do Sr. Joaquim Gomes Leal, juiz de paz em exercício, vejo que as paredes do corpo da igreja, umas caíram e outras estão a cair; o côro acha-se em tal estado, que já ninguém se anima a ir

lá; e assim por diante. Em Fevereiro deste anno um engenheiro da directoria de obras publicas orçou os reparos precisos em 1:345\$, que então consistirão no concerto do telhado do corpo principal e de um dos consistórios, no emboço e reboco do edificio, sua caiação e pintura de algumas peças de madeira, bem como substituição de outras. (Rio de Janeiro, 1872, p. 311)

A condição precária da cobertura, que se descreve no texto, provavelmente acentuou a deterioração das paredes do templo (e a ruína, no caso do coro), fato que pode ter influenciado o rápido aceite na dispensação de recursos, considerando que o projeto foi aprovado na mesma sessão. As obras emergenciais, de fato, foram iniciadas no ano seguinte, conforme relato do presidente da província do Rio de Janeiro (1883, p. 33). Contudo, o montante parece não ter sido suficiente e os reparos foram paralisados no mesmo mês.

Em 1888, a Matriz provavelmente não contava com campanário ou torre sineira, momento em que surge mais uma solicitação para obras na igreja. A partir disso, ficou autorizado ao presidente da província a dispensar verbas para a “construção de uma torre sineira junto à matriz de S. Sebastião de Ferreiros” (Rio de Janeiro, 1888, p. 732). Na verdade, houve, junto à Igreja, até o fim do século XX, um campanário de madeira, que pode ter sido o citado em 1888. Este campanário, dado seu estado de conservação ruim, somado à insegurança que pairava à época sobre furtos de sinos de igrejas pela região, como conta a comunidade, foi substituído por uma torre sineira em concreto armado, em local próximo ao antigo campanário.

Ignácio Raposo publica seu livro sobre a história de Vassouras em 1935 e, naquela ocasião, de acordo com seus escritos, o templo ainda contava com um órgão no coro para acompanhamento da liturgia religiosa. Considerando que o órgão eletrônico chegou ao Brasil somente em meados do século XX, muito provavelmente se tratava de um instrumento de tubos ou um cravo.

A mencionada capela que é elegantemente construída com uma nave espaçosa, otimamente assobradada, e formosa abside, contendo duas tribunas que se defrontam, comporta um lindo altar-mor onde se acha a imagem de São Sebastião, ladeado por outros dois altares, suportando as valiosas imagens do Sagrado Coração de Maria e de Santo Antônio. O coro é muito simples e nele se encontram um órgão e duas estantes de música apropriadas para o serviço do culto. Na ausência de torres, foram postos os sinos num campanário externo, construído de madeira que fica ao lado do edifício. (Raposo, 1978, p. 133)

A partir de 1888, há uma ausência completa de menções a Ferreiros nos arquivos da Assembleia Legislativa. A fachada principal atualmente sustenta três placas com as datas de 1907, 1938 e 1955, em que se supõe terem ocorrido as últimas reformas mais significativas. Entretanto, não foi possível encontrar documentação que retratasse o nível de intervenção sofrido pelo edifício nessas reformas.

Marcantemente neoclássica, marcadamente oitocentista

Numa síntese do neoclássico, sobretudo em contraposição à noção barroquista anterior, Paulo Santos (1981, p. 52) define o estilo como de “simplicidade de formas, sobriedade de gosto, contenção e respeito disciplinado pelos cânones e gramáticas” clássicas. O ideário neoclássico, numa conversão estilística contrastante ao estado da mentalidade da contrarreforma, converte seu significado e lógica, para a arquitetura cristã-católica, a uma reflexão humana aos códigos da natureza e do divino, ou seja, um afastamento das linhas dramáticas de um cenário tocante de comoção e obediência de um barroco passado (Rocha-Peixoto, 2000).

No decorrer do século XIX, os “reflexos das luzes”, como

pondera o prof. Rocha-Peixoto (2000, p. 67), atingiram, pouco a pouco, o interior da província da então capital, o Rio de Janeiro. A Igreja de São Sebastião dos Ferreiros, estudo de caso deste trabalho, é um exemplar religioso com características lidas como fortemente neoclássicas – em certos aspectos, até mesmo palladianas. O templo religioso foi edificado em um contexto de pujança desse estilo — como bem tratamos — consolidado como padrão artístico-arquitetônico da corte imperial brasileira nesse período.

O programa da igreja dispõe de poucos ambientes, sendo quase todos voltados para fins religiosos: a nave, o coro, o transepto, a capela-mor, a sacristia, um depósito e dois consistórios. Como o templo tem uma implantação que beira os limites frontais e posteriores, o adro da igreja se resume às áreas laterais.

A edificação possui, em geral, pouco ornamento. O corpo principal da igreja é contornado por cimalhas que se descontinuem na fachada posterior. O frontispício é composto pelo frontão triangular bastante marcado, uma porta única de acesso e três janelas na altura do coro. A porta principal, de madeira e almofadada, é encimada por um adorno em arco. As pilastras angulares, bastante austeras, possuem singelo ornamento em suas bases e, na parte superior, são arrematadas pela cimalha contínua que envolve o corpo do edifício.

A igreja é pintada de branco em toda sua extensão, com exceção da base, pintada em cinza escuro. As fachadas laterais da nave não dispõem de aberturas de janelas, apenas uma porta de cada lado. O corpo posterior é formado pelas sacristias, consistórios, transepto e capela-mor. Externamente, possui cimalha que também é interrompida na fachada dos fundos e, além das portas, duas aberturas de janelas para ventilação e iluminação dos ambientes internos, fruto de intervenções mais recentes.

Quanto às disposições internas, a diferença de nível presente na nave central da igreja pode ser remanescente de uma antiga “barreira” ou balaustrada, tradicionalmente posicionada antes do arco cruzeiro e dos altares laterais. Esse elemento compositivo foi amplamente utilizado na arquitetura católica como forma

de separação entre a nave (destinada ao público) e a capela-mor (reservada ao clero). Os altares laterais atualmente existentes não são originais. Segundo relatos da comunidade local, a igreja sofreu incêndios que, inclusive, danificaram o arco cruzeiro. Diante disso, é provável que, caso tenham existido altares laterais anteriores, estes já tenham se perdido.

Como o presente texto se interessa especialmente pela análise da arquitetura, convém debruçar-se um pouco mais sobre os pormenores estilísticos e construtivos que conferem ao templo as singularidades que lhe são cabíveis. Dito isso, a começar pela base, e apesar de não ser viável inspecionar as fundações da edificação, é possível considerar o emprego de fundações diretas com o uso de pedras, dadas as características construtivas da época de sua construção. Os fechamentos externos foram executados em tijolo cerâmico maciço, em um sistema de “paredes dobradas”, ou seja, com duas fiadas de tijolos dispostos ora transversalmente, ora longitudinalmente.

Relatos da comunidade indicam que as paredes internas teriam sido originalmente de pau-a-pique¹⁶⁵, mas, devido ao mau estado de conservação, foram posteriormente substituídas por alvenaria. Atualmente, todas as paredes são de alvenaria de tijolos maciços, com exceção das paredes de fechamento do nicho central, assim como o próprio retábulo e as escadas, nos quais foi aplicado o sistema em tabiques.

Os forros da nave central, do transepto e da capela-mor são de tabuado liso em gamela, ou seja, acompanham a inclinação das pernas dos caibros armados até a “linha alta”. No transepto e na capela-mor, o forro se segmenta em nove seções, com ornatos dividindo as emendas do tabuado. O mesmo ocorre na nave central. Os forros do nártex, da sacristia e dos consistórios são do tipo tabuado de saia e camisa¹⁶⁶, sendo que na sacristia possuem aca-

165 Um antigo modo de construção que consistia em fechamentos utilizando gradeados de madeira ou varas e preenchimento dos pequenos vãos com barro.

166 Um sistema de forro em que as tábuas são pregadas espaçadas e equidistantes, ora por cima,

bamento de abas e tabeiras.

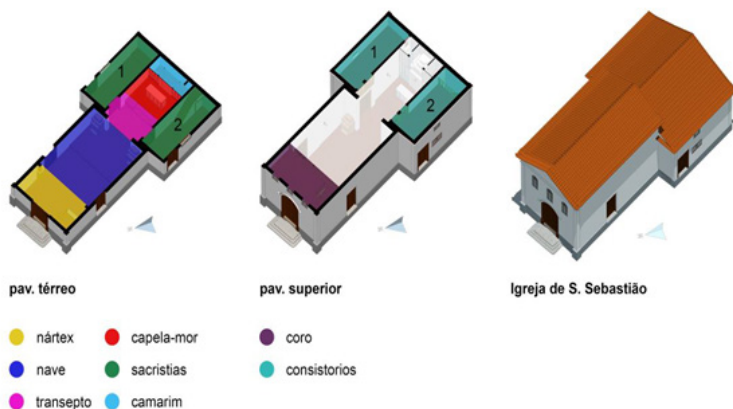


Figura 1 - Esquema de distribuição dos ambientes da igreja.

Fonte: acervo pessoal do autor.

Em toda a edificação, o piso é de assoalho composto por pranchas de madeira, suportado por vigas de madeira dispostas a intervalos constantes. De acordo com a comunidade local, devido ao estado precário, todo o assoalho foi substituído, com exceção de um dos consistórios, onde ainda é possível observar as pranchas de madeira originais, de larguras variadas.

A igreja possui escadas internas de madeira e externas de pedra e alvenaria. As circulações verticais internas, as escadas, são estruturadas e revestidas em madeira, além de possuírem guarda-corpo e corrimão com recortes em placas de madeira¹⁶⁷.

A cobertura principal da igreja, correspondente à nave central, é formada por duas águas e estruturada com madeiramento de caibros armados. Nesse trecho, o tipo de telha cerâmica empregado é o capa-canal. Na cobertura do frontão da fachada principal, o

ora por baixo.

¹⁶⁷ São peças de madeira, tábuas com recortes curvos, que servem de ornamentação para trechos de guarda-corpos e corrimãos.

acabamento é feito com telhas assentadas transversalmente ao caimento das águas do telhado, além de telhas de ponta¹⁶⁸ nas extremidades inferiores das pernas do frontão. A cobertura dos consistórios, do transepto e da capela-mor, pertencente ao corpo secundário da edificação, também é sustentada por caibros armados. Os beirais das duas coberturas, excetuando-se as fachadas posteriores, são acabados por cimalthas.

O retábulo

Talvez o aparato mais significativo, simbolicamente, na estrutura do templo, o retábulo é mais um retrato do gosto classicizante da edificação. Como esperado, o retábulo em questão apresenta um repertório ornamental bastante enxuto, com uma estrutura dividida em base, corpo e coroamento:

A base é dividida em três segmentos. O mais inferior, pintado de marrom, embasa todo o conjunto. O segundo é composto por pilastras lisas, pintadas de azul. O terceiro, mais ornamentado, apresenta, em cada lado simétrico, duas pilastras de extremidades com rebaixo ao centro e duas pilastras frisadas ao meio. A base é arrematada por uma cimalha que se estende de uma extremidade do retábulo à outra.

O corpo apresenta dois níveis. O primeiro, com 30 centímetros de altura, imita o segmento da base imediatamente inferior (pilastras lisas e frisadas). No nível superior, as pilastras lisas das extremidades são mantidas, enquanto as pilastras centrais são substituídas por colunas caneladas semi-embutidas. Ao centro do conjunto, há uma abertura para o nicho central.

168 Telhas de arremate posicionadas geralmente acima dos cunhais da edificação.

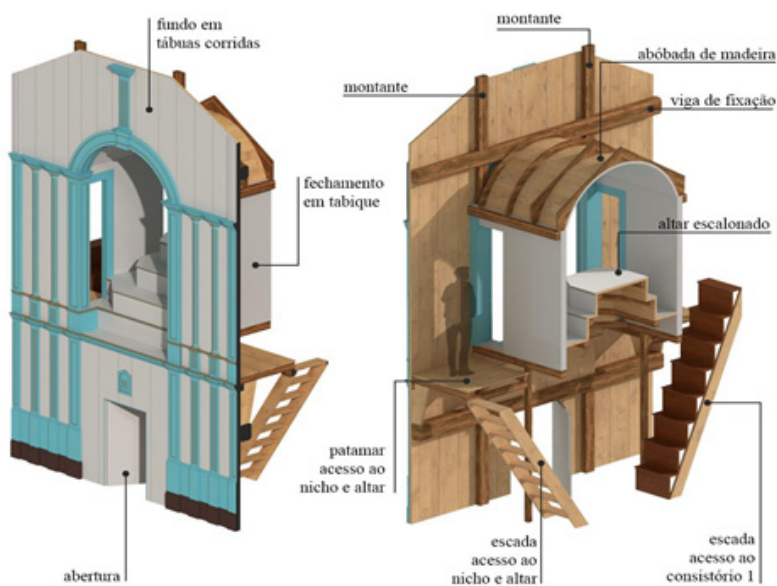


Figura 2 - Maquete eletrônica representando a frente e os fundos do retábulo.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

O coroamento, seção mais austera do retábulo, possui apenas duas pilastras nas extremidades laterais e completa a abertura do nicho central com um arco abatido. Na parte central mais elevada, entre o forro em gamela e a moldura do arco, projeta-se uma pilastra frisada com cimalha superior.

A estrutura é predominantemente vertical, e o plano de fundo de todo o retábulo é branco, sem ornamentos ou pintura. O trono escalonado possui quatro níveis. Todas as pilastras, colunas semi-embutidas e arremates são pintados de azul-claro, enquanto todos os frisos são dourados. A cimalha da base e o entablamento do corpo possuem pequenas gotas que dão um movimento contido a todo o conjunto.

O arco cruzeiro

No efervescente século XX, a sociedade ocidental atravessou significativas mudanças culturais e rápido desenvolvimento tecnológico. Nesse contexto, onde as relações humanas e os papéis dos indivíduos na sociedade se dilaceravam em novas formas de encarar o mundo, novas filosofias e o acelerado desenvolvimento tecnológico tornavam a globalização um movimento irrefreável. Dada a conjuntura, a Igreja passou pela mais expressiva reflexão sobre temas relevantes desde a Reforma Protestante. Em 1961, o Papa João XXIII (1958-1963) convocou o Concílio Vaticano II, que, dentre outros assuntos, reavaliou, por exemplo, questões litúrgicas que acabaram por influenciar mudanças nas conformações arquitetônicas dos templos católicos a partir de então. A respeito do arco cruzeiro como elemento delimitador, um exemplo diz respeito ao processo pelo qual, desde a Idade Média, a liturgia católica isolava o presbitério cada vez mais longe do público. Ou seja, na disposição física dos templos, desde a capela até uma basílica, o local reservado ao clero, até então, era bastante demarcado, e o arco cruzeiro simbolizava essa demarcação (Mello, 2007, p. 85-86).

O arco cruzeiro (ou arco do cruzeiro) integra as características espaciais carregadas de significado na estrutura das igrejas católicas ocidentais. Como descreve Fabrino (2012), o arco cruzeiro cumpre um papel delimitador entre a nave e a capela-mor, e, portanto, simbolicamente, faz a ligação entre o mundano (nave) e o sagrado (capela-mor). Quando se analisa os templos construídos até o Concílio Vaticano II (1962-1965), dificilmente esses elementos não estão presentes, sendo provavelmente menos comuns apenas em capelas menores.

O arco cruzeiro da Igreja de São Sebastião anteriormente possuía pilastras revestidas de madeira, formando uma estrutura tri facetada, com motivos ornamentais semelhantes ao retábulo. Os três lados (voltados para a nave, para a capela-mor e no intradorso) possuem rebaixos (ou canaletas) semelhantes às pilastras

do retábulo. O arco propriamente dito, de volta plena, dispunha de um entablamento simples de arremate na base. O ornamento geral podia ser lido como um rebatimento do arco do retábulo, com exceção da pilastra central de arremate.

Considerações Finais

A Igreja de São Sebastião se firmou como principal referência, de importância religiosa e arquitetônica, para a comunidade. Apesar de não possuir proteção legal por meio de instrumentos de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural, o templo religioso, de inegável valor histórico, persiste como um significativo registro das comunidades que se estabeleceram ao longo do trânsito de caravanas e tropas entre as províncias do Rio de Janeiro e das Minas Gerais, no século XIX. Esse texto buscou compreender a importância da conservação da Igreja de São Sebastião, não somente à comunidade de Ferreiros, mas também de sua colocação como bem cultural no contexto da cidade de Vassouras enquanto núcleo urbano protegido, estudado e documentado. Apesar da sua relevância histórica, a Igreja de São Sebastião não possui acervo próprio que documenta sua trajetória e suas fases, além disso, material relacionado a sua existência é raro e disperso. Tal condição dificulta a compreensão das transformações que se sucederam ao longo do tempo na comunidade de Ferreiros e na Igreja e as isola das discussões a respeito da preservação do patrimônio. A proteção desse bem histórico é essencial para a história de Ferreiros, para a irmandade de São Sebastião e para o usufruto das novas gerações. A manutenção de um bem tão importante se apresenta como garantia aos indivíduos o direito à memória e ao exercício da cidadania e valorização do seu patrimônio histórico e cultural local.

Em suma, a dimensão da preservação do patrimônio cultural, na atualidade, deve ser encarada para além do seu valor histórico-temporal. Isto é, para além de engessá-lo ao seu próprio passado, mas também respeitá-lo nas suas potencialidades futuras e seu papel vindouro. Assumir que dado elemento histórico não deve

ser resumido ao seu passado – quer “glorioso”, quer ordinário – é corroborar que sua condição, de modo algum, é estada numa amplitude temporal. Ainda que carregada de valores marcadamente de seu tempo, a obra será capaz de responder ao tempo presente e, portanto, ser protagonista de uma contribuição futura para as novas gerações. A preservação do patrimônio edificado muito se estende para além de retificadas fachadas, volumetrias ou ornatos, integra também a relevância simbólica da sua presença e utilidade para aqueles que o cercam e com ele interagem ou que virão a interagir.

Referências

CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Orgs.). **Dicionário Temático de Patrimônio**. Campinas: Unicamp, 2020.

FABRINO, Raphael João Hallack. **Os furtos de Obras de Arte Sacra em Igrejas tombadas do Rio de Janeiro (1957-1995)**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Iphan, Rio de Janeiro, 2012.

MELLO, Ricardo Bianca de. **A cultura da crença: uma reflexão sobre o espaço simbólico e o simbolismo na arquitetura religiosa**. 2007. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-19092007-143534/pt-br.php>. Acesso em: 03 jun. 2023.

NOVO e Completo Índice Chronológico da História do Brasil. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1865.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1978.

ROCHA, Isabel. Experiência na gestão de um centro histórico de pequeno porte: Vassouras (RJ). In: **Anais o I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos integrados de preservação**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ; FCRB; FAPERJ, 2011.

RIO DE JANEIRO. Decreto nº 1.287, de 13 de dezembro de 1864. Dispõe sobre a criação da Freguesia de São Sebastião dos Ferreiros. **Collecção Leis, Decretos e Regulamentos da Provincia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, DF, p. 35-37, 14 dez. 1864.

_____. Assembleia Legislativa Provincial. **Annaes da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1872**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=218740&pasta=ano%20187&pesq=&pagfis=5681>>. Acesso em: 13 ago. 2022. Discurso do deputado Vieira Souto.

_____. Assembleia Legislativa Provincial. **Annaes da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1883**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=218740&Pesq=%22ultima%20presta%20a7%20a3o%20da%20cad%20aaa%22&pagfis=13319>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

_____. Assembleia Legislativa Provincial. **Annaes da Assembleia Legislativa Provincial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1888**. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=218740&Pesq=%224,239%22&pagfis=17194>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **Reflexos das luzes na terra do sol**: sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência, 1808-1831. São Paulo: Pro Editores, 2000.

SANTOS, Paulo Ferreira. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Instituto dos Arquitetos do Brasileiros, 1981.

SOUSA, Alberto. **O Classicismo Arquitetônico no Recife Imperial**. João Pessoa: Universitária – UFPb, Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha, 2000.

VIII. Monsenhor Rios: Representatividade por Meio dos Discursos de Fé e Impactos na Articulação Comunitária Vassourense

Viviam Lacerda de Souza
Pe. José Antônio da Silva

INTRODUÇÃO

O mineiro de Congonhas do Campo, Monsenhor Antônio Rodrigues de Paiva e Rios é uma figura bastante representativa no contexto do município de Vassouras, RJ, pois foi ali que exerceu parte de sua vida sacerdotal até sua morte no ano de 1875. Vivenciou a época dos barões do café e das posses de escravos, mas, no entanto, desejou em inventário que seu sepultamento fosse sem pompas, com muita simplicidade e que seu corpo fosse enterrado em cova rasa, apenas envolto em tecidos, entre os ricos e os pobres, onde também se incluíam os escravizados¹⁶⁹.

A partir de então, graças são atribuídas ao Monsenhor Rios por meio de manifestações de ex-voto, compreendidas por Scarano (2004, p.16) como uma demonstração de religiosidade, pois afirma uma relação direta entre o crente e uma Divindade. Ex-voto é a designação erudita onde podem ser enquadrados os *milagres e as promessas*, como as oferendas feitas aos santos de particular devoção ou especialmente indicados por alguém que obteve uma graça ou milagre implorados, como um testemunho público de gratidão.

Também fatos curiosos como a aparição de uma flor em seu túmulo despertam o interesse midiático. E, assim, outras relações vêm sendo construídas a partir da representatividade do religioso.

De acordo com Ignácio Raposo (1978, p. 150), o povo consagrou à memória do Monsenhor Rios uma lenda interessante: nasceu-lhe sobre a sepultura uma planta que desde 1875 se conserva viva e todos os anos dela brota uma flor de singular aspecto,

169 SCARANO, 2004, p.16.

que vem segundo dizem, assinalar o dia de finados. Chamam-na Flor de Carne.

Essa planta (Figura 1), de muitas folhagens durante o ano, floresce num aspecto de órgão no período de finados, mês de novembro e, se ferida, libera um líquido vermelho cor de sangue e possui um odor de carne podre ou carniça, daí o nome popular Flor de Carne.

Figura 1 - Flor de Carne



Fonte: site de O Dia, 2023.

Gustavo (2013) pontua que

desde 1875, uma misteriosa flor brota anualmente em Vassouras, interior do Rio, segundo a história oral. Popularmente conhecida como Flor de Carne, ela teria desabrochado pela primeira vez em novembro daquele ano, na cabeceira da sepultura do Monsenhor Rios. Vigário na paróquia local, ele havia

morrido dez meses antes. A partir de então, fiéis e curiosos visitam o Cemitério da Irmandade Nossa Senhora da Conceição para ver de perto a flor [...].

Bittencourt (2001, p. 33) relata que

surgiu na cabeceira do túmulo de Monsenhor Rios, não se sabe desde quando, uma estranha flor, de odor também estranho, a qual aparece com regularidade na época de finados, fenecendo no mês de novembro. A fim de protegê-la das mãos curiosas, foi colocado um gradil de ferro, de tamanho apropriado, por ocasião do centenário da morte do Monsenhor.

Segundo Gustavo (2023, site) há uma crônica da autoria de Affonso Romano de Sant’Anna, que ao visitar Vassouras no ano de 2011, escreveu sobre a referida Flor de Carne: “Os mais fatalistas dizem que ela brota exatamente em 2 de novembro, dia dos mortos. Tem cheiro, não se sabe se de carne de escravos ou do Monsenhor. Da vida morta, de morte viva?”

O fato que explica o cheiro da carne de escravos na crônica faz menção ao tratamento diferenciado que o monsenhor dava para o sepultamento dos escravizados.

a história registra especial atenção do Monsenhor Rios com as pessoas escravizadas, que compunham a maioria da população vassourense naquela segunda metade do século 19, segundo o Censo Demográfico de 1872. O pároco teria sido responsável por conseguir túmulos dignos para aqueles que não tinham direito nem mesmo a covas rasas (Gustavo, 2023, site).

Ainda segundo o mesmo autor (Gustavo, 2023, site), pela história oral, botânicos de distintas regiões geográficas do mundo vieram a Vassouras estudar a planta e as perguntas eram sempre as

mesmas: “Por que nasce só ali, naquela sepultura?; por que nasce e renasce ali há mais de cem anos? Também o cronista Affonso Romano complementa em sua obra: “Seria a alma de escravos brotando do solo, agradecidas ao Monsenhor?”.

A explicação sobre o forte odor está em estudos científicos sobre uma flor similar, originária da Indonésia, a *Amorphophallus titanum*, popularmente conhecida como flor-cadáver.

A flor-cadáver (*Amorphophallus titanum*) pertence à família Araceae e é considerada a maior inflorescência do mundo, chegando a atingir 3 m de altura e pode pesar até 75 kg. Trata-se de uma espécie exclusiva das florestas tropicais do oeste da Sumatra, Indonésia. A flor exala um forte odor de carne podre que atrai insetos polinizadores. A volatilização das substâncias odoríferas acontece através da termogênese, elevando o metabolismo dos tecidos florais, principalmente à noite (Filardi, 2023).

Sendo assim, a flor asiática tem o nome popular flor-cadáver pela mesma razão que a planta vassourense: o forte odor de carne putrefata que ocorre a partir do processo descrito acima como termogênese, compreendido como a produção de calor pelos organismos do homem, dos animais e de algumas plantas.

Há, no entanto, diferenças entre a flor-cadáver e a flor de carne. Enquanto a primeira pode atingir um comprimento de até 3 metros de altura, a segunda alcança uma medida de aproximadamente 35 centímetros, como a que se apresenta no túmulo do Monsenhor Rios. Além do tamanho, há outra diferença entre elas: a asiática vive no máximo 40 anos e floresce apenas três vezes; a planta vassourense permanece viva e sua flor desabrocha anualmente, sempre em novembro, há mais de 140 anos (Gustavo, 2023, site).

Temos então, algo intrigante, dentre outros elementos que envolvem o Monsenhor Rios que nos motivam, enquanto pesquisadores, a avançar no processo investigativo.

Deste modo, para compreendermos os fatos relacionados ao nosso objeto de estudo, objetivamos na presente pesquisa identificar a representatividade e expressividade do Monsenhor Antônio Rodrigues de Paiva e Rios que terminou seus dias no município de Vassouras e por meio das manifestações de ex-voto pretendemos identificar os impactos gerados religiosamente, economicamente, midiaticamente e nos aspectos turísticos da comunidade em que se insere. A metodologia utilizada no processo investigativo parte dos estudos bibliográficos, com a análise de conteúdo dos manuscritos.

Podemos dizer que a pesquisa científica realizada compreende a aplicação de métodos para mostrar uma dada relação entre fatos ou fenômenos com o fito de submeter a teste determinada hipótese. Trata-se de um processo para obtenção de soluções fidedignas para um determinado problema por meio de coleta planejada e sistemática, análise e interpretação de dados (Macedo, 1994, p. 11).

Assim, enquanto método, a pesquisa bibliográfica perfaz nosso ponto de partida na pesquisa científica com a finalidade de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação (Macedo, 1994, p. 13).

Por fim, na análise de conteúdo, temos um método qualitativo que pode se utilizar de parâmetros estatísticos para apoiar as interpretações dos fenômenos (Urquiza; Marques, 2023).

Elucidados todos os métodos utilizados na realização da investigação, partiremos para a disposição de dados acerca da esfera geográfica em que os fatos ganham vida, a fim de que possamos melhor compreender o cenário. Falaremos então sobre o município de Vassouras.

Vassouras em dados do IBGE

Vassouras é um município do estado do Rio de Janeiro situado da região do Vale do Café e, segundo a história relatada pelo IBGE (2010), tem sua formação inicial constituída a partir da região que se estende das margens do Paraibuna e do Paraíba e sobe até a serra da Viúva e também a região de Sacra Família do

Caminho Novo do Tinguá, local onde próximo da margem direita do Paraíba erigiu-se a Vila e posteriormente a cidade de Vassouras.

Ainda segundo os dados (IBGE, 2010), Vassouras teria sido uma via de conexão por meio de uma estrada que interligava Minas Gerais e Rio de Janeiro, denominada de Canal Novo das Minas que fora aberto ou concluído entre 1700 e 1725, muito utilizada pelos tropeiros. A medida que novos povoamentos iam surgindo, outros nomes eram sendo atribuídos à via, como Cabaru (também Caburu e depois Cavaru), Pau Grande, Roça do Alferes, Pati do Alferes, Tinguá, Couto, Marcos da Costa. Reconhece-se que nos primeiros núcleos populacionais foram estabelecidas plantações e engenhos de cana-de-açúcar e suinocultura.

Pelo Decreto de 15 de janeiro de 1833 foi criada a Vila de Vassouras na freguesia de Sacra Família do Tinguá, onde grandes fazendeiros agraciados com títulos de barões e condes se instalaram e se perfizeram significativos benfeitores, peças fundamentais do desenvolvimento de Vassouras. Exemplos dessas figuras são o Barão Francisco José Teixeira Leite, seus irmãos, filhos do Barão de Itambé; Manoel Jacinto Nogueira da Gama, mais tarde Conde de Baependi; o Barão do Tinguá José Clemente Pereira; O Barão de Campo Belo Correia e Castro; o Barão do Rio Bonito Pereira de Faro, entre outros (IBGE, 2010). Na ocasião, fora introduzida a cultura do café de modo bastante relevante, destacando-se como núcleo da aristocracia rural fluminense pelo volume da produção cafeeira; e no trabalho da lavoura, o elemento negro escravizado, muito utilizado pelos sesmeiros, chegou a atingir 20.000 pessoas.

Vassouras se caracterizou como parada dos viajantes e tropeiros. E também como local de doação de terras para a construção de capelas para cerimônias católicas, casas e comércios. No entanto, com a abolição da escravatura em 1888 e a falta de mão de obra para as lavouras de café, a consequência foi a desmotivação da cultura e o abandono das terras. O município passou a se organizar economicamente a partir de pequenas lavouras, sobretudo de hortaliças e cereais, pecuária e indústria (IBGE, 2010).

Atualmente, o município de Vassouras é constituído por 4

distritos: Vassouras, Andrade Pinto, São Sebastião dos Ferreiros e Sebastião de Lacerda, assim permanecendo em divisão territorial datada em 2007, segundo o Censo do IBGE (2010). Atualmente, são 536.073 km² como aponta o Censo de 2022, onde reside uma população estimada em 37.262 habitantes pelo Censo realizado em 2021. O município possui o PIB per capita de R\$34.581,66 de acordo com Censo de 2020 (IBGE, 2010).

Em terras Vassourenses, regadas pela história da escravidão e dos barões do café, viveu Monsenhor Rios no final de sua vida sacerdotal.

Antônio Rodrigues de Paiva e Rios: o Monsenhor de ricos e pobres

Monsenhor Rios, como era chamado o religioso mineiro de Congonhas do Campo, teve em sua trajetória de vida algumas datas que julgamos importantes para a compreensão dos fatos, como demonstra a Figura 2.

Temos que, apesar do pouco tempo que Monsenhor Rios vivenciou Vassouras enquanto pároco responsável, sempre esteve envolvido em questões relacionadas à região por inicialmente ter atuado em Bananal, a uma distância geográfica de aproximadamente 96,3 km do município vassourense. E, posteriormente, com sua transferência para o Desengano, atual distrito de Barão de Juparanã, pertencente ao município de Valença, cidade vizinha que aos 27 de março de 1925 se transformou em sede da Diocese pela Bula Papal Apostólico Ofício do Papa Pio XI. Esta Diocese abrange nove municípios, entre eles Vassouras (Bula Papal, 1925).

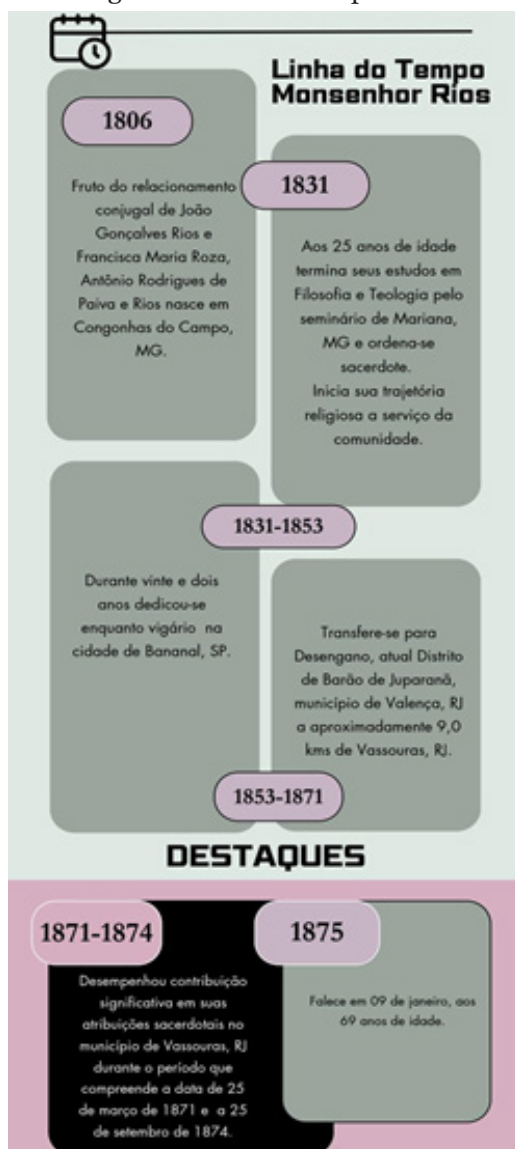
A vivência cotidiana do monsenhor na região nos leva a compreender que havia uma forte relação de conhecimento do público local, suas realidades sociodemográficas, necessidades, motivações e aspirações, o que pode ter contribuído significativamente para a representatividade simbólica do religioso em Vassouras e na região.

Monsenhor Rios fora observado por Raposo (1978, p. 149) como um homem virtuoso que revelou em todo o seu curso de

vida inteira vocação para a carreira eclesiástica, na qual se tornou, durante toda a existência na terra, “um verdadeiro e consumado apóstolo, praticando com o maior vigor e firmeza todas as regras de seu culto, todas as belezas nascidas das florações evangélicas.” E, segundo Pinto (1978, p. 150), desde criança Monsenhor Rios “sentiu arder-lhe no peito uma parte de sentelha divina que o chamava para o estado eclesiástico.”

Em Bananal, onde iniciou sua atuação enquanto vigário, seus fiéis, observados como suas ovelhas, o consideravam um santo e, posteriormente em Vassouras, obteve igual sorte (Raposo, 1978, p. 149).

Figura 2 – Infográfico Linha do tempo Monsenhor Rios



Fonte: Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”.

Raposo (1978, p. 150) sintetiza em uma frase como foram os anos do Monsenhor Rios: “A sua vida simples e doce, como é o viver do justo, nada legou às crônicas de que nos possamos utilizar.”

Nas palavras de Bittencourt (2001, p. 32-33),

figura de relevo que passou pela Freguesia de Vassouras, no curto período de 1871 a 1875, foi a de Monsenhor Antônio Rodrigues de Paiva e Rios. Sacerdote de rara bondade e que pelo seu espírito caridoso, cativou em tão pouco tempo amizade de todos os vassourenses.

Pinto (1935, p. 245) também se remete à pessoa do religioso como um justo ao dissertar sobre sua vida e morte e o descreve como um padre de moralidade exemplar.

Homem de fortuna, pôl-la toda a disposição dos necessitados, sua casa estava sempre franca, era uma verdadeira hospedaria, mas que não se pagava, e em que os hóspedes eram recebidos com abundâncias de coração. Quando retirou-se de Bananal, estava pobre; tinha-se esquecido de si, sacrificado todos os seus haveres a bem dos que deles necessitavam (Pinto, 1935, p. 245-246).

Percebemos de modo evidente as características de empatia para com o próximo, despreensão material e solidariedade presentes na pessoa do religioso Antônio Rodrigues de Paiva e Rios.

Pinto (1935, p. 246) ainda complementa suas observações afirmando que “ainda hoje os bananalenses choram por aquele verdadeiro pároco, que foi-lhes sustentáculo da fé durante mais de vinte anos”; e o que o monsenhor representou para Vassouras ninguém ignora, pois “não era homem de instrução variada e por isso mesmo que não tinha o orgulho vão e efêmero que dá a ciência humana. Era modesto e humilde, dando assim o melhor exemplo

dessas virtudes aos seus freguezes.”

Em atividade sacerdotal efetiva Monsenhor Rios assinou o Livro de Batismo de Escravos (1871-1878) pela última vez à fl. 98, em 1º de março de 1874, exatamente dez meses antes de seu falecimento, como mostra a Figura 03.

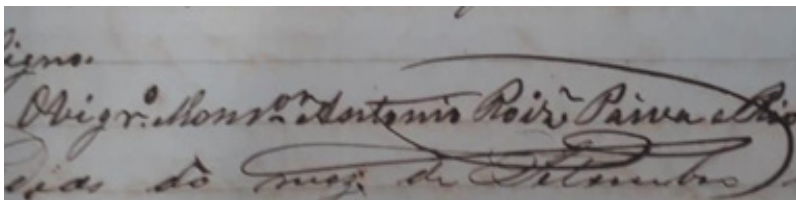
A close-up photograph of a handwritten signature in dark ink on aged, slightly yellowed paper. The signature is written in a cursive, flowing script. The first line of the signature appears to read "O Vig. Mons. Antonio Rios Piva" and the second line continues with "da do mes de Setembro". The ink is dark and the handwriting is elegant and somewhat formal.

Figura 3 – Última assinatura de Monsenhor Rios

Fonte: Imagem própria dos autores.

Após sua última assinatura, como aponta Pinto (1935, p. 247), sofrendo por muitos anos de uma moléstia cardíaca, agravaram-se-lhes os incômodos a ponto de o levarem à cama de onde só teria de sair para baixar no túmulo. Foi uma agonia lenta, e que alanceava o coração dos amigos que o visitavam, e amigos seus eram todos os vassourenses.

Durante a longa moléstia, sua habitação esteve sempre cheia de pessoas, que a todo momento, vinham pressurosas inquirir do estado de seu bom pároco (Pinto, p. 247).

Depois de esforços inúteis da ciência médica, sucumbiu às 4 horas da madrugada do dia 9 do corrente (janeiro), com 69 anos de idade. Como crianças choravam aqueles que assistiram a morte! Parecia-lhes incrível que morresse sofrendo um homem que durante a vida fôra um anjo do bem.

No dia 10 houve um espetáculo sublime e consolador. Aquele homem, que morrera pobre, teve o saimento mais pomposo que já se viu em Vassouras. Não que-

rendo falar das pompas de luxo, mas das pompas da alma – a gratidão. Muitas senhoras acompanharam o féretro e o cemitério ficou de tal modo apinhado, que era difícil passar-se.

Ao sair o féretro, viam-se as colinas que dominam a cidade, cobertas de pessoas. É a maior homenagem que o povo espontaneamente pôde prestar ao seu pároco! É que ele soube ser sempre um amigo sincero e dedicado.

Os olhos de todos estavam umedecidos de lágrimas, e quantas pessoas soluçavam!

“Na ocasião em que baixava o corpo ao sepulcro, oraram o Dr. Joaquim Alexandre de Siqueira e Emilio Zaluar, que produziram o mais profundo enternecimento na alma dolorida dos circunstantes” (Raposo, 1978, p. 150). Os discursos foram proclamados em homenagem ao religioso e comprovam o quão era querido Monsenhor Rios.

O discurso da despedida pronunciado por Dr. Joaquim Alexandre de Siqueira traduz em palavras quem foi o Monsenhor e expressa o fim:

Vamos entregar à terra o produto concebido da terra. Preenchemos a missão de depositar nela aquele que terminou a da vida.

Seria desnecessário dizer-vos, que ele foi, se a gratidão e o reconhecimento às suas eminentes qualidades não o exigissem.

Monsenhor A. R. de Paiva e Rios teve uma alma iluminada: creu na sublime doutrina do homem-Deus, e praticou-a, gastando quase metade de sua existência no desempenho dela, foi um pastor

exemplar, apascentando as ovelhas sãs, e acudindo pressuroso aos balidos das que lhe pediam socorro do corpo e do espírito.

Mas, quando mais realçaram os atributos desse venerando sacerdote, foi nos últimos 4 anos, que paroquiou a igreja de Vassouras. Neste período de provações, abalada a sociedade brasileira pela imprudência ultramontana, este vigário modelo, congregou sempre o seu rebanho, e pregando-lhe a verdade do Evangelho, robusteceu em cada filho as crenças do catolicismo. Monsenhor Rios era um verdadeiro discípulo de Cristo: sua palavra sem atavios ensinava a fé, a sua mão generosa e desinteressada, distribuía a caridade. Ainda nas disposições da sua última vontade, ao separar-se dos homens, humilhou-se aos homens; denunciou o favor da amizade, e, para melhor agradecê-lo, converteu-o em esmola.

Hoje está tudo finado. A alma sublime subiu para Deus; o corpo sepultamo-lo, que desta terra, adubada por tantas virtudes, brotarão mais rebentos da árvore do cristianismo.

Oremos por ele (Pinto, 1935, p. 248-249).

O outro discurso, pronunciado pelo jornalista Augusto Emilio Zaluar no ato do sepultamento reproduz o sentimento de gratidão e a dor do adeus (Bittencourt, 2001, p. 33-34):

Aquele amigo sincero, aquele espírito sereno, aquela consciência transparente, que levava a sua cândida abnegação a ponto de esquecer-se de si mesmo; aquele companheiro de todos os dias solenes de nossa existência; aquele exilado dos primeiros tempos do cristianismo na época tempestuosa em que vive-

mos e na qual a igreja parece naufragar nos escolhos da intolerância e do fanatismo; aquele, finalmente, que ainda há poucos dias víamos entrar pela porta de nossos lares, com o sorriso nos lábios e a bênção no coração, abraçando e chamando filhos aos ricos e aos pobres, aos moços e aos velhos, - desapareceu para sempre, deixando órfão um rebanho de fiéis, que nunca se cansará de chorar o seu carinhoso e adorado pastor!

Os despojos mortais de Monsenhor Rios vão descer neste momento à sepultura. Podemos ainda contemplar pela última vez o seu cadáver,- relíquia duplamente augusta, tanto pelo sublime sacerdócio que exerceu na terra, como porque nessa fonte veneranda já estampou o selo da morte o sinal misterioso dos peregrinos de além túmulo! A alma partiu.

Até onde já subiste nesta hora, chama imortal? Deves estar muito alto, porque eras muito puro. Curva-te diante do Senhor e não é preciso dizer o que fizeste, porque ele sabe.

Deus não te dará a palma dos mártires, mas em compensação, terás a auréola dos justos. O teu trabalho foi o santo resgate dos cativos da miséria, a tua palavra foi a doutrina do perdão proclamada pelo divino Mestre do alto da cruz. A tua existência resumiu-se em duas palavras: crer e amar.

Crias e amavas sincera, franca, espontaneamente, como resultado de uma força íntima, sem saber mesmo porque te vinham de dentro estes dois sentimentos. Deus mandava, o homem obedecia. Não havia um ponto escuro na tua alma porque toda

ela se banhava em luz. A vida foi-te uma aurora imaculada, a morte a glória eterna!

Desça embora o teu corpo inanimado nesta sepultura de lágrimas. O espírito, que te vivifica, ascende ao infinito. Nós já te não vemos subir, mas tu sobes sempre; e podes ver- nos ainda nesta hora como se estivesse aqui presente. Volve pois, de onde estás, a tua vista para este lutuoso grupo; e suplica a Deus, porque tens direito a ser por ventura atendido, suplica-lhe pela concórdia espiritual do teu rebanho, pede-lhe para que a paz e a harmonia continuem a reinar entre o povo vassourense, terreno em que deve medrar a semente da graça que implantaste em nossos corações.

E adeus, até o dia em que nos fôr dado receber o salário de nossas obras, que deve ter sido para ti a tranquilidade celeste, a que unicamente aspiraste!

Em nota da redação do Editorial d'O Município, datado em 17 de janeiro de 1875, onde houve a publicação do discurso acima citado, há o comentário de que infelizmente as súplicas de Emilio Zaluar não foram atendidas pelo Altíssimo, pois a tranquilidade existente até então em Vassouras não mais se instaurava. Todos assistiam, na ocasião a política do ódio, da perseguição, do ataque à honra, do assassinato, dos matadores da saúde a serviço dos fazedores de eleição. Pela redação, há uma associação com um assassinato, descargas de carabinas, bombas de dinamite, infiltração de forasteiros em território vassourense, pancadaria e roubo de atas eleitorais nos dias lutuosos pela morte do monsenhor (Pinto, 1935, p. 251).

Momentos de turbulência no município, pós morte do Monsenhor, pareciam abrandados durante sua existência:

Nesta época em que as paixões tumultuam, durante

todo o período da questão religiosa, homem de um tino e bom senso extraordinário, soube conduzir o seu rebanho com a maior perícia, sem chocar-lhe as ideias, sem a menor desarmonia, fazendo-se cada vez mais querido e respeitado.

Nesta cidade, onde há espíritos demasiadamente religiosos, quase fanáticos, e outros, demasiadamente livres, nunca se viu o menor embate de crenças. Lembra-nos ainda um dito do Monsenhor Rios, quando apareceu a pastoral do Bispo Diocesano mandando expulsar do templo os maçons: “Não, dizia ele, com a sua voz carinhosa, se procuram a igreja é porque são católicos, e como católicos são filhos dela, e uma verdadeira mãe não repele os filhos de seus braços.”

Oh! Se todos pensassem assim, quantos conflitos ter-se-iam sido evitado! (Pinto, 1935, p. 246).”

Há de se compreender a relação entre Igreja e Império, o qual geria o país na ocasião. Este elo entre as potências religiosa e administrativa do país também passava por momentos delicados e os dados contemplados nas referências bibliográficas apontam para o discernimento de que Vassouras não sentiu tanto essa turbulência, pois o Monsenhor soube conduzir as questões locais de modo harmonioso e simples, apesar de sua posição de verdadeira imponência e prestígio na época.

Relações entre Igreja e Império no contexto vassourense

Um dado importante nos mostra que a primeira Constituição do Brasil, datada em 1824 - Brasil Império, nomeou o catolicismo como a religião oficial do Império, promovendo uma identidade religiosa herdada do período colonial que estabelecia um sistema de padroado entre Igreja e Estado (Pereira, 2011, p. 25). Contudo,

apesar de entraves entre clero e autoridades imperiais a partir desta Constituição, a Igreja sempre teve seu lugar de moralização e de poder nas articulações comunitárias, de escuta dos seus féis, súditos e, especificamente em Vassouras, dos Barões que geriam a cidade, doavam terras à Igreja e contribuíam para o desenvolvimento local. Sendo assim, a Igreja Católica e seu representante teria, naquela instância, poder de persuasão, de crédito, de merecimento e voz de escuta em sua paróquia. Isso nos leva a crer que com o Monsenhor Rios não teria sido diferente.

Apesar de sua influência, Monsenhor Rios mostrava-se simples e desprovido de todo e qualquer tipo de vaidade a exemplo de seu pedido em testamento (Figura 4) onde, por meio do seu inventariante Antônio José Fernandes, determina como deveria ser seu funeral:

Certo que o meu testamento mande dizer por minha alma missa de corpo presente jus todos os sacerdotes desta freguesia, e que meu corpo seja envolto nas vestes sacerdotais na forma do ritual romano e que seja sepultado no cemitério desta cidade abaixo do último degrau da escada que segue para o cemitério geral ao lado direito. Declaro que sou filho legítimo de João Gonçalves Rio e de Dona Francisca Maria Roza já falecidos, e batizado na freguesia de Congonhas de Campos em Minas Gerais e não tenho herdeiros nem jus ascendência nem descendência¹⁷⁰.

“[...] entregando ao céu aquele belo espírito que ao céu viera, foi inumado no Cemitério da Conceição, em sepultura rasa, no passadiço da parte antiga para a nova. Não teve equife. Foi lançado sem ele na cova, apenas envolto numa mortalha de Cristo, conforme

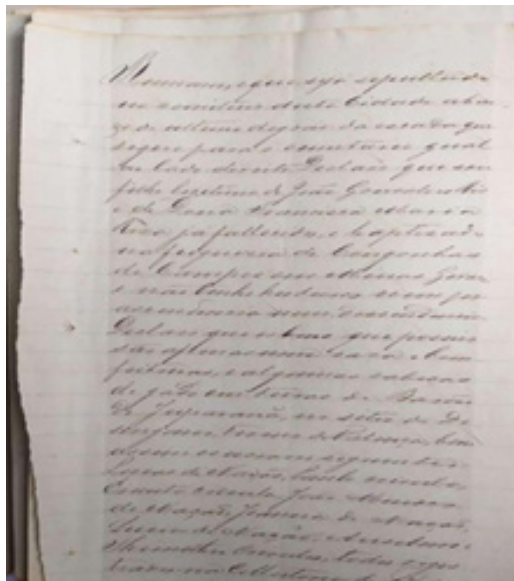
¹⁷⁰ Inventário das Partes Antônio Rodrigues de Paiva Rios (falecido) e Antônio José Fernandes (inventariante). Caixa 103.664.214.003.1875. Arquivo do TJRJ/IPHAN (1875, fl. 2).

pedido seu”. (Raposo, 1978, p. 150).

Pinto (1935, p. 256) também elucida sua interpretação sobre essa orientação preparatória do Monsenhor para seu rito de passagem.

Se há qualidade que mais nos recomende a Deus, é sem dúvida a humildade; e dela ainda deu última prova Monsenhor Rios, pedindo em suas últimas disposições que o seu corpo fosse levado no caixão da Misericórdia e que lhe fosse dela sepultura em um local que todos fossem obrigados a calcar os pés.

Figura 4 – Página do Inventário do Monsenhor Rios em detalhamento de seu funeral no testamento apensado.



Fonte: Arquivo do TJRJ/IPHAN (1875, fl.2).

De acordo com o Inventário (1875, fl. 7), Monsenhor Rios possuiu alguns bens, dentre eles escravos registrados na Collectoria

de Valença como era o costume na época. Inclusive deixa expressas as condições que deveriam ser oferecidas aos filhos de sua escrava Joanna para que fossem zelados pela mãe até os dezoito anos de idade, quando seriam considerados livres.

A abolição da escravidão aconteceu bem depois da morte do monsenhor, a partir do Decreto da Lei Áurea em 13 de maio de 1888. No entanto, anteriormente a isso, Pereira (2011, p.24) afirma que a Igreja Católica, como uma grande instituição dessa sociedade, não se manteve afastada dessa discussão fundamental do fim do século XIX. Com publicações em jornais católicos, cartas pastorais e até Encíclica Papal, o clero brasileiro manifestou-se sobre o processo abolicionista e o rumo que o Brasil deveria seguir após aniquilar o escravismo em seu território. Tratou-se de um processo gradativo, a partir da Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, quando as mulheres escravizadas teriam suas descendências livres em solo brasileiro. Assim, Vassouras entra nesse cenário quase ao final do processo da escravidão, entre os anos de 1850 a 1888 (Carvalho, 2013, p. 13).

Em Vassouras, ano de 1872, quando o Monsenhor já atuava na cidade, haviam 19.085 pessoas livres e 20.168 escravizadas, totalizando 39.253 habitantes (Lote, 2013, p. 32). Isso nos mostra que pouco mais da metade da população era escravizada para a produção cafeeira, como vimos anteriormente.

A partir do Livro de batismo de Escravos (1871-1878) verificamos que Monsenhor Rios batizou centenas de escravizados durante o período de suas ações sacerdotais no município de Vassouras, de 09 de julho de 1871 até 01 de março de 1874 (Livro de Batismo de Escravos 1871- 1878).

O Monsenhor possuía uma vida relativamente condizente com sua época; mas, no entanto, soube agir de modo diferenciado, simples e acolhedor, o que gerou relevância social em suas ações de modo a contribuir com sua memória pós morte atrelada à admiração, gratidão e saudosismo.

Monsenhor Rios e sua representatividade social: de-

votos em manifestos

A partir das manifestações de ex-voto dos devotos torna-se possível a verificação de qual percepção os fiéis tem em relação ao Monsenhor Rios. Com esse intuito, em julho de 2022 foram posicionados dois baús acompanhados de banners ilustrativos (Figura 5) na entrada da Igreja Matriz e dentro da capela do Cemitério Nossa Senhora da Conceição, onde está sepultado o corpo do Monsenhor Rios.

Exposições verbais instruindo sobre a finalidade dos baús, foram realizadas durante duas missas consecutivas de domingo à noite, horário em que a igreja se encontra com o maior número de pessoas assistindo a cerimônia religiosa. Destaca-se que a primeira exposição verbal foi também transmitida via internet, pelo canal do YouTube, contribuindo para uma maior repercussão da notícia.

Figura 5 – Imagem dos baús para depósito das manifestações de ex-voto e banner ilustrativo.



Fonte: Imagem própria dos autores.

Os fiéis então poderiam escrever manualmente em um formulário (Figura 6) que se apresenta com os dizeres: “Relate aqui as graças alcançadas pela intercessão de MONSENHOR RIOS” e depositar sua manifestação no baú, ou ainda enviar um e-mail para o endereço eletrônico monsenshorrios.vassouras@gmail.com.

Figura 6 – Formulário de manifestação manuscrita de ex-voto.

Relate aqui as graças alcançadas pela intercessão de MONSENHOR RIOS

Nome: João Data: 24/04/2022 Assinatura: João

Depois de ter, enquanto vivo, terminado as 100...
 ...de 100...
 ...de 100...
 ...de 100...
 ...de 100...

Assinatura: João Data: 24/04/2022

MONSENHOR RIOS
 Monsenhor Rios, nasceu em 1910, em São Paulo, Brasil. Foi um sacerdote católico, escritor e compositor de música. Foi o primeiro brasileiro a compor a música "Ave Maria" em português. Foi também o primeiro brasileiro a compor a música "Ave Maria" em português. Foi também o primeiro brasileiro a compor a música "Ave Maria" em português.

www.igrejaonline.org

Fonte: Imagem própria dos autores.

Tabulamos cento e nove formulários com manifestações e mais duas folhas de papel manuscritas, totalizando cento e onze (111) ex-votos, que compreendem de julho de 2022 a maio de 2023, conforme a Figura 7. Nenhuma manifestação via e-mail foi realizada.

Figura 7- Tabulação dos manifestos de ex-voto dos formulários.

Número de manifestações por devoto	Sexo	Idade	Cidade	Estado	Manifestação	Classificação da manifestação
95	Masculino	42	Vassouras	RJ	Melhora dos braços e pernas da mãe	Pedido
2	Masculino	-	-	-	Cura dos vícios	Pedido
1	-	40	Vassouras	RJ	Como um servo do Reino, assume os males e maldades dos corações vassourenses e diz que os pecados humanos atingem a imagem do Monsenhor Rios. Solicita interseção a Deus.	Agradecimento e Pedido
1	Masculino	12	Rio de Janeiro	RJ	-	-
1	Masculino	11	Engenheiro Paulo de Frontin	RJ	Orações e volta de alguém que se foi.	Pedido

1	Feminino	64	Vassouras	RJ	Graça alcançada há 30 anos atrás de conseguir um trabalho após ter pedido junto ao túmulo. Diz que sempre recorre ao Monsenhor diante das dificuldades do dia a dia e a resposta sempre vêm.	Agradecimento
1	Feminino	55	Vassouras	RJ	Graça alcançada pela cura do câncer de próstata do pai, há 16 anos atrás, após muitas súplicas e lágrimas no túmulo do Monsenhor Rios. Pede graças pelos filhos.	Agradecimento e pedido
1	Feminino	-	Vassouras	RJ	Grafia de difícil identificação da mensagem	-

1	Feminino	37	Rio de Janeiro	RJ	Realização do sonho da casa própria no Recreio dos Bandeirantes, fazer parte do quadro dos policiais civis do RJ ou conseguir estudar e se formar juíza.	Pedido
1	Feminino	-	-	-	-	-
1	Masculino	38	Angra dos Reis	RJ	Conseguir se aposentar	Pedido
1	Feminino	-	Angra dos Reis	RJ	Súplica para que o filho vá ao médico ver uma hérnia; por alguém que deseja adotar uma criança e pela saúde de toda a família.	Pedido
1	Feminino	65	Barra do Piraí	RJ	Gratidão por uma senhora de que voltou à Vassouras após 86 anos, onde viveu toda a sua infância.	Agradecimento

1	-	-	-	-	Súplicas pela união do filho e da namorada se for para o bem de ambos; oração pela saúde da família, incluindo tirar o “nervoso” de uma determinada mulher.	Pedido
1	Apenas sobre- nome, o que não per- mite a identi- ficação do gênero.	-	-	-	-	-

Dentre os devotos temos homens e mulheres entre 11 a 65 anos, oriundos de diversas localidades do estado do Rio de Janeiro. Em relação às suas respostas, hipotetizamos que muitos podem não ter respondido determinadas perguntas do formulário por questões de preservação de privacidade ou por entenderem que o Monsenhor pode escutar o coração apenas a partir da intenção de preencher o formulário, mesmo não tendo escrito sua mensagem, apenas assinado.

Pela interseção de Monsenhor Rios junto à Deus, percebe-se mais manifestações de pedidos do que de agradecimentos. No entanto, dos 5 pedidos, 2 deles vêm junto a um agradecimento, o

que corrobora com a ideia da existência de um milagre e a fidelização de um fiel.

Nota-se a crença que permite a cura, que anseia a mudança, que se preocupa com a imagem do Santo Milagreiro e com os males decorrentes do pecado do homem. A gratidão explícita que demarca o milagre verdadeiro.

Além dos formulários prontos para o preenchimento do devoto, as duas folhas manuscritas, uma de uma mulher de 85 anos que relata uma dor forte e a suspeita de um tumor, que após súplicas ao Monsenhor Rios para que conseguisse chegar aos 90 anos, exames médicos foram realizados e nada se constatou. Ou seja, agradecimento, de uma cura.

A outra folha agradece e pede perdão. Gratidão pelas graças pessoais alcançadas e pelas graças obtidas para sua família. Perdão por desapontar o Monsenhor com suas lamentações constantes, transgressões, dúvidas, medos e incertezas. Perdão pelos seus maus comportamentos. Relata: “Essa a ansiedade que consome, esse medo da vida que rouba tantas oportunidades. Esse meu jeito de achar que as coisas tem que ser do meu jeito. De calar quando sinto vontade de explodir e explodir na hora errada.”

Na sequência, uma carta escrita em folha de papel pede ao Monsenhor que

dê o dom do silêncio diante do sentimento interno de gastura que impede de ir além das propostas de Deus. Suplica a cura da sua alma, do coração e pede o ensinamento para ser uma pessoa forte e corajosa. Faz menção ao Senhor Deus para que aja em sua vida como desejar, de acordo com seus planos e projetos. Mais uma vez pede direção e luz, que possa acordar novamente e que não trilhe os caminhos da dor e sim, do amor.

Percebe-se nas folhas avulsas escritas a mão, que há o estabelecimento de confiança entre o fiel para

com o Divino, seja ele na pessoa do Monsenhor Rios enquanto intercessor junto à Deus ou no próprio Deus. As duas manifestações feitas de forma independente ao formulário proposto são como conversas íntimas, ricas em detalhes de fatos, de sentimentos, de aspirações e da certeza de que existe uma escuta, que há uma compreensão contextual por parte do ser Divino. Fica clara a segurança de que algo acontecerá a partir daquele manifesto, de que súplicas serão atendidas e a solução é possível, basta crer para ver.

Monsenhor Rios se caracteriza pela esperança de seus devotos, a luz de muitos caminhos escuros, a fonte de possíveis milagres. Sabendo disso, muitos interesses podem circundar esse imaginário social do religioso milagreiro. Interesses políticos, religiosos, culturais, financeiros dentre outros.

Interesses públicos e privados diante da apropriação da imagem do Monsenhor

Discernir acerca dos diversos atores envolvidos no contexto relacionado ao Monsenhor Rios faz-se imprescindível para decodificação da representatividade, da imagem construída socialmente e dos interesses inerentes a tudo isso.

Na pleiteio de respostas, as informações obtidas por meio de observações e documentos percorrem pelo trajeto do comportamento do religioso que em vida, considerado exemplar, contribuiu para a angariação de fiéis após sua morte. Assim, a imagem do Monsenhor vai além do aspecto religioso, pois é associada à história municipal e inclusa em uma programação turística.

O Monsenhor Rios é uma peça fundamental tanto no turismo quanto no desenvolvimento econômico local, sobretudo na época da Flor de Carne, por ser um gerador de fluxo turístico e de consumo

de produtos e serviços por parte desses visitantes.

Observamos que aos turistas são distribuídos prospectos com informações relevantes sobre o Monsenhor Rios, onde se esclarecem dúvidas como o local onde o corpo está sepultado, dentre outras curiosidades.

Percebe-se claramente o quão importante é a presença do turista no município, pois no âmbito comercial ele vem disposto a consumir hospedagem, alimentação, artigos de lembrança e outros. Isso se traduz em dinheiro que circula nas mãos dos vassourenses e influencia na melhoria contínua da infra-estrutura municipal para atração de cada vez mais visitantes.

Na Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vassouras, também há a confirmação da geração de renda local à partir do turismo religioso e a importância cultural que a imagem do Monsenhor Rios representa enquanto elemento de memória e fé.

O mistério da Flor de Carne, como dito anteriormente, é difundido midiaticamente por diversos canais de comunicação, como emissoras de televisão, rádios, revistas digitais e impressas e jornais, dentre outros. Portanto, podemos dizer que há uma ênfase no fenômeno da flor enquanto curiosidade, o que numa edição de matéria pode gerar mais sensacionalismo e audiência do que a vida de um religioso, o que contribui para tal resultado.

Destaca-se que o Info do Vale, um meio de comunicação midiática digital com abrangência sobretudo em Vassouras e cidades da região do Vale do Café, noticia sobre o Monsenhor Rios como um elo de conexão com Deus e de união entre vassourenses nos momentos difíceis da vida.

Outro meio de comunicação bastante relevante na região é o Jornal Tribuna do Interior que noticia principalmente fatos de Vassouras, com uma abrangência que se estende também a municípios adjacentes. Nesse meio a imprensa se vale da notícia relacionada ao Monsenhor Rios e o mistério da Flor de Carne como forma de despertar seu público.

Frente à cobertura midiática, Monsenhor Rios se torna cada vez mais conhecido, o que atrai turistas e curiosos para Vassouras.

Contudo, no turista que visita Vassouras também nota-se o movimento gerado a partir da fé, pois muitos visitam o túmulo do religioso e a igreja onde ele celebrava e essa lógica do milagre atrai muitos fiéis. E, se comprovada a sua santidade, conjecturamos que a procura poderia ser muito maior pela busca de sua intercessão junto a Deus.

A partir da Paróquia local, há uma intenção real no processo de beatificação do Monsenhor Rios para posterior canonização, o que contribuiria para o aumento de fiéis e visitantes à igreja.

Nesse sentido, nossas pesquisas poderiam contribuir não só neste caso específico, mas em outros estudos correlatos que se ancoram na base científica para comprovação de fatos no âmbito da folkcomunicação¹⁷¹.

Considerações Finais

Concluimos que o religioso Antônio Rodrigues de Paiva e Rios possui reconhecimento, descrito em bibliografias, como alguém que se enquadra no perfil de “santo” diante de suas ações em vida e seu potencial milagreiro pós morte. Sua representatividade é bastante significativa para os setores públicos e privados, pois agrega valor ao catálogo de turismo vassourense, sobretudo no que tange o turismo religioso, pois também contribui com a geração da renda local. A imagem social do Monsenhor Rios, muitas vezes associada ao fenômeno inusitado da Flor de Carne, é difundida midiaticamente enquanto informação que denota a curiosidade da audiência. Há um esforço motivado ora por interesses econômicos, ora por crenças e fé, na divulgação dos feitos do Monsenhor Rios enquanto milagreiro e sua Flor de Carne, compreendida como atrativo de devotos e

¹⁷¹ Luiz Beltrão (1980, p.28) afirma que a folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa.

turistas curiosos.

Conhecendo um pouco mais da vida do Monsenhor Rios por meio desse estudo podemos avançar para além do fenômeno da Flor de Carne, decodificando assim as suas origens, sua formação e legado para as comunidades por onde passou e exerceu seu ministério sacerdotal. Monsenhor Rios é uma figura que ainda hoje, através da sua popularidade, leva as pessoas a fazerem uma conexão com o sagrado, alimentando assim a fé e mantendo viva a esperança nos momentos difíceis, seja a doença ou qualquer outra dificuldade considerada algo impossível.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BITTENCOURT, Fernando M. **Vassouras**: um pouco de sua história. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2001.

BULA PAPAL Apostólico Ofício do Papa Pio XI. **Decreto de criação da Diocese de Valença**, 1925.

CARVALHO, Fábio P. **Vassouras**: comunidade escrava, conflitos e sociabilidades (1850-1888). Dissertação (mestrado) apresenta à Universidade Federal Fluminense - Instituto de Ciências humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2013. 119f.

CENTRO de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. – Dr. Joaquim José Teixeira Leite: **Livro 1** de Registro de Assentos de Ingênuos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (1871-1874).

CENTRO de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. – Dr. Joaquim José Teixeira Leite: **Livro 1** de Registro de Batismo de Escravos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (1871-1878).

FILARDI, Marcelo. A vida Secreta da Flor -Cadáver. **Jornal da Terra**, São João Evangelista, n. 1, a. 2, p. 6, fev-abril, 2021. Disponível em: <https://biologia.sje.ifmg.edu.br/images/articles/jornal-da-terra/ano-2/jornal-terra-n1-ano2.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

GUSTAVO, Sérgio. O Dia. **O mistério da centenária flor de carne**. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/vassouras/2020/11/6020116-o-misterio-da-centenaria-flor-de-carne.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo do IBGE 2010**. Dis-

ponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/vassouras/historico>. Acesso em: 03 maio 2023.

INVENTÁRIO das Partes Antônio Rodrigues de Paiva Rios (falecido) e Antônio José Fernandes (inventariante). Arquivo do TJRJ/IPHAN, Caixa 103.664.214.003.1875.

LOTE, Karine T. **Entre barões, condes e viscondes:** o cenário educacional na Vassouras oitocentista (1850-1889). Dissertação (mestrado) apresenta ao Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Católica de Petrópolis. Petrópolis, 2013. 107f.

MACEDO, Neusa D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica:** guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

ODIA. **Misteriosa flor vassourense começa a desabrochar.** Disponível em: <https://odia.ig.com.br/vassouras/2020/11/6032085-misteriosa-flor-vassourense-comeca-a-desabrochar.html>. Acesso em: 25 maio 2023.

PEREIRA, Camila M. **Abolição e Catolicismo:** a participação da igreja católica na extinção da escravidão no Brasil. Dissertação (mestrado) apresenta à Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências humanas e Filosofia. Departamento de História. Niterói, 2011. 140f.

PINTO, Jorge. **Fastos Vassourenses.** Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras.** 2. ed. Niterói: SEEC, 1978.

SCARANO, Julita. **Fé e milagre:** ex-votos pintados em madeira: séculos XVIII e XIX. São Paulo: EDUSP, 2004.

URQUIZA, Marconi; MARQUES, Denilson B. **Estudo da Comunicação Corporativa:** análise de conteúdo: teoria e prática. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/An%C3%A1lise_De_Conte%C3%Bado/FlwsEAAAQBA-J?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=o+que+%C3%A9+an%C3%A1lise+de+conteudo+conceito&printsec=frontcover. Acesso em: 25 maio 2023.

IX. O Colégio dos Santos Anjos em Vassouras-RJ

*Fátima Niemeyer da Rocha
Irenilda Reinalda Barreto de R. M. Cavalcanti*

Introdução

O presente capítulo apresenta um panorama e pequenos fragmentos documentais da longa história do Colégio dos Santos Anjos na cidade de Vassouras, localizada na Região Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, com o intuito de demonstrar a importância desse educandário para a população vassourense, inserindo-o nos contextos educacionais das diversas épocas, tendo em vista sua longa atuação, atualmente já centenário.

O Colégio, que funciona em Vassouras, é uma das instituições mantida pela Congregação dos Santos Anjos (atualmente Associação Franco Brasileira – AFB), situando-se as demais no Rio de Janeiro (RJ), Além Paraíba, Juiz de Fora e Varginha (MG), e Caçador (SC).

A história da Congregação está intimamente ligada ao contexto da Europa, no século XIX, marcado pelo pensamento liberal em ascensão, que permeava todas as áreas da sociedade, destacando-se sua influência na política, na educação, na ciência e na religião, principalmente na Igreja Católica.

As consequências da Revolução Francesa, com sua ideologia laica, haviam criado conflitos de ordem ideológica e proibido a atuação social de religiosos e religiosas. As congregações encontram, então, na vinda para o Brasil, uma solução para esse problema, mostrando-se motivadas pela ideia da “missão” em terra estrangeira e legitimando, oportuna e religiosamente, o êxodo da Europa (Rosado-Nunes, 2004, p. 492).

Assim, a necessidade da reestruturação da educação e da

assistência aos doentes, aos órfãos e aos pobres foi princípio motivador para o aparecimento de várias ordens femininas as quais, anteriormente, se caracterizavam pela austera vida contemplativa, e agora passavam a assumir uma vida de interação social, “atuando nos campos da educação, dirigindo ou lecionando em escolas, e da saúde, no cuidado com os enfermos; assim como em asilos e orfanatos” (Nicolau, 2021, p. 337).¹⁷²

No Brasil, desde 1850, já se estabelecera a Congregação Filhas da Caridade, ordem religiosa francesa, mantenedora do Colégio da Imaculada Conceição, que atuava na formação feminina, visando introduzir no cotidiano das jovens as doutrinas cristãs e as habilidades com os afazeres domésticos e maternais.

No final do século XIX e início do século XX, instalam-se também as irmãs responsáveis pelos Colégios *Notre Dame de Sion*¹⁷³ e o *Sacré Coeur de Jésus*¹⁷⁴, com as mesmas finalidades, no Rio de Janeiro e São Paulo.

Neste mesmo período, têm início as negociações para a vinda de algumas irmãs da Congregação dos Santos Anjos, a partir dos contatos entre o Padre Louis Blondet, capelão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, no Brasil, e a Superiora Mère Elizabeth Marie, o que se concretiza em 1893 com a criação da primeira escola no Rio de Janeiro, seguindo os mesmos princípios que a casa mãe da França.

Assim, o objetivo desde capítulo é acompanhar a implantação e expansão das atividades do Instituto Santos Anjos de Vassouras,

172 Para conhecer mais sobre o surgimento das ordens religiosas dedicadas à educação feminina e também à assistência a pobres e doentes, entre os séculos XVI e XVII, ver Nunes, 2018, p. 145-160.

173 A Congregação das Religiosas de Nossa Senhora de Sion é uma organização religiosa cristã, de matriz católica, fundada na França, em 1843, pelos padres Teodoro Ratisbonne e Afonso Ratisbonne.

174 Colégio pertencente às *Religieuses du Sacré Coeur de Jésus* (Sociedade do Sagrado Coração), congregação religiosa criada na França, por Santa Madalena Sofia Barat, em 1800. No Brasil, o Colégio *Sacré-Coeur de Jésus*, na Tijuca, iniciou suas atividades em 1905.

percorrendo as suas mudanças, adequações e ampliações ao longo do século XX. Começando como um asilo para abrigar meninas órfãs, a Instituição foi se alargando para contemplar os cursos ginasial, normal, científico e preparatório para o vestibular, passando a fazer parte da vida de várias gerações e famílias vassourenses.

Em sua elaboração foi realizada uma pesquisa com a coleta dos dados, que envolveu os documentos disponíveis – fontes primárias e secundárias referentes ao período compreendido entre 1906 e 2016 – e gentilmente cedidos pela direção do próprio Colégio, além de jornais e documentos oficiais de outros órgãos.

Abordamos inicialmente, o contexto em que surgiu a Congregação dos Santos Anjos na França e sua vinda para o Brasil. Em seguida, apresenta o início do Asylo Furquim em seu majestoso prédio, o qual passará por manutenções, ampliações e adequações ao longo do século XX, sem deixar de destacar a doação definitiva do prédio e seu terreno à Congregação. Unindo a trajetória do prédio com a atuação da Congregação dos Santos Anjos em Vassouras, o texto continua contando a história da ação assistencialista do Asylo Furquim, juntamente com a expansão educacional para acolher alunas internas e externas pagantes, até chegar às ampliações de cursos e a inclusão do ensino misto, na segunda metade do século XX. A seção seguinte resalta as atividades acadêmicas, esportivas e religiosas empreendidas pelo Instituto dos Santos Anjos.

1. A ordem dos Santos Anjos: da França para o Brasil

O Colégio dos Santos Anjos é mantido pela Congregação dos Santos Anjos (Associação Franco Brasileira) surgida no departamento de Jura, na França, em 15 de outubro de 1831. Naquele ano, o Padre Agathângelo, diante da necessidade de educar a juventude de sua Paróquia, criou uma escola e, para dirigi-la, o Bispo designou a jovem pedagoga Bárbara Elisa Poux, a qual adotou o nome religioso de Mère Marie Saint-Michel (1797-1855). Juntamente com um grupo de jovens que, como ela, se dedicavam ao magistério e, ao mesmo tempo, apresentavam forte vocação religiosa, Bárbara

Elisa criou a Congregação dos Santos Anjos.

A Congregação surge no contexto em que “a Europa, e em especial a França, viviam um período de crescente laicização, originada nos processos revolucionários do final do século XVIII e início do século XIX” (Nicolau, 2021, p. 339), tornando a atuação religiosa um grande desafio, principalmente devido à imposição de medidas legais de laicização do ensino, com a extrema valorização do ensino público em liceus, em detrimento das escolas confessionais (Nicolau, 2021).

Para continuar as suas atividades, as Irmãs optam por deixar a França e o Brasil aparece como uma boa opção. Restava obter o apoio para o reinício, que lhes chegou através das conversas com o padre Louis Blondet, a partir de 1891.

Além de repassar informações esperançosas para as Irmãs, o Padre começa a fazer contato com várias personalidades do Rio de Janeiro, para conseguir apoio financeiro e um local para a instalação da escola. Depois de muitos contatos, finalmente o Padre consegue o palacete do Conselheiro João Pedreira do Couto Ferraz, situado no Andaraí e o apoio de senhoras da sociedade carioca.

Finalmente, em maio de 1893, as irmãs da Congregação chegam ao Rio de Janeiro. O grupo pioneiro era composto por

Mère Saint Bernard André, encarregada de ocupar a função de superiora, Ir. Marie Ludovica Palais, diretora educacional, Ir. Louise de Gonzague Rath, Ir. Marie Célestine Christophe, Ir. Marie Alicia, a qual ficou encarregada de lecionar desenho, Ir. Léonie Gauthiere Ir. Marie Agathe Palais, responsável pela cozinha escolar. Vieram também leigas para atuarem no ofício de educadoras, como Mlle. Marguerite Lavenier e Mlle. Vanier, que assumiria a cadeira de desenho e pintura (Nicolau, 2021, p. 342-3).

Em 22 de maio do mesmo ano, Mère Marie Saint-Bernard André fundou o Colégio dos Santos Anjos, nessa cidade. O período

inicial contou com uma nota interessante, publicada na seção de anúncios do *Jornal do Commercio*, no dia 11 de janeiro de 1893: as Irmãs gozam de tanta credibilidade que o Colégio iniciará suas atividades antes mesmo que elas cheguem ao Rio de Janeiro. Diz o anúncio¹⁷⁵:

Como já se sabe, as Irmãs da Congregação dos SS. Anjos de França, resolveram fundar um colégio e um asilo na Tijuca. O palacete de Andaraí alugou-se para este fim. As irmãs chegarão no decurso de abril, passada a força do calor. Desejando, porém, as famílias que já matricularam as suas filhas, que estas possam ser recebidas no principio do ano escolar, decidiram as professoras adjuntas abrirem as aulas, segunda-feira, 30 do corrente. (*Jornal do Commercio*, 1893, p.10) (Grafia atualizada).

As credenciais que precediam as Irmãs se confirmaram, tanto é que seu trabalho se tornou, ao longo do tempo, uma sólida obra educacional, em virtude da qual se estabeleceram educandários em outras localidades brasileiras.

Doze anos após, em 1905, a Congregação foi convidada a assumir um asilo para meninas órfãs, em Vassouras, desafio que foi aceito após uma visita à cidade. Vamos ver como ocorreu essa expansão para o Vale do Paraíba.

175 *Jornal do Commercio* (RJ) - 1890 a 1899 - DocReader Web (bn.gov.br) https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_08&Pesq=%22santos%20anjos%22&pagfis=9774.

2. Do Asilo para o Instituto: os caminhos de um edifício

A história Colégio dos Santos Anjos, no município de Vassouras, está intimamente ligada à do Palacete Furquim, o qual foi doado à municipalidade vassourense no ano de 1881.

O Palacete foi a antiga residência da família de Caetano José Furquim de Almeida (1816-1879), mineiro de nascimento, mas radicado em Vassouras, rico fazendeiro e negociante de café. Assim, a 09 de julho de 1881, a viúva de Caetano Furquim procedeu à doação, embora de modo informal, do grande prédio denominado Palacete Furquim à Câmara Municipal de Vassouras, para nele se instituir e manter um Asilo destinado a recolher, educar e instruir meninas pobres. Esse generoso ato de filantropia representou a efetivação de um desejo de seu finado marido, expresso através de carta remetida à família, de doar à municipalidade vassourense a sua antiga residência. (Rocha, 2005)

No entanto, somente em 1895, por escritura pública lavrada em 05 de abril, a viúva de Caetano Furquim e seus herdeiros efetivaram a doação do prédio e respectivo terreno à Câmara Municipal de Vassouras. No Palacete, situado à rua Caetano Furquim nº 6 (mais tarde denominada rua Dr. Fernandes Junior nº 41), no Centro da cidade, deveria ser fundado um Asilo para abrigo da “infância desvalida ou de velhice desamparada segundo foi resolvido por todos os interessados e consta dos autos do inventário do alludido finado, Dr. Caetano Furquim de Almeida a quem pertencia o dito prédio” (Vassouras, 1933). Os doadores transmitiram para a Câmara Municipal de Vassouras todo o domínio, posse, direito e seção do imóvel doado, para que o possuísse sem reserva alguma.

No mesmo ano de 1895, a Câmara Municipal de Vassouras inaugurou o Asilo Furquim em 28 de julho, quando cedeu o uso somente do Palacete para a Congregação de Nossa Senhora do Amparo, cuja direção estava a cargo do Revmo. Cônego Amador Bueno (Jornal O Vassourense, 1895). Para a direção do Asilo, a Congregação de Nossa Senhora do Amparo foi representada pelas Irmãs Carolina da Imaculada Conceição – sua primeira Diretora

–, Rosa de Santo Agostinho, Leonor de São João Batista e Amélia do Coração de Jesus.

À feérica¹⁷⁶ inauguração do ASILO não faltaram o BISPO DE PETRÓPOLIS; a Banda da Música “26 de Julho”; profuso lanche oferecido, em Barão de Vassouras, pelo COMENDADOR BERNARDINO DE MATTOS; a fidalguia do BARÃO DO AMPARO; solene “Te-Deum”; missa no Asilo; e sua benção. E o presidente do Estado, DR. JOAQUIM MAURÍCIO DE ABREU, aqui veio especialmente para assistir à inauguração do Asilo! (Correio de Vassouras, 1980)

Ao longo de quase nove anos, o Asylo Furquim funcionou sob a direção dessa Congregação, que provia às alunas instrução em leitura, escrita, gramática, aritmética, história pátria, história sagrada, doutrina cristã, geografia e geometria (Rocha, 2005). “O Asylo Furquim, desde então foi recebendo meninas e tem augmentado tanto o numero que já excede a lotação” (Bueno, 1896). Vale registrar que em setembro de 1896, as Irmãs da Congregação instalaram a devoção dos Santos Anjos no Asylo, com uma devota solenidade presidida pelo cônego Amador Bueno, a qual contou com a participação de várias alunas (Jornal do Commercio, 30 out 1896). No entanto, em janeiro de 1904, por falta de membros que pudessem se ocupar dessa obra, a Congregação de Nossa Senhora do Amparo fechou o Asylo e retirou-se do Palacete, devolvendo-o a Câmara Municipal de Vassouras (Vassouras, 1933; Correio de Vassouras, 1980).

Após a partida das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Amparo, a assistência social da cidade ficou reduzida a praticamente nada e, no que tange ao ensino, apenas ao Grupo Tiago Costa e a poucas escolas particulares. Então, uma sobrinha de Caetano Furquim, Lúcia Lamarfer, empenhou-se para que o sonho de seu tio se tornasse realidade e, de posse de uma autorização do Presidente da Câmara, Henrique Borges Monteiro, dirigiu-se à Madre Superiora da Congregação das Religiosas dos Santos Anjos, do Rio de Janeiro, Mère Marie Saint-Bernard André, solicitando a

176 Feérica é um adjetivo compreendido como deslumbrante, maravilhoso, fantástico.

instalação, em Vassouras, de um estabelecimento da Congregação dos Santos Anjos. O objetivo era dar seguimento católico à obra de ensino interrompida com o fechamento do Asylo Furquim. (Colégio dos Santos Anjos, 1992a; Correio de Vassouras, 1980)

Em 1905, após ter sido acolhida a solicitação, uma consulta foi formulada ao Governo Geral da Congregação das Religiosas dos Santos Anjos em Mâcon, na França. Então, entre os dias 18 a 21 de dezembro de 1905, as Irmãs Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Stanislas Köhlmann estiveram na cidade de Vassouras a convite da Câmara Municipal, para examinar o Palacete Furquim e se certificar quanto às condições da Congregação se encarregar da direção do Asylo Furquim. Entretanto, as madres não quiseram nada decidir antes de comunicarem sua apreciação à Madre Geral, ficando o assunto em estado de projeto até que os Superiores da Congregação se manifestassem. Finalmente, a Congregação aceitou a proposta da Câmara e resolveu realizar a fundação da instituição. (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992b; 1905)

Entre os dias 08 e 10 de março de 1906, Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Stanislas Köhlmann visitaram o Bispo de Petrópolis-RJ, a cuja Diocese a Paróquia de Vassouras pertencia, com o objetivo de lhe pedir autorização para o estabelecimento de uma casa da Congregação na cidade de Vassouras. Este acolheu o projeto e prometeu enviar as licenças necessárias para o serviço religioso de uma capela a ser instalada, logo que a casa fosse aberta, e que recomendaria as Irmãs da Congregação dos Santos Anjos ao Vigário da Paróquia. (Colégio dos Santos Anjos, 1906)

Em 12 de março do mesmo ano, Mère Marie Saint-Bernard André acompanhada por outras Irmãs, viajou uma segunda vez para Vassouras, onde permaneceu durante quatro dias tratando das condições da reabertura definitiva do Asilo Furquim e dando início às reformas necessárias do local (Colégio dos Santos Anjos, 1906).

E não ficaram apenas nestas reformas emergenciais para instalação do Asilo. Ao longo dos anos, o prédio passou por manutenções profundas, ampliações e anexação de terrenos vizinhos, visando suprir o que faltava para as alunas. Por exemplo, em 1933,

foram construídas cabines para as lições de piano, lavanderia com maquinário adequado, sala para uma Escola Doméstica, bem como dormitórios e refeitórios mais amplos para acolher o maior número de alunas possível. E foram também construídos um amplo educandário e uma igreja, anexos ao prédio original. Já em 1947, devido aos muitos pedidos para internação, a direção projetou “a construção de um salão dormitório e instalações sanitárias”, além de um refeitório, tendo em vista a “necessidade urgente pois que funciona em pavimento térreo e pouco confortável” (Asilo Furquim, 1947). Dez anos depois, em 1957, empreenderam-se novas obras de reforma do prédio antigo, que já estava bem avariado pelos estragos causados pela passagem do tempo e pela ação dos cupins (Asilo Furquim, 1958).

A criação do curso Normal, em 1964, trouxe novas necessidades e para atendê-las foram construídas mais três salas de aulas e um auditório, onde “as alunas têm ocasião de realizar suas festas, sua[s] reuniões de grêmio, suas aulas de canto e de socialização e também nêle assistem filmes, instrutivos e recreativos” (Relatório, 1966).

A ampliação do terreno original ocorreu em 20 de abril 1968, quando a Sociedade Civil Pequenas Irmãs da Divina Providência vendeu para a Congregação das Religiosas dos Santos Anjos, uma área de terra situada na zona urbana da cidade, conforme escritura lavrada no Cartório do 2º Ofício da Comarca de Vassouras (Vassouras, 1975). O terreno, adjacente ao Instituto, recebeu obras destinadas ao recreio dos alunos e à prática de esportes. Entretanto, o serviço de terraplanagem no terreno adjacente ao do Instituto só teve início em 1976, para a construção da futura praça de esportes (Colégio dos Santos Anjos, 1978).

Para obter mais espaço, a parte do casarão em que funcionavam as aulas foi reformada, tendo sido feita também a pintura da parte externa prédio. Além disso, “a construção continuava a fim de poder atender a um maior número de pedido de matrícula” (Asilo Furquim, 1963). Poucos anos depois, em 1972, as salas de aula receberam melhorias, inclusive como a compra de carteiras

de fórmica. Já o salão nobre de visitas passou por uma grande reforma e foi adquirido um piano de cauda. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

Logo depois, para adequar-se aos novos tempos, a pintura nas salas de aula foi renovada, promovendo-se também a reforma dos sanitários e compra de carteiras de fórmica para as salas de aula do Jardim de Infância e Curso de Alfabetização (Colégio dos Santos Anjos, 1978). Em 1996, em que se comemoravam os 90 anos de fundação do Colégio em Vassouras, o Palacete novamente passou por grandes reformas “devido a um intenso e silencioso trabalho dos cupins que, praticamente, quase o fizeram cair no chão”. (Colégio dos Santos Anjos, 1996a)

Acompanhando a evolução dos processos educacionais, o ano 2000 encontrou o Palacete inteiramente restaurado, dispondo de *amplas salas e modernas instalações, tais como: laboratório de informática, para uso desde o período infantil; laboratório de ciências físicas e biológicas; salas de vídeo; amplo parque infantil; quadra de esportes; bibliotecas para os diversos segmentos; acolhedora capela.* (Colégio dos Santos Anjos, 2000). Além desses espaços, o Colégio também contava com a *Sala de Psicomotricidade que foi montada como uma sala de exercícios para a coordenação motora das crianças, equipada com brinquedos de espuma de alta densidade, espaço de audiovisual com almofadas e imobiliário próprios e espaço de coordenação. Também foi terminada a reforma de todos os banheiros e da sala do maternal, juntamente com as novas dependências da pré-escola, que passou a contar com um fraldário.* (Jornal Tribuna do Interior, 2000a). No mesmo ano, o Colégio “inaugurou a primeira piscina térmica da cidade”, juntamente com os banheiros feminino e masculino, oferecendo aos alunos do colégio a oportunidade de praticarem natação e às mães, de praticarem hidroginástica. (Jornal Tribuna do Interior, 2000d, p. 4)

Em 2003, o Colégio contava com: *auditório, biblioteca infantil, biblioteca central, capela, cantina, refeitório; laboratórios de: informática, com modernas bancadas de ciências, física, química*

e biologia; piscina aquecida com energia solar (que atende desde crianças do Infantil até pessoas de 3ª Idade); parques infantis, sala de aula com TV e vídeo, salão de jogos, sala de Psicomotricidade, salão de eventos, Ginásio Poliesportivo, sala de Brink Art, Oficina de Artes, salas multimídia. (Colégio dos Santos Anjos, 2003a). O Colégio também estava oferecendo as atividades extraclasse: capoeira, futsal, dança e fanfarra.

Quanto ao uso legal do prédio, a situação foi validada por um contrato de cessão do Palacete para manutenção do Asilo de menores órfãos desamparadas. Este contrato foi firmado a 15 de abril de 1907, entre a Câmara Municipal de Vassouras e a Congregação das Religiosas dos Santos Anjos (Vassouras, 1933), quase um ano após o início das atividades do Asylo Furquim. Para além da cessão do prédio, a Câmara ficava responsável por fornecer uma subvenção mensal, e ainda autorizou que a Congregação criasse, mantivesse e explorasse comercialmente um instituto de educação, no mesmo Palacete, para meninas, nos regimes de internato e externato, com valores módicos (Vassouras, 1933).

A situação de cessão condicional do Palacete resolveu-se em 1966 quando, em 29 de junho, o Prefeito Municipal de Vassouras, José Carlos Vaz de Miranda, em cumprimento da Deliberação da Câmara Municipal de Vassouras nº 615, de 22 de março de 1966, promulgou a doação definitiva “à Congregação das Religiosas dos Santos Anjos o imóvel situado à rua Doutor Joaquim Teixeira Leite nº 41 (antiga Caetano Furquim nº 6), nesta cidade, onde funciona o Instituto dos Santos Anjos” (Vassouras, 1966).

Em profundo reconhecimento pela doação recebida, Madre Maria Blandina Baronto, ex-aluna e então Superiora Geral da Congregação, publica uma carta no Jornal Gazeta de Vassouras na edição de 03 de julho do mesmo ano (Colégio dos Santos Anjos, 1992b; Jornal Gazeta de Vassouras, 1966).

O gesto da nobre Câmara Municipal e o de V. Excia são motivo de nossa profunda gratidão, pois representam o apreço que as Autoridades locais sempre manifestaram para com a Congregação dos Santos Anjos que, há 60 anos, se dedica à infância e juventude

dessa Cidade e Município a quem nós professamos apreço e admiração bem merecidos por quanto as nobres Autoridades locais têm desenvolvido pelos melhoramentos e progresso nessa Cidade que, por tantos títulos, se destaca entre suas Irmãs no Estado do Rio de Janeiro. (Jornal Gazeta de Vassouras, 1966)

Anteriormente, em 03 de outubro de 1959, a Câmara Municipal de Vassouras, através de Projeto de Deliberação assinado pelo Vereador Renato Martins Coelho, reconheceu como de utilidade pública o Asilo Furquim, identificado no documento como um estabelecimento de ensino sediado à rua Dr. Joaquim Teixeira Leite, “considerando os inúmeros benefícios que tem prestado ao nosso município [...]” (Vassouras, 1959b).

Para se adequar juridicamente, o Asilo registrou seus Estatutos no dia 22 de abril de 1950, no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Vassouras. Além de informações sobre a manutenção ininterrupta das atividades desde 02 de julho de 1906, o documento confirma a permanência no mesmo endereço como também sua finalidade e resultados obtidos

é de assistência social e se destina à educação e instrução de crianças pobres do sexo feminino. As Religiosas dos Santos Anjos ministram à juventude feminina uma educação religiosa, intelectual e cívica. Para chegar a um resultado prático, as Religiosas procuram incutir, em suas alunas, a observância de princípios de ordem, de economia e de gosto pelo trabalho (Estatutos do Asilo Furquim, 1950).

Esclarecia ainda que recebiam gratuitamente crianças de 06 a 12 anos, para fazerem o curso de instrução primária de acordo com o programa oficial do Estado, e que sem a ajuda governamental seria impossível a continuidade dos trabalhos, mesmo assim o déficit orçamentário e a assistência médica para as internas ficavam a cargo da Congregação dos Santos Anjos.

Mesmo sem encargo de aluguel, as religiosas não poderiam manter 40 crianças inteiramente gratuitas, dando-lhes casa, alimentação, vestuário, calçado, etc., si não tivesse a graça de merecer, todos os anos, a subvenção dos beneméritos Governos Federal e

Estadual. (Estatutos do Asilo Furquim, 1950)

Em 1957, o Asilo passou a se chamar Instituto, registrando um novo Estatuto no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Vassouras, no dia 12 de novembro, sendo também publicado no Diário Oficial do dia 20 do mesmo mês. (Estatutos do Instituto dos Santos Anjos, 1957)

A aprovação da mudança de denominação do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras para Colégio dos Santos Anjos de Vassouras ocorreu durante uma Assembleia Geral Extraordinária, das associadas da Sociedade Franco Brasileira e suas instituições, em 16 de abril de 1977. Este nome permanece até o presente.

Ao longo dos anos, curiosamente, a denominação Asylo/Asilo Furquim foi deixando de ser utilizada, sendo aos poucos, formalmente substituída pela denominação Instituto dos Santos Anjos e, posteriormente, Colégio dos Santos Anjos.

Na obra “Fastos Vassourenses” (Pinto, 1935, p. 59) encontramos o seguinte poema alusivo ao prédio:

“O Palacete Caetano Furquim”¹⁷⁷

1. O turismo de Vassouras
Gira em torno de casarões
Que, outrora, pertenceram
A renomados barões.
2. Eles ficam em destaque
Na Praça do Campo Belo
Outro há, porém, discreto
Desligado desse elo.
3. No Patrimônio Nacional
Não consta relacionado
O Palacete Furquim
Que à Câmara foi doado.
4. Entretanto, seu destino
Pelo doador foi traçado:

¹⁷⁷ Sem identificação de autoria.

Será de um Colégio
À educação dedicado.
5. À manutenção da Obra
Vicissitudes não faltaram:
Religiosas - Irmãs do Amparo
Tão pouco, aí, ficaram.
6. E, “caindo aos pedaços” ¹⁷⁸
O Palacete Furquim
Clamava por alguém
Que assumisse a Obra, enfim.
7. Assim, seria honrado
O nome do mineiro
Que, “vassourense de coração”,
Provou-o, em gesto verdadeiro.
8. Convidado, o “Santos Anjos”,
Por sobrinha de Furquim,
A educar, no Palacete,
A Deus disse o seu SIM.

3. Vassouras recebe os Santos Anjos: ações assistenciais e educativas ao longo do século XX

No dia 02 de julho 1906, dia da Festa da Visitação da Santíssima Virgem, chegaram a Vassouras, as religiosas fundadoras do novo estabelecimento: Mère Marie Saint-Bernard André e Mère Marie Laurence Prost, esta que seria a Superiora da nova casa, juntamente com as Irmãs: Maria Paulina de Salles, Maria Justina Kuchenma, que se ocuparia da cozinha, e Maria Agostinha de Azevedo. Vieram acompanhadas de duas moças auxiliares; uma delas, Herondina Barontto, matriculada entre as primeiras alunas do ano da Fundação que, posteriormente, tornou-se religiosa e foi a primeira Superiora Geral no Brasil, tendo recebido o nome de Madre Maria Blandina. A Ir. Maria Agostinha, anos depois,

¹⁷⁸ PINTO, J. **Fastos vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935. p.59.

tornou-se Diretora do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras, tendo sido muito querida na cidade. (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992a; Colégio dos Santos Anjos, 1906)

A recebê-las, e recebê-las festivamente – assinalam os registros da história de nossa terra – encontravam-se o Presidente da Câmara Municipal, o grande vulto da política vassourense DR. HENRIQUE BORGES MONTEIRO, os demais membros do Legislativo Municipal, uma comissão de senhoras de nossa melhor sociedade de então e o povo em geral. (Correio de Vassouras, 1980)

“Nos dias que se seguiram, dando corpo à ideia e materializando o propósito”, instalou-se a instituição, abrindo-se as inscrições. (Correio de Vassouras, 1980) Tendo, então, assumido a obra de educação e instrução das crianças e jovens em Vassouras, a Congregação nomeou a primeira superiora da casa, a própria Mère Maria Saint-Bernard, que permaneceu apenas um mês na cidade e foi substituída por Mère Marie Laurence¹⁷⁹, (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992a)

A inauguração do estabelecimento, sob a nova direção, se deu a 16 de julho de 1906, dia de Nossa Senhora do Carmo, às 09 horas da manhã, sendo convidado o Monsenhor Agostinho Francisco Benassi, vigário de Engenho Velho, no Rio de Janeiro, para a celebração eucarística e para efetuar a bênção do prédio, juntamente com o vigário da Paróquia, Padre Ambrósio Coutinho (Colégio dos Santos Anjos, 1981; 1992b; Correio de Vassouras, 1980).

Criado com o objetivo precípuo de atender meninas órfãs desvalidas cuja aceitação passava pela aprovação do Presidente da Câmara, o Asilo foi, pouco a pouco, assumindo novas funções, dentro do contrato assinado com a Câmara, que permitia a aceitação de meninas pagantes, desde que com preços reduzidos, em regime de internato e externato, conforme estava nos Estatutos do Instituto, nova denominação do Asilo.

[...] o Instituto dos Santos Anjos é de Assistência

179 A lista completa das diretoras encontra-se em anexo, ao final do artigo.

Social e foi criado para ministrar o ensino às órfãs do Asilo Furquim, e meninas da localidade, mediante pequeno auxílio, que se destina a assistir as órfãs do Asilo. [... eram] gratuitamente recebidas as crianças do Asilo e as reconhecidamente pobres, de 6 anos de idade em diante (Estatutos do Instituto dos Santos Anjos, 1957).

Desta forma, as atividades mais contempladas pelas Irmãs eram de caráter assistencialista, como se pode ler em uma declaração de 1939, feita pelo Prefeito de Vassouras

recolhendo crianças pobres, fornecendo-lhes alimentação, roupa, ensino, calçado, medicamentos, dentista e médico; que o Azilo acolhe presentemente trinta e duas crianças do sexo feminino, sete das quais entregues pela Prefeitura; que o Azilo vem recebendo no corrente Exercício de 1939, a contribuição mensal de 200\$000 (duzentos mil réis). (Prefeitura Municipal de Vassouras, 1939)

Excepcionalmente, na década 1920-1930, as Irmãs dos Santos Anjos tiveram que ampliar suas atividades, até então apenas educacionais, quando ocorreu um surto de tuberculose no Brasil. A cidade de Vassouras, por ter um clima favorável ao tratamento, foi procurada por inúmeras pessoas que estavam sofrendo com a enfermidade. Nesse momento, as Irmãs com características de missionárias, além de educadoras e evangelizadoras, passaram a fazer visitas domiciliares, levando esperança às famílias, conforme testemunho dado pelo médico Dr. Amaro Fabiano Guimarães. (Colégio dos Santos Anjos, 2006b)

De forma gradual, o número de meninas foi se ampliando, como se pode acompanhar abaixo:

Tabela com número de alunas entre 1940 e 1964 (números obtidos nas fontes)

Ano	Internas	Externas	Fontes
1940	32		Asilo Furquim, 1940
1947	34	53 (pagantes/gratuitas)	Asilo Furquim, 1947
1948	34	?	Relatório, 1949
1951	40		Asilo Furquim, 1952
1952	50		Asilo Furquim, 1953
1956	50	20	Asilo Furquim, 1956
1957	50	24	Asilo Furquim, 1958
1958	54	25	Asilo Furquim, 1959a
1959	54	25 (+37 pagantes)	Asilo Furquim, 1959b
1961	50	30 (+37 pagantes)	Asilo Furquim, 1962
1964	60	25 (outras pagantes)	Atestado, 1964

Novos cursos, novos desafios

Até 1961, as atividades de ensino do Instituto Santos Anjos se concentravam na educação primária, atendendo meninas da alfabetização até a 5ª série. Neste ano, passa a funcionar mais um grau educacional: o Ginásio dos Santos Anjos.

Com a criação do Ginásio dos Santos Anjos junto ao

Asilo Furquim, as meninas ao concluírem a 4ª série primária, ingressam no curso de Admissão em vez de fazerem a 5ª série primária e quando reprovadas, renovam a matrícula e concluem o Curso primário (Asilo Furquim, 1962).

Vale destacar, que na mesma época, a Congregação estava pleiteando a abertura em várias outras unidades mantidas uma Escola Doméstica e Industrial. Já estavam funcionando em São Paulo, Juiz de Fora e Varginha. Estas atividades de ensino visavam o incremento e aperfeiçoamento do ensino industrial dos Santos Anjos e contava com o apoio financeiro do Ministério da Educação e Cultura, conforme consta nos relatórios do Tribunal de Contas da União (TCU, 1960). Assim, a novidade chega a Vassouras, em 1962, conforme se lê no Relatório Anual do Asilo Furquim:

Nêsse ano a presidente da Sociedade Franco Brasileira, achou por bem fundar anexa ao Asilo Furquim, uma ESCOLA DOMÉSTICA INDUSTRIAL, afim de dar às moças da cidade uma formação mais completa para dêsse modo tornarem seus lares mais felizes (Asilo Furquim, 1963).

No ano seguinte, outra novidade: o início do Curso Normal para formação de professoras para a cidade e região.

A Diretoria do Asilo Furquim, resolveu estender o nível cultural de suas alunas iniciando nêsse ano o Curso Normal, a fim de dar-lhes uma formação mais completa. Foi construído um Auditório e mais uma sala de aula, onde vai funcionar a 1ª série do Curso Normal (Asilo Furquim, 1964).

A década de 1970 trouxe muitas mudanças para a educação em instituições religiosas, entre elas a adoção de salas mistas. O

Colégio dos Santos Anjos foi dando passos para essa mudança no ensino primário e em 1980, por solicitação de pais, começa a funcionar uma 5ª série mista, para acolher os alunos que concluíram a 4ª série no próprio Colégio. Essa abertura não foi estendida para novos alunos. (Colégio dos Santos Anjos, 1980)

E, em 1983, o Colégio passou a oferecer o curso Científico e, em 1986, o Pré-Vestibular. Agregada ao Colégio, a Escola Doméstica Betânia Angélica ministrava conteúdos de Corte e Costura, Bordados, Tricô e Crochê. (Colégio dos Santos Anjos, 1986a; Colégio dos Santos Anjos, 1986b)

O Curso Normal foi descontinuado em 1988 devido à baixa demanda. Neste ano, o Colégio formou sua última turma de normalistas, após contribuir por 26 anos com a formação de professoras para as séries iniciais da educação infantil.

3. Atividades religiosas, esportivas e culturais

Muito ligadas às atividades desenvolvidas pelas alunas e mestras, anualmente abria-se uma exposição de trabalhos manuais, tais como “desenho, bordados, modelagens, pinturas, flores, confecção de vestidos, etc., tendo o Asilo sido honrado com elogiosas referências por parte do grande número de visitantes” (Asilo Furquim, 1940).

Conforme a norma daquele tempo, o encerramento do período letivo era marcado por exames gerais dos conhecimentos adquiridos durante o ano, perante uma banca formada por professores da Instituição, de colégios públicos da cidade, sempre com a assistência do diretor de Instrução Municipal. A aprovação era festejada por todos.

Já o ano de 1956 ficou na memória, pois marcou o cinquentenário do agora Instituto Santos Anjos de Vassouras. As festividades ocorreram no dia 15 de julho e contou com a presença de ex-alunos e diversas congregações religiosas do Estado do Rio, sendo assim noticiadas na Gazeta de Notícias:

Às 7 horas, missa em ação de graças pelas pessoas que contribuíram para a construção da nova Capela; às 9 horas, Benção Solene pelo Bispo Diocesano de Vassouras, D. Rodolfo de Oliveira Pena; às 10 horas, missa solene presidida pelo Bispo Diocesano e cantada pelos Irmãos Maristas de Mendes; às 15 horas, no salão de festas, sessão solene; às 17 horas, Solene Te Deum em ação de graças pelo Capelão do Colégio Santos Anjos de Além Paraíba e Benção do SS. Sacramento; às 20 horas, em frente ao estabelecimento, queima de fogos de artifício. De vários pontos do país irão a Vassouras ex-alunos do tradicional colégio de ensino religioso. (Jornal Gazeta de Notícias, 1956, p. 2)

O que mais se destacou durante as festividades, foi a inauguração da Capela (Asilo Furquim, 1956):

Em 15/07/1956, nas comemorações do Jubileu de Ouro dos S. Anjos em Vassouras, inaugurou-se uma espaçosa Capela substituindo a anterior, construção testemunha do dinamismo de Madre M.^a Cândida Rangel Campos em colaboração com a comunidade religiosa e local. No altar venera-se a Padroeira – Nossa Senhora dos Anjos – cuja imagem é procedente da França. (Jornal Panorama Regional, 1999)

Com o passar do tempo, o Instituto foi inserindo outras atividades culturais e esportivas na rotina das alunas. Como foi o caso da Festa das Nações, em 1965, o qual contou com a presença de um Secretário da ONU (Organização das Nações Unidas).

No mês de outubro de 1965, foi realizado em Vassouras um evento festivo que ficou popularmente conhecido como “Festa das Nações”, que, inclusive,

contou com a presença de um Secretário da ONU. As alunas do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras participaram da festividade, juntamente com alunas do Instituto dos Santos Anjos de Varginha, que vieram visitar a cidade e participaram de um desfile que integrou o evento. Ao final do festejo, o Instituto recebeu, das mãos do representante da ONU, a taça que fora prometida ao Instituto que melhor se apresentasse (Colégio dos Santos Anjos, 1981).

Logo no ano seguinte, comemorou-se o 60º aniversário dos Santos Anjos, para o qual foram programadas festividades tanto religiosas quanto cívicas.

O programa de aniversário constou de diversas atividades, como: Te Deum, celebração Eucarística, Sessão Solene e Hora de Arte, com a presença de autoridades, entre as quais o Prefeito, José Carlos Vaz de Miranda, que na ocasião assinou a escritura de doação do prédio e do terreno onde está instalado o Instituto, as famílias dos alunos e um grande número de visitantes. (Jornal Gazeta de Vassouras, 1966; Jornal Correio de Vassouras, 1966)

No final do mesmo ano, no dia 03 de dezembro, realizou-se a Colação de Grau da primeira turma de 19 alunas do Curso Normal do Instituto dos Santos Anjos de Vassouras. A ata da formatura já havia sido lavrada quando, no dia 05 de fevereiro de 1967, o Correio entregou no Instituto uma correspondência do Vaticano, na qual constava uma bênção de Sua Santidade o Papa Paulo VI, com votos paternais formulados na noite de Natal, para as normalistas do ano de 1966. (Colégio dos Santos Anjos, 1966)

As atividades esportivas não ficaram de fora do Instituto, principalmente, em 1972, ano do Sesquicentenário da Independência.

dência do Brasil, em que os alunos participaram de concursos literários e do desfile estudantil de carros alegóricos, no qual apresentaram uma representação da Família Real no Brasil em 1808. Estiveram presentes também na VII OJUEVA - Olimpíada da Juventude Estudantil Vassourense e nas edições posteriores desse encontro esportivo. Neste evento, os alunos alcançaram o maior número total de pontos nos jogos e receberam medalhas e troféus comemorativos, assim como o próprio Instituto como um todo. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

As equipes vitoriosas se sucediam como foi em 1974, em que 04 alunas foram classificadas em 1º lugar e 02 em 2º lugar na competição de natação realizada na piscina do Country Club de Vassouras. Além de várias excursões de caráter cultural, neste mesmo ano, ocorreu a 1ª Feira de Ciências. Já em 1974, a aluna Tânia Ferreira foi condecorada, pelo Rotary Clube, como a melhor atleta da cidade. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

Dentro de seu caráter religioso, o Colégio frequentemente, patrocinou encontros de religiosas, como também recebeu visitas episcopais e promoveu atividades vocacionais para suas alunas. Assim, 1977 foi um ano marcado por várias destas atividades

Ainda em abril o colégio recebeu a visita do Bispo Diocesano, Dom José Costa Campos. Como em anos anteriores, os alguns encontros das religiosas da diocese foram realizados no Colégio dos Santos Anjos de Vassouras. Em agosto foi realizada a Semana Vocacional, com a presença do Pe. Abad na formação da comunidade de Irmãs, assim como o Pe. Cesar Augusto dos Santos, para a formação do conjunto das alunas. E mais uma vez, contou-se com a presença do visitador apostólico, Dom Inácio Accioly. (Colégio dos Santos Anjos, 1978)

O ano de 1981 ficou marcado pelas comemorações dos 150 anos da Congregação dos Santos Anjos e pelos 75 anos do Colégio

dos Santos Anjos de Vassouras, sempre a serviço da educação. Demonstrando estar em franco crescimento, o Colégio já contava com 730 alunos matriculados. As comemorações do Jubileu se iniciaram no dia 02 de julho com o hasteamento do Pavilhão Nacional, seguido por cerimônias religiosas de ações de graças e encontros sociais de ex-alunos. (Colégio dos Santos Anjos, 1981)

A Missa de encerramento desse ano foi celebrada pelo Bispo Diocesano, D. Amaury Castanho, quando também se celebraram as Bodas de Prata da diretora, Ir. Maria de Nazareth. O ano jubilar ficou igualmente marcado pelas obras de restauração do antigo Palacete Caetano Furquim e pela reforma e pintura externa dos prédios anexos (Colégio dos Santos Anjos, 1981).

O dia do ex-aluno de 1990, comemorado em 07 de outubro, começou com uma celebração eucarística, a qual contou com a presença de cerca de 90 participantes, principalmente ex-alunas de várias gerações que passaram pelo Colégio, inclusive de outras cidades, como Rio de Janeiro, Volta Redonda e Barra do Piraí, geralmente internas. Estiveram presentes também as Irmãs Dorothea Falchetto e Maria Andréa de Oliveira (Colégio de Juiz de Fora); Irmã Maria Aparecida de Souza (Colégio de Varginha); Irmã Júlia de Souza e irmã Maria Aparecida Abrantes Barros (Colégio do Rio de Janeiro) (Colégio dos Santos Anjos, 1990a).

Em 1993, comemoraram-se os 100 anos da vinda das Irmãs dos Santos Anjos para o Brasil, procedentes da França, e o Colégio dos Santos Anjos de Vassouras participou de todas as atividades programadas. A equipe de vôlei masculino ganhou o troféu que traz o nome da fundadora da casa de Vassouras, Mère Saint-Bernard André. E a Gincana da Solidariedade mobilizou toda a cidade, tendo as doações excedido às expectativas, sendo destinadas ao Asilo de Velhos Barão do Amparo, à Creche do Grecco, à Casa Pestalozzi, à ASEPAVA - Ação Social e Paroquial de Vassouras, ao Orfanato, aos pobres em geral, bem como ao Hospital Santa Maria, da cidade de Mendes (Colégio dos Santos Anjos, 1993).

As festividades no ano comemorativo do Centenário de fundação do Colégio dos Santos Anjos, em Vassouras, tiveram início

no dia 9 de julho de 2006, com a missa “celebrada solenemente pelo nosso pároco, Padre José Antônio da Silva, no Ginásio Poliesportivo do Colégio, reunindo a grande Família dos Santos Anjos: Congregação, Escola, Paróquia e outros segmentos da Comunidade”. (Colégio dos Santos Anjos, 2006a)

No decorrer do ano, outros eventos se desenrolaram como: Passeio Ciclístico do Centenário, no Dia dos Pais, percorrendo as ruas centrais da cidade. Em 25 de agosto, no Plenário da Câmara Municipal, ocorreu uma Sessão Solene Comemorativa ao Centenário de Fundação do Colégio dos Santos Anjos em Vassouras, promovida pelos vereadores de Vassouras. E ainda, por ocasião do aniversário de Vassouras, no dia 29 de setembro, teve como destaque o desfile dos 100 anos dos Santos Anjos.

O Colégio Santos Anjos prosseguiu em sua jornada para o futuro adotando novas práticas educacionais, novos espaços de formação integrada, uma administração moderna que une a experiência das Irmãs com as capacidades administrativas de diretoras leigas, ocupando um lugar preponderante e exemplar para a educação das crianças e jovens, em Vassouras.

Considerações Finais

O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras é uma instituição mais que vitoriosa, não somente pelos frutos obtidos em seus alunos e ex-alunos ou pela respeitabilidade conquistada ao longo dos seus 118 anos, mas principalmente por ter conseguido sobreviver aos seus congêneres como os *Sion* ou *Sacre Coeur* espalhados pelo Brasil, que não lograram ultrapassar os anos 60/70 do século XX, devido a crises financeiras e exigências curriculares. Esses Colégios pertencentes a ordens religiosas tiveram suas atividades iniciadas na segunda metade do século XIX, inicialmente, com bastante sucesso em seus objetivos educacionais e alta demanda das famílias dos alunos.

Com o início da atuação centralizadora do Ministério da Educação no governo Vargas, os Colégios confessionais tiveram que

adaptar seus currículos aos programas preconizados pelo governo central. O aumento da oferta de escolas públicas junto com o final dos internatos e recorrentes crises financeiras levaram os colégios de Irmãs a reverem suas práticas, por um lado, ou encerrarem as atividades, por outro.

Sabendo se adequar aos novos tempos e às novas práticas didático-pedagógicas, o Colégio se mantém educando as novas gerações de vassourenses, unindo conhecimentos acadêmicos, habilidades esportivas e atividades devocionais.

Neste artigo, não se buscou esgotar todos os aspectos das atividades do Colégio dos Santos Anjos, mas apenas trazer informações sobre o desenvolvimento da instituição na cidade de Vassouras. Assim, ainda existem vários temas e perspectivas a serem explorados, tais como: o trabalho com menores órfãs, a educação feminina em Vassouras, os currículos e conteúdos desenvolvidos. Desta forma, a história do Colégio e como ele sobreviveu aos desafios da sociedade pós-moderna é tarefa a ser abraçada por muitos pesquisadores.

Sobre o Colégio, pode-se ler no Jornal Vida Diocesana, de 2013

Há 106 anos, o Colégio dos Santos Anjos em Vassouras, realiza um belíssimo trabalho na educação de crianças e jovens, e também na Paróquia com grande envolvimento nos eventos da igreja. Além do pedagógico, o Colégio Santos Anjos vive a missão de Servir e Amar, despertando em toda a comunidade educativa a importância dos valores cristãos, através da Catequese, da Pastoral Escolar, da Liga Jovem e de Projetos Sociais. Através dos projetos “Fogueira Solidária” e “Oficina dos Anjos”, muitas famílias são beneficiadas. (Jornal Vida Diocesana, 2013)

Aliando a manutenção do casarão centenário, aonde desenvolve suas atividades, com a busca de modernização pedagógica e da intensa participação na vida comunitária católica e leiga, o Colégio tem sido um exemplo de resiliência e adaptabilidade

para continuar levando adiante os ideais de seus fundadores na longínqua França do século XIX.

O Colégio dos Santos Anjos é a única Instituição de Ensino na cidade que está em pleno funcionamento há quase doze décadas à serviço da evangelização e de uma educação integral com valores e princípios de modo a vivenciar o ideal da Madre Fundadora Mère Marie Saint-Michel (nome religioso de Bárbara Elisa Poux).

A missão do colégio é contribuir para um desenvolvimento integral do ser humano a fim de melhor servir à sociedade, baseado em propósitos cristãos no serviço à vida por amor ao Reino de Deus.

Os valores norteadores da proposta pedagógica da instituição são: manter amor ao próximo, responsabilidade socioambiental, ética e preservação da memória na perspectiva do carisma da Congregação das Irmãs dos Santos Anjos que é a Vocação dos Anjos, ser Presença de Deus no serviço à vida por amor.

Este capítulo não esgota a história do Colégio Santos Anjos, mas é uma porta que fica aberta para novas pesquisas e em breve estaremos lançando um livro sobre Memória da presença das irmãs na cidade e sua missão.

Referências

Fontes

ASILO Furquim. **Asilo Furquim anexo ao Instituto dos Santos Anjos**. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1961. Vassouras: 1962.

ASILO Furquim. **Asilo Furquim. Relatório relativo ao ano de 1958**. Vassouras: 11 de abril de 1959a.

ASILO Furquim. **Asilo Furquim. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1957**. Vassouras: 11 de fevereiro de 1958.

ASILO Furquim. **Asilo Furquim. Vassouras – Estado do Rio. Relatório relativo ao ano de 1963**. Vassouras: 18 de abril de 1964.

ASILO Furquim. Cidade de Vassouras – Estado do Rio. **Balanço de receita e despesa relativo ao exercício de 1948**. Vassouras: 1948.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras - Estado do Rio de Janeiro**. Vassouras: 1940.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras do Estado do Rio de Janeiro**. Vassouras: 01 de dezembro de 1947.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras - Estado do Rio de Janeiro**. 1951. Vassouras: 1952.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras - Estado do Rio de Janeiro**. 1952. Vassouras: 1953.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim da cidade de Vassouras - Estado do Rio de Janeiro**. 1955. Vassouras: 1956.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim. Cidade de Vassouras – Estado**

do Rio. Vassouras: 1959b.

ASILO Furquim. **Relatório do Asilo Furquim. Cidade de Vassouras – Estado do Rio. 1960.** Vassouras: 16 de fevereiro de 1961.

ASILO Furquim. **Relatório relativo ao ano de 1962.** Vassouras: 26 de março de 1963.

ATESTADO. Vassouras: 18 de maio de 1964.

BUENO, Conego Amador. **Estatutos do Asylo Porciúncula na cidade de Vassouras.** Introdução. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 25 de março de 1896.

CÂMARA MUNICIPAL DE VASSOURAS (RJ). **Projeto de deliberação.** 03 out. 1959. Vassouras: 1959.

COLÉGIO dos Santos Anjos - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: maio de 2008.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **85 anos dos Santos Anjos em Vassouras.** Vassouras: 1991.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Apresentação da Fanfarra do Colégio dos Santos Anjos na Cidade de Paty do Alferes/RJ.** Vassouras: 27 de agosto de 2003b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Breve histórico do Colégio dos Santos Anjos de Vassouras.** Vassouras: 2006b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Centenário do Colégio dos Santos Anjos.** Vassouras / RJ. Vassouras: 2006a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colação de Grau da primeira turma de alunas do Colégio dos Santos Anjos.** Vassouras: 1966.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colégio de Vassouras.** Vassouras: 08 de março de 1992a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colégio dos Santos Anjos – Vassouras, RJ - 1993.**

Escrito feito pela Ir. Maria Agathangela Caliman. Vassouras: 13 de maio de 1993.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Colégio dos Santos Anjos / Vassouras-RJ**. Uma festa de várias gerações partilhando recordações. Vassouras: 1990a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Crônicas do Colégio dos Santos Anjos do Rio/RJ. 1905**. Trechos referentes à fundação dos Santos Anjos em Vassouras. Rio de Janeiro: 1905.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Crônicas do Colégio dos Santos Anjos do Rio/RJ. 1906**. Trechos referentes à fundação dos Santos Anjos em Vassouras. Rio de Janeiro: 1906.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Desfile Cívico. 7 de Setembro**. Vassouras: 02 de setembro de 2014a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. Diretoras e Superiores **dos Santos Anjos de Vassouras**. Vassouras: 2014b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Domingo na Broadway**. Vassouras: 10 de agosto de 2003a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Encontro de Ex-Alunos**. Santos Anjos – Vassouras/RJ. Vassouras: 07 de outubro de 1990b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Histórico da Casa de Vassouras**. Dados históricos da casa de Vassouras segundo informações orais, escritas de relatórios e artigos encontrados no arquivo. Vassouras: 23 de outubro de 1978.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Histórico do Colégio de Vassouras 1906-1981**. Vassouras: 1981.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras/RJ nos seus 80 anos**. Vassouras: 1986b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **O Colégio dos Santos Anjos de Vassouras - 90 anos.** Vassouras: 09 de maio de 1996a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. ***Release - Desfile Cívico Comemorativo. 7 de Setembro.*** Vassouras: 2016.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Santos Anjos - 93 anos em Vassouras/RJ.** II – Ampliações e reformas a serviço da educação. Compiladi por Ir. Maria Agathangela Caliman. Vassouras: 07 de junho de 1999.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Santos Anjos completa 90 anos.** Fundado em 16 de julho de 1906. Vassouras: 1996b.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Síntese histórica do Colégio dos Santos Anjos de Vassouras.** Vassouras: 06 de fevereiro de 1986a.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Síntese histórica.** Vassouras: 29 de setembro de 2005.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Texto enviado para a EDUTEC para a home page do Colégio.** Vassouras: 25 de janeiro de 2000.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Turma mista na 5ª série.** Vassouras: 1980.

COLÉGIO dos Santos Anjos. **Um pouco da história dos Santos Anjos** – maratona intelectual. Vassouras: 08 de março de 1992b.

COMISSÃO de Propaganda e Turismo. **Ofício nº 5/54.** Vassouras: 12 de fevereiro de 1954.

ESTATUTOS do Asilo Furquim. Vassouras: 22 de abril de 1950.

ESTATUTOS do Instituto dos Santos Anjos. Vassouras: 12 de novembro de 1957.

JORNAL Correio da Barra. **Esportes.** Barra do Pirai: 13 de agosto de 1994. p. 06.

JORNAL Correio de Vassouras. **Mais um ginásio em Vassouras.** Nº 1136. Vassouras: 21 de fevereiro de 1960. p. 1; 4.

JORNAL Correio de Vassouras. **Santos Anjos, segundo Iberê Gilson.** Vassouras: novembro de 1980.

JORNAL Correio de Vassouras. **Santos Anjos.** Nº 1307. Vassouras: 20 de julho de 1966. p. 1.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 11 jan. 1893.

JORNAL do Commercio, Rio de Janeiro, 30 out 1896.

JORNAL Gazeta de Notícias. **Cinquentenário dos Santos Anjos de Vassouras.** Nº 100. Rio de Janeiro: 14 de julho de 1956. p. 2.

JORNAL Gazeta de Vassouras. **Carta da Congregação dos Santos Anjos ao Prefeito da Cidade de Vassouras.** Nº23. Vassouras: 03 de julho de 1966.

JORNAL O Globo. Vale do Paraíba. **O primeiro é sempre o primeiro.** Colégio dos Santos Anjos – 95 anos de tradição. Rio de Janeiro: Domingo, 29 de abril de 2001. p. 39.

JORNAL O Vassourense. **Editorial.** Vassouras: 28 de julho de 1895.

JORNAL Panorama Regional. **Colégio Santos Anjos faz desfile de Carnaval lembrando 500 anos com banda e fantasias, enriquecendo as Festas de Vassouras.** Nº 265. Região da Serra Azul: 10 de março de 2000.

JORNAL Panorama Regional. **Colégio Santos Anjos restaura Patrimônio Histórico de Vassouras.** Após obra extraordinária o Palacete Furquim retorna ao projeto original. Nº 181. Vassouras. Região da Serra Azul: 30 de julho de 1998. p. 14.

JORNAL Panorama Regional. **Santos Anjos** – 93 anos em Vassouras. Nº 233. Região da Serra Azul: 29 de julho de 1999.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos homenageia seus novos universitários.** Vassouras: 23 de março de 1991.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura mais moderna quadra poliesportiva da região.** Vassouras: 30 de junho de 2001. p. 4

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura novas dependências da pré-escola.** Vassouras: 12 de fevereiro de 2000a.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura novo portão.** Vassouras: 19 de fevereiro de 2000b. p. 4.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos inaugura piscina térmica.** Vassouras: 9 de setembro de 2000d. p. 4.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos promove “Brasil 500 anos”.** Vassouras: 24 de abril de 2000c. p. 3.

JORNAL Tribuna do Interior. **Santos Anjos promove gincana da solidariedade.** Vassouras: 20 de março de 1993. p. 11.

JORNAL Tribuna do Interior. Tribuna Esportiva. **Colégio dos Santos Anjos é atração em torneio de futsal.** Nº 25. Vassouras: 26 de outubro de 1996.

JORNAL Tribuna do Interior. Tribuna Esportiva. **Colégio dos Santos Anjos reinaugura prédio reformado.** Vassouras: 31 de julho de 1998. p. 6.

JORNAL Tribuna do Interior. **Vassouras comemorou com muita festa o seu 133º aniversário.** Desfile marcou comemorações dos 133 anos de Vassouras. Vassouras: 13 de outubro de 1990. p. 03.

JORNAL Vida Diocesana. **Colégio dos Santos Anjos celebra 106 anos de missão em Vassouras.** Agosto a Outubro de 2012. p.12.

JORNAL Vida Diocesana. **Colégio dos Santos Anjos em Vassouras.** Uma escola

solidária e com responsabilidade. Nº 90. Outubro de 2013.

JORNAL Vida Diocesana. **Congregação dos Santos Anjos – França – 180 anos.** Colégio dos Santos Anjos – Vassouras (RJ) – 105 anos. Junho/Julho/Agosto/Setembro, 2011.

PREFEITURA Municipal de Vassouras. **Atestado.** Vassouras: 29 de maio de 1939.

RELATÓRIO [de 1948] do Asilo Furquim da cidade de Vassouras - Estado do Rio. Vassouras, 1949.

RELATÓRIO relativo ao ano de 1965. [Asilo Furquim] Vassouras: 18 de abril de 1966.

REVISTA Nossa Terra. **Colégio Santos Anjos, 93 Anos.** Ano 1, Nº 1. Setembro de 1999.

VASSOURAS (RJ). Cartório do 2º Ofício. **Certidão da escritura de doação, pela Prefeitura Municipal de Vassouras, de prédio à Congregação das Religiosas dos Santos Anjos.** 29 de junho de 1966. Registro em: 01 jul. 1966.

VASSOURAS (RJ). Comarca de Vassouras. **Mandado de Citação.** 02 de junho de 1933.

VASSOURAS. Conselho Municipal de Educação. **Prêmio Educador do Ano.** Vassouras: 31 de agosto de 2011b.

VASSOURAS. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Educação. **Desfile Cívico-Comemorativo. 7 de setembro. Release.** Vassouras: 16 de agosto de 2010.

VASSOURAS. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Educação. **Desfile Cívico-Comemorativo de 7 de setembro. Release.** Vassouras: 31 de agosto de 2011a.

VASSOURAS. Prefeitura Municipal de Vassouras. Secretaria Municipal de Edu-

cação. **Desfile Cívico-Comemorativo. 7 de setembro. Release.** Vassouras: 21 de agosto de 2013.

Bibliografia

ALAMINO, M. **Na casa de Marta e Maria:** um estudo sobre o Colégio Notre Dame de Sion em Petrópolis. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2008.

GILSON, Iberê. **Santos Anjos de Vassouras.** Vassouras: 1980.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico Nacional. **Laudo de Vistoria.** Ofício nº 025. Vassouras: 17 de outubro 1995.

JAPIASSU, Ricardo. Concretizando sonhos. **Faculdade Damas – Caderno de Relações Internacionais**, v. 2, n. 3, 2011. Disponível em <http://www.faculdedamas.edu.br/revista/index.php/relacoesinternacionais>.

LAGE, Ana Cristina Pereira. Dos conventos e recolhimentos para os colégios de freiras: as diferenças da educação feminina católica nos séculos XVIII e XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.32, n.03, p. 47-69, jul-set., 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edur/a/WkN55LLFDzJKrQ8vKQVrHnj/?format=pdf&lang=pt>.

MANOEL, Ivan A. O início da educação católica feminina no Brasil (1859-1919): os colégios das “freiras francesas”. **Páginas de Educación**, Montevideo, v. 5, n. 1, p. 115-134, 2012. Disponível em <http://scielo.edu.uy/pdf/pe/v5n1/v5n1a07.pdf>.

MARTINS, Marco Aurélio Corrêa. A caridade na ausência da cidadania: escolarização católica gratuita de crianças pobres no Rio de Janeiro na transição Império-República. **Inter-Ação**, Goiania, v. 44, n. 2, p. 341-57, maio/ago. 2019. Disponível em <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/56705>.

NASCIMENTO, Selma. **Perfil do Educador dos Santos Anjos.** Vassouras: Colégio dos Santos Anjos, 1999.

NICOLAU, Giselle Pereira. Educação feminina e fé. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 68, p. 335-349, jul./dez.2021.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. As congregações docentes femininas. In **História da educação no século XVII**. Campinas: Kirion, 2018. p. 145-160.

PINTO, J. **Fastos vassourenses**. Vassouras: Fundação 1º de Maio, 1935.

ROCHA, Fátima Niemeyer da. Do Asylo Furquim ao Colégio Santos Anjos - 1ª parte. **Jornal Cadin**. Ago. 2005.

ROSADO-NUNES, Maria José F. Freiras no Brasil. IN: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRIBUNAL DE CONTAS DA UNIÃO. Ata nº 137 - Sessão Ordinária, em 8 de novembro de 1960. Disponível em <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/documento/ata-sessao/%2522ESCOLA%2520DOM%25C3%2589STICA%2520INDUSTRIAL%2522/%2520DTRELEVANCIA%2520desc/1>.

Anexo

LISTA DAS DIRETORAS DO ASILO/INSTITUTO/COLÉGIO DOS SANTOS ANJOS, EM VASSOURAS

Período	Nome da Diretora	Fonte
1906	Mère Marie Laurence Prost	
1917	Mère Marie Emilie Ramet	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1931	Madre Maria Santa Rita Bastos	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1933	Mère Marie Gertrudes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1934	Mère Marie Benigna Souza Mello	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1940	Irmãs Maria Eustella	Asilo Furquim, 1940
1946	Mère Marie Candida Rangel Campos	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1954-59	Mère Marie Thérèse Bourgin	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1960	Irmã Maria Adelaide Rezende	Colégio dos Santos Anjos, 2014

1962-64	Mère Maria Gabriella Brügger	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1965-1973	Irmã Maria de Lourdes Negreiros Gondin	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1974	Irmã Maria Candida de Paula Borges	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1974	Irmã Maria Lígia (interinamente)	Colégio dos Santos Anjos, 1978
1975	Irmã Maria Emília Ribeiro da Silva	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1976-77	Irmã Maria Odete Morandini	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1978-85	Ir. Maria de Nazareth Magalhães Guedes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1986-87	Irmã Lourdes Falqueto	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1988	Irmã Maria Aloysia da Cruz	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1988	Irmã Maria da Conceição Pinto Ferreira	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1992	Irmã Lucy Maria Sperandio	Colégio dos Santos Anjos, 2014
1993	Irmã Maria do Céu Delpupo	Colégio dos Santos Anjos, 2014

1996-2002	Irmã Maria de Nazareth Magalhães Guedes	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2003-04	Prof. ^a Rosana Freire Gomes Penedo	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2006-10	Irmã Maria do Céu Delpupo	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2010-13	Prof. ^a Rita de Cássia de Freitas Carneiro Dias	Colégio dos Santos Anjos, 2014
2013	Prof. ^a Daniele de Souza Pereira Oliveira.	Vassouras, 2013
2016	Prof. ^a Daniele de Souza Pereira Oliveira.	Colégio dos Santos Anjos, 2016
2024	Prof. ^a Rosane de Barros Alves Gilson	Até os dias atuais

X. O Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, de Eufrásia a Sombra: a Realização de um Sonho

Therezinha Coelho de Souza

Introdução

Neste trabalho, pretendemos resgatar a memória do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, onde estudamos e recebemos a base de nossa educação, demonstrando como o mesmo preocupou-se, principalmente através de sua Escola Normal, em formar profissionais capazes de atuarem no campo da educação. O propósito é registrar as realizações sociais de D. Eufrásia Teixeira Leite, a benemérita, que nos deixou tão precioso legado, bem como do Professor Severino Sombra de Albuquerque, que se propôs a continuar a obra que D. Eufrásia entregou às Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus. A metodologia interrelaciona documentos conservados e pesquisa de campo junto às ex-alunas do Colégio, além de harmonizar os objetivos com as hipóteses.

Desde que o homem é homem, ele vive em sociedade e se desenvolve através da mediação da educação. A educação é inerente à sociedade humana. Para ser cidadão, faz-se necessário a introdução na cultura letrada, que consegue ser atingida através de um processo educativo sistemático. A escola é a instituição que fornece o ingresso, valorizado pela sociedade moderna.

A educação escolarizada passa a ser a fonte primordial e dominante de educação. A educação assistemática, embora continuando a existir, não encontra na sociedade o mesmo grau de valorização. Parafraseando Marx “dir-se-ia que na sociedade moderna, não é possível compreender a educação sem a escola, mas é possível compreender a escola sem a educação” (Saviani, 1999, p. 3). Desta forma, na sociedade moderna, a educação se converte de maneira geral, em interesse público a ser implementada pelo Estado, que deve provê-la através da abertura e manutenção de escolas.

Foram os órgãos religiosos os que primeiro se preocuparam

em criar uma educação escolar. A harmonia entre o Estado e da Igreja é uma característica da História europeia, até a Revolução Francesa. No Brasil tal harmonia só se altera com a padronização da República. A Proclamação da República em 1889, significou, no plano institucional, o êxito das ideias laicas, com a separação entre a Igreja e o Estado. Mas a separação Igreja/Estado, de 1889, não acaba com o predomínio das instituições religiosas no setor do ensino e a contestação desse predomínio só passa a se impor a partir da década de 1930.

Já a partir da década de 1920, desenvolveram-se movimentos que tendiam a relacionar o processo escolar com os interesses da classe dominada, mas só no início da década de 1930, instalou-se o conflito entre a ideologia católica e a ideologia dos Pioneiros da Escola Nova, conflito esse utilizado pelo Estado como garantia de uma ascensão sobre a sociedade. Em 1934, as teses da Liga Eleitoral Católica são incorporadas à Constituição, assim como a maioria das teses dos Pioneiros.

Enquanto a escola tradicional parte do pressuposto que existe um modelo ideal de ser humano, caracterizado por marcantes virtudes intelectuais, físicas e morais, a Escola Nova baseia-se no respeito à personalidade do educando e suas características individuais, combatendo o aspecto impositivo, pautado na eliminação do valor dos impulsos naturais, desejos e propósitos, fontes do sistema vital que é a personalidade, arraigado à educação tradicional. É nesse clima de confronto entre as ideias tradicionais e os princípios da Escola Nova, que tem início o alvo de nosso estudo.

O objetivo de nosso trabalho é resgatar a memória do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, onde estudamos e recebemos a base de nossa educação. Temos, ainda, o propósito de registrar ações de D. Eufrásia Teixeira Leite, a Benemérita, que nos deixou tão precioso legado.

D. Eufrásia nasceu em Vassouras, em 15 de abril de 1850, era filha do Dr. Joaquim Teixeira Leite e de D. Anna Emeria Teixeira Leite. Preocupada com a educação das crianças de seu berço natal, deixou em testamento, para as Missionárias do Sagrado Coração

de Jesus, com a cláusula de inalienabilidade, uma chácara com pomar, plantações e uma casa com muitos bens.

Frisou em seu testamento que se construísse em edifício destinado à instalação de um Instituto Profissional Feminino, para recolher cinquenta meninas órfãs e pobres. As mesmas receberiam, além da educação formal, prendas domésticas, tais como bordar, costurar, cozinhar, engomar. Ainda exigiu que essas meninas não sofressem nenhuma discriminação em relação às alunas contribuintes.

Ao receber as doações deixadas por D. Eufrásia Teixeira Leite, na década de 1930, Vassouras encontrava-se buscando o seu espaço de desenvolvimento na cultura de cereais e a pequena lavoura. Durante o ano letivo de 1933, funcionavam em Vassouras, 17 escolas primárias municipais, distribuídas pelos distritos, com um total de 753 alunos, 1 grupo escolar e 32 escolas isoladas, mantidas pelo Estado. Nesse ano foi inaugurada a Escola Centenário, tipo padrão de escola rural.

O Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, foi criado em 21 de maio de 1939, sob a direção das Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, que tiveram como fundadora da Congregação Francisca Xavier Cabrini. Conforme se lê em diferentes escritos, Santa Francisca Xavier Cabrini, tomada de amor por Jesus, se transformou em Santa, na sua caminhada pela Terra. Nasceu em 15 de julho de 1850, em Santo Ângelo, na Itália.

A Congregação foi fundada por ela, em 1880. Desde esse ano, essas Irmãs se espalharam pelo mundo, cuidando da humanidade, sob a proteção de Cristo. Assim, chegaram em Vassouras para cuidar do Colégio que aqui fundaram. A filosofia e o objetivo geral das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus era propagar o Reino de Cristo em todo o mundo. Iam erguendo o homem como cristão, deixando-o pronto para entrar na História, como responsável por um mundo melhor.

Trabalhando, evangelizando, educando, zelando pela família, curando nos hospitais e vivenciando um forte apostolado, sob a força de Madre Cabrini, assim empregavam o tempo de suas vidas,

essas irmãs missionárias, que tinham como lema: “Tudo posso naquele que me conforta”.

Enquanto as Irmãs instalavam o Colégio Dr. Joaquim Teixeira Leite e se apoiavam numa educação tradicionalista e baseada nos princípios cristãos, várias escolas brasileiras aderiam às novas mudanças educacionais. Com seu espírito conservador, o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite foi autorizado a funcionar de 1ª a 5ª série e o exame de admissão em 1939 (nomenclatura da época).

Em 12 de outubro de 1949, através a Portaria 522 – MEC, foi autorizado o Curso Ginásial, que já funcionava desde 1946. Nessa época o Educandário era denominado Ginásio Dr. Joaquim Teixeira Leite.

O Curso Normal foi autorizado em 18 de setembro de 1954 e através da Portaria nº 2 – MEC, de 11 de janeiro de 1968, publicada em 19 de outubro de 1970, o Ginásio Dr. Joaquim Teixeira Leite passou a denominar-se Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite.

As Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, trouxeram para o Colégio, “uma educação filosófica Cristã chegada ao Brasil através dos jesuítas”. A humanidade ingressara, de repente, na era da máquina, exigindo uma mudança de estrutura da escola, para que ela pudesse novamente servir à sociedade (Larroyo, 1982, p. 23). O Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, fechado dentro de seus altos muros, não tomou parte na mudança social,

[...] pois a partir da década de 30, deveria se providenciar ao menos treinamento e qualificação da mão de obra básica, indispensável para o funcionamento da industrialização recém implantada... os novos padrões do processo educativo saíam da antiga oligarquia rural para a nova elite industrializada e consumista (Giles, 1987, p. 14).

Fechado no claustro, o Colégio contentava-se em “ensinar”,

“transmitir conhecimentos”, “dar o programa de ensino”, “instruir”. (Kilpatrick, 1971, p. 23).

Os princípios Cabrinianos continuaram a nortear sua filosofia educacional, cujo objetivo da educação era acompanhar a pessoa no seu esforço consciente de se tornar o ser plenamente humano que Deus projetou. Existe uma correlação entre a vocação da pessoa para realizar-se plenamente e o chamado de Deus, a ser pessoa nova em Cristo. A tarefa mais importante era formar livres filhos de Deus, com uma ação pedagógica marcada pelo amor do Coração de Cristo. Para atingir esta meta, a Congregação de Madre Cabrini considerava indispensável a formação integral da mulher. “Madre Cabrini colocava na base de sua obra educativa a educação do coração” (Irmãs Cabrinianas, 1967).

Fiéis aos seus princípios, as Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, mantiveram, principalmente nas décadas de 1940 a 1960, uma educação para a elite, responsável pela formação de jovens professoras, que enxergavam com orgulho seus uniformes diários ou de gala, principalmente nas festas cívicas e religiosas, gerando certa rivalidade com os demais colégios da cidade.

Suas jovens normalistas, fazendo jus à educação recebida, marcaram uma fase da educação Vassourense e de municípios vizinhos honrando as tradições do Colégio. Apesar de todo o contexto histórico e das inúmeras reformas educacionais, o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, permaneceu alheio às mudanças de seu tempo, fechado no seu conservadorismo, começando provavelmente a partir daí sua fase de declínio, que procuraremos explicar no decorrer de nosso texto.

Em 15 de setembro de 1988, as Irmãs Missionárias do Sagrado Coração de Jesus deixaram ao encargo da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, conforme cláusula testamentária, a reponsabilidade de gerir o Colégio. Apesar de todos os esforços de sucessivas administrações leigas, os problemas do Colégio se agravaram, levando-o à insolvência.

Era preciso salvar este conceituado educandário. Teve início uma série de negociações, até que a Fundação Educacional Seve-

rino Sombra, em janeiro de 1999, através de seu Presidente Prof. Severino Sombra de Albuquerque, passou a assumir o Colégio em regime de Comodato, honrando os últimos desejos de Eufrásia Teixeira Leite.

O estudo se justifica porque D. Eufrásia Teixeira Leite esteve sempre à frente do seu tempo, buscando trazer o progresso e o desenvolvimento para o município de Vassouras, dando autonomia a homens e mulheres por meio da educação, para que pudessem juntos construir uma sociedade melhor e mais democrática.

1. Relembrando Vassouras

Vassouras teve sua época de opulência e esplendor quando o café se tornou o grande produto de excelência de suas terras agrícolas e ubérrimas e os chamados “Barões do Café” transformaram-na no centro de uma vida faustosa e agitada, onde as personalidades do Império vinham se estabelecer, quer como fornecedores de produtos, quer como prestadores de serviço à classe nobre e mais elevada que aqui mantinha seus palacetes e fazendas, como podemos citar o pai de D. Eufrásia, que atuava como agente comerciante de café.

O luxo era uma febre. Grandes damas vestiam pelos figurinos de Paris, e a bolsa farta dos senhores feudais custeava a vinda de celebridades européas na arte do bem trajar. O atelier de Mme. Masson dictava a moda. Joaquim Calhois e José Calazão eram os joalheiros em voga. E a vida corria entre ostentações (Catharino, 1992, p. 14).

Intitulada de “Princesinha do Café” deveu seu espantoso progresso e seu bulício tanto às famílias tradicionais, como dos Teixeiras Leite, Ribeiros de Avellar e Correias e Castro – para citar algumas que a brilhavam a corte imperial com os ecos de suas riquezas –, como alguns vultos ilustres, políticos ou intelectuais,

que tiveram seus nomes ligados a essa cidade do vale do Paraíba, colaborando em jornais – dos quais o mais importante talvez tenha sido “O Vassourense” – onde se destacaram Joaquim Nabuco, Sylvio Romero e Coelho Neto, entre outros.

A cidade sempre contou com periódicos que lhe acompanhassem a vida cotidiana. Para a educação de sua juventude e nata da sociedade, contava com o Colégio de Dona Adelaide Calvet e com as aulas de francês de Mme. Grivet e da Condessa de La Hure, atendendo às sinhás; e as do Barão Tauphoeus – imigrante alemão – para os rapazes.

O Vassourense, que ainda hoje existe, fundado por Lucindo Filho, um humanista, tinha por colaboradores Machado de Assis, Raul Pompéia, Alcindo Guanabara, (...) Raimundo Correa e Pujol. Nos colégios ensinavam o barão de Tautphoeus e Lameira de Andrade (Catharino, 1992, p. 15).

Com o passar dos anos, essa educação clamava por ser mais esmerada e abrangente, suscitando nos vassourenses o sonho de ver na cidade colégios profissionalizantes que abrissem suas portas aos menos favorecidos pela sorte.

É nesse clima opulento e faustoso que avulta a figura de Eufrásia Teixeira Leite, filha do Dr. Joaquim Teixeira Leite, neta do Visconde de Itambé, herdeira da família e grande benemérita, que viveu em Vassouras, depois no Rio de Janeiro e, finalmente em Paris, onde fixou residência, vindo a falecer em 1930, no Rio de Janeiro, legando, em testamento, cerca de cinco mil contos de réis para a construção de institutos que pudessem abrigar, principalmente, a pobreza e a orfandade de Vassouras e circunvizinhanças.

À época a que se reporta nosso trabalho, final da década de vinte e anos subsequentes, do século XX, Vassouras era um dos maiores municípios do estado do Rio de Janeiro, com uma área de 1.102 Km² de extensão e uma população de cerca de sessenta mil habitantes. Fazendo divisa com Santa Teresa, Valença, Barra

do Pirai, Itaguaí, Nova Iguaçu, Petrópolis e Paraíba do Sul, comportava os atuais municípios de Miguel Pereira, Paty do Alferes, Mendes, Paulo de Frontin e Paracambi, entre outros, com os quais compunha a municipalidade, num total de nove distritos: 1º distrito: Vassouras, com as localidades de Demétrio Ribeiro, Ipiranga e Triunfo, constituindo a sede; 2º distrito: Paty do Alferes, que se destacava na produção agrícola e por onde escoavam os produtos da Vila de Avellar, na qual funcionava uma grande feira, principal abastecedora dos Mercados de Madureira e do Distrito Federal; 3º distrito: Andrade Pinto, onde se localizava a Companhia Centros Pastoris do Brasil, produtora de leite, aves, cereais e outros produtos agrícolas; 4º distrito: São Sebastião dos Ferreiros, antigo caminho de tropeiros e onde se erguia a Fazenda do Secretário, famosa pela exportação de gado e produção de outras mercadorias para o comércio; 5º distrito: Sacra Família do Tinguá, cuja principal fonte de riquezas era a criação de gado bovino; 6º distrito: Rodeio (atual município de Paulo de Frontin), local onde se instalavam as fábricas Adrianino, produtora de fogos de artifício e perfumes; a Irmãos Ferrini, famosa pela confecção de armações para guarda-chuvas, e a de artefatos de borracha; 7º distrito: Taireté (hoje Paracambi), com seus prósperos e variados estabelecimentos comerciais e industriais; 8º distrito: Sebastião de Lacerda, o qual contava com um fábrica de papelão comprimido e uma agricultura bastante desenvolvida; 9º distrito: Governador Portela, englobando o atual município de Miguel Pereira, já naquela época, localidade famosa pela salubridade de seu clima e apelidada de “Suíça Brasileira”.

Com uma altitude de 416 metros e sua topografia cortada por vales frescos e vários rios, destacando-se entre todos o Paraíba do Sul, juntamente com seus afluentes – Ubá, das Pedras, Secretário e dos Macacos – contornada pelas serras, Vassouras vem de um berço eminentemente agrícola, uma vez que o primeiro solo foi uma planta chamada anil, caracterizada como um arbusto viçoso de cerca de metro e meio de altura, denominado cientificamente de “Linneo Indigofero anil”, comum nas capoeiras e de cujas pequenas

favas se extraía uma tinta usada na indústria, assemelhando-se, pelo seu talo, com o linho cânhamo e, pela sua flor, com uma al-cachofra (Jornal Correio de Vassouras, 1936, nº 6, p. 1).

Inácio Raposo, escrevendo para o Jornal Correio de Vassouras (1936, nº 6) critica o abandono de uma cultura promissora por conta do cultivo do café, que durante tantos anos garantiu a riqueza e a projeção da terra vassourense. Assim, com a herança de seu passado histórico de nobreza e luxo, com seus nove distritos, a Cidade Cromo, como foi cognominada, vai sendo tomada por uma febre de trabalho e progresso, num esforço de reconduzir-se a um lugar de destaque dentre os demais municípios fluminenses. Como prova desse desenvolvimento, o jornal Correio de Vassouras, uma vez mais, traz reportagens mostrando que, apesar do declínio por que passou no início do século XX, a cidade ia aos poucos perdendo seu ar de abandono e readquirindo seu prestígio e antigo esplendor.

[...] a Cidade Chromo com seu belo casario tradicional bem conservado, pontilhado de construções modernas com as suas gigantescas palmeiras, as suas ruas calçadas, e toda a doce poesia de sua natureza tropical, é uma linda e aristocrática dama dos faustosos tempos do Império a sorrir-nos encantadora e afável, estendendo-nos a fina mão para o beijo de nossa pura admiração (Jornal Correio de Vassouras, 1937, nº 82/83, p. e.).

Realmente, a sede apresentava construções arquitetônicas majestosas, datadas da época áurea do café, quando os barões aqui estabeleciam seus negócios e suas moradias, destacando-se desse antigo fausto o Asilo Furquim, o Fórum, a Câmara Municipal, a Santa Casa de Misericórdia, o Observatório Geofísico, a belíssima praça Barão de Campo Belo, ajardinada e com o seu conhecido chafariz – criticado num poema como algo belo, porém inútil – os palacetes que se lhe erguiam ao redor e a imponente Matriz de Nossa Senhora da Conceição, cujo sino tem, na sua história, um

detalhe curioso, como diz a reportagem do periódico já anteriormente citado. Transcrevemos abaixo um trecho a respeito do sino utilizando a ortografia da época:

I. Após dezenas de anos de effectivo serviço à velha paróquia de Vassouras, tendo em vista nosso florescimento, nossa grandeza, dobrado com alegria nos dias de gala, soluçado lugubrementemente ante o desaparecimento de figuras de lato prestígio em nossa sociedade, tendo enfim tantas vezes, tantas, despertado o vassourense para as alvoradas de novos annos, vit-se o grande sino da torre da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, excelsa padroeira da cidade, de um momento para outro, inutilizado ali permanecendo silencioso ante a sua própria ruína, não mais se ouvindo pelas quebradas o eco de sua voz possante...

Os vassourenses – para os quaes aquelle bronze representa tradições inapagáveis nos fastos de nossa história – alimentam as mais justas e naturaes esperanças de que o sino vetusto venha a ser reformado (Jornal Correio de Vassouras, 1936, nº 9, p. 1).

Essas esperanças concretizaram-se mais tarde, como nos diz, mais uma vez, o mesmo periódico, num artigo intitulado “O sino – A solidariedade do Batismo teve significativo destaque” e que assim se desenvolve:

Mais uma aspiração do povo vassourense acaba de se tornar realidade: o grande sino da magestosa Matriz de nossa terra foi solenemente colocado, depois de ser submetido a uma refundição numa das principais fundições de São Paulo. (Jornal Correio de Vassouras, 1938, n. 105, p. 1).

E segue por aí o artigo, destacando o papel do sino na vida da cidade:

Oh! Sino de minha terra! Como me sinto feliz em ver-te novo, reluzente e sonoro no alto da torre desse magestoso templo de linhas architectônicas, verdadeira obra de arte dos tempos em que Vassouras vivia rodeada pelo luxo e riqueza da aristocracia brasileira. Eu te saúdo, pois, sino amigo, nessa nova existência que acabas de iniciar como servidor assíduo e atento da humanidade (Jornal Correio de Vassouras, 1938, n. 105, p. 1).

Após um passado de enriquecimento através da lavoura cafeeira, as propriedades rurais começaram a dedicar-se ao cultivo de múltiplos produtos, cujo escoamento era facilitado exatamente por estar o Município bem servido de meios de comunicação, pois todas as localidades se achavam ligadas entre si por uma vasta rede ferroviária e rodoviária, de inegável importância para que as atividades agrícolas exercidas em fazendas ao redor trouxessem impulso desenvolvimentista aos diversos povoados e vilas, distritos e sede.

Vassouras passou a dispor de vários serviços como os Correios e Telégrafos, telefone, vasta rede de pensões e hotéis, destacando-se o Império Hotel, o Palace Hotel e o Magnífico Hotel; uma agricultura reconhecida com a produção de café, cana-de-açúcar, algodão, maniçoba, legumes, frutas, pita – fibra muito abundante na região –, ao lado de intensa atividade pastoril das fazendas, onde a pecuária constituía fonte de trabalho e riqueza, contribuindo para o florescimento da indústria de laticínios, como a Companhia de Laticínios Vassourense, profícua na fabricação de queijo, manteiga e outros derivados, como o famoso “creme” de Vassouras.

Economicamente representativa, a sede contava ainda com a fábrica de fiação e tecelagem São Luiz, cuja produção de excelente qualidade era requisitada por muitas cidades do país, obtendo

boa aceitação por parte do público consumidor. Sobre esse estabelecimento industrial, conta-se que sua edificação foi feita num local onde antigamente era um cemitério, por se tratar de um lugar plano, bastante adequado para uma obra daquela natureza.

Além dessa, consta a existência de uma outra fábrica de tecidos, chamada Santa Luzia, bem como fábricas de charutos, cigarros e bebidas, não esquecendo, ainda, os engenhos e moinhos para beneficiamento de café, cana-de-açúcar e milho. Em sua edição de 2 de maio de 1937, o Correio de Vassouras noticia a instalação de mais uma fábrica no Município: trata-se da “Cera Tabletina” que, segundo a reportagem, consistia “na fabricação de cera para encerar assoalhos, móveis, automóveis, couros, ladrilhos, cimentos e ferros, sendo de propriedade do doutor José da Silva Dias, a única no gênero em todo o território fluminense”. Prossegue, acrescentando ser uma cera perfumada e não inflamável, produzida em várias cores: vermelha, marrom, laranja, amarela, azul, verde, rosa, preta e branca natural. Termina dizendo que “Vassouras tem a sua posição topográfica inigualável e que facilita aos capitalistas a edificação de prédios e facilidade de transporte para os produtos que venha a fabricar” (Jornal Correio de Vassouras, 1937, nº 64, p. 6).

Nessa época, Vassouras contava com um comércio bastante desenvolvido, com inúmeras casas comerciais entre alfaiatarias, açougues, armazéns de secos e molhados, confeitarias, ferrarias, casas exportadoras, três farmácias, companhias de seguros, um bilhar, bares e botequins, agências para venda de revistas e jornais, armarinhos, sapatarias, tipografias, agência de automóveis, casas de fotografias, joalherias, perfazendo uma renda orçada em cerca de 358 contos de réis.

Possuía também: uma Casa Bancária que, além de transações próprias, tinha a seu cargo uma representação local do Banco do Brasil; uma Agência da Caixa Econômica Estadual e uma outra Casa Bancária, de propriedade de Mandaro & Filhos, com uma movimentação de mais de trinta milhões de cruzeiros anuais.

2. Educação em Vassouras no início do século XX

Uma das preocupações da administração municipal era com a educação dos habitantes. A rede de ensino se distribuía entre 44 escolas públicas – 17 mantidas pela Prefeitura e 27 pelo Estado, e algumas particulares, todas pertencentes à 7ª Região Escolar. Com uma população escolarizável de 8.900 indivíduos, mas com apenas 1.300 inscritos, durante os anos de 1933/34, nas 3 escolas municipais noturnas e 14 diurnas espalhadas pelos diversos distritos havia 755 alunos regularmente matriculados.

Os municípios contavam com o Atheneu, vasto estabelecimento de instrução primária e complementar, tendo sido inaugurada, em 1933, a Escola Centenário – considerada padrão da escola rural – além de possuir o Grupo Escolar Thiago Costa e a Escola Modelo Marechal Luiz Mendes de Moraes, na fazenda do Dr. Sylvio Rangel.

Muitos avanços foram sendo introduzidos no sistema educativo vassourense no decorrer dos anos, criando-se principalmente durante a gestão do Dr. Maurício Paiva de Lacerda, condições favoráveis para a melhoria do ensino, como o Serviço Cinematográfico Ambulante, que percorria as escolas fazendo projeções de filmes educativos; uma biblioteca pedagógica infantil e outra popular, a primeira circulando pelas escolas municipais e estaduais do Município; um curso de alfabetização destinado aos operários sindicalizados, a Escola Proletária, como cita o Jornal Correio de Vassouras em seu número 52/53:

A Cia. Industrial São Luiz desejando sempre dar o máximo de conforto a seus operários acaba de construir em frente à fábrica um edificio destinado a uma escola para a educação e conforto de seus auxiliares. Com todas as instalações exigidas pela moderna higiene. Esta escola foi inaugurada há pouco tempo e já se acha em funcionamento (Jornal Correio de Vassouras, 1937, nº 52/53, p. 5).

Também, de acordo com o nº 10 desse mesmo jornal, datado de 12 de abril de 1936, constava haver na cidade, no Instituto Vassourense de Educação, um Curso de Perito Contador e um Curso de Auxiliar do Comércio, com a direção do Dr. Antônio Amaral Cunha, funcionando com o primário, admissão ao secundário e comercial, situado na Rua Visconde de Cananéia, 31, em horário diurno e noturno.

Todos esses estabelecimentos educacionais, no entanto, eram voltados apenas para o ensino primário, de 1ª a 5ª série, não havendo nenhum curso secundário ou ginásio, como era chamado então o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª séries atuais.

A mesma benemérita Dona Eufrásia Teixeira Leite, que doara dinheiro e terreno para a construção do Hospital que leva seu nome, legou também a quantia de mil contos de réis para a construção de dois estabelecimentos de ensino profissionalizante no Município, um feminino e outro, masculino. Em relação a este último, em 1942, a cidade ainda não contava com um estabelecimento dessa ordem, enquanto em outros municípios este já se fazia presente. Começaram-se, então, campanhas encabeçadas pelos ilustres da terra, no intuito de fazer com que as autoridades se sensibilizassem e construíssem esse tipo de instituição para que os jovens vassourenses não tivessem que sair para outras localidades em busca de uma formação mais adequada, ou seja, os mais ricos, pois os mais pobres ficavam mesmo sem completar seus estudos.

3. A Trajetória do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite

A inauguração do Instituto ocorreu em 21 de maio de 1939, com a presença de vultos ilustres, entre os quais se destacaram o Secretário Estadual de Educação da época, Dr. Ruy Buarque, cerimônia registrada pelo Correio Vassourense, em reportagem de 24 do mesmo mês e ano:

Inaugurou-se no dia 21 o Instituto Profissional Fe-

minino Dr. Joaquim Teixeira Leite. À solenidade da inauguração, que se realizou no Auditório do referido Collegio, compareceram o Secretário de Educação do Estado, Dr. Ruy Buarque, representado o interventor Amaral Peixoto, o Snr. Egard Ballard, representando o Juiz de Menores, Dr. Cezar Salamonde, o Dr. Oliveira Rodrigues, Director do Departamento de Propaganda e Turismo, várias outras altas autoridades administrativas e judiciais estaduais, o Prefeito Edmundo Bernardes e autoridades principais. Tomaram parte na mesa Dr. Ruy Buarque, Dr. Antônio Fernandes Júnior, Prefeito Edmundo Bernardes, Snr. Edgard Ballard, Desembargador Athayde Parreiras, Juiz de Direito, Dr. Luciano Álvares Ferreira da Silva, Promotor Público, Dr. Othelo Gonçalves, Provedor e Thesoureiro da Santa Casa, respectivamente – Major Félix Machado e Octávio Vidal Gomes, Juiz da Irmandade da Conceição. Dr. Silva Dias, Embaixador Raul Fernandes e outras autoridades (Jornal Correio de Vassouras, 1939, nº 170, p. 1).

O Instituto seria administrado pela Congregação das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, ordem fundada por Madre Cabrini, mais tarde beatificada com o nome de Santa Francisca Xavier Cabrini (Xavier adotado de São Francisco Xavier, de quem era devota) e cuja história começa na Itália, mais precisamente na região da Lombardia, de onde essa piedosa alma partiu, ganhando o mundo na missão de educar na fé católica os seus irmãos imigrantes.

Levada a entrar em uma congregação em Codogno, Lodi, da qual se separou por fatores diversos, foi aconselhada pelo próprio Bispo de Lodi a fundar outro Instituto Missionário, de onde emigrou para a América do Norte, enviada a Nova York e Chicago para trabalhar com os imigrantes italianos, missão que estendeu

também à América do Sul, centralizando seu zelo apostólico na Argentina e no Brasil, estendendo esse espírito missionário a outras irmãs nesses dois países.

O Instituto iniciou suas atividades em 1939, com a matrícula de 23 meninas órfãs, número este que foi aumentando a cada ano e sentindo inclusive, a necessidade de implantar o pensionato alguns anos mais tarde, para a sobrevivência do próprio orfanato. Não só Vassouras, mas também os Municípios vizinhos e até mesmo o Estado da Guanabara, receberam o Colégio de braços abertos, depositando nas Irmãs Missionárias total confiança na educação de suas filhas.

Autorizado a funcionar de 1ª a 5ª série do antigo curso primário e o Exame de Admissão, desde sua inauguração, somente em 1949 oficializou-se também o Curso Ginásial – que já vinha funcionando desde 1946 – através da Portaria nº 522-MES, quando o educandário já se denominava Ginásio Dr. Joaquim Teixeira Leite.

Porém, a cidade sentia necessidade de uma escola que possibilitasse a formação das jovens egressas do curso ginásial e que, sem nada mais poderem almejar do futuro em termos de continuidade para seus estudos, contentavam-se em se tornarem apenas donas de casa, cuidando dos afazeres domésticos, muitas delas mesmo a contragosto.

Assim é que uma outra batalha foi iniciada em 1952 para que esse novo projeto fosse levado a cabo, apoiado por todos os representantes da elite política, econômica e social do Município, como ficou registrado em ata de reunião para essa finalidade promovida pelo jornal “Correio de Vassouras”:

Aos 21 dias do mês de setembro de mil novecentos e cinquenta e dois, às 20 horas, realizou-se, nesta cidade, no salão do Império Hotel, promovida pela direção do Correio de Vassouras, uma reunião afim de serem discutidos e ventilados assuntos e sugestões sobre a criação e funcionamento de uma Escola Normal em Vassouras. Solicitando a palavra,

novamente, o Snr. Alyrio da Cunha Jordão, propoz fôsse escolhida uma Comissão, para entrar em entendimento, no dia seguinte, com o Colégio Regina Coeli, por possuir o mesmo, instalações completas, inclusive para internato (Jornal Correio de Vassouras, 1952, nº 818, p. 2).

Finalmente, em 18 de novembro de 1954 foi autorizado o funcionamento da Escola Normal, anexa ao Ginásio Dr. Joaquim Teixeira Leite que, através da Portaria nº 02-MEC, de 11/01/68, publicada em 19/10/70, passou a denominar-se Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite. A primeira turma de professorandas teve sua solenidade de formatura realizada em 8/12 de 1957, sendo concluintes: Alair Jordão Furtado, Alba Morais dos Santos, Diva Fernandes Jordão, Luiza da Conceição Amaral, Maria Cristina Lacerda do Amaral, Maria Lúcia Rosa Henriques, Maria Nazaret Moreira de Carvalho, Nely Jordão, Priscila Lacerda do Amaral e Wilma di Fazio.

O Curso Normal, que iniciou com 18 alunas no 1º ano, em 1955, efetuou em 1963, um total de 95 matrículas. E, durante cerca de 28 anos, aproximadamente, o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite foi dando a Educação vassourense muitas mestras que enaltecera o nome da instituição nas várias cidades onde se estabeleceram, uma vez que o internato e também o externato contavam, além das órfãs, com pensionistas oriundas não só das fazendas, mas também dos municípios circunvizinhos e até mesmo da capital do Estado, a cidade do Rio de Janeiro.

Com o advento da Lei 5692/71 e a perspectiva de novos Cursos profissionalizantes, as Irmãs, a partir de 1972, iniciam a desativação do Curso Normal, deixando de oferecer novas matrículas, mantendo apenas as alunas que já haviam iniciado. Em 1974 o Curso não mais funcionou.

Em contrapartida, através do Parecer nº 1060/74 é autorizada a implantação da Reforma de ensino no 2º grau, com a inclusão das habilitações de Técnico em Secretariado, Técnico em Contabilidade,

Laboratorista de Análises Clínicas, Assistente de Administração e Formação de Professores de 1^a a 4^a série.

Para a implantação dos cursos de Laboratorista de Análises Clínicas e Técnico em Secretariado, as Irmãs recorrem a Secretaria de Estado de Educação, apresentando um Projeto “Equipamento para a Escola do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite”, que é aprovado através do Parecer 59/77, concedendo uma verba de cento e trinta mil cruzeiros.

Em 1981, o Colégio é autorizado a ministrar o Ensino Pré-escolar. Com a implantação do 2º grau, misto, inicia-se a mudança de estrutura e filosofia do Colégio. De acordo com o depoimento da ex-aluna e professora Maria Silveira do Carmo (em 2000): “a escola decaiu muito, já que na escola antiga tinha muitas irmãs dando aula - Madre Xavier, Madre Catarina e outras, se bem que na minha época dona Nair dava aulas também; ela era a única professora leiga de lá. Entraram professores leigos e com a entrada deles tudo mudou, não havia como cobrar empenho deles”.

Em 22 de dezembro de dezembro de 1988, o Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, mantenedora do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, Sr. Azul, envia correspondência a Prof.^a Déa da Silva Leal, informando-a que a partir de 1/01/1989, tendo em vista que a nova mantenedora sente a necessidade de reformulação de atividades administrativas e pedagógicas no colégio:

. Não encontra, em seu quadro, pessoal disponível e habilitado para desempenho de todas as funções das quais dependem o bom funcionamento de uma escola;

. Conta, desde o comunicado de fechamento da escola, com a colaboração de determinados elementos, sobretudo pais de alunos, visando a continuidade do funcionamento do colégio.

. Reconhece que há, entre os pais de alunos inte-

ressados em revigorar as atividades pedagógicas do colégio, elementos habilitados legalmente e capacitados humanamente para exercê-las;

. Encontra, entre estes, alguns que já tem seus horários de trabalho dedicados a escolas estaduais com dificuldades, portanto, de dispor de tempo para um trabalho efetivo e produtivo no colégio que ora se renova, vem requerer a V.S. se digne ceder a Prof.^a Maria Nazareth Machado Rocha, matrículas nº 235489-2 e 255633-0 para ficar à disposição do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite com, ao menos, uma de suas matrículas no estado, pelo tempo que se fizer necessário a reestruturação do funcionamento do Colégio, segundo as orientações da nova entidade mantenedora.

Atendida a solicitação, a Prof.^a Maria Nazareth Machado Rocha dirige o Colégio no ano de 1989. A partir daí o Colégio passa por uma sucessão de diretores leigos e é eleito o novo Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Vassouras, Sr. Nilo Francisco Carvalheira.

A Comunidade Vassourense tinha conhecimento das dificuldades financeiras pelas quais o Colégio passava. Em correspondência datada de setembro de 1993, o Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra propõe ao Provedor da Irmandade da Santa Casa:

“22 de setembro de 1993”

C-PR-376/93

Sr. Nilo Carvalheira

Provedor da Irmandade da Santa Casa

1. A benemérita vassourense Eufrásia Teixeira Leite, educada na Europa e, assim, compreendendo bem o valor do Ensino para o progresso e o bem-estar de um povo, fez constar do seu Testamento generosas doações para criação e manutenção de 2 (dois) Institutos de Ensino: um, masculino e, o outro, feminino.

Com a experiência dos cursos que fizera em Paris, também fez constar do Testamento a designação das Instituições de Ensino que deveriam implantar e dirigir aqueles 2 Institutos. Não deixou ao arbítrio de terceiros a escolha de tais Instituições, nem tampouco que elas não pudessem ser consagradas ao ensino, a fim de que os dois Institutos programados viessem a ter a Competência, a Experiência e também o Pessoal especializado em Ensino.

Por isso mesmo, escolheu duas Ordens Religiosas consagradas ao Ensino. Como uma delas, a dos Padres Salesianos, não aceitou o encargo, o ilustre Testamenteiro, não apenas porque bem conhecia o pensamento de D. Eufrásia, como também porque, homem culto e inteligente, sabia que não se pode confiar a criação e a manutenção de uma Instituição de Ensino senão à outra Instituição de Ensino, já com experiência comprovada, transmitiu o encargo ao SENAI, o conhecido Órgão de Ensino da Confederação Nacional das Indústrias.

2. Como ninguém ignora, a crise religiosa que o Brasil vem sofrendo, como tantos outros países, apresenta como um de seus aspectos, a queda das vocações. Assim, as Ordens Religiosas dedicadas ao Ensino têm sido obrigadas, às vezes, a reduzir o número de seus Colégios ou Faculdades e, até, de

renunciar a encargos, como esse do Testamento de D. Eufrásia Teixeira Leite.

Aqui mesmo, em Vassouras, duas Instituições Religiosas foram embora. Uma, a que implantou os imóveis que vieram a ser adquiridos pela nossa Fundação Educacional para instalação do Hospital-Escola. A outra, que ocupava o imóvel que veio a ser o atual Parque Hotel Santa Amália.

Com a lamentável renúncia do Instituto das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, o encargo testamentário de manter o Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite foi transferido para a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, de acordo com o determinado no Testamento.

Corria, então, a Irmandade o dever lógico, natural, de cumprir a vontade expressa de D. Eufrásia Teixeira Leite e já honestamente respeitada pelo seu Testamenteiro, no caso da desistência dos Padres Salesianos: passar o encargo de manter e dirigir o Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite a uma Instituição de Ensino filantrópica, sem fins lucrativos, nos seus termos estatutários.

Infelizmente, não foi isso que fez a antiga direção da Irmandade, assim, incorrendo em grave desrespeito ao Testamento e a vontade expressa da grande Benemérita.

3. Sendo a mais importante Instituição de Ensino existente em Vassouras, mantendo 12 Cursos Superiores, um Colégio de Aplicação, um Hospital de Ensino e vários Cursos de Pós-Graduação, diante

da crise e do desafio recebidos pela nova direção da Irmandade, nossa Fundação Educacional, as vésperas da implantação de sua Universidade, propôs-se a assumir o encargo testamentário, de manter e dirigir o Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite. Era um serviço prestado à Irmandade, à Vassouras e à juventude do Município, particularmente no caso das Órfãs a serem assistidas e educadas, obrigação básica imposta pelo Testamento.

Nesse sentido, a Fundação apresentou a nova Direção da Irmandade um projeto de comodato, com data de 02/09/93.

4. Decorridos 19 dias, a Fundação recebeu documento com as “Condições para Arrendamento” dos bens da Irmandade, das quais consta obrigar-se a Fundação a assumir a responsabilidade de pagar as dívidas ao INSS, ao FGTS, Salários com as indenizações de atraso, responsabilidade total junto ao Departamento de Pessoal e indenização mensal de Cr\$180.000,00 (cento e oitenta mil cruzeiros reais), reajustável.

Assim, não havendo a antiga Direção da Irmandade respeitado a vontade expressa constante do Testamento, além das deficiências notórias na prática dos encargos obrigatórios, acumulou dívidas, cujo valor, com os respectivos Juros e Correção Monetária, nem é expresso nas referidas “Condições para Arrendamento”, provavelmente porque ainda não pôde ser calculado.

A Fundação já recebe, com grande atraso, o pagamento do Crédito Educativo de 400 alunos; já recebe

também, com atraso, os pagamentos do MS/SUS ao Hospital-Escola; já e obrigada a conceder Bolsa integral de 100% aos funcionários e aos seus filhos matriculados nos seus Cursos.

Aceitar, agora, assumir a manutenção e direção do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite com tudo o que ele deve e cuja vultosa soma ainda nem se conhece, seria de extrema leviandade. A Fundação pode assumir o encargo testamentário e cumpri-lo honrosamente, respeitando, não apenas o disposto no Testamento de D. Eufrásia, como a sua memória. Assumir, porém, os prejuízos decorrentes do descumprimento, pela antiga direção da Irmandade, da vontade testamentária da grande benemérita, isso não é aceitável, como é da mais fácil compreensão.

A Fundação, como consta de seu Estatuto, é uma Entidade filantrópica, sem fins lucrativos. Além disso, tem sua vida financeira e administrativa submetida à fiscalização da Provedoria de Fundações.

Difícilmente, sob pena de graves riscos e de deixar que continue a não ser cumprida a missão precípua do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, Entidade alguma e, muito menos, uma Instituição de Ensino, poderá aceitar o grande peso de tal dívida de valor ainda ignorado.

Uma coisa, porém, deve ficar bem clara: o não cumprimento da vontade expressa no Testamento, do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite ser mantido e dirigido por uma Instituição de Ensino, será a repetição de um indesculpável agravo a memória de D. Eufrásia e de afrontoso desrespeito ao Testamento.

E isso que todos, honestamente interessados no cumprimento do legado benemérito de D. Eufrásia, confiamos venha a ser respeitado e obedecido pela nova direção da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, que tem à sua frente a figura de um antigo Rotariano, portanto de alguém enfileirado nas hostes dos que trabalham por um ideal.

Aliás, como já é do conhecimento público, nessa correta orientação, foi que se manifestaram os integrantes da Mesa da Irmandade, na sua última reunião, quando foi dada a conhecer a Proposta encaminhada pela Fundação Educacional Severino Sombra. Não há notícia de que a opinião assim firmada tenha sofrido qualquer alteração.

É com tal confiança e com estas palavras de lealdade, que reiteramos nossa Proposta.

Severino Sombra – Presidente

Não havendo acordo, entre as partes, e em busca de soluções que evitassem o fechamento do Colégio, o Provedor da Irmandade, nomeia como seu bastante procurador, o Sr. Carlos Cesar Mattoso Furtado, para representar a Irmandade da Santa Casa, junto ao Colégio, exercendo a função de Diretor. Empresário renomado na cidade, César, formado em Administração, em 1994, assume a supervisão geral do Colégio, delegando os poderes pedagógicos a uma equipe de pedagogos. Com seu espírito empresarial, o Colégio retoma suas atividades, aumenta o número de alunos, mas em 1995 sofre novamente mudança na equipe de Direção.

As substituições na equipe Técnico-Administrativa-Pedagógica, fragilizam a credibilidade no processo educacional. Em 1997, há nova modificação na equipe acima citada. O Provedor da Santa Casa de Misericórdia, eleito para o biênio 1997 a 1999, Raul

de Ávila Martins, assume em 1998 as funções, em substituição ao César, junto ao Colégio, nomeando nova equipe de Direção.

Nessa época, já se possuía em Vassouras, uma grande concorrência de estabelecimentos de ensino. Com a crise econômica que passava o nosso país, a busca pela escola pública aumentou consideravelmente. A cidade, que na inauguração do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, não possuía o 2º Ciclo do ensino fundamental e ensino médio para os meninos, nesse momento já contava com uma gama de escolas privadas e públicas de ensino fundamental e vários estabelecimentos do ensino médio, inclusive com o Curso de Formação de Professores gratuito, no Instituto de Educação Thiago Costa.

Sentindo-se impotente em sua missão de manter o educandário, a Prof^a. Maria Luiza procura o General Severino Sombra, para sondar suas intenções quanto a absorção do Colégio. Inicia-se uma negociação com a Irmandade e, no início de 1999, a Fundação Educacional Severino Sombra adquire, em regime de comodato, o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, assumindo a responsabilidade de obedecer ao testamento de D. Eufrásia Teixeira Leite.

O Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, perde a sua identidade, implanta-se aí, o Colégio Sul Fluminense de Aplicação, patrimônio da FUSVE e Órgão Suplementar da Universidade Severino Sombra. No entanto, a parte social continua e as meninas órfãs e pobres são acolhidas pela FUSVE, obedecendo os desejos de D. Eufrásia.

Considerações Finais

Normalmente vivemos grande parte de nossa vida em um local sem conhecer a sua história e conseguir informações de como esse lugar se iniciou, como eram as pessoas que nele habitavam, que transformações foram sofridas ao longo dos anos, até chegar o que é hoje.

Avaliando a realidade atual pensamos em posicionamentos estáticos e imóveis, como se o que existe hoje sempre tivesse sido dessa forma. Entretanto, a existência de palacetes, monumentos antigos e casarões apontam outras maneiras de vivenciar a cidade, demonstrando a necessidade de procurar as raízes, de buscar explicações de fatos ocorridos no passado.

O fato de não encontrarmos bibliografia específica na área do ensino de Vassouras (a não ser as pesquisas relatadas nas dissertações de Mestrado), levou-nos a buscar o resgate da memória do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, fazendo um rápido retrospecto da cidade de Vassouras, na época áurea do café e abordando-a especificamente nas décadas de 1930 e 1940.

O trabalho foi dividido em etapas diferentes, sendo cada uma voltada para um objetivo específico e seguindo uma sequência lógica, interligada às etapas anteriores. Ao longo deste trabalho, constatamos que até a década de 1920, a educação funcionou como um mecanismo de mobilidade social.

A questão do ensino religioso poderia ser avaliada como uma questão elementar na evolução do sistema educacional brasileiro, se não fossem as divergências que provocaram as lutas ideológicas das quais participou. A proibição do ensino religioso na 1ª Constituição da República e sua instituição nas Constituições de 1934 e 1937 ocasionaram problemas sérios de caráter ideológico, culminando no início da década de 1930, quando foram lançados os conteúdos das reformas educacionais implantados em alguns estados que optaram pelo movimento renovador da laicidade no ensino.

A Igreja Católica, que procurava monopolizar o ensino mé-

dio no Brasil, estava desgastada pela laicidade do ensino. A elite pagava a sua educação e a Igreja exercia uma quase exclusividade do ensino. Surge, então, neste momento conturbado o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, contrário ao empirismo das reformas parciais, buscando uma reconstrução educacional de âmbito nacional.

No momento em que a Escola Nova expandia suas ideias renovadoras, implantou-se o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, que cresceu e frutificou. Apesar das novas ideias educacionais, Vassouras possuía uma sociedade tradicionalista, arraigada a herança de seu passado glorioso e aristocrático, e se prendia a uma metodologia de ensino conservadora, um ensino tradicionalista, que embora fechado em seus muros, seus princípios educacionais vinham de encontro às exigências das classes dominantes e da elite da época.

As Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, durante longos anos, conseguiram implantar com êxito os princípios da Madre Cabrini, baseados nos preceitos cristãos e inovadores. Dessa forma, para nós, a educação não deveria ser vista como uma aventura sonhada por burocratas, nem como ilusão elitista, mas como algo que se efetiva por um trabalho em comum, onde os educadores aceitem estar sempre receptivos às novas missões que o tempo presente e a sociedade lhes propõem, na medida em que se repense o passado de forma crítica e criativa.

A educação tem sido julgada também como instrumento privilegiado para a “correção” das iniquidades existentes na sociedade contemporânea. Através das alterações produzidas no indivíduo, pensa-se alterar as relações sociais e construir uma “nova” sociedade. A escola fornece então o mecanismo que redistribui os indivíduos. Funcionando assim, a educação não terá como objetivo a eliminação de diferenças, mas a construção de uma sociedade onde todas as posições da estrutura ocupacional estão disponíveis para indivíduos de qualquer origem e posição social, desde que adequadamente dotados e motivados a competir com elas.

Inegavelmente, o Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira

Leite, legado de D. Eufrásia Teixeira Leite, embora adepto da educação tradicional e muitas vezes discriminatória, teve papel relevante no processo educacional, não só para os vassourenses, como também para moradores de outros municípios do Estado do Rio de Janeiro. Por meio de sua Escola Normal, participou ativamente do desenvolvimento educacional da região. Professoras por ele formadas marcaram presença no cenário educacional, quer público ou privado.

Analisando toda a trajetória do Colégio do Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite, desde a doação de D. Eufrásia até o afastamento das Missionárias do Sagrado Coração de Jesus, reconhecemos que a comunidade vassourense, por justiça, deverá manter-se sempre grata, quer à benemérita D. Eufrásia, como também às Irmãs Missionárias que colaboraram para o engrandecimento educacional de Vassouras.

A transferência do mesmo para a Irmandade, segundo normas testamentárias, ocorreu devido à queda do poder econômico, à concorrência no âmbito educacional em Vassouras e principalmente pelo desinteresse das próprias irmãs, que optaram, na época, pelo trabalho missionário nas regiões menos favorecidas de nosso território brasileiro.

Ao concluirmos nosso trabalho, tomamos por base o pensamento de Durkheim, que afirma: “educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social”; encontramos, como objetivo, suscitar e desenvolver na pessoa certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que essa particularmente se destina. Em outras palavras, a educação é fundamental para a sociedade porque transmite os valores, crenças e modos de comportamento de uma geração para outra.

Referências

CATHARINO, Ernesto José Cocelio Rodrigues. **Eufrásia Teixeira Leite** – 1850-1930. Fragmentos de uma existência. 2. ed. Rio de Janeiro: Copicentro Gráfica, 1992.

GILES, Ranson Thomas. **História da Educação**. São Paulo: EPU, 1987.

IRMÃS CABRINIANAS. **Revista Caminho Cabrinianos**: o risco de educar. Roma: Gráfica P. Marabotto, 1967.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 06 de 15/03/1936.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 9 de 05/04/1936.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 10 de 12/04/1936.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 52/53 de 14/02/1937.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 64 de 02/05/1937.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 82/83 de 12/09/1937.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, n° 105 de 23/02/1938.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, Ano IV, n° 170 de 24/05/1939.

JORNAL CORREIO DE VASSOURAS, Ano VIII, N° 818 de 17/08/1952.

KILPATRICK, William H. **Educação para uma Civilização em Mudança**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

LARROYO, Francisco. **História Geral da Pedagogia**. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

SAVIANI, Dermeval. **A Nova Lei da Educação**. LDB Trajetória, limites e Perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1999.

XI. Memorial Manoel Congo - a Capela Ecumênica do Memorial Manuel Congo¹⁸⁰

Angelo Ferreira Monteiro

No ano de 1996, a Prefeitura Municipal de Vassouras construiu o Memorial Manuel Congo, composto de uma capela ecumênica. O projeto buscava ressignificar o espaço da antiga pedreira, no Centro da cidade de Vassouras, que no século XIX era utilizado para a efetivação da pena capital pela força aos escravizados que cometiam crimes graves.¹⁸¹

180 Este texto é uma ampliação do artigo “185 anos da insurreição liderada por Manuel Congo e Mariana Crioula” publicado em 06 de março de 2024 na Revista Raça Brasil – edição Março/2024.

181 16 de dezembro de 1830, foi promulgado o Código Criminal do Império do Brasil (CCIB). No Capítulo IV se referia ao crime de insurreição e assim determinava em seus quatros artigos: Art. 113. Julgar-se-ha cometido este crime, retinindo-se vinte ou mais escravos para haverem a liberdade por meio da força. Penas - Aos cabeças - de morte no grão maximo; de galés perpetuas no médio; e por quinze annos no minimo; - aos mais - açoutes. Art. 114. Se os cabeças da insurreição forem pessoas livres, incorrerão nas mesmas penas impostas, no artigo antecedente, aos cabeças, quando são escravos. Art. 115. Ajudar, excitar, ou aconselhar escravos á insurgir-se, fornecendo-lhes armas, munições, ou outros meios para o mesmo fim. Penas - de prisão com trabalho por vinte annos no grão maximo; por doze no médio; e por oito no minimo. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM-16-12-1830.htm. Acesso em: 18 set. 2024. Cinco anos mais tarde, a Regência Permanente em Nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, composta por Francisco de Lima e Silva (pai de Luiz Alves de Lima e Silva, mais tarde Duque de Caxias), João Braulio Moniz e Manoel Alves Branco, promulgou a Lei nº 4 de 10 de junho de 1835, que determinava “as penas com que devem ser punidos os escravos, que matarem, ferirem ou cometerem outra qualquer offensa fisica contra seus senhores, etc.; e estabelece regras para o processo”, estipulando no seu artigo 1º - Serão punidos com a pena de morte os escravos ou escravas, que matarem por qualquer maneira que seja, propinarem veneno, ferirem gravemente ou fizerem outra qualquer grave offensa physica a seu senhor, a sua mulher, a descendentes ou ascendentes, que em sua companhia morarem, a administrador, feitor e ás suas mulheres, que com elles viverem.” Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM4.htm. Acesso em 18 set. 2024.

No momento da inauguração do Memorial Manuel Congo, o prefeito da época, Dr. Renato Ibrahim, em seu discurso afirmou: *“Vassouras deve esta homenagem a muito tempo”*. (Jornal Tribuna do Interior de 14/09/1996, p. 3) Segundo a mesma matéria, do jornalista João Henrique Barbosa, *“o prefeito concorda com a ideia de que a cidade não se desenvolve enquanto não se libertar da maldição dos escravos”*.

O mesmo repórter lamenta que no dia da inauguração, por falta de logística na organização do evento, um grupo do movimento negro de Barra do Piraí só conseguiu chegar quando a “solenidade oficial já havia sido encerrada”. (Jornal Tribuna do Interior de 14/09/1996, p. 3)



Memorial Manoel Congo.

Fonte: site visitevassouras.com.



Dr. Renato Ibrahim Prefeito de Vassouras
Foto do Jornal Tribuna do Interior, 14/09/1996.



Foto do Jornal Tribuna do Interior – 14/09/1996.

Destacou-se, nesta noite, o grupo de artistas da Casa da Produção que encenaram o “desenforcamento” de Manuel Congo. Ao inverter a realidade histórica, o condenado à morte foi retirado do patíbulo por Mariana Crioula, equivocadamente indicada

na matéria como sua esposa. Mariana Crioula era casada com o escravo José. (Jornal Tribuna do Interior de 14/09/1996, p. 3)



“Rita de Almeida interpreta a música de Gutinho acompanhada pela percussão afro: emoção na Pedreira”. Foto do Jornal Tribuna do Interior, 14/09/1996.

Este memorial, desde a sua inauguração realiza diversas atividades culturais e religiosas, da Igreja Católica local e das religiões de matriz afro-brasileira. As principais datas de realização de eventos no entorno do Memorial se referem ao 13 de maio (data da Abolição da Escravatura pela Lei Áurea); 06 de setembro (data do enforcamento de Manuel Congo no largo da pedreira); e, por fim, 20 de novembro (atualmente, feriado nacional dedicado à Consciência Negra), com realização de atividades religiosas e culturais, como jongo, maculelê, capoeira, caninha verde entre outras. O Memorial também é utilizado como ponto de partida do Cortejo das Tradições no Festival Vale do Café, com a apresentação destas manifestações culturais do nosso patrimônio imaterial, incluindo o grupo de rezadeiras e folias de reis, que passam pelas ruas do Centro Histórico, separadas pelos seus estandartes e seguida da população e de turistas e visitantes.¹⁸²

182 Ver MATOS, Vânia (Coord.). Raízes do Vale: Cultura, Memória e Tradição. Rio de Janeiro:

Várias homenagens póstumas foram destinadas aos dois líderes da insurreição escrava de 1838, entre elas, a denominação de Mariana Crioula em duas instituições: em 1989, a TVE fez um documentário com a pesquisa da Ordem dos Advogados do Brasil, sob a apresentação do ator Milton Gonçalves; uma creche no bairro rural de Massambará e em uma maternidade, no município do Rio de Janeiro. Ambas as homenagens partiram do empresário Ronaldo Cezar Coelho que ofereceu ao bairro rural de Vassouras a creche em questão. A maternidade foi construída no período que este empresário atuava como Secretário Municipal de Saúde da cidade carioca.



Fotos das autoridades e público presentes na homenagem da Prefeitura Municipal de Vassouras à Manuel Congo em setembro de 2023, com apresentação da orquestra popular da cidade do Rio de Janeiro, que tem o nome deste líder negro. Fotos da Assessoria de Imprensa da PMV publicadas no Jornal Tribuna do Interior, 15/09/2023.

Em 2010, uma deputada estadual iniciou um projeto de lei na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro para conceder a Manuel Congo e Mariana Crioula o título de heróis do Estado¹⁸³

WalPrint Gráfica e Editora, [s./d.]. E também: PORTELLA FILHO, Fernando Cotta. Guia cultural do vale do café. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2013. Disponível em: http://guiaculturalvaledocafe.com.br/guia_do_cafe.pdf. Acesso em: 24 jul. 2023.

183 RIO DE JANEIRO. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. Projetos de Lei Nº 3121/2010 Nº e 3122/2010, concede o Título de Heróis do Estado a Manuel Congo e Maria Crioula, respectivamente. Disponível em: http://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=OTEwNA==&ip=MQ==&s=YzhjMj diYjJhNGMxODNhNTk5MGEzODU1YTlmMjNhNj-

e doze anos depois outorgou, *post-mortem*, a medalha Tiradentes a Manuel Congo¹⁸⁴. A Câmara Municipal de Vassouras criou uma comenda em homenagem à Manuel Congo, com a qual a cada ano uma pessoa é agraciada no aniversário de elevação à cidade em 29 de setembro. Em 2023, uma orquestra carioca denominada Manuel Congo se apresentou no Memorial em Vassouras¹⁸⁵.

Em Paty do Alferes, o Centro Cultural Maestro José Figueira, tem um busto em homenagem a este líder negro no térreo desta instituição, como também seu nome consta na praça deste espaço cultural¹⁸⁶.



Orquestra Popular Manuel Congo da cidade do Rio de Janeiro.

Foto da Assessoria de Imprensa da PMV publicadas no Jornal Tribuna do Interior, 15/09/2023.

Q=&directlink=1&Orig=WebIndexer . Acesso em: 24 jul. 2023.

184 O DIA. Alerj homenageia Manoel Congo com Medalha Tiradentes post-mortem. Publicado em 28/06/2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/paty-do-alferes/2022/06/6431746-alerj-homenageia-manoel-congo-com-medalha-tiradentes-post-mortem.html>. Acesso em: 24 jul. 2023.

185 TRIBUNA DO INTERIOR. Prefeitura de Vassouras realiza tributo em homenagem a Manoel Congo. Edição nº 1253, Ano XXXIX, 15 de setembro de 2023. E também na matéria “Homenagem à Manoel Congo”. Disponível em: <https://www.vassouras.rj.gov.br/homenagem-a-manoel-congo/>. Acesso em: 19 set. 2024.

186 PORTELLA FILHO, Fernando Cotta. Guia cultural do vale do café. Rio de Janeiro : Cidade Viva, 2013, p. 78. Disponível em: http://guiaculturalvaledocafe.com.br/guia_do_cafe.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

Ao longo de quase três décadas, o Memorial Manuel Congo recebeu diversas manifestações culturais e religiosas. E pôde ao longo de sua existência despertar o sentido de pertencimento e a identidade na sociedade vassourense¹⁸⁷, além do patrimônio material tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Este reconhecimento deve-se à insurreição de escravizados ocorrida em 06 de novembro de 1838, na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes, pertencente ao distrito vassourense de Paty do Alferes.¹⁸⁸

Esta reação dos escravizados já era aventada pelo Juiz de Paz José Pinheiro de Souza Verneck, que se mostrou preocupado em suas correspondências: *“há muito tempo que se receava o que hoje acontece, por fatos que se têm observado entre esta escravatura”*, tendo como justificativa, o assassinato de um *“parceiro a tiros”*, ocorrida *“há pouco mais de um mês”* e que por sua vez, o Capitão-mor Manoel Francisco Xavier mandou enterrar a vítima *“no maior segredo e só se soube pela boca pequena”*.¹⁸⁹

Com a fuga realizada em dois dias consecutivos, buscando maior número de adesão à esta proposta, na primeira noite, evadiram algo em torno de *“oitenta e tantos escravos”* e na segunda noite, mais uma *“porção de escravos”*, totalizando *“um número de cento e tantos escravos fugidos”* das Fazendas Freguesia e Maravilha, ambas de propriedade do Capitão Mór Manoel Francisco Xavier, que na sua conclusão escaparam mais de 200 escravizados. No entanto, após a contagem na segunda propriedade indicada acima,

187 SANTOS FILHO, Raphael David dos (Org.). Lugares de Memória, Vassouras do conhecimento crítico à apropriação pela comunidade do seu patrimônio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

188 Ver SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972. Ver também, LACERDA, Carlos. O quilombo de Manuel Congo. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1998.

189 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

o Capitão Mor calculou que eram de “250 a 300 escravizados em fuga, de ambos os sexos, dentre estes: 16 carpinteiros, 5 ferreiros, 6 pedreiros, banqueiros de açúcar e outros bons escravos”.¹⁹⁰ Como se pode notar, os escravos que tinham algum ofício (profissão) foram aqueles que acompanharam os líderes nesta empreitada pela liberdade.¹⁹¹

O Juiz de paz afirmou que estas duas propriedades eram uma verdadeira “*anarquia*” e com o aval do proprietário, que consentia e ocultava os crimes em suas terras há mais de 04 anos, o que preocupava os seus vizinhos, inclusive pela aquisição de pólvora pelos escravizados de forma ilegal, que foi desvendada pela prisão do atravessador. Esta realidade favoreceu os adversários políticos do Capitão Mór, por ter levado dois dias para avisar a fuga de tantos escravizados, ao Juiz de Paz de Pati do Alferes. Além das armas, ferramentas e animais para sobrevivência na mata, usaram de violência física contra um outro escravizado e tentaram assassinar o capataz, que fugiu pelo telhado da casa. Toda esta reação se referia a desavenças passadas.¹⁹²

O Presidente de Província do Rio de Janeiro (atualmente Governador do Estado), Paulino Soares, estava passando pela Vassouras, para fiscalizar as obras que eram realizadas na vila, entre elas a Igreja Matriz da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, partindo em seguida para Piraí, aonde participaria da criação e inauguração desta vila.¹⁹³

Buscando combater os escravizados em fuga, que partiam para a mata (entre Pati do Alferes e Petrópolis), os vereadores da Câmara Municipal de Vassouras acionaram a Guarda Nacional

190 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

191 FERNANDES, Neusa. Eufrásia e Nabuco. Mauad Editora Ltda, 2019.

192 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

193 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

local para seguir para aquela região, que tinham pelo menos 04 propriedades com mais de trezentos cativos, o que poderia ocasionar uma fuga em massa.¹⁹⁴

Neste contexto, os fugitivos, dentro da mata, localizaram vários ranchos aonde puderam se proteger do relento. No último local de refúgio houve um combate, descrito pelo Comandante da Guarda Nacional, que afirmou que eles foram atacados pelos insurretos, o que ocasionou a morte de dois soldados da Guarda Nacional e mais dois feridos. Do outro lado do conflito, chegavam a 20 escravizados, entre assassinados e feridos, que “rolaram morro abaixo” e ao final, 22 foram presos (sendo que 7 ou 8 feridos gravemente) e 7 mortos, além daqueles que aproveitaram da situação e fugiram para outros pontos da mata.¹⁹⁵

A presidência da província convocou o exército, comandado pelo Barão de Caxias (mais tarde Duque de Caxias), mas quando chegaram na região do Vale do Paraíba Fluminense a Guarda Nacional local já havia resolvido a tentativa de insurreição, que “*durou por volta de quatro ou cinco dias*”. Por sua vez, a Câmara Municipal de Vassouras se reuniu em sessão permanente para criar um regulamento para evitar novas fugas e orientar os fazendeiros. Em uma das suas normas inseriu a determinação de que se houvesse um fazendeiro que se recusasse a seguir as regras, deveria ser conduzido à presença da Câmara Municipal.¹⁹⁶

No cômputo das capturas, constavam 31 escravizados, sendo 23 homens e 8 mulheres. Dos 23 homens envolvidos, haviam carpinteiros, caldeireiro, tratador de porcos, serviço de roça, feitores e mestre ferreiro (Manuel Congo); de alguns não constavam os ofícios; e sobre as mulheres, enfermeiras, costureira e mucama

194 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

195 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

196 BRAGA, Greenhalgh H. Faria (Comp.) De Vassouras: História, Fatos, Gente. Rio de Janeiro: Ultra Set. 1978.

(Mariana Crioula), torradora de farinha e serviço de roça.¹⁹⁷

Dos escravizados que fugiram para a mata, apenas um deles não pertencia a Manoel Francisco Xavier, de nome Epifânio Moçambique, de propriedade de Paulo Gomes Ribeiro de Avellar. Epifânio trabalhava como feitor e no serviço de roça na fazenda de seu senhor. Foi o único escravo interrogado no processo de insurreição aberto ainda no ano de 1838. Mas o que foi considerado um fato excepcional foi que Epifânio, que era um dos réus nesta ação criminal, ao longo do processo seu nome desapareceu das páginas desta ação judicial, não sendo listado nem como inocente e muito menos como culpado, apesar de ser apontando como um dos principais líderes daquela fuga, que era considerada um crime naquela época.¹⁹⁸

Esta realidade fez com que o Capitão Mór perdesse capital político diante dos Ribeiro de Avellar; além das divergências políticas, estes últimos se aproveitaram da situação ocorrida nas propriedades de Manoel Francisco Xavier e sua resistência ou receio em informar a fuga dos escravizados às autoridades.¹⁹⁹

Na sentença final, em setembro de 1839, o juiz definiu a morte por enforcamento apenas para Manuel Congo, considerado o rei e principal líder de toda a insurreição; das mulheres envolvidas, após o julgamento e condenação, algumas foram julgadas e condenadas, mas no final foram todas absolvidas; 07 homens foram condenados a 650 açoites e uso de gargalheira por três anos; apenas Adão Benguela foi absolvido.²⁰⁰

197 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.; PINAUD, João Luiz Duboc et al. Insurreição Negra e Justiça. Rio de Janeiro: Ed. Expressão e Cultura – Exped Ltda., 1987.

198 SOUZA, Alan Carvalho de. Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

199 SOUZA, Alan Carvalho de. Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

200 PINAUD, João Luiz Duboc et al. Insurreição Negra e Justiça. Rio de Janeiro: Ed. Expressão

Manuel Congo foi também condenado à morte por enforcamento em outro crime, no processo de homicídio dos dois soldados da Guarda Nacional durante o conflito na mata. Por sua vez, seu advogado perdeu o prazo para o pedido de graça ao Imperador e por isso o Mestre ferreiro Manuel Congo teve a sentença executada no largo da força em Vassouras no dia 06 de setembro de 1839.²⁰¹

Uma década depois desta primeira insurreição, os escravizados tentaram outro levante que foi descoberto a tempo pelas autoridades. Sobre esta segunda tentativa, sabe-se apenas que era uma “*associação secreta de escravos*”, hierarquizada em pequenos grupos e de “*natureza mística*”; com um “*culto supersticioso à imagem de Santo Antonio, ela era conhecida com o nome de El-banda; os chefes inferiores com o de Tates-Corongos*” tendo como “*chefe principal*”, um pardo livre, também ferreiro de profissão, de nome Estevão Pimenta.²⁰²

Considerações Finais:

O contexto social do Oitocentos determinava que uma insurreição era considerada crime que levava seus idealizadores à pena capital por força. Buscando manter a ordem social no império brasileiro, as autoridades criavam mecanismos para coibir qualquer ação que pudesse despertar os escravizados para estas tentativas de fuga com o fim de alcançar a liberdade.

Deve-se ter em conta que o número de escravizados em diversas cidades, como no caso de Vassouras, chegava a quase 2/3 da

e Cultura – Exped Ltda., 1987.

201 PINAUD, João. O Quilombo de Manuel Congo. Argumento de João Luiz Pinaud - Direção Dermeval Netto - Apresentação: Milton Gonçalves - Produção TVE - 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dn6ZI6MYDTY>. Acesso em: 24 jul. 2023.

202 RAPOSO, Ignácio. História de Vassouras. 2ª ed. Niterói: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Instituto Estadual do Livro, 1978; SALLES, Ricardo Henrique. E o Vale era o escravo. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

população livre, o que implicava num controle sob este grupo, com proibições de reuniões, comércio de produtos oriundos de desvios e roubo, manifestações religiosas de sua cultura entre outras.

Um dado que se deve ter em conta é que nem as autoridades e demais envolvidos no evento da insurreição, nem a imprensa da época e os diversos autores que trabalharam com esta temática ao longo dos anos, conseguiram chegar a um número exato de escravizados que fugiram nesta insurreição.²⁰³

O grito de liberdade de Mariana Crioula: “*Morrer sim, entregar não*” é mencionado em artigo de 1972 de uma Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)²⁰⁴, como também ultrapassando o tempo através de várias gerações pela oralidade e chegando aos nossos dias. Este brado nos convida a nunca nos esquecermos que cada pedra movida ou construída deste Vale do Café, como também deste Brasil de dimensões continentais, tem o suor e o sangue do trabalho destes homens e mulheres escravizados.

203 STEIN, Stanley J. Vassouras, um município brasileiro do café (1859-1900). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990; GOMES, Flávio dos Santos. Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; SALLES, Ricardo Henrique. E o Vale era o escravo. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008; SOUZA, Alan Carvalho de. Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Jundiá: Paco Editorial, 2011; SOUZA, Alan Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política/econômica e senhorial [?]. Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Universidade de Vassouras, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez. 2022.

204 SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [online] Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

Referências

BARBOSA, João Henrique Vieira. **Inauguração do Memorial Manuel Congo**. Jornal Tribuna do Interior, Vassouras, a. XIII, ed. 409, p. 3, 14 de setembro de 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 1996. FERNANDES, Neusa. **Eufrásia e Nabuco**. Mauad Editora Ltda, 2019.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos e comunidades e senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IMPÉRIO DO BRASIL. **Código Criminal do Império do Brasil. Lei de 16 de dezembro de 1830**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LIM/LIM-16-12-1830.htm. Acesso em: 18 set. 2024.

LACERDA, Carlos. **O quilombo de Manuel Congo**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1998.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. 185 anos da insurreição liderada por Manuel Congo e Mariana Crioula. **Revista Raça Brasil**, São Paulo, 06 mar. 2024.

O DIA. **Alerj homenageia Manoel Congo com Medalha Tiradentes post-mortem**. Publicado em 28/06/2022. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/paty-do-alferes/2022/06/6431746-alerj-homenageia-manoel-congo-com-medalha-tiradentes-post-mortem.html>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PINAUD, João Luiz Duboc *et al.* **Insurreição Negra e Justiça**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura – Exped, 1987.

PINAUD, João. **O Quilombo de Manuel Congo**. Argumento de João Luiz Pinaud - Direção Dermeval Netto - Apresentação: Milton Gonçalves - Produção TVE - 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dn6ZI6MYDTY>. Acesso em: 24 jul. 2023.

PORTELLA FILHO, Fernando Cotta. **Guia cultural do vale do café**. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2013.

RAPOSO, Ignácio. **História de Vassouras**. 2. ed. Niterói: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, Departamento de Cultura, Instituto Estadual do Livro, 1978.

RIO DE JANEIRO. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. **Projetos de Lei Nº 3121/2010 Nº e 3122/2010, concede o Título de Heróis do Estado a Manuel Congo e Maria Crioula, respectivamente**. Disponível em: http://www.ioerj.com.br/portal/modules/conteudoonline/view_pdf.php?ie=OTEwNA==&ip=MQ==&s=Y-zhjMjdiYjIhNGMxODNhNTk5MGEzODU1YTlmMjNhNjQ=&directlink=1&Osign=WebIndexer . Acesso em: 24 jul. 2023.

SALLES, Ricardo Henrique. **E o Vale era o escravo**. Senhores e escravos no Coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SANTOS FILHO, Raphael David dos (Org.). **Lugares de Memória, Vassouras do conhecimento crítico à apropriação pela comunidade do seu patrimônio**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2014.

SOUSA, José Antonio Soares de. O efêmero quilombo de Pati do Alferes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** [online], Rio de Janeiro, n. 295, p. 42, 1972.

SOUZA, Alan Carvalho de. **Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SOUZA, Alan Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política/econômica e senhorial [?]. **Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Universidade de Vassouras, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez. 2022.

STEIN, Stanley J. **Vassouras, um município brasileiro do café (1859-1900)**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

TRIBUNA DO INTERIOR. **Prefeitura de Vassouras realiza tributo em homenagem a Manoel Congo**. Ed. 1253, a. XXXIX, 15 de setembro de 2023.

XII. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”²⁰⁵

*Pe. José Antonio da Silva
Angelo Ferreira Monteiro*

Introdução

O presente capítulo tem por objetivo apresentar o Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, criado a partir da organização dos livros de registros e processos de matrimônio e administrativos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, criada em 1837.²⁰⁶ Anteriormente a esta Freguesia, a Igreja do povoado de Vassouras era ligada eclesiasticamente à Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família do Tinguá (hoje distrito do município de Engenheiro Paulo de Frontin e pertencente da Diocese de Barra do Piraí e Volta Redonda).

O Compromisso da Irmandade Nossa Senhora da Conceição

205 Artigo publicado na Revista Relicário. SILVA, J. A.; MONTEIRO, A.F. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”. Revista Relicário. Uberlândia. v. 7 n. 13. p.222-231, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://revistarelicario.museudeartesauberlandia.com/index.php/relicario/article/view/162/148>. Acesso em: 07 mar. 2025. Este artigo é fruto do resumo simples aprovado para apresentação sob forma de pôster no XVII Encontro de Iniciação Científica de 2018 da Universidade de Vassouras, Vassouras-RJ e também da pesquisa do segundo autor.

206 TAMBASCO, José Carlos V. A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá - Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização. Vassouras: Editor Autor, 2004; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. Revista Mosaico, v. 3, n. 2, 2012. p. 30

da Freguesia de Vassouras foi aprovado em 08 de janeiro de 1840 pelo Monsenhor da Santa Igreja Catedral e Capela Imperial do Rio de Janeiro, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Vigário Capitular Sede Vacante, com aprovação do Presidente da Província do Rio de Janeiro em 22 de fevereiro de 1840 e registrado em cartório de Vassouras em 10 de março de 1869 nas folhas 39 a 49 do livro competente Com a atualização aprovada no dia 12 de agosto de 1901, pelo Bispo de Petrópolis, Dom Francisco do Rego Maia, foi registrada no Cartório do 1º Ofício de Vassouras, hoje 4º Ofício de Notas, no Livro nº 39, folhas 032v/033, registrado em 06/12/1928, onde consta o Compromisso da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e seus documentos anexos.

Materiais e Métodos

Para a inclusão de documentos inéditos no Acervo do Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras utilizamos a mesma metodologia utilizada quando o acervo estava no Centro de Documentação Histórica (CDH) da Universidade Severino Sombra (USS), uma vez que a codificação da documentação já foi citada em trabalhos de pesquisa durante o tempo em que ficou no CDH da USS e no Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN); o acesso ao acervo era realizado pelo código ou pela busca de nomes e sobrenomes na base de dados desenvolvida por alunos do Curso de Sistemas de Informação da USS.

Destacamos que ao realizar a catalogação, ao optar pela metodologia supracitada, mantivemos a normatização da escrita dos nomes da forma mais simples e usual, além da retirada de acentos ortográficos, cedilhas entre outros, buscando assim garantir o acesso a mais documentações possíveis relacionadas a determinada pessoa ou família. Ex.: Mattos, passamos para Matos.

Após a organização do acervo em uma planilha, esta foi transferida para um gerenciador de acervo para disponibilização

online do acervo.

Em 2016, a Paróquia e a Irmandade contrataram uma empresa para digitalização dos livros de batismo, óbito e casamentos, tanto de livres quanto de escravos, com o objetivo de criação de uma plataforma em nuvem de todo o acervo, buscando a preservação dos originais, pela realização da pesquisa *online*.

De março a junho de 2016, o Prof. Carlos Frederico Marques Alves realizou a higienização, organização e catalogação da documentação que se encontrava arquivada em pastas de polionda e outras avulsas, todas guardadas em um armário da sacristia da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, sob a orientação do Prof. M.^o Angelo Ferreira Monteiro. Este trabalho propiciou a inclusão de documentos inéditos ao acervo da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, proprietária e mantenedora da Igreja Matriz de Vassouras e do Cemitério mais antigo do município.

A bibliotecária Maria Lucia do Val Carvalho realizou toda a organização nas estantes dos livros e organização das caixas com os registros de assentos e processos de casamento nas estantes, inserindo a documentação organizada pelo Prof. Carlos Frederico Marques Alves; e atualmente recebe no Centro de Memória grupos de escolas e pesquisadores, através de agendamento prévio.

O Centro de Memória da Paróquia e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras conta ainda com uma equipe multidisciplinar voluntária formada de Bibliotecária, Historiador, Técnico de Segurança do Trabalho, Analista de Sistemas, Filósofo e Teólogo:

- Filósofo/Teólogo e Coordenador: Pe. José Antonio da Silva
- Bibliotecária: Maria Lúcia do Val Carvalho
- Historiador: Angelo Ferreira Monteiro
- Técnico de Segurança do Trabalho: Carlos Alexandre das Chagas
- Analista de Sistemas: Marcelo Pinto Pereira



Discussão

Vassouras, no século XIX, se tornou um grande centro urbano com seus casarões e fazendas de café, através do trabalho de famílias comprometidas com o desenvolvimento da então vila de Vassouras, com todos os tipos de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços, algo inimaginável para uma vila do interior, uma vez que estes estabelecimentos eram encontrados com facilidade somente na Corte Imperial do Rio de Janeiro²⁰⁷.

De acordo com Christine Nougaret, no artigo intitulado “*Les archives privées, éléments du patrimoine national? Des séquestres révolutionnaires aux entrées par voies extraordinaires un siècle d’hésitations*” [Apud *Archives et nations dans l’Europe du XIXe siècle, Actes du colloque organisé par l’Ecole nationale des chartes (Paris, 27-28 avril 2001), réunis par B. Delmas et C. Nougaret, Paris, École des chartes, 2004*]: “Na Europa do século XIX, a ligação entre a afirmação da Nação e a criação de arquivos nacionais é um dado geralmente aceitos, os arquivos aparecem como os atributos de soberania e simbolizando a identidade comum.” (Delmas e Nougaret apud Nougaret, 2006).

Rodrigues (2006) cita, no trabalho intitulado “A teoria dos arquivos e a gestão de documentos”, o Dicionário de Terminologia Arquivística da Associação dos Arquivistas Brasileiros, de 1996, sobre o princípio de proveniência (que) é o “princípio segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade, não sendo misturados aos de origem diversa” (p. 61). Assim justifica-se a necessidade de criação e manutenção deste centro de memória, uma vez que a permanência em seu local de origem evitará a possibilidade de a documentação ser incluída em outro fundo ou sofrer dispersão e até mesmo a perda de documentos.

Michel Foucault e Jacques Le Goff (apud Le Goff, 2000, p.

207 MONTEIRO, Angelo F. Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar. 1ª Reimpressão. Vassouras: Editor Autor, 2015, p. 48-51.

11), afirmam que a partir do

modo como se fez no século XX a crítica da noção do facto histórico, que não é um objecto que surge concluído visto resultar da construção do historiador, assim se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um documento bruto, objectivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é um monumento (apud Le Goff, 2000, p. 11).

E completam “o próprio arquivo dos documentos sofreu uma revolução com o recurso ao computador. (apud Le Goff, 2000, p. 11).”

Assim, para criação e manutenção de um centro de memória, no nosso caso o Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras está a necessidade de salvaguardar o acervo da Paróquia e da Irmandade com o intuito de disponibilizar os documentos de forma *online*, buscando valorizar a memória local com o objetivo de resgatar o valor de pertencimento da população local. No entanto, a maior parte da documentação em questão refere-se a um período considerado de maior importância para a História do Brasil Imperial, sendo a cidade em que se encontra o acervo, destaque entre as cidades do Vale do Paraíba Fluminense, atualmente conhecido por questões turísticas como o “Vale do Café”.

O Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras denomina-se Dr. Joaquim Teixeira Leite – Bacharel em Direito, Comendador, presidente da Câmara Municipal de Vassouras e Procurador Geral do Patrimônio da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, pela preocupação com a manutenção dos arquivos, para valorização da história e da memória local.

O Dr. Joaquim José Teixeira Leite, na prestação de contas de sua legislatura como presidente da Câmara de Vassouras, na

sessão ordinária e de posse realizada no dia 07 de janeiro de 1849, faz a seguinte declaração:

Ainda que a lei não exija, positivamente, o relatório da administração municipal quando uma Câmara a entrega à sua sucessora, a natureza das coisas o pede, além de que os futuros habitantes de Vassouras terão curiosidade de conhecer a história de sua vila e município, e como o único meio de conhece-la são os arquivos da municipalidade, cumpre que estes digam alguma coisa. [...] (Braga, 1975. p. 119)

Corroborando a proposta do Dr. Joaquim J. T. Leite, disponibilizando o acesso e resgatando esta memória, estamos garantindo às próximas gerações a possibilidade de conhecimento do seu passado através do acervo *online* da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras, como um dos arquivos do município de Vassouras.

O mesmo Dr. Joaquim J. T. Leite foi responsável pela organização da escrituração da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, no momento em que foi procurador Geral desta Instituição que estava sem os registros administrativos por mais de 20 anos (Monteiro, 2015. p. 66).

Le Goff afirma ainda que

toda a história é contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, ao seus interesses; isso não só é inevitável mas também legítimo. Dado que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (Le Goff, 2000. p. 50).

E sobre Memória, Brum (2006, p. 76) defende que “estamos imbricados em novo e desafiante quadro de propostas: a função cognitiva da imaginação na constituição da memória, para não dizer, do conhecimento.”

Resultados

O Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras foi organizado pela primeira vez na década de 1980, por alunos do Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Vassouras, mantida pela Fundação Educacional Severino Sombra – FUSVE (mantenedora da Universidade Severino Sombra - USS, atualmente Universidade de Vassouras), sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Marilda Corrêa Ciribelli e da Prof.^a M.^a Sônia Violeta de Andrade Motta, responsáveis pela criação do Centro de Documentação Histórica – CDH/FUSVE). Após esta organização do acervo, este foi devolvido para a Paróquia que o guardou em suas dependências, até que em 2001. Firmou Termo de Cooperação Técnica com o Centro de Documentação Histórica da Universidade Severino Sombra – USS, registrado no Cartório de Notas e Registro de Documentos do Primeiro Ofício de Vassouras, no dia 11 de junho de 2001, com o objetivo deste ficar com a guarda do acervo, limpeza, classificação, reparo, reorganizando-o e disponibilizando-o à pesquisa, sendo o Pároco da época e Interventor da Irmandade, o Pe. José Antonio da Silva, e o Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra, o advogado e professor Dr. Américo da Silva Carvalho.

No início de 2014, foi rescindido o Termo de Cooperação Técnica, devido à extinção do Centro de Documentação Histórica (CDH/USS), passando a guarda da documentação ao Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN de Vassouras/RJ.

No ano de 2016, por uma decisão da Paróquia e da Irmandade, o acervo voltou para a sua guarda, sendo disponibilizada a sala 03 no Centro Paroquial de Pastoral São Paulo Apóstolo para a criação do Centro de Memória Paroquial, onde tivemos a oportunidade de incluir documentos inéditos da Irmandade que estavam guardados em armários e pastas na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

A criação do Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição, fez-se necessária devido ao número crescente de pesquisas relacionadas ao Vale do Paraíba Fluminense nas duas últimas décadas, especialmente sobre a cidade de Vassouras-RJ.

Considerações Finais

Em nossas considerações finais, podemos descrever a satisfação e também a grande responsabilidade enquanto cidadãos em salvaguardar, organizar e disponibilizar o acervo do Centro de Memória Paroquial – Dr. Joaquim José Teixeira Leite, buscando atender aos apelos deste patrono ainda no século XIX, que deixou um legado documental para História do Brasil Imperial, através de sua tenacidade, demonstrando a necessidade do registro das atividades naquele momento na área legislativa e, no nosso caso, os registros da Irmandade que completam o acervo do Centro de Memória com os livros de registro de batismo, casamento e óbito da Paróquia.

Uma parte da digitalização já foi realizada e estamos na fase de organização da base de dados para disponibilizar o acervo *online* do Centro de Memória, onde buscamos garantir o acesso *online* para pesquisadores e interessados na história desta região do Vale do Paraíba Fluminense.

Referências

Fontes Primárias:

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA. **Convênio entre a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e a Fundação Educacional Severino Sombra – FUSVE**. Vassouras, 2001.

_____. **Relatório de Atividades 2001-2015**. Vassouras, 2015.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SEVERINO SOMBRA. **Notificação Extrajudicial**. Vassouras, 2014.

IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FREGUESIA DE VASSOURAS. **Livro de Compromisso**. Vassouras, 1840.

_____. **Livro de Compromisso**. Vassouras, 1901.

Bibliográficas:

BRAGA, Greenhalgh H. F. **Vassouras de ontem**. Rio de Janeiro: Cia. de Artes Gráficas, 1975.

BRUM, Rosemary Fritsch. História e memória: a soldadura da imaginação. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 75-84, junho 2006. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/1301/1006> . Acesso 20 ago. 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa: Edições 70, 2000. 1 v.

MONTEIRO, Angelo F. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar**. 1ª Reimpressão. Vassouras: Editor Autor, 2015.

_____. Vassouras – Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. **Revista Mosaico**, v. 3, n. 2, p. 29-46, 2012.

NOUGARET, Christine. **Les archives privées, éléments du patrimoine national?:** des sequesters révolutionnaires aux entrées par voies extraordinaires un siècle d'hésitations. 2006. p. 737- 750. Disponível em: http://www.archivodistato.firenze.it/asfi/fileadmin/risorse/allegati_pubblicazioni_online/150_archivi_storia/150_nougaret.pdf. Acesso 15 NOV 2016.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a09>. Acesso 16 nov. 2016.

TAMBASCO, José Carlos V. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá:** uma abordagem social e econômica dos tempos da colonização. Vassouras: Editor Autor, 2004.

XIII. Por uma política pública local de preservação: o Museu de Arte Sacra da Matriz de N. Sra. da Conceição de Vassouras

Rafael Azevedo Fontenelle Gomes

Introdução

Vassouras, cidade de relevância histórica no contexto fluminense, tem desenvolvido nos últimos anos um movimento notável em defesa do patrimônio sacro. Em um cenário nacional muitas vezes marcado pelo desmonte institucional e pela negligência em relação à cultura, iniciativas locais que associam memória, fé e identidade adquirem um valor simbólico ainda maior. Neste artigo, examina-se o processo de organização e preservação do acervo sacro da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, os desdobramentos do inventário realizado em parceria com o Instituto Estadual do Patrimônio Cultural – INEPAC, bem como a institucionalização de um museu de arte sacra por meio de um Acordo de Cooperação Técnica com a prefeitura municipal.

1. Um despertar para a arte sacra: entre o culto e a cultura

A arte sacra atravessou séculos como uma das expressões mais densas da experiência religiosa no Ocidente. No entanto, após o Concílio Vaticano II, a Igreja propôs uma renovação do sentido da liturgia e, com ela, da própria função da arte em seus espaços de culto.

Em vez de se limitar à ornamentação do culto ou à simples expressão da devoção popular, a arte sacra passou a ser entendida como uma forma de ensino visual da fé, uma verdadeira “teologia em imagens”. Seu papel não é apenas despertar o olhar, mas transmitir com fidelidade os dogmas cristãos e os sentimentos próprios da piedade, articulando beleza e doutrina em linguagem simbólica.

Ainda assim, no Brasil contemporâneo, predomina uma visão difusa sobre o valor simbólico e patrimonial dessas obras. O uso indiscriminado de objetos religiosos de baixa qualidade, a descaracterização dos espaços litúrgicos e a fragilidade da conservação evidenciam um campo vulnerável à perda. Nesse contexto, a iniciativa da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro em inventariar seu acervo sacro, pioneira no Brasil, representa um gesto de resgate e conscientização.

2. Inventário, capacitação e envolvimento comunitário

O processo que culminou na proposta de criação do Museu de Arte Sacra de Vassouras teve início em 2008 com o levantamento sistemático de obras sacras no interior fluminense. A cidade, marcada por bens de interesse histórico e artístico, recebeu atenção especial do INEPAC, que ofereceu capacitação técnica e apoio à catalogação. Sob liderança do pároco José Antonio da Silva e participação ativa dos voluntários Andréa Jordão do Amaral, Maria Aparecida, Cristina Capute, Rosana Soares, Valéria Motta, Mercedes Brandenburguer, Maria Inês Mexias, João Batista, Alberto Antônio de Almeida e Carlos Alexandre das Chagas, foi realizada a missão de limpar, identificar, registrar e fotografar cada peça.

Esse processo não apenas gerou um banco de dados visual e informativo sobre o acervo da paróquia, mas também promoveu laços comunitários em torno da preservação da memória coletiva. A visita ao Museu de Arte Sacra de Aparecida do Norte serviu como inspiração para se pensar em uma instituição local. A proposta de museu surge, assim, como resposta a uma demanda identitária — uma forma de reconhecer, valorizar e devolver à comunidade parte da sua história sagrada.

3. Acordo de cooperação: institucionalizando a proteção e o acesso

A formalização do Acordo de Cooperação Técnica entre a Prefeitura de Vassouras e a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, em fevereiro de 2025, consolidou os avanços conquistados pela comunidade. O documento garante o uso compartilhado de espaços significativos da Igreja Matriz, como a Sacristia, o Corredor Lateral e a Sala de Arte Sacra, integrando-os ao circuito turístico e cultural do município.

As responsabilidades de cada parte estão bem delineadas: o município compromete-se com a mediação qualificada, produção de materiais educativos, controle de visitas e respeito à sacralidade dos espaços; à Irmandade cabe a manutenção, limpeza, segurança e mediação religiosa. Essa pactuação evita onerosidade, baseando-se exclusivamente no interesse público e no princípio da colaboração mútua.

Considerações finais: o patrimônio como projeto coletivo

A experiência de Vassouras revela como o cuidado com a arte sacra pode se desdobrar em ações integradas de memória, fé e cidadania. Longe de ser apenas um repositório de objetos antigos, o Museu de Arte Sacra da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras se anuncia como um espaço de educação patrimonial e afirmação cultural, onde o passado é reinterpretado à luz do presente. O sucesso dessa iniciativa depende, no entanto, da continuidade do engajamento comunitário, do apoio técnico das instâncias estaduais e federais e da sensibilidade política para perceber que o patrimônio não é supérfluo — é basilar.

Referência

ACORDO de Cooperação Técnica Que Entre Si Celebram o Município de Vassouras, por Intermédio da Secretaria Municipal de Turismo, e a Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras. Vassouras, 07 de fevereiro de 2025.

XIV. Religiosidade e Conflitos nas Irmandades do Vale do Paraíba Fluminense no Século XX: Estudo de Caso em Vassouras e Paty do Alferes²⁰⁸

Angelo Ferreira Monteiro

Este trabalho pretende analisar a religiosidade e os conflitos nas primeiras décadas do século XX entre duas irmandades que tinham como invocação Nossa Senhora da Conceição e a autoridade episcopal da recém-criada Diocese de Valença. O contexto destes dois casos envolvia a “romanização”²⁰⁹ do catolicismo brasileiro, iniciado ainda no Oitocentos. Como parte da História da Igreja no Brasil, nossa proposta abrange o que foi defendido por Peter Burke (1992, p. 13), em sua obra *A Escrita da História*: “uma história vista tanto de baixo, como de cima”.

A metodologia aplicada foi a revisão de literatura e a análise de fontes primárias administrativas e judiciais de ambas as irmandades. Estas duas instituições estavam sediadas nas paróquias de Vassouras e de Paty do Alferes. Este território esteve subordinado

208 Comunicação apresentada na Sessão Ordinária de 9 de julho de 2009 do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ). Artigo originalmente publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ). Ano 17. Número 17, 2010. p. 172-187. Revisado e Ampliado em Outubro de 2024

209 De acordo com Mauricio Aquino (2013) foi “Rui Barbosa (1843-1929) o primeiro a servir-se do termo romanização (Barbosa, 1877, p. CLXXXVII) para designar o movimento de controle do papado sobre a Igreja Católica no Brasil durante o século XIX. Para ele, esse movimento era a ação explícita do “romanismo”, vocábulo típico dos anticlericais e antiultramontanos da época, para contrapor-se e sobrepor-se ao poder dos Estados. Rui Barbosa, defensor de um Estado liberal, tratara desse tema, para ele o núcleo da chamada questão religiosa brasileira (1872-1875), no ensejo de prefaciar e introduzir, na condição de tradutor, o livro *O Papa e o Concílio*, escrito em 1869, por Janus, pseudônimo atribuído ao padre e historiador alemão Johann Joseph Ignatz von Döllinger (1799-1890), crítico severo do que considerava então como movimento de imposição doutrinária de um catolicismo papista sobre todas as igrejas por ocasião do reconhecimento do dogma da infalibilidade papal durante o inconcluso primeiro Concílio do Vaticano (1869-1870).”

à Arquidiocese do Rio de Janeiro, posteriormente à Diocese de Niterói e, em curto espaço de tempo, à Diocese de Petrópolis. Os membros das mesas administrativas dessas irmandades acreditavam que o bispo havia tomado medidas arbitrárias em relação aos seus Compromissos (denominação utilizada para Estatuto). Buscando defender os interesses das duas instituições, abriram ações judiciais contra o primeiro e recém-empossado Bispo de Valença.

Introdução

Este trabalho analisa a religiosidade presente nas irmandades que tinham como invocação Nossa Senhora da Conceição, localizadas em Vassouras e em Paty do Alferes e que, nas primeiras décadas do século XX, entraram em conflito com D. André Arcoverde de Albuquerque, bispo da recém-criada Diocese de Valença, no momento em que o processo de romanização, iniciado no século anterior, provocava estas adversidades entre os membros leigos e a hierarquia eclesiástica.

Inicialmente, faremos um breve histórico do papel da Igreja e das irmandades no século XIX, a partir da Constituição de 1824, que no seu 5º artigo definia que

A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas, com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo (Brasil, 1824).

O monarca, através do Padroado, se tornava o responsável por nomear e pagar os sacerdotes, construir e manter os templos, aprovar os compromissos que regiam as confrarias e as ordens terceiras (Mattoso, 1992, p. 322) e em contrapartida a Igreja, se dispunha a prestar os serviços de organização das listas dos eleitores para eleições para a Câmara Municipal, o registro civil da população - o registro de batismo (considerado na época como o

registro de nascimento), de casamento e de óbito; todos os assentos eram separados entre livres e cativos (Monteiro, 2007, p. 87). Em 1850, assumiu o registro de terras²¹⁰ para uma possível colonização das terras por imigrantes (Motta, 1998, p. 161-166) e em 1871, com a Lei do Ventre Livre, passou a registrar os ingênuos - filhos nascidos de mulher escrava após esta lei (Monteiro, 2007, p. 87).

Segundo Katia Mattoso, com as obrigações do Padroado, a Igreja Católica parecia dirigida por leigos. A hierarquia era pouco respeitada por padres e fiéis. Na maior parte dos casos, o dinheiro destes últimos mantinha o culto e a chama da fé que esta soube despertar nos corações dos fiéis, que a ação dos leigos se tornou possível. Na família, na paróquia ou na irmandade religiosa, esse encontro se fez em nome de uma fé cristã e católica. (Mattoso, 1992, p. 303)

No entanto, a Igreja no Brasil, tinha que conviver com a religião católica oficial e a religião do povo²¹¹. A primeira colaborava com o Estado a modelar e controlar as estruturas sociais e impunha obrigações aos fiéis, como assistir missas, confessar, fazer a comunhão anual, descansar nos domingos e nas grandes festas de obrigação, praticar abstinência e jejuns e submeter-se aos sacramentos do batismo e do casamento. Na segunda situação, o ditado era “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre” – dava-se muita importância aos santos, com o cortejo de orações, procissões e peregrinações (Mattoso, 1992, p. 391). Foram as irmandades as responsáveis pelo surgimento destas devoções populares que levaram o povo em geral a cultuar a morte, enquanto a Igreja, em sua doutrina, pregava a vida (Reis, 1998, p. 123).

210 Em nossa dissertação de Mestrado defendida em 2005 e, consequentemente, em nosso livro publicado em 2007, originário deste trabalho acadêmico, verificamos que no momento desse registro de terras em Vassouras, a Câmara informou que não havia terras devolutas em Vassouras. No entanto, localizamos nos registros da Irmandade Nossa Senhora da Conceição uma área onde constava terras devolutas próximas às terras desta instituição.

211 Ver também DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Pertencer a uma irmandade no século XIX estava nitidamente ligada à preocupação com a vida após a morte (Reis, 1998, p. 126).

Dom André Arcoverde – 1º Bispo de Valença e as Irmandades de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e de Paty do Alferes

E não foi diferente com a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras (doravante INSCV), criada em 1830²¹², na Igreja Paroquial da Freguesia de Sacra Família do Tinguá. O povoado de Vassouras²¹³, ainda estava ligado a Vila de Paty do Alferes, criada em 1820. Treze anos mais tarde, Vassouras assumia a sede da Vila, passando Paty do Alferes a ser seu Termo. Em 1837 foi criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (Tambasco, 2004, p. 31).

Esta Irmandade se tornou proprietária de 360 braças de terras, doadas pelos herdeiros de Francisco Rodrigues Alves e Luiz Homem de Azevedo, no local onde surgiu a Vila de Vassouras, através de uma permuta com Francisco José Teixeira Leite (Barão de Vassouras)²¹⁴.

Dois anos antes do surgimento da irmandade fora construída no povoado de Vassouras uma capela, através de uma subscrição promovida por Custódio Leite Ribeiro (posteriormente, Barão de Ayuruoca). Em 1838, por determinação do governo da Província do Rio de Janeiro, foi determinada a sua ampliação, sendo que as obras se estenderam até 1853 (Machado, 2006, p. 60). Neste período, seus irmãos e devotos trabalharam arduamente para compor

212 Livro 1 de Atas da Irmandade de N. Sra. da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras “Dr. Joaquim José Teixeira Leite”.

213 Para mais informações ver MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras. Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, v. 3, p. 29-46, 2012.

214 Para mais detalhes ver Monteiro (2012).

o templo de toda a estrutura necessária para o culto. Realizavam-se anualmente em 08 de dezembro, a festa da Padroeira, a eleição da Mesa e a entrada de novos irmãos.

Em nossa obra intitulada *Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar*, publicada em 2007, verificamos que a escrituração da Irmandade Nossa Senhora da Conceição de Vassouras estava atrasada, segundo seu procurador geral, o Dr. Joaquim José Teixeira Leite, constatação feita vinte anos após a sua fundação²¹⁵. Este procurou organizar toda a sua escrituração, registrar o compromisso, demarcar as terras foreiras, normatizar as regras para o prazo de construção, entre outras realizações, e solicitou que seu cargo não fosse vitalício, visando com esta atitude defender os interesses da irmandade (Monteiro, 2007, p. 40-67).

A diferença entre a Vila de Vassouras e de Paty do Alferes estava na opinião dos proprietários das terras de Paty, que não queriam ver o surgimento da Vila em suas terras. Isso ocasionou a construção de três igrejas em lugares diferentes, todas sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.²¹⁶

Alan de Carvalho Souza tratou a questão das querelas políticas em Paty do Alferes, que muito influenciara os deslocamentos da Igreja e da sede da Vila²¹⁷.

215 Em reconhecimento à dedicação deste Procurador Geral da INSCV, homenageamos o Centro de Memória com o nome d. Ver: SILVA, José Antonio; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras - 'Dr. Joaquim José Teixeira Leite'. In: 4º Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019, São João del-Rei. Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN - Número 4. São João del-Rei: Coordenação de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019. p. 459-468; SILVA, José Antonio da; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. Revista Relicário, v. 7, p. 222-231, 2021.

216 Sobre a devoção à Nossa Senhora da Conceição e outras invocações marianas, ver: LIMA JÚNIOR, Augusto de. História de Nossa Senhora em Minas Gerais. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

217 Sobre este assunto ver: SOUZA, Alan de Carvalho. Querelas Políticas: Outra História no Caso

Em suas notas sobre a História de Paty, frei Aurélio Stulzer informa que a primeira Capela foi construída, ornada e paramentada às custas de Francisco Tavares (Stulzer, 1944, p. 9-11). E para conservação e se poder dizer missa e servir de freguesia lhe fez ainda uma doação em 13 de março de 1739 para o seu patrimônio no valor de cem mil réis em dinheiro, com juros de 6 1/4 % ao ano, através de uma escritura de hipoteca de meia légua de terras no sítio denominado do Alferes, dentro de sua fazenda, que esta obrigação deveria ser assumida pelos herdeiros ou futuros proprietários das terras, onde se encontrava o templo. Antes de 1784, iniciou-se a obra da 2a matriz, ainda na Freguesia (atual Arcozelo), por doação de terras feita por José de Oliveira Ribeiro que, falecendo em 1793, foi sepultado dentro da igreja (Stulzer, 1944, p. 12).

As obras da terceira igreja tiveram no ano de 1840 o seu início; fora construída pelo Capitão Manoel Francisco Xavier e sua esposa Francisca Elisa Xavier. Em 1844, estando já viúva D. Francisca Elisa doa para a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes, criada também em 1840, ainda na segunda igreja. Vale ressaltar que o casal Xavier não fazia parte da instituição. De acordo com Frei Aurélio, poderia haver a possibilidade de questões políticas envolverem esta situação e tudo se confirma com o local em que se instalou a vila e a construção em três lugares diferentes.

Após a morte de Manoel Francisco Xavier, sua viúva solicitou

Manoel Congo, Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras/RJ., 2008; SOUZA, Alan de Carvalho; SANTOS, Cláudia Regina A. dos (Orient.). Desordem senhorial no Vale Paraíba Fluminense na primeira metade do século XIX. Paty do Alferes/Vassouras: terras e escravos. Vassouras, RJ, 2011. 123 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2011. SOUZA, Alan de Carvalho. Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba. Jundiá: Paco Editorial, 2011; SOUZA, Alan de Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política, econômica e senhorial [?]. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez., 2022; SOUZA, Alan de Carvalho. Nossa Senhora da Conceição da Roça do Alferes: doação, construção e rivalidade. Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 25-37, set./dez., 2024.

ao seu procurador que fosse levantada uma hipoteca que onerava a fazenda da Freguesia e a permuta do terreno da segunda igreja, onde doava mais um trecho de terras para completar o rocio da vila. Exigia apenas o direito de passar por uma estrada que iria dar em suas terras. A hipoteca citada havia sido feita por Francisco Tavares que deixava uma quantia para o patrimônio da igreja a juros, ficando os herdeiros e proprietários posteriores da dita fazenda responsáveis pelo pagamento. A irmandade não só aceitou, como solicitou ao Imperador, através de um memorial, a concessão de foros de nobreza para D. Francisca, que recebeu e passou a ser conhecida como a Baronesa da Soledade (Stulzer, 1944, p. 9-44).

Estas instituições floresceram sem depender diretamente do poder diocesano exercido pelos bispos (Mattoso, 1992, p. 333), como podemos comprovar no caso destas duas que estamos analisando que prosperaram com um patrimônio formado por diversos legados. Com a introdução do sistema republicano em 1889, a 1ª Constituição Republicana definia o estado laico e a liberdade religiosa. E partir deste período, o Estado não poderia intervir nos assuntos eclesiásticos que deveriam ser submetidos à decisão episcopal. As irmandades assumiam a responsabilidade de manter seu patrimônio que era formado pela igreja, o cemitério, os terrenos foreiros, legados de testamentos, entre outras doações, sem os subsídios estatais. Mesmo com todo esse patrimônio, essa última situação levou muitas dessas instituições a se extinguirem devido à falta de recursos.

Ambas as instituições tinham, como responsabilidades instituídas em seus compromissos, o culto da padroeira, com a realização da sua festa e, neste mesmo período, a eleição da nova Mesa, que iria conduzir os trabalhos do ano vindouro.

No início do século XX, fez a irmandade de Vassouras a renovação de seu compromisso e durante a década de 1920 realizou normalmente as eleições para a Mesa Administrativa, que reelegeu o Dr. Antonio José Fernandes Junior como seu Juiz, como acontecia desde 1924 e também os demais membros da Mesa.

Visando defender os interesses da instituição, D. André Arco-

verde, Bispo da recém-criada Diocese de Valença²¹⁸ fez a nomeação de uma comissão para administrar os bens da irmandade, formada por Alberto de Souza Caravana, Octavio de Almeida, Dr. Seabra Moniz e João Lopes de Faria. A Provisão que instituiu a comissão foi enviada à Irmandade por intermédio do Dr. Horácio Gomes Leite de Carvalho, o motivo desta estava na remissão de terrenos pertencentes à instituição, praticada por aqueles que o Bispo proibia de serem reeleitos. Dr. Alvaro Soares propôs que deveria se “evitar uma resposta que pudesse ferir a susceptibilidade do Exmo. Bispo, que lhe parecia ser inevitável” e como a provisão não fora enviada para o Juiz da Mesa, que ela fosse considerada inválida. O Dr. Horácio de Carvalho, responsável pela entrega da Provisão, propôs que o Dr. Fernandes Junior fosse aclamado para continuar no cargo, devido ao brilho, devotamento e honestidade por longos 5 anos, sendo o Bispo informado de tal resolução.²¹⁹

A atitude do Bispo, vista como arbitrária pelos membros da administração reeleita, os fez entrar na justiça para garantir seus

218 MELO, Mauricio. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição - No alto da colina, vigilante atenta das demais construções. No século XIX, pertencia à atual Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro, com o passar do tempo, a administração eclesiástica destas terras passou para a Diocese de Niterói, cuja sede foi transferida para Petrópolis durante alguns anos. Após o desmembramento da Diocese de Niterói, criou-se então a própria Diocese de Petrópolis, cuja jurisdição passou a incorporar o território da Paróquia de Vassouras. Após período de sede Vacante, criou-se através da Bula “Apostolico Officio”, do Papa Pio XI, de 27 de março de 1925, a Diocese de Valença, abrangendo nove municípios do Centro-Sul Fluminense, inclusive Vassouras (e Paty do Alferes). Para reger a recém-criada Diocese foi nomeado Dom André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, sobrinho do Cardeal Arcoverde, Primaz do Brasil. Enquanto o novo Bispo não era ordenado para assumir sua Cátedra, foi nomeado como Administrador Apostólico, em 21 de agosto, Monsenhor Alfredo Bastos. Criada em março, só em 18 de setembro a Diocese foi canonicamente ereta. In: O Semeador em Revista. Ano IX, n. 12. Publicação da Paróquia de N. Sra. da Conceição de Vassouras. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2009.

219 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

direitos instituídos em Compromisso. A irmandade, na ação judicial contra o Bispo e os membros da comissão nomeada, foi representada pelo Dr. Antonio José Fernandes Junior, Manoel de Sampaio Torres Filho, Manoel de Souza Jordão e Julio Gomes de Souza Telles, respectivamente Juiz, Secretário, Tesoureiro e Procurador da Mesa Administrativa da INSCV, que em suas considerações justificaram que todos os trâmites instituídos no Compromisso foram respeitados e, apesar disso, “se achavam ameaçados na posse dos bens e de seus cargos, por atos emanados por D. André Arcoverde²²⁰, definidos como violentos, exorbitantes e abusivos do poder, inclusive por suprimir os artigos do Compromisso e em suas visões não tinha esse direito, reformando este ao sabor das [suas] conveniências²²¹. Uma das demonstrações de abuso do poder, estava na nomeação e pessoas que não eram membros da Irmandade. E que apesar de estarem contra os poderes eclesiásticos e não obstante o caráter religioso da Irmandade estavam no seu direito de se defenderem. Os autores solicitam a citação dos membros da comissão do Bispo Diocesano e também as esposas daqueles que fossem casados”²²². Sabendo que D. André estaria na cidade no dia seguinte requereram a sua citação. O Juiz Salles Pinheiro reconheceu, através da documentação anexada, a ameaça e a eminente turbacão e esbulho na posse do patrimônio da INSCV pelo Bispo e mandou que fosse devolvida aos membros da irmandade a posse dos bens, provisoriamente.

220 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (doravante TJERJ) e Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (doravante IPHAN). p. 2.

221 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 3.

222 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 4v e 5.

Sendo feriado no dia da audiência, a sessão foi transferida para o dia útil seguinte; uma das testemunhas deixou de ser citada pois foi confundido o seu nome, de Doutor Ernesto Seabra Muniz (rasura no u/o como Moniz), recusou-se a assinar a citação, como também recusaria a nomeação que na provisão episcopal estava Dr. Alberto Seabra Muniz.

Em 14 de janeiro de 1929, os autores encaminharam um requerimento ao Juiz desistindo da ação por terem entrado em acordo com o Bispo Diocesano e neste Termo, que foi transcrito pelo escrivão e testemunhado pelos autores, declaravam que *“desistiam, como de fato, desistido tem, da presente ação, interposta contra D. Andre Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros, afim de que sobre a mesma seja feito, digo, seja imposto perpétuo silencio.”*²²³

Realizando pesquisas nos livros de Atas da INSCV, localizamos o método encontrado para se chegar ao acordo. O Bispo solicitava que cada parte iria nomear um Juiz Arbitral para que se harmonizem como todos assim desejam. O Coronel Júlio Corrêa e Castro propôs que fosse aceita e que a irmandade nomeava e constituía como seu árbitro o irmão e embaixador Dr. Raul Fernandes e representando a Cúria Diocesana fora nomeado o Cônego Dr. Alcídio Pereira.

Mesmo buscando entrar em acordo, os membros exigiam a posse da mesa reeleita, convocando inclusive pela imprensa local a presença do padre para celebrar a missa votiva, até 13 de janeiro, que não a realizou por ordem do Bispo diocesano, que o proibiu de presidir tal ato.

No prazo dado para o padre realizar a missa foi apresentado o acordo feito entre o representante da irmandade e o do bispo, que determinava que, sendo uma instituição de fins religiosos, deveria viver sob as Leis da Igreja e nestes termos submeter-se reverente à autoridade do Bispo Diocesano. Sendo proposta pela irmandade e

223 Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 23 e v.

aceita pelo Bispo, como suficiente para sanar as divergências, deveria a mesa recém-eleita não tomar posse, desistir da ação possessória contra o bispo e se reunir para eleger a nova mesa. Estas exigências foram aceitas “paternalmente” pelo bispo; a irmandade por sua vez deveria demonstrar “seus sentimentos de filial submissão e de agradecimento pela benevolência com que facilitou o restabelecimento da harmonia nas relações com o bispado.”²²⁴

O que se conclui com estas exigências foi que a irmandade não só acatou as ordens superiores, como voltou a realizar suas atividades, respeitando o compromisso, inclusive com a realização da eleição da nova mesa e também da festa no dia da padroeira, e não em outros momentos por conveniência de seus membros.²²⁵

Agindo de forma diferente à experiência que passou a irmandade de Vassouras, a Irmandade de Paty do Alferes, desde a visita pastoral em 06 de outubro de 1895, realizada por Dom Francisco do Rego Maia, Bispo Diocesano de Niterói, que a encontrou em franca decadência, registrou no Livro de Tombo à folha 2

Recomendamos ao sr. Fabriqueiro que lance nos respectivos livros as contas da Fábrica que deverão ser-nos apresentadas até o fim do corrente ano, e à irmandade que se reúna em mesa até o dia oito de dezembro do corrente ano para nos propor a reforma do compromisso do contrário a consideraremos extinta (Stulzer, 1944, p. 49).

De acordo com os livros que pesquisamos na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes, verifica-se que a

224 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

225 Livro 2 de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Acervo do Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

escrituração da irmandade se encontrava bastante confusa, visto os três livros serem dos períodos 1844-1926, 1852-1880 e o último 1900-1944. E D. André da mesma forma impediu que os membros desta instituição continuassem a representá-la, o que resultou em outra ação judicial contra o bispo, o padre Leonardo Felipe Fortunato e Pedro Chaim.

Os membros da mesa administrativa, composta pelos irmãos Antão de Mello Bernardes, Mario Bernardes Pinheiro, Edmundo Peralta Bernardes, Ernesto da Motta Coimbra e Virgílio José da Cruz, respectivamente Juiz, Secretário, Tesoureiro, Procurador e Zelador, não concordando com a intervenção episcopal que, segundo sua defesa, já há alguns anos proibia que os membros da irmandade se reunissem na igreja, nomeara uma pessoa estranha à Irmandade para receber foros e taxas, além do Padre Fortunato ter se apossado dos bens patrimoniais.

Apesar da proibição de se reunirem na igreja, fizeram a reunião na casa do seu advogado de defesa Josué Werneck da Rocha e ali realizaram a eleição. Justificaram que poderiam se insurgir contra os poderes eclesiásticos, desde que estes houvessem exorbitado no poder que lhes era conferido e que a finalidade da existência da irmandade não se resumia ao culto à padroeira, mas também ao socorro dos irmãos que caíssem em pobreza, conforme definia o Compromisso.

Um dos irmãos presentes à reunião solicitou que a Mesa assumisse a administração dos negócios da irmandade e providenciasse “no sentido ser guardado no consistório da Igreja, com o devido carinho, depois dos reparos que necessita, a urna onde repousam os restos mortais do Capitão Mór, o maior benfeitor da Irmandade, cuja urna se acha em abandono em uma das dependências da igreja.”²²⁶ Percebe-se, por esse ato, o descaso com os restos mortais daquele que construiu e doou o patrimônio, mesmo

226 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 9v e 10.

sem ter sido membro da irmandade. Ainda assim, solicitava ao Juiz a intimação de três testemunhas, que pudessem colaborar no sentido de terem novamente a posse dos bens do patrimônio. Apenas duas testemunhas foram convocadas; nos depoimentos disseram que por volta de 1926 e 1927, o bispo de Valença havia decidido extinguir a irmandade, que o membro responsável pelo recebimento de taxas e foros era o Coronel Manuel Francisco Bernardes e que, após a sua morte, esta atribuição passou a ser de seu filho Lino Francisco Bernardes, que buscava organizar a administração. A terceira testemunha não foi convocada, acreditamos por ter o mesmo sobrenome Bernardes.”²²⁷

Contestando os autores da ação, D. André disse que vários indivíduos se dizendo irmãos da irmandade se reuniram na casa do advogado e elegeram uma nova diretoria da Mesa Administrativa, sem a observação da tramitação legal que continha no compromisso da instituição. Que apesar da realização da eleição, em suas palavras “simulacro de eleição”, a mesa administrativa foi eleita com a presença de pessoas estranhas à irmandade e, desta, apenas três membros, sendo um aclamado Juiz.

Defendendo os interesses eclesiásticos, o bispo concluía, de acordo com a legislação, que a ação judicial era nula, pois os autores eram partes ilegítimas. Que seu ato em dissolver a irmandade em 1927 referia-se à sua desorganização administrativa, que não se reuniam há mais de dez anos, não lavravam as atas das sessões e faltavam com o cumprimento para que fora criada, o culto à Nossa Senhora da Conceição. E lembrava a seus membros, citando a legislação, que as instituições desta natureza estavam sujeitas à autoridade episcopal, principalmente na parte religiosa, que é a parte principal e até essencial de tais sodalícios.

Discordando dos argumentos do Bispo, o Juiz de Direito não aceita a solicitação, devido a privação que os membros da irmandade

227 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 23 a 27v.

passaram para realizar a eleição e torná-la legal. Insatisfeito com a decisão judicial, D. André e os outros réus propõem que seja feita uma vistoria nos livros da instituição para provar que as pessoas que elegeram a nova diretoria não faziam parte da irmandade.

Em seu depoimento, o padre Fortunato disse que residia em Paty do Alferes desde 1895, na função de Vigário da Freguesia e que, apesar de existir a irmandade, esta por sua vez não se reunia; que tentando se reunir, procurou informar ao Bispo a intenção dos membros. O Bispo, ordenou que não consentisse em absoluto que a irmandade se reunisse no consistório da Igreja; que essa irmandade que desejava se reunir não era a irmandade antiga e sim a nova, visto que a antiga se achava extinta desde novembro de 1927, quando enviou a Paty do Alferes um representante, o padre Andre Moreira, que informou a extinção da instituição, a criação do Conselho das Fábricas e a nomeação de Pedro Chaim como tesoureiro do conselho.²²⁸ Citou diversas legislações, inclusive a constituição 115 de Clemente VIII de 09 de dezembro de 1604, onde os estatutos das irmandades deveriam estar sujeitos à aprovação dos Bispos e que seus atos estavam dentro dos limites de sua competência canônica. E que a partir da introdução do sistema republicano, o público e livre exercício do culto, sem a intervenção e interferência das autoridades civis no sentido de o culto dar, o ato episcopal, estava garantido conforme o art. 3º do Dec. 119A, de 07 de janeiro de 1890 e o art. 72, § 3º da Constituição Federal.²²⁹

Justificava ainda com uma sentença do juiz de Direito em São Luiz do Maranhão, em situação idêntica a esta, “que extinta a irmandade, os bens não poderiam ser partilhados pelos seus membros, visto que estariam abusando da boa-fé dos fiéis que

228 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 88-89.

229 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 107.

haviam contribuído piedosamente para um patrimônio que supunham sagrado, além de que tal procedimento seria a completa negação dos respeitáveis intuítos de uma agremiação fundada para o culto divino.”²³⁰

Reconhece o poder dos Bispos em dissolver irmandades e exemplifica alguns, como o caso da Igreja da Glória do Rio de Janeiro: na questão da Irmandade dos Mártires S. Crispim e S. Crispiniano. O governador do Bispado de S. Paulo dissolveu a Irmandade de Santa Ephigenia e Santo Elesbão. O Bispo do Maranhão, D. Xisto Albano, dissolveu a Irmandade de N. Sra. da Conceição, na Capital do referido Estado.

E conclui que

Seria manifesta incoerência proclamar o regime da completa liberdade religiosa, e depois pretender impor preceitos de ordem interna à Igreja Católica, declarar quais os poderes dos bispos no Brasil, em relação às irmandades, e estatuir outras regras em assunto da economia da mesma Igreja, e nos quais os cânones desta não contrariam as leis civis da nação.²³¹

Contrários à opinião do bispo, os representantes da irmandade defendiam que a instituição era uma associação mista e que poderia receber o amparo da lei civil, quanto ao poder temporal. Que era sabido ser a Mitra, portanto a Igreja, pessoa jurídica de Direito Privado e que assim não consideravam as irmandades mistas como ramificações da Igreja, pois eram pessoas jurídicas de direito privado e assim com capacidade para adquirir; que a

230 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 108v-111v.

231 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 108v-111v.

diferença entre as irmandades mistas e a Igreja está sujeita exclusivamente ao Direito Canônico, no que concerne a sua administração e vida íntima, e as outras, às leis civis e ao compromisso, na parte administrativa e patrimonial.²³²

Concluía que

o Bispo poderia suspender de suas funções a Mesa Administrativa, ordenar a eliminação de membros inimigos da Igreja, lançar-lhes interdito, dissolver a Mesa, desde que esta ou algum de seus membros da associação, não cumprissem os preceitos compromissos afeitos ao poder espiritual e só faltando-lhe, pois competência para extinguir irmandades da natureza da apelante.

Apesar de tantas considerações o Juiz de Direito da Comarca de Vassouras, Dr. Barreto Dantas, em 12 de janeiro de 1934, julgou improcedente a ação e condenou os autores ao pagamento das custas do processo.

Sobre o resultado desta ação, Frei Aurélio comenta que a sentença do então Juiz de Direito da Comarca de Vassouras, Dr. Barreto Dantas, favorável à Mitra, é uma página de erudição. Um encanto enfim para o estudioso (Stulzer, 1944, p. 50).

Apesar dos membros da instituição ainda recorrerem da decisão, a irmandade de Paty do Alferes atualmente não existe mais.

Considerações Finais

Com a implantação do sistema republicano no Brasil e em seguida a introdução de sua primeira Constituição Federal, em seu artigo 72, parágrafo 3º, instituiu o direito à liberdade religio-

232 Ação Possessória - 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus). Convênio: TJERJ e IPHAN. p. 132v-133.

sa; apesar da Constituição de 1824 contemplar este direito, não permitia que as outras denominações religiosas, com exceção da Igreja Católica Apostólica Romana, que era a religião oficial do Império, tivessem seus locais de reunião na forma exterior de templo religioso.

E, com o término do sistema do Padroado, a Igreja passou a se responsabilizar pelas despesas na manutenção do culto e de seu patrimônio. Como também as instituições religiosas ligadas a ela passaram a ser fiscalizadas mais de perto pelos Bispos Diocesanos, pois até este momento, entre elas destacamos as duas que analisamos, sempre tiveram a liberdade da administração sem a interferência episcopal imediata a qualquer ato contra os interesses da Igreja.

Vale lembrar que tal interferência também não era tão possível, visto a distância entre estes locais e a sede da diocese. E acostumados ao sistema do padroado, sempre conduziram estas instituições com toda a autoridade sem se preocupar com a intervenção dos Bispos.

Com a criação da Diocese de Valença, quis seu primeiro Bispo, D. André Arcoverde, colocar a administração destas irmandades em ordem ou extingui-las, como foi o caso da irmandade de Paty do Alferes, que não buscou um acordo como o fez a irmandade de Vassouras. Continuou na queda-de-braço judicial com o Bispo, declarando que este não tinha autoridade para extingui-la e que tinham o direito de recorrer ao poder civil para se proteger do abuso de poder. Entretanto, provou o Bispo, que além de ter autoridade para extingui-la, não podiam recorrer ao poder civil, pois tal tentativa demonstraria total inconstitucionalidade da ação.

Apesar da extinção da irmandade de Paty do Alferes, a de Vassouras ficou em intervenção até 2018, quando por iniciativa do Pe. José Antonio da Silva (atual Pároco e Provedor, anteriormente Interventor da INSCV) no dia 08 de dezembro desse ano retornou com as suas atividades com a posse dos novos membros, inclusive com atualização do compromisso, atendendo a legislação brasileira atual. Neste dia da Padroeira em Vassouras, o saudoso Bispo

Emérito de Valença, Dom Elias James Manning (ofm), presidiu a celebração. Vale lembrar que foi este mesmo bispo que solicitou a intervenção em Vassouras no início do seu bispado, nos anos iniciais da década de 90 do século XX, indicando o Monsenhor Pe. Pedro Higinio Dias Diniz, como primeiro interventor.

Uma questão que já estamos em construção com uma pesquisadora é a influência desta ação possessória proibitória de 1928 contra os membros da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras no testamento de 1930 de Eufrásia Teixeira Leite, uma vez que teve os irmãos Fernandes à frente como testamenteiros e inventariantes.

Referências

Fontes Primárias

Acervo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes:

Livros de Atas da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Paty do Alferes de referentes aos períodos 1844-1926, 1852-1880 e 1900- 1944.

Centro de Memória da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras e Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras – Dr. Joaquim José Teixeira Leite.

Fundo: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras

Livro 1 de Atas (1830-1878)

Livro 2 de Atas (1879-1932).

Escritório Técnico do Médio Vale do Paraíba do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Fundo: Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Ação Possessória Proibitória de 1928. Partes: Dr. Antonio José Fernandes Junior e outros (autores) e D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcante e outros (réus).

Ação Possessória de 1933. Partes: Irmandade de N. Sra. da Conceição da Freguesia de Paty do Alferes (autora) e Padre Leonardo Felipe Fortunato e outros (réus).

Bibliografia

AQUINO, Mauricio de. O conceito de romanização do catolicismo brasileiro e a abordagem histórica da Teologia da Libertação. **HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1485-1505, 2013.

BRASIL. **Constituição (1824)**. Constituição Política do Império do Brazil, de 25 de março de 1824.

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais**. São Paulo: Grupo Autêntica, 2008.

MACHADO, Lielza Lemos. **Vassouras, recanto histórico do Brasil**. 3. ed. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2006.

MATTOSO, Katia. **Bahia, século XIX - Uma província no Império**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.

MELO, Mauricio. Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição - No alto da colina, vigilante atenta das demais construções. *In: O Semeador em Revista*, a. IX, n. 12. Publicação da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Vassouras. Vassouras, Gráfica Palmeiras, 2009.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. **Redes de Sociabilidade em Vassouras no século XIX - O Caso Benatar**. Vassouras, Editor Autor, 2007.

MONTEIRO, Angelo Ferreira. Vassouras. Origens do Povoado até o Centenário de Elevação a Cidade. Mosaico – **Revista Multidisciplinar de Humanidades**, v. 3, p. 29-46, 2012.

MONTEIRO, Angelo Ferreira; MOURA, Ana Maria da Silva (Orient.). **O caso Benatar e as redes de sociabilidade no município de Vassouras no século XIX**. Vassouras, RJ, 2005. 131 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, 2005.

MOTTA, Márcia. **Nas fronteiras do poder**. Conflito e direito à terra no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.

REIS, João José. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). **História da Vida Privada no Brasil - Império: a corte e a modernidade nacional**. v. II. 3ª reimp. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SILVA, José Antonio; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras - 'Dr. Joaquim José Teixeira Leite'. In: **4º Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019, São João del-Rei. Anais do Congresso de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN - Número 4**. São João del-Rei: Coordenação de Pesquisa e Extensão do UNIPTAN, 2019. p. 459-468.

SILVA, José Antonio da; MONTEIRO, Angelo Ferreira. Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. **Revista Relicário**, v. 7, p. 222-231, 2021.

SOUZA, Alan de Carvalho. A insurreição escrava de 1838 fruto da instabilidade política, econômica e senhorial [?]. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 13, n. 3, p. 65-79, set./dez., 2022;

SOUZA, Alan de Carvalho. Nossa Senhora da Conceição da Roça do Alferes: doação, construção e rivalidade. **Mosaico – Revista Multidisciplinar de Humanidades**, Vassouras, v. 15, n. 3, Edição Especial, p. 25-37, set./dez., 2024.

SOUZA, Alan de Carvalho. **Querelas Políticas: Outra História no Caso Manoel Congo**, Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Severino Sombra (USS). Vassouras/RJ., 2008

SOUZA, Alan de Carvalho. **Terras e Escravos: a desordem senhorial no Vale do Paraíba**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SOUZA, Alan de Carvalho; SANTOS, Claudia Regina A. dos (Orient.). **Desordem senhorial no Vale Paraíba Fluminense na primeira metade do século XIX. Paty do Alferes/Vassouras: terras e escravos**. Vassouras, RJ, 2011. 123 p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Severino Sombra, Vassouras, 2011.

STULZER, Frei Aurélio. **Notas para a História de Paty do Alferes**. Paty do Alferes,

[s/e], 1944.

TAMBASCO, José Carlos V. **A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá - Um Abordagem social e econômica dos tempos da colonização.** Vassouras, Editor Autor, 2004.

XV. ASEPAVA e a rua dos excluídos

Isabel Cristina Rocha

Introdução

A Ação Social e Educativa da Paróquia de Vassouras – ASEPAVA é uma instituição de caráter filantrópico, sem fins lucrativos, com CNPJ nº 29.286.564/0001-14, ativo desde 1976, conforme descrito no RGI²³³ com as características que mantêm até a data presente, em sua sede própria.

Imóvel: Imóvel situado na rua Barão de Massambará, número 20, **antiga Barão do Tinguá**, no perímetro urbano desta Cidade, 1º Distrito Municipal, composto de prédio próprio para moradia, de pau a pique, forrado e assoalhado, e respectivo terreno próprio, medindo 8,50m de frente rua; por um lado com Eudoxia Dias da Motta, por outro com terrenos do Posto de Saúde Estadual e pelos fundos com quem de direito (RGI, 1986, grifos nossos).

No registro de seu Estatuto constava seu primeiro endereço à Rua Ana Jesuína nº 8, vizinho a Casa Paroquial, próxima a Igreja Matriz; quando da decisão de demolir esse imóvel foi obrigada a promover sua mudança para a Rua Barão de Massambará, nº 76, próximo ao Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras.

233 Cartório do 3º Ofício de Vassouras, Registro Geral de Imóveis, Livro 2-Y, p. 088, R.3, Matrícula 4.885 em 31/03/1986. Transmittente: Murillo Carlos de Freitas Moreira e sua mulher Alba Maria de Faria Barros Moreira, espólio de Adalmar Eurico de Freitas Moreira (autorizado por Alvará Judicial). Escritura de Compra e Venda, 2º Ofício, L. 119, fls. 165-167v, Ato 077 em 23/08/1985; re-retificada por outra do 1º Ofício, L. 72, fls. 82-83, 14/03/1986 (RGI).

Art. 1º - A “AÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA DA PARÓQUIA DE VASSOURAS, com a sigla “ASEPAVA”, fundada em 16 de fevereiro de 1976, nesta cidade de Vassouras, Estado do Rio de Janeiro, pessoa jurídica de direito privado, é uma sociedade religiosa de fins filantrópicos, não econômicos, de caráter beneficente, de assistência social e educativa, que tem por **finalidade a assistência aos necessitados** em geral, podendo dentro de suas possibilidades e na medida que suas circunstâncias o permitirem, criar e desenvolver quaisquer obras e atividades que se enquadrem nas suas finalidades sociais (Estatuto, grifo nosso).

A constatação da finalidade primeira da ASEPAVA reportou à autora para outros estudos, realizados anteriormente, que apontavam a rua Barão de Massambará (Figura 1) como território dos ‘necessitados’, dos excluídos da área nobre da antiga Vila fundada em 1833 e constituída como Cidade em 1857.

Figura 1 – Rua Barão de Massambará e Praça Sebastião Lacerda.



Fonte: Isabel Rocha, sobre ETMVP, PACCH – Oficina.

A ausência de uma arquitetura monumental, como aquela dos casarões no entorno da praça principal, a pequena dimensão das testadas dos lotes²³⁴ e as inúmeras intervenções realizadas ao longo do tempo, testemunham uma rua destinadas a camada menos abastada da sociedade. Na construção de uma leitura como “cidade procissão” visitada por ocasião do tombamento (Proc. 566-T-57), esse trecho da cidade seria o trecho final da caminhada da vida.

A distribuição espacial permite, portanto, observar “com clareza, [uma] correspondência lógica e sincera do viver e morrer em coletividade organizada”, tão bem registrada por Thedim Barreto e entendido por Jurema Arnaut, já citados. Pela linha longitudinal pode-se vislumbrar uma “cidade-procissão”, metáfora da própria vida. Procissão que brota aos pés da ampla praça da matriz, e desenrola-se até o repositório final no cemitério situado, literalmente, em seu extremo oposto. A trilha percorrida é arborizada, fornecendo refrigério aos caminhantes calejados pelo irregular calçamento em pé de moleque e lajedo de pedra, passando antes pelos espaços de sociabilidade, lazer, abastecer, conviver, morar e fazer.

[Nota 9] Curiosamente, por um período, o Teatro da cidade funcionou em imóvel junto ao largo do Cemitério que, na analogia aqui proposta, simboliza um ‘*grand finale*’ (ROCHA, 2011, p. 42).

O teatro seria a grande exceção nesse recolhimento pensado em direção à última morada, mas que se registre que os moradores da rua não teriam acolhimento nesse campo santo, visto ser des-

234 ASEPAVA (no número 76), por exemplo, com 8,50m de frente. As únicas exceções: Casa das 14 Janelas (no número 4) com 32,90m, e o Colégio Fernandes (no número 19) com 17,70m.

tinado apenas aos Irmãos. E ser fraterno era uma condição social a qual nem todos tinham acesso.

A Oficina e a ASEPAVA, deveriam cumprir algumas funções de memória, conforme definido nos projetos do PACCH²³⁵, o primeiro em relação ao abastecimento, ao albergue e ao horto, enquanto o segundo, reportaria à residência simples, comercial-fabril e a ação social (PACCH, 2015). Já, naquela ocasião, os estudos apontavam para a ocupação da rua pelos profissionais liberais e por serviços.

A antiga Oficina representando a infraestrutura urbana, não pelo uso pela qual ficou conhecida – Oficina Mecânica da Prefeitura –, mas sim pela cisterna que abastecia a cidade e pelo Albergue que um dia ocupou o imóvel. E a ASEPAVA pelo uso comercial ligado a indústria mortuária, indispensável para os seres vivos e situada a beira do cemitério da Irmandade.

Figura 2 – Vassouras, 1839.



Fonte: BN, cart164664, 1839

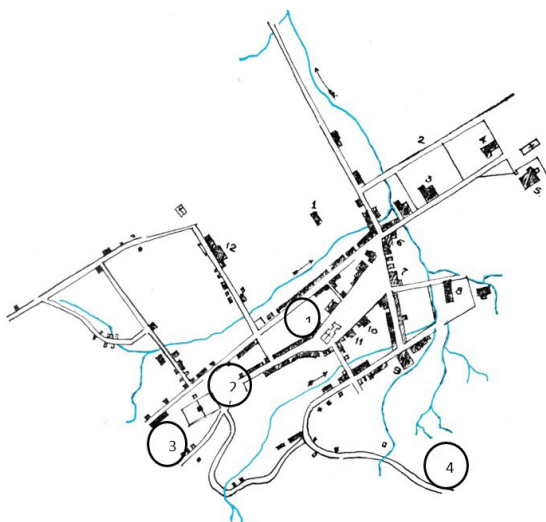
Na mais antiga representação da cidade (Figura 2), pode se observar a ocupação a frente da Igreja (de 1 a 4) desde os primeiros

²³⁵ Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas, no qual Vassouras foi uma das 40 cidades inseridas no PACCH em 2013 por ação do Escritório do IPHAN desde 2009.

anos da Vila, ao longo da Estrada da Polícia (1-4) que se dirigia ao Morro da Vaca e a ruela, depois rua Ana Jesuína (6). Na parte posterior da capela, apenas um largo com poucas edificações. Uma pedreira criava aí impedimento para o avanço da cidade nessa direção, no que pese a existência da estrada que vinha do Alto do Rio Bonito (5) com o trecho do “fura olho” atingindo a atual rua Caetano Furquim (3) com uma subida até a Igreja que ainda era uma pequena capela.

No registro seguinte, datado dos anos 1858/61, a Vila já havia se ampliado, comprovando o sucesso da empreitada do café; as fazendas produziram e a cidade crescera (Figura 3). As ruas já estavam mais bem definidas. D. Pedro já visitara a cidade e deixara recursos para a construção do Chafariz (1) na encosta da pedreira já rompida permitindo o acesso direto (2) ao Cemitério (3). Sobressaía a hidrografia existente na encosta formada pelo Morro da Vaca (4) que abastecia a cidade (Figura 3). E assim, em meados do século XIX, surge a rua que viria a ser do Barão de Massambará.

Figura 3 – Vassouras, 1858/61.



Fonte: sobre mapa BN, 1858/61.

A Rua Barão de Massambará, ex-Tinguá

Pouco se sabe das edificações da rua ainda no século XIX; uma litogravura de 1845/46 retratou o trecho equivalente à Praça Sebastião de Lacerda com casas simples, térreas (Figuras 4 e 5).

Figura 4 – Villa de Vassouras, 1845/1846



Fonte: BN, gravura 918.153, det.

Figura 5 – Praça Sebastião de Lacerda, 1846.



Fonte: Reconstituição de Isabel Rocha sobre ETMVP, 1986.

Esse trecho sobreviveu até a primeira metade do século XX (Figura 6); apenas a casa que pertencera a João Evangelista Teixeira Leite (14 Janelas) sofrera a ampliação promovida pelo Barão do Amparo.

Figura 6 – Praça Sebastião de Lacerda, s/d.



Fonte: ETMVP, Coleção Paulino Mattoso.

Essa arquitetura simples, da casa térrea, ao rés do chão, geminada, foi replicada ao longo da recém-aberta rua que interligou a praça atrás da igreja até o cemitério (Figura 7), cuja denominação no início do Século XX era Barão do Tinguá.

Figura 7 – Rua Barão do Tinguá, in. s. XX.



Fonte: IPHAN, Coleção Noronha Santos, 48.706, s/d.

Esse conjunto é possível de reconhecer na paisagem, apesar das inúmeras alterações que as casas sofreram (Figura 8); a ASEPA-VA foi a que se manteve mais íntegra, seja na divisão interna, seja em seu volume, embora a sua gêmea tenha sido bastante modificada, inclusive na cobertura (extremo à esquerda da imagem). No lado oposto, dois conjuntos de imóveis geminados, também sofreram alteração na cobertura e de acabamento. A esquerda desses, a casa da família de Fazio que guarda muito dos valores do século XIX; apenas o telhado, que aparenta ter perdido em altura. Os demais tiveram suas esquadrias trocadas, além das alterações de telhado.

Figura 8 – Rua Barão de Massambará, lado par, 2008.



Fonte: Isabel Rocha sobre ETMVP, 2008.

O lado ímpar da rua manteve a integridade por mais tempo (Figura 9) perdendo o teatro construído no século XIX que ainda estava presente em 1974 (Figura 10).

Figura 9 – Rua Barão de Massambará, lado ímpar.



Fonte: Eurico Calventes, IPHAN F096327, 1974.

Figura 10 – Teatro, Rua Barão de Massambará, lado ímpar.



Fonte: Eurico Calventes, IPHAN F096327, 1974.

O conjunto arquitetônico, repetia o padrão de casas térreas, geminadas, com o ritmo típico do classicismo do Século XIX (Figura 11). Nesse caso, alterações no telhado e esquadrias à esquerda, e perda de dois blocos à direita, provavelmente o Teatro, que foi possível reconstituir e, ao centro, a única casa afastada do terreno, com grande recuo em relação a rua.

Figura 11 – Rua Barão de Massambará, lado ímpar.



Fonte: Isabel Rocha sobre ETMVP, 2008.

A profusão de lotes do trecho, típica das cidades desde os tempos coloniais, ficou registrada na Planta Cadastral de 1932 na qual a Irmandade de Nossa Senhora da Conceição delimitou a parte da cidade que lhe era foreira, e ainda o é até os dias atuais. Ressalta-se que esse limite, dado quando da criação da Irmandade na primeira metade do século XIX, permite confirmar que a pe-

dreira impedia o avanço para além da praça Sebastião de Lacerda, cortando a então rua Barão do Tinguá ao meio (Figura 12); assim, o imóvel da ASEPAVA, a Oficina e até o Cemitério da Irmandade se situavam fora da área foreira.

Figura 12 – Terrenos foreiros, Rua Barão de Massambará.



Fonte: Isabel Rocha sobre Planta Cadastral, 1932.

Os ilustres invisibilizados moradores da rua

Embora na Planta Cadastral de 1932 (Figura 12) constasse como rua Barão do Tinguá, toda a extensão da rua desde a lateral da Igreja até o Cemitério da Irmandade o talonário de Imposto Predial entre 1896 e 1920²³⁶ comprovou a divisão entre as ruas Barão do Tinguá e Barão de Massambará.

²³⁶ O fichamento desses talonários foi feito pelo servidor público municipal, Newton Littleton Lage Filho.

No trecho correspondente à rua Barão de Massambará, entre a rua Rodolfo Leite e a praça do Cemitério da Irmandade, a divisão dos lotes criou pequenas faixas, estreitas e longas propriedades, situação bem diferente da área equivalente à Praça Sebastião de Lacerda, incluídas as ruas laterais da Igreja matriz, estendendo até a esquina da atual rua Edgar Costa (Quadro 1).

Quadro 1 – Número de imóveis nas ruas em estudo.

Imposto Predial (1896 e 1920)	Imóveis
Barão do Tinguá, par	24
Barão do Tinguá, ímpar	20
Total	44
Barão de Massambará, par	53
Barão de Massambará, ímpar	33
Total	86
Fonte: Isabel Rocha sobre APMV	

O período pesquisado corresponde a virada do século XIX para o século XX, tendo sido possível levantar os nomes dos proprietários ao longo das duas ruas. Investigando esses nomes nos Registros paroquiais e nos Processos de Casamento conservados no Centro de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras (PNSCV) algumas características de diversos personagens surgiram, permitindo uma análise sobre alguns deles.

No trecho em torno da Matriz e da praça Sebastião de Lacerda, apareciam os nomes das famílias abastadas e influentes, como Barão do Amparo, genro de João Evangelista Teixeira Leite,

proprietário da casa das 14 janelas; Ana Jesuína Cândida Teixeira Leite proprietária herdeira da casa do Barão de Itambé, onde residiu por um período Antônio Corrêa e Castro, artista plástico. Mais adiante, Antônio José Fernandes e seus herdeiros, advogado e proprietário fundador do Colégio Fernandes, que junto ao irmão, Raul Fernandes, fizeram o inventário *post mortem* de Eufrásia Teixeira Leite; Luiz Pinheiro Werneck, major da Guarda Nacional, também residia nesse trecho da cidade, que lhe homenageou com a denominação da rua à esquerda da Matriz; outro militar residiu nesse trecho, Tenente Gustavo Baptista Machado. E o genro do próprio Barão do Tinguá, constavam da listagem. Alguns nomes de imigrantes apareceram nesse trecho: Manoel de Medeiros Vagens e Florentino Alves de Oliveira, portugueses; Vicente Pisani, italiano, e Antônio Grecco, além dos padres que habitaram a Casa Paroquial, na esquina com a rua Ana Jesuína.

No trecho equivalente à atual rua Barão de Massambará, objeto do presente artigo, foram identificados 109 proprietários diferentes, tendo sido localizadas informações sobre 43, pouco menos de 50%, proporção que permitiu classificar alguns grupos e as exceções de praxe. A citação do número do imóvel só permite situar o imóvel no início, meio ou final da rua, visto que foram muitas as alterações ao longo do século XX.

O primeiro proprietário que sobressaiu da listagem, foi o nome da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário entre os anos de 1903 e 1907, na rua Barão de Massambará, nº 12. Enquanto o número 2A o imposto cobrado foi suspenso em 1907, por estar em ruínas o imóvel. Propriedades atribuídas à imigrantes foram muitas na rua, sobressaindo os italianos e portugueses (Quadro 2) que se casaram em Vassouras.

Quadro 2 – Estrangeiros na Rua Barão de Massambará

Nome	Naturali- dade	Data	Fonte
Domingos La- becca	Itália	26/02/1876	Lo4, p. 01
Affonso Malfe- tano	Cosenza, Itália	1882	Proc Casamento
Vicente Pisani	Palermo, Itália	1885	Proc Casamento
Domingos Man- daro	Itália	Dados não localizados	
Salvador Man- daro	Itália	Dados não localizados	
Vicente Labecca	Itália	21/04/1891	Lo4, p. 144v
Victor Martu- chelli	Itália	16/11/1899	Lo5, p. 29
Fr ^{co} de Almeida dos Stos	Portugal	14/06/1851	Lo2, p. 85v
Carolina Augus- ta da Silva	Marido por- tuguês	21/02/1852	Lo2, p. 94v
João de Lima Costa	Portugal	1857	Proc Casamento

Domingos dos Santos	Portugal	21/06/1873	Lo3, p. 156v
João Machado Tostes	Ilha 3 ^a , Portugal	16/07/1883	Lo4, p. 44
Agostinho José do Amaral	Portugal	29/08/1885	Lo4, p. 58v
Miguel Onofre	Espanha	28/04/1917	Lo6, p. 04

O casamento do português João Machado Tostes em 1883 foi objeto de notícia em primeira página do jornal local, segundo pesquisa de Vieira (2025, p. 49 e seguintes), destacando o fato dele ter comprado a alforria de sua futura esposa, Thereza; o casório se realizou na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A rua acolheu outros libertos, pelo menos mais três casais formados por escravizados que alçaram à liberdade, tanto o marido quanto a esposa.

O Processo de Casamento do senhor Marcos Leite, provavelmente se reporta ao Marcos Leite de Macedo, morador à rua Barão de Massambará nº 68, tendo ele assumido o sobrenome do seu *dono*, como era bem comum no século XIX; sua senhora era igualmente escravizada na data do enlace, embora esse registro não tenha sido encontrado.

Em 16 de Junho de 1884, casou-se Marcos Leite, filho legítimo de Thomaz e Claudina, natural da Bahia, de idade de 46 annos, escravo de Francisco Leite de Macedo Bitencourt, com Gabriella Maria, filha natural de Marianna, natural dessa Freguesia, 34 annos, mais ou menos, escrava de D. Maria Amélia Barreto Bitencourt, foram padrinhos D. Maria da Gloria Bitencourt, Damasio da Fonseca Lima e Francisco Leite de Souza (Processo de Casamento, 1884).

Outros registros não suscitaram dúvidas, o Imposto Predial informou a situação do contribuinte, como no caso do proprietário do número 72, senhor Juvêncio, liberto. Sem outras informações, não foi possível encontrar seus dados, ao contrário do residente ao número 19, o senhor Adão Felisberto Gomes; segundo seu registro de casamento, ocorrido na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição em 28/11/1887, era *preto liberto* assim como sua esposa.

[...] se receberão em matrimônio por palavras do presente, Adão Felisberto Gomes, preto liberto, natural da Costa da África, e batizado nesta Freguesia de N. S. da Conceição de Vassouras, com Albina liberta, filha natural de Victoriana, natural e baptisada na Freguesia de N. Senhora da Assumpção da Cidade de Camamu da Província e Arcebispo da Bahia ex escrava de Antônio José de Abreu [...] (LO4, p. 74)

O casamento do senhor Júlio Leite Ribeiro, ocorrido em 22/05/1882, igualmente registrou outra união celebrada na matriz, com origem na escravidão, o noivo natural da África; fora escravizado do “finado Visconde do Araxá”, enquanto a noiva, Vitória, nascida em Vassouras, era filha natural de Maria, escravizada de Laurentina de Monte Sayão (L. 04, p. 37). O casal residiu no nº 02A. Novamente, o escravizado foi registrado com o sobrenome de seu *dono*, Domiciano Leite Ribeiro, o Visconde de Araxá.

Além desses, a senhora Carlota Mathoso Cunha, recolheu imposto no ano de 1912, para o número 23, época em que estivera casada com o poeta e espírita Casimiro Cunha (LO2, p. 49v). A senhora Albertina de Araújo Vargas e seu marido eram viúvos por ocasião do enlace em 1899 (LO5, p. 26v). Em 1895, em uma cerimônia coletiva de casamento, com dispensa dos proclamas autorizado pelo Bispo Diocesano em visita pastoral, uniram-se Juvêncio Antônio Rodrigues e Amélia Honória Corrêa, ele um jovem viúvo e ela filha natural de Anna (casa nº 66). Os filhos naturais eram aqueles em que o nome de um dos pais não era registrado

ou, mais comumente, não fora oficializado o casamento religioso.

Dois empregados residiram aí, o Escrivão da Justiça, João Corrêa de Figueredo (nº 9), e o caseiro da chácara de Eufrásia Teixeira Leite, que plantou a hera com a qual a casa ficou conhecida, Manoel da Silva Rebello (nº 4).

Na continuação da rua, na esquina com a praça Cristóvão Corrêa e Castro, a referência da presença do Teatro (Figura 10) não foi confirmada pela leitura dos talões de imposto predial. Duas possibilidades podem explicar o fato: o uso do imóvel permitir a isenção desse imposto ou não ser localizado no imóvel identificado pelo IPHAN em 1974, o que é pouco provável, posto que ele ainda estava lá e povoava a memória coletiva.

Na mesma calçada, contornando a praça, onde esteve a Oficina Municipal funcionou dois serviços para os quais concorreu a eleição de Maurício de Lacerda para alcaide municipal. O primeiro e mais antigo, o abastecimento de água, preocupação que motivou a construção do Chafariz Pedro II no final da década de 1840 e que aparece no mais antigo registro fotográfico, até o momento, da antiga cisterna com as águas da represa da Barra Funda em 1915 (Figura 13).

Figura 13 – Depósito de água na Praça Cristóvão Corrêa e Castro.



Fonte: PMV, 1915-1917, foto 14.

O segundo um Albergue, relativo a outro tema recorrente nesse período, os pobres – abrigá-los era questão essencial para Vassouras. Nessa questão se envolveu uma agremiação carnavalesca – os Tenentes do Diabo – que lançou campanha para a construção do Albergue dos Pobres a partir de 1916.

Pró-mendigos [...]

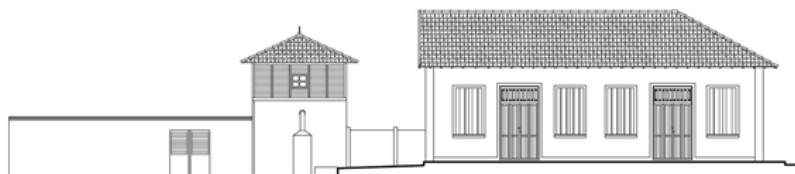
Despertou justificadas sympathias a noticia da idèa aventada por um dos grupos carnavalescos de Vassouras da fundação de um asylo destinado ao alojamento da mendicidade. E tal Idea não pode nem deve ser abandonada, tão triste é a situação em que se encontram esses infelizes. A creação desse falado asylo é um problema cuja solução desde há muito tempo se impõe, como necessária medida de saneamento moral e material da cidade e a bem dessa misera cohorte [sic] de pedintes que perambula diariamente pelas vias publicas, offerecendo um espectaculo nada edificante aos alheios olhos de quantos visitam Vassouras. [...]

Não edificaremos um palacete custoso, é bem de ver; mas um modesto prédio, amplo e hygienico, asseiado e confortável. É uma obra meritória, cuja consummação desejamos ardentemente. Por isso mesmo não nos furtaremos ao grato ensejo de concorrer com o auxílio embora limitado de que dispomos para que seja levado a effeito dentro e breve tempo a grandiosas obras [...] (O Vassourense, 26.02.1916, p. 1).

A campanha contou com o apoio da família Labecca (O Vassourense, 26.08.1917, p. 2), de origem italiana e moradora na Rua Barão de Massambará, como acima tabulado (Quadro 2). Analisando as técnicas construtivas desse imóvel pode-se reconstituir

sua planta e sua elevação (Figura 14).

Figura 14 – Reconstituição da fachada do Depósito e Albergue dos Pobres, depois de 1917.



Fonte: Isabel Rocha e Thais de Oliveira, 2015.

Antes ainda, a praça Cristóvão Corrêa e Castro abriga até hoje o monumental Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição que teve importante participação e contribuição nos anos da epidemia de febre amarela, obrigando a criação do Cemitério comunal no *Quenta Sol*, na década de 1880. O jornal perpetuou a atuação dos homens para minimizar o sofrimento dos enfermos e suas famílias naquela ocasião.

Foi durante esses longos e penosos dias, quando todos estavam mergulhados em meditações angustiosas, que tivemos ocasião de testemunhar a abnegação com que alguns dos nossos conterrâneos affrontaram o perigo com o único fim de salvar a vida dos infelizes atacados da epidemia.

Por toda a parte se encontrava um sacerdote, revestido de seus hábitos talarés, que, zeloso da sua sagrada missão sobre a terra, ungia aqui um moribundo, confessava ali um doente, em todos os logares animava os sãos: este sacerdote é o venerando Vigário Conego Lino da Silveira Gusmão (O Município, 07.10.1907, p. 1).

Na indústria da morte, uma fábrica de caixões era fundamental para permitir o enterramento, a Empresa Funerária de Martuchelli & P. Mattoso, situada à Rua Barão de Massambará em 1912, informava aos clientes desta *antiga e acreditada* casa comercial, que estava reduzindo os preços. A partir de então passaria a fabricar caixões de 4^a a 8^a classe de cetineta e chita²³⁷, com preços variando de 20 a 40\$000 réis. Para fins de comparação, um caixão de primeiríssima classe alcançava o valor de 350\$000 e o de 3^a classe para adultos, revestido de veludo, atingia a quantia de 100\$000 (O Município, 25.04.1912). A fábrica funcionou por algumas décadas no n° 76, bem defronte ao Cemitério e, nesse sentido, aos invisibilizados se somavam aqueles que de fato ficaram invisíveis.

Retornando ao início da questão, em 1976 a ASEPAVA comprou o imóvel à rua Barão de Massambará, n° 76 sem conhecer a história local e assim trouxe de volta à rua os ignorados, invisibilizados e desvalidos. Sem a função de hospedagem, recuperou a ação assistencialista, atendeu às pessoas em situação de rua, aos andarilhos e aos trecheiros, promovendo pequenos cursos profissionalizantes, distribuindo roupas, fármacos e acessórios, promovendo asseio e atendimentos no Posto de Saúde seu vizinho. Os recursos advinham de subscrições na cidade, da contribuição de associados e dos irmãos, de eventos tipo quermesses, rifas, bingos, festas e de campanhas.

Em 2008, o imóvel sofreu sério risco de desaparecimento quando um espécime de jacarandá existente defronte a Policlínica tombou em sua direção, tendo sido removido pelo Corpo de Bombeiros do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação dessa arquiteta (Figura 15).

237 Tanto a cetineta quanto a chita eram tecidos utilizados para revestir os caixões, a primeira mais leve, um cetim de menor preço e a chita era de algodão estampado.

Figura 15 – Queda de árvore sobre a ASEPAVA, 2008.



Fonte: Isabel Rocha, 2008.

Vinte anos depois de iniciado o PACCH, enfim, conseguiu realizar a restauração do imóvel com recursos do Governo Federal da ordem de R\$ 730.814,11 tendo sido inaugurada em 26/10/2018.

A última rua aberta na antiga vila de Vassouras, abrigou pessoas do cotidiano da cidade, sem distinção, aqueles que formaram a base que sustentou a elite escravagista cafeicultora, com os ranços que subsistem até o presente, o racismo estrutural e social, aqueles que não frequentam os livros de história de forma geral, menos ainda as matérias jornalísticas nas quais se divulgam a cidade.

Referências

Fontes Primárias

BN – Biblioteca Nacional. Carta Corographica da Província do Rio de Janeiro. Conrado Jacob de Niemeyer, Henrique Luis de Niemeyer Bellegarde, Julio Frederico Koeler e Carlos Rivierre, 1839.

BN – Biblioteca Nacional. Carta Corographica da Província do Rio de Janeiro, mandada organizar por Decreto da Assembleia Provincial de 30 de outubro de 1857 e pelo Presidente da mesma Província o Exm^o Snr. Cons^{ro}. Antônio Nicoláo Tolentino, encarregada aos Engenheiros Pedro d'Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob Niemeyer. 1858 a 1861.

RGI – Cartório do 3º Ofício de Vassouras, Registro Geral de Imóveis, Livro 2-Y, p. 088, R.3, Matrícula 4.885 em 31/03/1986.

ARQUIVO Nacional. P. M. V. Obras 1915-1917. Álbum Iconográfico da Cidade de Vassouras.

ARQUIVO Noronha Santos. PASTA Vassouras.

ARQUIVO **Público Municipal de Vassouras – APMV**. IMPOSTO Predial, talonários de 1896 a 1920.

JORNAL O Vassourense: 04.03.1916; 26.02.1916; 26.08.1917

JORNAL O Município: 07.10.1907; 25.04.1912

CENTRO de Memória da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição – PNSCV. Estatuto da ASEPAVA, acervo da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Vassouras.

PARÓQUIA de Nossa Senhora da Conceição – PNSCV. LIVROS de Registros de Casamento números 03, 04 e 05.

ARQUIVO do ETMP. PLANTA Cadastral dos terrenos pertencentes à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, levantada pelo Agrimensor José Bento Martina Barbosa, no ano de 1932

PACCH, 2015. Projeto de Restauração da Antiga Oficina, Vassouras, RJ, Praça Cristóvão Corrêa e Castro, s/nº. Histórico da Antiga Oficina, Drª Isabel Rocha. Vassouras: ETMVP, 2015.

Bibliografia

ROCHA, Isabel. Experiência na gestão de um centro histórico de pequeno porte: Vassouras (RJ). *In: Anais do I Simpósio Fluminense de Patrimônio Cultural-Científico: Planos integrados de preservação / Organização de Carla M. Teixeira Coelho; Claudia S. Rodrigues Carvalho; Inês El-Jaick Andrade; Renato Gama Rosa Costa.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ; FCRB; FAPERJ, 2011. p. 35-48.

VIEIRA, Ana Paula Delgado. **A Memória Arquivada da Igreja Nossa Senhora do Rosário Em Vassouras/RJ.** Dissertação de Mestrado do PPGPCS da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Inédito. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2025.

XVI. O Estatuto da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras de 2018: Atualização Jurídica e Ampliação Participativa da Representação Social do “Compromisso” de 1901

José Roberto Fani Tambasco

A Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, constituída no ano de 1829, é um marco referencial na fundação do município de Vassouras, RJ. Guardiã de parte expressiva do patrimônio histórico material e imaterial municipal é a responsável pela conservação da Igreja Matriz; pelo Cemitério Nossa Senhora da Conceição; pelo acervo de arte sacra exposto na Igreja Matriz; pelos arquivos paroquiais históricos dos registros de nascimentos, casamentos e óbitos; além de manter o direito real de enfiteuse em inúmeros imóveis no centro histórico remanescentes das terras que lhe constituíram por doação em sua formação. Sua história é a representação da evolução dos costumes sociais e religiosos dos últimos quatro séculos no Vale do Café Fluminense.

Organizada juridicamente desde a fundação por meio de “compromissos”, por determinação legal do novo Código Civil de 2002 passou a se constituir no ano de 2018 como associação civil e reger-se por meio de um estatuto. A atualização de sua organização estatutária, “compromisso” de 1901, legado jurídico do jovem jurista Raul Fernandes, mais tarde expoente nas esferas política, jurídica e diplomática brasileira, requereu não somente sua necessária adequação aos normativos legais, mas, sobretudo, um olhar sensível da Diocese de Valença aos novos costumes sociais e religiosos, que restaram evidenciados no novo estatuto através do amplo acolhimento das mais diversos segmentos da sociedade em sua composição e também como um exemplo de combate à intolerância religiosa.

Introdução

Com o desbravamento da Serra do Mar no final do século XVII, sua ocupação inicia-se no século seguinte, em regra, pelos migrantes oriundos do ciclo da mineração nas Minas Gerais, desenvolvendo-se em torno de seus primeiros caminhos, loteados em sesmarias²³⁸, fazendas voltadas às mais diversas atividades agropecuárias com finalidade econômica para promoção do abastecimento da província (Santos, 2012, p. 33).

Eram portugueses ou descendentes, para quem, segundo Riolando Azzi (1987, p.19), a “fé católica constitui uma conotação essencial da monarquia portuguesa”, haja visto que “Portugal surgiu como nação através da luta contra os mouros, infiéis. E essa luta tinha a sua razão de ser em motivos que eram ao mesmo tempo políticos e religiosos: a instauração de um reino que fosse imbuído pela fé católica”. Das tradições portuguesas mantiveram “a sua devoção à Nossa Senhora, sob todas as evocações, mas principalmente Nossa Senhora da Conceição, desde 1646 padroeira de Portugal e seus domínios” (Tambasco, 2004, p. 41).

A Serra do Mar passa a se organizar politicamente no ano de 1739 com o surgimento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Serra Acima da Roça do Alferes, que em setembro de 1820, por provisão real, é elevada à categoria de Vila com o nome de Paty do Alferes, seguida pelo surgimento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família, por provisão de 18 de julho de 1750, e por fim, em 1833, a criação da Vila de Nossa Senhora da Conceição do Rio Bonito e Vassouras (Tambasco, 2004, p. 30/31).

Segundo Fernando Mattoso Bittencourt (2001, p. 22) “a construção da Igreja Matriz de Vassouras e o consequente surgimento da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição são fatos intimamente ligados”, cabendo, ainda pelo autor, ressaltar, por

²³⁸ Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens.

suas inestimáveis contribuições os protagonismos históricos de Custódio Texeira Leite (Barão de Aiuruoca -1855), seu sobrinho Francisco José Texeira Leite (Barão de Vassouras - 1871); o Coronel Ambrósio Coutinho e o Guarda Mór João Texeira Gomes.

A idealização da construção inicial de uma capela, nasce com a doação de 360 braças de terras por João Teixeira Gomes em 1827, que seriam permutadas, por outra porção de terras localizadas onde hoje se encontra a igreja matriz, com o Barão de Vassouras, às margens da Estrada da Polícia²³⁹ cujo registro cartorial da transação somente ocorreu em 1830.

O início das obras se deu no ano de 1828 por meio de subscrição agenciada pelo Barão de Vassouras e sob a responsabilidade do Barão de Aiuruoca e do Coronel Ambrósio, que viria a ser o procurador geral da Igreja de Nossa Senhora da Conceição por aclamação da população.

A Capela-Mór restou concluída em fins do ano de 1829, ocasião em que foi constituída pelo Coronel Ambrósio uma irmandade denominada Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Sacra Família (Bittencourt, 2001, p. 23).

Esta irmandade, por sua importância na organização social e política do município de Vassouras, foi organizada e regida inicialmente por meio de um instrumento jurídico denominado “compromisso”, aprovado inicialmente no ano de 1829, o qual recebeu alterações de acordo com as transformações históricas, jurídicas e sociais ocorridas através dos séculos XIX, XX e XXI.

A Irmandade passou da circunscrição eclesiástica da Diocese de Petrópolis para a circunscrição da recém fundada Diocese de Valença no ano de 1925, alcançando sua conformação normativa atual por meio de seu estatuto de 2018, sendo os registros destas transformações legais e sociais, assim como a importância destas repercussões, o objeto do presente trabalho.

239 TELLES (1968, p. 12): “[...] aberta por volta de 1820 – Subia a Serra do Mar, entre as estradas do Comércio e do Rodeio (...) À sua margem, vão surgir, em torno das capelas de N. Senhora da Glória e de N. Senhora de Conceição, as vilas de Valença e de Vassouras.”

Irmandades como elementos de representação social

Segundo Caio César Boschi (1986, p. 12), no que se refere à origem das irmandades, “a Baixa Idade Média presenciou o desabrochar dessas comunidades fraternais.” Quanto às suas naturezas o autor ainda indica que apesar de “nascidas sob a inspiração e a égide do poder espiritual, logo se pautaram por um sentido nitidamente laico”.

Boschi (1986, p. 14) define as irmandades como “agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social”, possuindo ampla variedade de terminologia apta a designar-lhes: “*confraternitas, sodalitas, sodalitium, confraternitas laicorum, congregatio, pia unio, societas, coetus, consorciatio*”.

Salles (2007, p. 48), em complementação, ao entendimento dos conceitos terminológicos, esclarece que o Código do Direito Canônico de 1917²⁴⁰ era “uma compilação e remodelação de todas as leis canônicas até aquela data [...] um resumo do que a igreja tem estabelecido como os deveres essenciais dos seus fiéis tanto individualmente como coletivamente”, no que se refere às Ordens Terceiras, Irmandades e Confrarias. Concluindo, em p. 52, que a Coroa, por meio do direito canônico e da sua própria legislação, “para despertar o interesse dos grupos sociais pelas Irmandades, propiciava uma série de regalias e direitos” tais quais a propriedade “coletiva” das capelas, igrejas, cemitérios; animais de sela; imagens; utensílios; mobiliário, assim como dos seus escravos.

O Almanak Administrativo e Mercantil Laemert em p. 115, compilado por Braga (1975, fls. 57) referente ao ano de 1856, registrava a existência no município de Vassouras de cinco irmandades religiosas: Santíssimo Sacramento; Nossa Senhora da Conceição; Nossa Senhora da Boa Morte; Misericórdia e a do Rosário. Havendo

240 O Código de Direito Canônico de 1917, que entrou em vigor em 1918, foi substituído pelo Código de Direito Canônico de 1983, ainda em vigor, a par do Código dos Cânones das Igrejas Orientais de 1990.

registros em Vassouras da existência de uma Capela e Confraria em reverência a Nossa Senhora do Rosário²⁴¹, com localização no alto do Rio Bonito, cuja documentação indica sua existência já no ano de 1854 (Conceição, 2015, p. 70).

Mesmo com o fim da instituição do padroado²⁴² diante do novo regime republicano de 1889, essencialmente laico²⁴³, as irmandades religiosas não deixaram de cumprir sua função social, tanto no exercício da assistência específica de seus membros ou assistindo amplamente à coletividade como no caso das Irmandades da Misericórdia²⁴⁴, assim como na gestão de seus patrimônios, que de certa forma misturam-se com a história de muitos de nossos municípios, sobretudo no caso da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, que de forma indissociável, constitui-se, ao mesmo tempo guardiã e fonte do riquíssimo patrimônio material e imaterial do município de Vassouras.

2. O “compromisso” de 1901

Segundo Bittencourt (2001, p. 23), com a conclusão da Capela-Mór em 1829 o Coronel Ambrósio de Souza Coutinho providenciou a constituição de uma irmandade com a denominação de Irmandade de Nossa Senhora da Conceição de Sacra Família, cuja

241 Para Dilermando Ramos Vieira (2016, p. 73) coube às irmandades de negros e pardos, pela associação de seus membros oriundos das mais diversas regiões africanas, contribuir notavelmente para a sobrevivência dos cultos tradicionais das religiões de matriz africana, influenciando, desta forma, consideravelmente na origem do sincretismo religioso brasileiro.

242 O Padroado é o direito concedido pelos papas aos reis de Portugal de administrar os assuntos religiosos nas terras além-mar. Este direito começou a ser concedido no século XV quando Portugal começou a expansão ultramarina.

243 Decreto nº 119 -A de 07 de janeiro de 1890: Proíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados Federais em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de culto e extingue o padroado, e estabelece outras providências (Brasil, 1890).

244 Para melhor conhecer a história das Irmandades da Misericórdia indicamos: Guias dos arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil: (fundadas entre 1500 e 1900). (Khoury, 2004)

primeira composição foi composta por Manoel de Avellar como juiz, Laureano Correa e Castro (Barão de Campo Belo em 1854) como secretário e o próprio Ambrósio como procurador, tendo sido elaborado o primeiro “compromisso” que foi submetido à apreciação do Imperador Dom Pedro I, que o aprovou em 18 de dezembro de 1829, segundo inscrição na primeira página do Livro nº 1 do Registro de Irmãos.

Criada a nova Vila de Vassouras, por Decreto da Regência em 15 de janeiro de 1833, a Irmandade passa a denominar-se Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras (Bittencourt, 2001, p. 24). Ainda conforme Bittencourt (2001, p. 25) no ano de 1839 foi elaborado um novo “compromisso”, que foi confirmado pelo Governador da Província em 22 de fevereiro de 1840, conforme inscrito no Livro de Registro de Títulos e Documentos, fls. 1. Cabe ressaltar que ambos os compromissos não foram localizados estando os seus conteúdos ainda em completo desconhecimento.

Diante de um surto de febre amarela no município de Vassouras no ano de 1880 e consequente suspensão das inumações no Cemitério Nossa Senhora da Conceição, administrado pela Irmandade desde 1848, o qual permaneceu interditado entre 1881 e 1913, ocorreu um período de suspensão das atividades administrativas da Irmandade.

Passado o período crítico da epidemia, no ano de 1901, com a renovação do quadro de irmãos, foi nomeada uma comissão para a reforma do “compromisso”, a qual foi constituída por Rodolfo Jacinto Mattoso Câmara, Luiz Pinheiro Werneck e pelo jovem jurista Raul Fernandes, que mais tarde viria a ser uma expoente nacional nas esferas jurídica, política e diplomática, tendo sido o texto aprovado na sessão realizada em cinco de maio e confirmado pelo Bispo de Petrópolis, Dom Francisco do Rêgo Maia, em 12 de agosto de 1901 (Bittencourt, 2001, p. 29), com registro em 06/12/1938 no livro de notas nº 39, fls. 032v/033 do Cartório do 4º ofício de Vassouras (Vassouras, 1938).

Trata-se de instrumento jurídico estruturado em onze capí-

tulos dispostos em oitenta e dois artigos, cuja ordem se configura na seguinte forma: Capítulo I (artigos 1º a 6º) Da Irmandade e seus fins: indicação expressa de que seu principal dever e de seus irmãos é o culto à sua padroeira, além de conter disposições para a reorganização da instituição com “re-inscrição” dos irmãos que já pertenciam ao quadro e também novas inscrições, além de apresentar os benefícios de assistência social voltados para seus irmãos; Capítulo II (artigos 7º a 17º), Do governo e administração da Irmandade: dispõem sobre sua forma, organização, exercício, disposição patrimonial e compromisso com a manutenção da Igreja Matriz e com a festa da padroeira no dia oito de dezembro.

No Capítulo III (artigos 18º a 33º) Dos deveres dos Cargos do Juiz: discorre sobre a função do Secretário, do “Thesoureiro”, do Procurador, dos Consultores, do “Capellão”, dos empregados que estavam previstos no artigo 29º como “um escriptuário um Sachristão e um Andador”; Capítulo IV (artigos 34º a 40º) da eleição; Capítulo V (artigos 41º a 44º), da posse; Capítulo VI (artigos 45º a 58) das sessões; Capítulo VII (artigos 59º a 64º) Da mesa conjunta.

No Capítulo VIII (artigos 65º a 68º) Da festividade da Padroeira: reafirma-se o compromisso inicial e também indica a inclusão das festividades do mês mariano; Capítulo IX (artigos 69º e 70º) Das graduações: trata da jubilação dos irmãos pelo tempo de serviços prestados à irmandade; Capítulo X (artigos 71º a 80º) Dos socorros: regulamenta a assistência social dos irmãos previstas no capítulo I e, por fim, o Capítulo XI (artigos 81º e 82º) “disposições geraes e transitórias”: trata da formação de convênio com a administração da Santa Casa de Misericórdia para o tratamento dos Irmãos, como também com a Câmara Municipal para obtenção de sepultura gratuita aos irmãos enquanto durar a interdição do cemitério.

Citando-se como relevante neste compromisso, como elementos sócio temporais, que em seu capítulo I, artigo 4º, nos requisitos para a admissão há a indicação necessária do “professamento da religião católica e apostólica romana”, assim como “não pertence-

rem a seitas condenadas pela Igreja, como a Maçonaria”. Cabe esclarecer que o segundo texto foi recomendado em 27 de julho de 1901 pela Pró-Vigaria Geral do Bispado de Petrópolis, fls. 26 e v. do registro cartorial do “compromisso”, além de outras considerações, que foram acolhidas e possibilitaram a aprovação do “compromisso” em 12 de agosto de 1901.

No que se refere à recomendação para a vedação da participação de integrantes da maçonaria no corpo da Irmandade, nos parece evidente tratar-se de um reflexo das dissensões políticas ocorridas diante das transformações promovidas pela proclamação da república em 1889, cujo pensamento ideológico predominante positivista buscava a implantação de um estado laico, em que, entre tantas mudanças, discutia-se a proposta da legalização do casamento civil obrigatório, obviamente contrária ao posicionamento clerical que somente reconhecia a validade do casamento religioso, proposta apresentada pelo eminente político e notório maçom Manoel Ferraz de Campos Salles (15/2/1841-28/6/1913), que ocupou a presidência da República, entre 1898 e 1902 (Vieira, 2016, p. 19).

Entre as recomendações do Bispado para a aprovação do “compromisso” também foram indicados os seguintes pontos: “2ª – o art. 14º seja concebido assim: a Mesa que terminar o seu mandato dará posse à sua sucessora e lhe apresentará as contas aprovadas antes pelo Prelado Diocesano até o último dia de dezembro impreterivelmente. no §1º d’este art. 14º suprima-se o que está no fim do n. 5 do art. 23º acrescente-se: ouvido antes o Prelado Diocesano. 5ª – Depois das palavras Capellão contidas nos §§1º e 2º do art. 32 acrescente-se: ou Vigário. 6ª – Finalmente inclua-se onde couber o seguinte art. – Os livros de que tractam os arts. 9º §1º art. 14º, nº 4 e 20º bem como o do registro de Irmãos (n.2º art. 20º) serão abertos numerados, rubricados e encerrados pelo Prelado Diocesano ou pessoa comissionada para isso [...]”.

Cabe uma breve consideração quanto às supra recomendações, que de acordo com Vieira (2016, p. 145), tratavam-se de medidas para “disciplinamento das irmandades”, baseadas em

um decreto da Santa Sé baixado pela sagrada congregação do Concílio, dirigido especificamente para o Brasil aos 18 de agosto de 1894, regulamentado posteriormente pelas Dioceses, que visava afastar a continuidade da existência de associações leigas com atuação no âmbito da religiosidade católica, sendo relevante reproduzir a síntese de seu objeto: “Os sodalícios e as outras associações eclesiásticas de que qualquer gênero que sejam, [...], devem absolutamente estar sujeitos àqueles que foram propostos por instituição divina ao governo da mesma Igreja e subordinados à sua autoridade”.

O “compromisso” é um registro histórico da evolução do sistema social no Brasil, pois observa-se em seu artigo 6º como, também, ser sua finalidade os seguintes “actos de caridade” (para com os irmãos): um benefício mensal ou por uma só vez aos irmãos que “cahirem em indigência” ou o seu devido tratamento em caso de enfermidade; “o enterramento dos irmãos que pelo seu estado de pobreza não deixarem meios para essa despesa”; criação do subvencionamento de “asylos” para o “recolhimento e educação dos órfãos, filhos de irmãos pobres ou mesmo estabelecendo uma prestação de auxílio para a educação de filho de irmão pobre que revele aproveitável aptidão”.

Cabe o registro de que o Brasil, apesar da disposição constitucional em 1824, artigo 179, XXXI (Brasil, 1824), para prestação de “socorros públicos”, ainda que não regulamentados, e que a constituição de 1891, artigo 75 (BRASIL, 1891), tenha criado a aposentadoria por invalidez aos funcionários públicos que tenham ficado inválidos a serviço da nação, é consenso na doutrina jurídica que somente implantou-se um sistema de assistência previdenciária no ano de 1923, através do Decreto-lei nº 4.682, conhecido como Lei Eloy Chaves, quando iniciou-se a criação de caixas de aposentadoria e pensões para ferroviários (Amado, 2022, p. 170), mesmo que ainda longe de atender a toda a população urbana e rural como é, teoricamente, o sistema hoje vigente.

Também nos chama a atenção o dispositivo do artigo 12º no que tange à participação feminina na administração da Irmandade

com a eleição de uma “Juíza e doze aias zeladoras”, incumbindo-lhes “a missão especial de velar cuidadosamente pela imagem da Padroeira, seus ornatos, alfaías e paramentos, cabendo a cada uma a responsabilidade d’esses serviços por um mez na ordem de votação”.

É relevante, tanto pela observação do papel feminino exposto objetivamente no “compromisso” como pela análise dos registros da Nominata de Irmãos da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras (Irmandade, 1989, 1º apêndice “parte verde”), que no rol dos ocupantes dos respectivos cargos no período compromissado de 1901 até 1989 não há registros de que uma mulher tenha ocupado os cargos da mesa administrativa ou da consultoria, cabendo-lhes somente o exercício dos cargos de Juíza e de Aias.

3. A atualização do estatuto de 2018

Segundo os registros do Vigário Geral da Diocese de Valença Padre José Antônio da Silva, no prefácio do compêndio do Estatuto Atualizado em 2018 (Irmandade, 2018, p. 7) a Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras atravessou um período de dificuldades entre os anos de 1980 a 1990, inclusive até mesmo pela ausência da eleição da Mesa Administrativa para o biênio 1989/1990, razão de sua intervenção em 10 de novembro de 1990 pelo Bispo Diocesano de Valença Dom Elias James Manning.

A intervenção perdurou até o ano de 2017, quando o então interventor desde o ano de 2001, Padre José Antônio da Silva, Vigário Geral, publicou edital com convocação para uma Assembleia Geral que deliberou a eleição da nova Mesa Administrativa para o período de 01/02/2018 a 31/12/2020, assim como para a promoção da reforma do “compromisso” de 1903 com a sua devida atualização.

O Projeto foi elaborado por uma comissão da qual tivemos a imensa honra de participar juntamente com o Padre José Antônio da Silva, o Advogado José Antônio Ferreira e o Sociólogo Gabriel

Silva Rezende, cuja proposta, elaborada na forma de um estatuto, foi apresentada aos Irmãos em 02 de abril de 2018 tendo sido aprovada por unanimidade com consequente registro em 24 de abril daquele ano junto ao Cartório do primeiro ofício de Vassouras, sob o número 366 do Livro A-3 (Vassouras, 2018).

Ao aceitarmos a proposta para participarmos da atualização do “compromisso de 1903” fomos movidos, a princípio, por um sentimento de pertencimento histórico à Irmandade, já que somos a sétima geração consecutiva dos descendentes do Sargento-Mór Inácio de Sousa Werneck a integrar o seu quadro de Irmãos. Outrossim, também nos moveu, o desafio de dar continuidade a uma obra jurídica elaborada pelo renomado advogado, político e diplomata, Raul Fernandes, que é nosso patrono no Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras -IHGV.

Diante da enorme responsabilidade histórica, pela narrativa de interrupção institucional de quase trinta anos que pairava sobre a Irmandade, fez-se necessário que a comissão de atualização do estatuto se mantivesse focada na persecução objetiva da legitimidade, legalidade, e coerência estrutural do novo instituto jurídico, sobretudo quanto à clareza dos termos jurídicos, sem, no entanto, abandonar o viés intermediário entre a razão e a fé.

No plano jurídico evidenciou-se, que o “compromisso” havia sido elaborado anteriormente ao primeiro Código Civil brasileiro de 1916, portanto embasado em um misto das legislações cíveis esparsas brasileiras, princípios da Ordenações Filipinas Portuguesas e também sob a influência do Direito Canônico, sendo necessário, por determinação legal, sua adequação jurídica às normas obrigatórias previstas nos artigos 53 a 61 do Código Civil Brasileiro de 2002 (Brasil, 2002)

Sob o aspecto da constitucionalidade, nos restou claro que alguns pontos inerentes à situação social na época da elaboração do compromisso não estavam recepcionados por nossa atual Constituição Federal (Brasil, 1988), sobretudo as restrições de gênero para o exercício das funções de Juíza e de Aias. Quanto a estas funções, ultrapassada a questão constitucional, sob o viés

do aspecto material, considerando que ambas as funções foram absorvidas pela comunidade eclesial no período de ausência da irmandade no exercício de suas funções face à sua suspensão de atividades, entendemos não mais ser viável, por uma questão prática, a sua restauração.

Dentro deste quadro de adequações às estruturas jurídico-sociais modernas, no que se refere ao combate à intolerância religiosa ou discriminações de qualquer forma, importa esclarecer que já não há mais no estatuto de 2018 disposições com impedimentos que se baseiem em juízo de fé, credo ou que façam restrições a filiações em sociedades, clubes ou outros tipos de instituições com semelhança ao compromisso de 1901 que indicava expressamente vedação aos membros da Maçonaria.

Isto posto, sob o aspecto material, a primeira modificação foi a transformação do título histórico do “Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras” para Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras, observando-se a manutenção histórica e gráfica do termo “Freguesia”, o qual dividiu-se em sete capítulos por meio de 40 artigos, que foram devidamente ordenados conforme a técnica de redação legal, aplicada por analogia à determinada pela Lei Complementar nº 95, de 26 de fevereiro de 1998 (Brasil, 1988), os quais passamos a comentar nos tópicos seguintes.

Capítulo I Objetivo e fins da Irmandade (artigo 1º ao 3º): inicia-se pela apresentação resumida da história organizacional da Irmandade, indicando-se, então, sua natureza jurídica como associação privada, duração por tempo indeterminado, representação por seu Provedor e sua atividade jurídica principal na defesa dos direitos sociais e fundamentais da comunidade de Vassouras, cabendo às suas finalidades indicar o zelo pelas tradições religiosas e o descanso dos mortos (administração do Cemitério Nossa Senhora da Conceição), além da administração do seu patrimônio e o conforto religioso de seus associados, não mais utilizando-se da figura de Irmãos, e por fim indicando os meios de origem dos seus recursos.

Trata-se não só de uma adequação jurídica às normas obrigatórias previstas no Código Civil Brasileiro de 2002, no que tange à definição de natureza, tempo de duração, origem de rendas..., mas sobretudo uma adequação ao momento histórico que vivemos, onde é exigida da sociedade uma participação ativa na condução dos interesses comuns diante das transformações políticas, econômicas, ambientais e outras mais diversas, que de qualquer forma ou maneira influem em nosso modo de vida, que, pela consciência social hodierna, não permitem a omissão da Irmandade enquanto representante e guardião do patrimônio tangível e intangível do município de Vassouras.

Capítulo II Dos sócios da Irmandade: seus direitos e deveres e exclusão do associado (artigos 4º a 13): indica uma definição das categorias de associados como efetivos, benfeitores e beneméritos, seus direitos e deveres, além das formas requeridas pela legislação cível para a exclusão do quadro de associados, ressaltando-se neste ponto que as vantagens são inerentes ao acesso dos serviços funerários do cemitério da irmandade.

Capítulo III Da administração da irmandade, Da assembleia geral, da mesa administrativa, das atribuições de seus membros (artigos 14 a 30): indicação da importância das assembleias gerais e extraordinárias como instâncias deliberativas; formação da mesa administrativa através de um provedor, um vice provedor, um secretário, um tesoureiro e um procurador, além de um conselho fiscal.

O cargo de Provedor por disposição estatutária sempre será ocupado pelo Pároco da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição ou, na sua vacância, por designação do Bispo Diocesano, justificando-se tal normatização pelo histórico de desagregação da mesa administrativa e sobretudo pelo fato de que os interesses da Diocese de Valença, representados pela Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, se confundem com os interesses da Irmandade no que diz respeito à guarda e manutenção de seu patrimônio cultural e religioso.

Capítulo IV Das Eleições (artigos 31 a 33): normas para legitimação dos interessados em servirem na mesa administrativa;

Capítulo V Do aforamento de terrenos da irmandade (artigo 34): trata-se de medida de administração para efetivar-se em caráter definitivo o pagamento dos valores devidos nos atos voltados para a extinção do aforamento dos imóveis historicamente pertencentes à irmandade. Capítulo VI Da administração do cemitério (artigo 35): disposição indicativa da legitimidade da Mesa para deliberação dos atos administrativos referentes ao cemitério da irmandade. Capítulo VII (artigos 36 a 40): Das disposições gerais: Atos voltados para a continuidade da administração na ausência de um dos membros da mesa; publicidade da prestação de contas anual; resolução de casos omissos e a indicação da reversão de seu patrimônio no caso de dissolução definitiva da irmandade.

Considerações finais

Resgatar a Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras de um longo período de suspensão de suas atividades foi um ato de muita coragem por parte de nosso Provedor, Vigário Diocesano, Padre José Antônio da Silva, pois foi necessário reorganizar toda uma logística de administração para a gestão operacional de uma nova instituição, conscientizar seus novos componentes do quadro de Irmãos da necessidade de um ativismo social e fraternal, ressignificar sua natureza jurídica nos moldes das instituições jurídicas atuais sem, porém, perder o conteúdo da fé, assim como também foi um ato de respeito ao patrimônio histórico material e imaterial vassourense.

Ao atualizarmos o “compromisso” de 1901 pela elaboração de um estatuto no ano de 2018 enfrentamos discussões que ultrapassavam o campo do direito, pois, além da aplicação da técnica jurídica, as modificações necessárias estavam intimamente relacionadas ao campo da representação do espírito eclesiástico. Fez-se necessária uma renovação baseada em princípios constitucionais, direitos fundamentais, legislação infraconstitucional e disposições canônicas, sempre aplicados de acordo com a percepção da responsabilidade social de nossa sociedade face ao nosso meio justo

e fraterno de convivência comunitária.

Por meio do Estatuto de 2018, instrumento jurídico orgânico que irá se amoldando aos novos tempos que sempre virão, as portas da Irmandade, imbuídas do espírito fraterno que aproxima a todos os homens de bem, se abriram para o acolhimento dos mais diversos credos, fortalecendo-se assim a experiência de nossos antecessores que vem se aprimorando nestes quase duzentos anos de existência, sem que, de forma alguma, jamais se afastar do objeto primordial dos fundadores que é a veneração da Padroeira e demais compromissos constantes nos estatutos da instituição.

Referências

AMADO, Frederico. **Curso de direito e processo previdenciário**. 15. ed. São Paulo: Juspodium, 2022

AZZI, Riolando. **A cristandade colonial: um projeto autoritário**. São Paulo: Paulinas, 1987.

BITTENCOURT, Fernando Mattoso. **Vassouras um pouco de sua história**. Vassouras, RJ: Gráfica Palmeiras, 2001.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder** (Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais). São Paulo: Ática, 1986.

BRAGA, Greenhalg H. Faria - compilação de textos. **Vassouras de ontem**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

BRASIL {Constituição (1824)}. **Constituição Política do Imperio do Brazil (de 25 de Março de 1824)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. DECRETO Nº 119-A DE 07 DE JANEIRO DE 1890. **Prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias**. Disponível em <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=119-A&ano=1890&ato=fcf0TPB5ENrRVT1f2>. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL {Constituição (1891)}. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL (DE 24 DE FEVEREIRO DE 1891)**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL {Constituição (1988)}. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. LEI COMPLEMENTAR Nº 95, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1998. **Dispõe sobre a elaboração, a redação, a alteração e a consolidação das leis, conforme determina o parágrafo único do art. 59 da Constituição Federal, e estabelece normas para a consolidação dos atos normativos que menciona.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp95.htm. Acesso em: 19 jun. 2023.

BRASIL. LEI Nº 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002. **Institui o Código Civil.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406compilada.htm. Acesso em: 20 jun.2023.

CONCEIÇÃO, Iran Souza de. **Vassouras entra na Roda: A trajetória do Caxambu entre 1847 e 1888.** (dissertação de mestrado). Rio de janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015.

IRMANDADE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FREGUESIA DE VASSOURAS. Nominata de Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição Freguesia de Vassouras. Vassouras: [s.n.], 1989.

IRMANDADE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FREGUESIA DE VASSOURAS. **Estatuto da Irmandade Nossa Senhora da Conceição da Freguesia de Vassouras.** Vassouras, RJ: [s.n], 2018.

KHOURY, Yara Aun, coord. – **Guia dos Arquivos das Santas Casas de Misericórdia do Brasil (fundadas entre 1500 e 1900).** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: PUC-SP/CEDIC: FAPESP, 2004.

SANTOS, Adelci Silva dos. **À sombra da fazenda: a pequena propriedade agrícola no século XIX.** Curitiba: Juruá, 2012.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro: introdução ao estudo do comportamento social das Irmandades de Minas no Século XVIII – 2. ed.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

TAMBASCO, José Carlos Vargens. **A Vila de Vassouras e as freguesias do Tin- guá: Uma abordagem social e econômica dos tempos da colonização.** Vassouras,

RJ: Edição do Autor, 2004.

TAMBASCO, José Roberto Fani. Raul Fernandes. (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, volume 1, nº3). **Vassouras, RJ**: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras (p. 153-160), 2023.

TELLES, Augusto Carlos da Silva. **Vassouras estudo da Construção Residencial Urbana**. (separata da Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Volume 16) - Rio de Janeiro: (?), 1968.

VASSOURAS (RJ). Cartório do 4º Ofício de Vassouras, RJ. **COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FREGUESIA DE VASSOURAS**. Registro no livro de notas nº 39, fls. 032v/33 em 06 de dezembro de 1938.

VASSOURAS (RJ) Cartório do 1º ofício de Vassouras, RJ. **ESTATUTO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FREGUESIA DE VASSOURAS**. Registro sob o número 366 do Livro A-3 em 24 de abril de 2018.

VIEIRA, Dilermando Ramos. **História do Catolicismo no Brasil (1889-1945)**, Volume II. Aparecida, SP: Santuário, 2016.

Tudo o que sabemos da história chega a nós por meio de documentos históricos, livros e artigos, mas seria impossível dizer quantos pensamentos, palavras e sentenças se entrelaçam com os dos próprios autores. Assim, as referências foram, geralmente, dadas, nem tanto para permitir a verificação do que foi escrito, mas para induzir o leitor a estudá-las. O material é tão variado e abundante que a dificuldade consistiu em fazer a seleção, assim como manter uma linha de continuidade histórica, e ainda deixar de fora o que, no momento, não seria proveitoso nem interessante. E o leitor deverá observar que, de uma forma muito geral, o desejo dos autores é dar uma visão tão ampla da história da Igreja em Vassouras o quanto possível, de forma consistente com um plano e a brevidade.

Os organizadores



UNIVASSOURAS